ASSASSIN'S CREED™

RENASCENÇA

OLIVER BOWDEN

GALERA

OLIVER BOWDEN

ASSASSIN'S CREED

RENASCENÇA

Tradução de
Ana Carolina Mesquita

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2011

Embora eu acreditasse estar aprendendo a viver,
estava aprendendo a morrer.

— Leonardo da Vinci

Itália Renascentista
N
Pordenome
Milão
Veneza
Pádua
Ducado
de Milão
República de Veneza
Rep. de Gênova
Ravena
Forli
Florença
Ancona
Siena
Estados
papais
Córsega
Mar Adriático
Roma
Nápoles
Reino
de
Nápoles
Reino
da
Sardenha
Mar Tirreno
Reino
da
Sicília
Ducado
de Módena
Estados
papais
Ravena
Forli
Lucca
Careggi
Florença
República de Florença
San Gimignano
Volterra
Monteriggioni
Siena
Monticiano
Estados
papais
Rep. de Siena
100 milhas
150 km

1

Tochas cintilavam e tremulavam no alto das torres do Palazzo Vecchio e do Bargello, e umas poucas lanternas brilhavam na praça da catedral, pouco mais ao norte. Algumas também iluminavam o cais ao longo das margens do rio Arno, onde, mesmo sendo tarde para uma cidade em que a maior parte da população se recolhia ao cair da noite, uns poucos marinheiros e estivadores ainda podiam ser vistos na escuridão. Alguns dos marinheiros, ainda ocupados com suas embarcações, apressavam-se para cuidar dos últimos detalhes das tarefas de cordame, enrolando bem as cordas nos deques escuros e limpos, enquanto os estivadores corriam para transportar ou puxar cargas até a segurança dos armazéns próximos.

As luzes também estavam acesas nos bares e bordéis, mas pouquíssimas pessoas vagavam pelas ruas. Fazia sete anos desde que Lourenço de Médici, então com 20, fora eleito para a liderança da cidade, trazendo com ele uma sensação de ordem e calma à intensa rivalidade entre as famílias de liderança internacional de mercadores e banqueiros que faziam de Florença uma das cidades mais ricas do mundo. Apesar disso, a cidade nunca havia deixado de borbulhar, às vezes até ferver, enquanto cada facção lutava pelo poder, algumas trocando de alianças, outras permanecendo inimigas implacáveis.

Florença, no ano de Nosso Senhor de 1476, mesmo em uma noite perfumada com o jasmim na primavera, quando quase se podia esquecer o fedor do Arno se o vento soprasse na direção certa, não era o lugar mais seguro para estar ao ar livre depois de o sol cair.

A lua havia se erguido soberana no céu agora cor de cobalto ante uma horda

de estrelas submissas. Sua luz caía sobre a praça onde a ponte Vecchio, com suas abarrotadas lojas, agora escuras e silenciosas, se juntava à margem norte do rio. Sua luz também banhava uma silhueta vestida de negro que estava de pé no telhado da igreja de Santo Stefano al Ponte — um jovem de apenas 17 anos, porém alto e orgulhoso. Depois de inspecionar atentamente a região abaixo, levou uma das mãos aos lábios e soltou um assobio baixo e penetrante. Em resposta, sob o seu olhar, primeiro um, depois três, então uma dúzia e por fim vinte homens, jovens como ele, a maioria vestida de negro, alguns com chapéus ou capuzes de cor vermelho-sangue, verde ou azul, todos com espadas e adagas presas ao cinto, emergiram das ruas escuras e das arcadas em direção à praça. A gangue de jovens de aparência perigosa se espalhou, seus movimentos marcados por uma confiança arrogante.

O jovem olhou para baixo, para os rostos ansiosos que o miravam, pálidos ao luar. Ergueu o punho acima da cabeça em uma saudação desafiadora.

— Sempre unidos! — gritou, enquanto os outros também erguiam o punho, alguns sacando as armas e brandindo-as, respondendo em coro:

— Unidos!

O jovem rapidamente desceu como um gato pela fachada inacabada até o pórtico da igreja, de onde saltou, fazendo a capa esvoaçar, e aterrissou agachado e em segurança no meio do grupo. Com expectativa, reuniram-se ao seu redor.

— Silêncio, meus amigos! — Ele ergueu uma das mãos para interromper um último e solitário grito. Sorriu com crueldade. — Sabem por que os chamei aqui esta noite, vocês, meus aliados mais próximos? Para pedir sua ajuda. Durante muito tempo fiquei em silêncio, enquanto nosso inimigo, vocês sabem de quem estou falando, Vieri de'Pazzi, saiu por esta cidade difamando minha família, jogando nosso nome na lama e tentando nos humilhar de seu jeito patético. Normalmente eu não hesitaria em chutar um cão sarnento como esse, mas...

Ele foi interrompido por uma pedra grande e afiada, atirada da ponte, que aterrissou aos seus pés.

— Chega de besteira, *grullo* — gritou uma voz.

O jovem e seu grupo se viraram como um só na direção daquela voz. Ele já sabia a quem ela pertencia. Cruzando a ponte vindo do lado sul, outra gangue de rapazes se aproximava. Seu líder se gabava à frente, metido em um terno de

veludo negro e uma capa vermelha, presa com um fecho de golfinhos e cruzes sobre um fundo azul, com a mão sobre o pomo da espada. Era razoavelmente bonito, embora sua aparência fosse prejudicada pela boca cruel e pelo queixo frágil, e, apesar de ser um pouco gordo, não restava dúvida quanto à força de seus braços e pernas.

— *Buona sera*, Vieri — disse o jovem sem se alterar. — Estávamos justamente falando de você. — E fez uma reverência com exagerada cortesia, enquanto fingia um ar de surpresa. — Mas terá de me perdoar. Não estávamos esperando você pessoalmente. Achei que os Pazzi sempre contratavam terceiros para fazer o trabalho sujo.

Vieri, aproximando-se, endireitou o corpo com arrogância, enquanto ele e seu bando paravam a poucos metros de distância.

— Ezio Auditore! Seu pirralhinho mimado! Eu diria que, na verdade, é a sua família de burocratas e contadores que sempre sai correndo atrás dos guardas ao menor sinal de problema. *Codardo!* — Ele agarrou o punho da espada. — Medo de tratar das coisas sozinho, eu diria.

— Bem, o que posso dizer, Vieri, *ciccione?* Da última vez que vi sua irmã, Viola, ela me pareceu bastante satisfeita com o tratamento que *lhe* dei. — Ezio Auditore deu ao inimigo um largo sorriso, satisfeito por ouvir atrás de si seus companheiros abafando os risinhos e o apoiando.

Mas sabia que tinha ido longe demais. Vieri já estava roxo de raiva.

— Já basta, Ezio, seu cretino! Vamos ver se você luta tão bem quanto fala! — Virou a cabeça para trás, na direção de seus homens, e ergueu a espada. — Matem os malditos! — berrou ele.

Imediatamente, outra pedra girou pelos ares, mas dessa vez não foi atirada em desafio. Pegou Ezio de raspão na testa, rasgando a pele e fazendo jorrar sangue. Ezio cambaleou para trás por um instante, enquanto uma saraivada de pedras voava das mãos dos seguidores de Vieri. Os homens de Ezio mal tiveram tempo de se refazer e a gangue de Pazzi já estava em cima deles, correndo pela ponte em sua direção. De repente, a luta ficou tão pessoal e tão rápida que não houve tempo de sacar as espadas ou sequer as adagas — as duas gangues simplesmente se atacaram com os punhos.

A batalha foi dura e cruel, repleta de chutes brutais e socos seguidos pelo

som doentio de ossos se quebrando. Durante algum tempo, poderia pender tanto para um lado quanto para o outro; então Ezio, com a visão ligeiramente comprometida pelo sangue que escorria pela testa, viu dois de seus melhores homens cambalearem e caírem, sendo logo pisoteados pelos capangas de Pazzi. Vieri gargalhou e, perto de Ezio, girou a mão para lhe acertar outro golpe na cabeça com uma pedra pesada. Ezio se abaixou e o golpe não o acertou, mas tinha sido próximo demais para seu gosto, e agora seu grupo estava levando a pior. Ezio conseguiu sacar a adaga antes de se levantar e golpear a esmo, e com sucesso feriu a coxa de um dos grandalhões de Pazzi que se debruçava sobre ele com a espada e a adaga desembainhadas. A adaga de Ezio rasgou tecido, músculos e ligamentos, e o homem soltou um urro de agonia e caiu, largando as armas e agarrando a ferida com as mãos enquanto o sangue jorrava.

Lutando desesperadamente para se levantar, Ezio olhou em volta. Viu que os Pazzi já haviam rodeado todos os seus homens, encurralando-os contra um dos muros da igreja. Sentindo as pernas um pouco mais fortes, ele foi até os companheiros. Esquivando-se sob a lâmina da foice de outro escudeiro de Pazzi, conseguiu acertar um soco no maxilar barbado do homem e teve a satisfação de ver dentes voando e seu quase atacante cair de joelhos, desnorteado com o golpe. Gritou para seus próprios homens para incentivá-los, mas na verdade só pensava em bater em retirada com o máximo de dignidade possível quando, acima do barulho da briga e por trás do bando de Pazzi, ouviu uma voz alta, jovial e bastante familiar chamar por ele.

— Ei, *fratellino*, que diabo você está aprontando?

O coração de Ezio pulou com alívio, e ele conseguiu falar, meio engasgado:

— Ei, Federico! O que você está fazendo aqui? Achei que estivesse na farra, como sempre!

— Que nada! Sabia que você tinha planejado algo e pensei em vir ver se meu irmãozinho tinha finalmente aprendido a cuidar de si mesmo. Mas talvez você ainda esteja precisando de uma ou duas aulas!

Federico Auditore, alguns anos mais velho que Ezio e o mais velho dos irmãos Auditore, era um grandalhão de apetite igualmente grande — por bebidas, mulheres e lutas. Antes mesmo de terminar de falar já estava no meio do combate, batendo a cabeça de dois dos homens de Pazzi uma contra a outra e

chutando a mandíbula de um terceiro, enquanto abria caminho pela multidão para ficar ao lado do irmão, aparentemente sem se abalar com a violência ao seu redor. Em torno deles seus próprios homens, encorajados, redobraram os esforços. Já os de Pazzi estavam desnorteados. Alguns dos funcionários do estaleiro se reuniram a uma distância segura para assistir e, à meia-luz, os Pazzi acharam que eram reforços dos Auditore. Juntando isso aos rugidos e punhos velozes de Federico, que logo foi imitado por Ezio (ele aprendia rápido), não demorou para deixá-los em pânico.

A voz furiosa de Vieri de' Pazzi ergueu-se acima do tumulto geral:

— Para trás! — ordenou ele a seus homens, cheio de cansaço e raiva. Seu olhar se encontrou com o de Ezio e, rangendo os dentes, ele proferiu alguma ameaça inaudível antes de sumir na escuridão, voltando a cruzar a ponte Vecchio, seguido por aqueles dentre seus homens que ainda conseguiam andar, e perseguidos com furor pelos agora triunfantes aliados de Ezio.

Ezio também estava prestes a ir junto, mas a mão enorme de seu irmão o impediu.

— Espere um minuto — disse.

— Como assim? Eles estão fugindo!

— Calma. — Federico franziu a testa e tocou de leve a ferida na sobrancelha de Ezio.

— É só um arranhão.

— É mais do que isso — decidiu seu irmão, com uma expressão preocupada. — Melhor irmos a um médico.

Ezio desdenhou:

— Não tenho tempo a perder com médicos. Além do mais... — Ele fez uma pausa, com tristeza. — Não tenho dinheiro.

— Ah! Desperdiçou tudo com mulheres e vinho, suponho. — Federico sorriu e deu um tapa caloroso no ombro do irmão mais novo.

— Não exatamente desperdicei, eu diria. E considere o exemplo que *você* me deu. — Ezio sorriu, mas depois hesitou. De repente se deu conta de que sua cabeça latejava. — Seja como for, não custa dar uma olhada. Será que você poderia me emprestar uns *fiorini*?

Federico deu um tapinha na bolsa, que não tilintou.

— A verdade é que neste momento eu também estou meio descapitalizado — respondeu.

Ezio sorriu com o acanhamento do irmão.

— E no que você desperdiçou o seu? Missas e indulgências, suponho?

Federico gargalhou.

— Certo. Já entendi.

Ele olhou ao redor. No final, apenas três ou quatro de seus homens tinham sido feridos com seriedade suficiente para permanecerem no campo da batalha e agora estavam se sentando, gemendo um pouco, mas sorrindo também. Tinha sido um combate duro, mas ninguém havia sido ferido com seriedade. Por outro lado, no mínimo meia dúzia dos capangas de Pazzi estavam caídos e completamente fora do ar, e pelo menos um ou dois deles estavam vestidos com roupas caras.

— Vejamos se nossos inimigos derrotados têm alguma riqueza para compartilhar — sugeriu Federico. — Afinal, nossa necessidade é maior do que a deles, e aposto que você não consegue aliviar sua carga sem acordá-los!

— Isso é o que vamos ver — disse Ezio, e se lançou à tarefa com algum sucesso. Em questão de minutos já tinha colhido moedas de ouro suficientes para encher tanto a sua bolsa quanto a do irmão. Ezio olhou para Federico em triunfo e sacudiu as riquezas recém-adquiridas para enfatizar.

— Basta! — gritou Federico. — Melhor deixar um pouco para eles poderem voltar mancando para casa. Afinal de contas, não somos ladrões: isso é apenas o espólio da guerra. E continuo não gostando da aparência dessa ferida. Precisamos que isso seja visto o quanto antes.

Ezio concordou com a cabeça e se virou para inspecionar pela última vez o campo da vitória dos Auditore. Perdendo a paciência, Federico apoiou uma das mãos no ombro do irmão.

— Vamos — disse, e rapidamente saiu andando num ritmo que Ezio, exausto pela luta, achou difícil acompanhar. Porém, sempre que ficava muito para trás ou virava no lugar errado, Federico parava ou se apressava em ajudá-lo.

— Desculpe-me, Ezio. Só quero chegar ao médico o quanto antes.

E de fato não ficava longe, mas Ezio ficava mais cansado a cada minuto. E finalmente eles chegaram à sala sombria, repleta de instrumentos misteriosos e

frascos de latão e vidro que se estendiam ao longo de mesas de carvalho escuro e pendurados no teto junto com ramos de ervas secas, onde o médico da família tinha seu consultório. Ezio mal conseguia ficar em pé.

O *dottore* Ceresa não ficou muito satisfeito de ser acordado no meio da noite, mas seu mau humor se transformou em preocupação assim que aproximou uma vela para examinar minuciosamente a ferida de Ezio.

— Humm — disse, com gravidade. — Dessa vez você aprontou uma daquelas, rapaz. Será que vocês não conseguem pensar em nada melhor para fazer do que sair por aí batendo uns nos outros?

— Foi uma questão de honra, meu bom doutor — explicou Federico.

— Entendo — respondeu o médico, calmamente.

— Na verdade, não foi nada — disse Ezio, embora se sentisse tonto.

Federico, como sempre escondendo a preocupação atrás do humor, disse:

— Costure o moço o melhor que puder, amigo. Esse rostinho bonito é o único bem que ele tem.

— Ei, *fottuto!* — devolveu Ezio, mostrando o dedo ao irmão.

O doutor os ignorou, lavou as mãos, pressionou gentilmente a ferida e derramou um líquido claro de uma de suas diversas garrafas em um pano de linho. Limpou com aquilo o ferimento, e ardeu tanto que Ezio quase deu um pulo da cadeira, com o rosto retorcido de dor. Então, satisfeito com a assepsia, o doutor pegou uma agulha e passou pelo buraco uma sutura fina feita de tripa.

— Agora — disse ele —, isso vai doer um pouco.

Depois que os pontos foram dados e o ferimento foi enfaixado, de modo que Ezio parecia um turco de turbante, o doutor sorriu de forma encorajadora.

— São três *fiorini*, por agora. Irei a seu *palazzo* dentro de alguns dias para retirar os pontos. Aí serão mais três *fiorini*. Você vai sentir uma dor de cabeça terrível, mas vai passar. Tente descansar, se isso estiver na sua natureza! E não se preocupe: a ferida parece pior do que é. Além disso, há um bônus: não vai ficar uma cicatriz grande, então você não irá desapontar tanto as senhoritas no futuro!

De volta à rua, Federico envolveu o irmão mais novo com um braço. Puxou uma garrafa e ofereceu a Ezio.

— Não se preocupe — disse, percebendo a expressão de Ezio. — É a melhor *grappa* de nosso pai. Melhor que leite de mãe para um homem em suas

condições.

Os dois beberam, sentindo o líquido ardido aquecê-los.

— Que noite — comentou Federico.

— É mesmo. Que bom seria se todas fossem tão divertidas quanto... — Mas Ezio parou de falar ao ver que o irmão começava a sorrir de orelha a orelha. — Ah, espere! — corrigiu-se, rindo. — Elas são!

— Mesmo assim, acho que um pouco de comida e bebida não seria nada mal para lhe dar um jeito antes de ir para casa — disse Federico. — Está tarde, eu sei, mas tem uma taverna aqui perto que só fecha na hora do café da manhã e...

— ...você e o *oste* são *amici intimi?*

— Como você adivinhou?

Mais ou menos uma hora depois, após uma refeição de *ribollita* e *bistecca* regada com uma garrafa de Brunello, Ezio sentia-se como se nem tivesse sido ferido. Era jovem e estava em forma, e toda a sua energia perdida havia voltado. A adrenalina da vitória sobre a gangue de Pazzi com certeza contribuiu para a rapidez de sua recuperação.

— Hora de ir para casa, irmãozinho — disse Federico. — Papai com certeza deve estar se perguntando onde estamos, e ele conta com você para ajudá-lo no banco. Sorte minha que não tenho jeito para números, e acho que é por isso que ele mal pode esperar para me enfiar na política!

— Na política ou no circo: no que você se der melhor.

— Qual a diferença?

Ezio sabia que Federico não se ressentia pelo fato de que o pai confiava mais nele para tocar os negócios da família do que em seu irmão mais velho. Federico morreria de tédio se tivesse de passar a vida envolvido com os assuntos do banco. O problema era que Ezio achava que talvez esse também fosse seu caso. Mas, por enquanto, o dia em que ele se vestiria com o terno de veludo preto e a corrente de ouro dos banqueiros florentinos ainda estava distante, e ele estava determinado a desfrutar ao máximo os dias de liberdade e irresponsabilidade. Mal sabia como aqueles dias seriam breves.

— É melhor a gente se apressar também — dizia Federico —, se quisermos evitar um sermão.

— Ele pode estar preocupado.

— Não, ele sabe que podemos nos cuidar. — Federico olhou especulativamente para Ezio. — Mas *com certeza* é melhor ir logo. — Fez uma pausa. — Você não gostaria de fazer uma aposta, gostaria? Uma corrida, talvez?

— Até onde?

— Vejamos... — Federico olhou para a cidade enluarada em direção a uma torre não muito longe dali. — O telhado de Santa Trinità. Se não for demais para você... além disso, não fica muito longe de casa. Mas há apenas mais uma coisa.

— O quê?

— Não vamos correr pelas ruas, mas sobre os telhados.

Ezio respirou fundo.

— Tudo bem. Está certo.

— Certo, pequena tartaruga, vamos!

Sem dizer mais nada, Federico disparou e começou a escalar uma parede de reboco ali perto com a facilidade de uma lagartixa. Parou no topo, parecendo quase hesitar entre as telhas vermelhas arredondadas, gargalhou e disparou novamente. Quando Ezio chegou ao telhado, o irmão estava a 20 metros de distância. Partiu atrás dele, esquecendo a dor na animação cheia de adrenalina da perseguição. Então viu Federico dar um salto poderoso num vazio negro como breu e aterrissar suavemente no telhado plano de um *palazzo* cinzento, ligeiramente abaixo do nível daquele de onde havia saltado. Correu um pouco mais para a frente e esperou. Ezio sentiu uma pontada de medo quando o abismo da rua, oito andares abaixo, se abriu à sua frente, mas ele sabia que preferiria morrer a hesitar diante do irmão. E então, reunindo coragem, deu um enorme salto, vendo, enquanto voava, as duras pedras de granito do calçamento brilhando ao luar sob seus pés suspensos. Por uma fração de segundo, enquanto a parede cinzenta do *palazzo* parecia se erguer na sua direção, ele se perguntou se havia calculado certo; mas então, de algum modo, ela sumiu e ele estava sobre o teto — meio desajeitado, é verdade, mas ainda de pé, e louco de alegria, embora respirando com dificuldade.

— Meu irmãozinho ainda tem muito o que aprender — provocou Federico, acelerando de novo, uma sombra faiscante entre as chaminés sob as poucas nuvens. Ezio se atirou para a frente, perdido na loucura do momento. Outros abismos se escancaravam abaixo dele, alguns estreitos sobre meros becos, outros

sobre ruas largas. Federico havia sumido. De repente a torre de Santa Trinità se ergueu diante dele, surgindo da curva vermelha do telhado suavemente inclinado da igreja. Mas, ao se aproximar, lembrou que a igreja ficava no meio de uma praça e que a distância entre seu telhado e os dos edifícios que a rodeavam era muito maior do que qualquer uma que ele já tinha saltado. Ele não ousou hesitar ou diminuir a velocidade agora — sua única esperança era que o teto da igreja fosse mais baixo do que aquele de onde ele teria de saltar. Se conseguisse se lançar para a frente com bastante força, e realmente se colocasse no ar, a gravidade faria o resto. Por um ou dois segundos, ele voaria como um pássaro. Ezio afastou da mente qualquer pensamento sobre o que aconteceria caso falhasse.

A beirada do teto em que estava se aproximou rápido, e então... nada. Ele pairou, ouvindo o ar assobiar em seus ouvidos e sentindo os olhos lacrimejarem. O teto da igreja parecia estar a uma distância infinita — ele jamais o alcançaria, jamais voltaria a rir ou lutar ou segurar uma mulher em seus braços. Não conseguia respirar. Fechou os olhos, e então...

Seu corpo se curvou e ele se equilibrou balançando as mãos e os pés, mas eles estavam apoiados no chão de novo: ele havia conseguido — aterrissara a centímetros da borda, sim, mas tinha conseguido saltar no telhado da igreja!

Mas onde estava Federico? Ele escalou até a base da torre e se virou para observar o lugar de onde tinha vindo, bem a tempo de ver o irmão voando pelos ares. Federico aterrissou com firmeza, mas seu peso fez com que uma ou duas das telhas de argila vermelha saíssem do lugar e ele quase perdeu o equilíbrio quando elas deslizaram pela beirada do teto, espatifando-se nas pedras duras do calçamento lá embaixo. Porém, Federico já havia recuperado o equilíbrio, ofegando, com certeza, mas com um enorme sorriso orgulhoso no rosto.

— Ah, não é tão tartaruga assim, afinal — disse, ao se aproximar para dar um tapinha no ombro de Ezio. — Você passou por mim como um raio.

— Nem sabia que tinha feito isso — disse Ezio de modo breve, tentando recuperar o fôlego.

— Bem, você não chega antes de mim ao topo da torre — devolveu Federico, empurrando Ezio para o lado, e começou a escalar a torre que os patronos da cidade pensavam em substituir por alguma coisa de design mais

moderno. Dessa vez Federico chegou antes, e teve até de dar a mão ao irmão ferido, que estava começando a achar que dormir não seria uma ideia tão ruim assim. Os dois estavam ofegantes e ficaram parados por um momento para se recuperar, olhando para a cidade serena e silenciosa à luz perolada da aurora.

— Levamos uma vida boa, irmão — disse Federico, com uma solenidade incomum.

— A melhor — Ezio concordou —, e pode nunca mudar.

Os dois ficaram quietos por um instante (ninguém queria quebrar a perfeição do momento), mas depois de um tempo Federico falou em voz baixa:

— Que ela nunca nos mude, *fratellino*. Venha, precisamos voltar. Lá está o telhado do nosso *palazzo*. Queira Deus que papai não tenha ficado acordado a noite toda, senão vai estar uma fera. Vamos.

Ele foi até a beira da torre para descer até o teto, mas parou quando viu que Ezio não havia saído do lugar.

— Que foi?

— Espere um minuto.

— O que você está olhando? — perguntou Federico, indo se juntar ao irmão. Seguiu o olhar de Ezio e então abriu um sorriso. — Seu diabo manhoso! Você não está pensando em ir lá agora, está? Deixe a pobre garota dormir!

— Não, acho que está na hora de Cristina acordar.

Ezio tinha conhecido Cristina Calfucci havia pouco tempo, mas já pareciam inseparáveis, apesar do fato de seus pais ainda os acharem jovens demais para um relacionamento sério. Ezio discordava, mas Cristina tinha apenas 17 anos, e seus pais esperavam que ele controlasse seus hábitos malucos antes mesmo de começarem a olhá-lo com mais simpatia. É claro que isso só servia para tornar Ezio ainda mais impetuoso.

Depois de comprar umas bugigangas para o dia do santo da irmã, Federico e ele haviam perambulado pelo mercado, olhando as garotas bonitas da cidade com suas *accompagnatrici* indo de barraca em barraca, examinando uma renda aqui, fitas e peças de seda ali. Porém, uma delas se destacara das outras, mais linda e graciosa do que qualquer uma que Ezio já tinha visto na vida. Ezio nunca esqueceria aquele dia, o dia em que ele pousara os olhos nela pela primeira vez.

— Oh — exclamara ele, contendo um grito sem querer. — Olhe! Ela é tão linda.

— Bem — retrucara seu irmão, sempre prático. — Por que você não vai lá cumprimentá-la?

— O quê? — Ezio estava chocado. — E depois de cumprimentá-la... o que vou dizer?

— Bem, você poderia tentar conversar com ela. Sobre o que você comprou, o que ela comprou; não importa. Veja bem, irmãozinho, a maioria dos homens tem tanto medo das garotas bonitas que qualquer um que consegue reunir coragem para conversar com elas já tem uma vantagem imediata. O quê? Você acha que elas *não querem* ser notadas, que *não querem* bater papo com um homem? Claro que querem! E enfim, você não é feio, e *é* um Auditore. Então vá até lá: eu distraio a acompanhante. Que, falando nisso, também não é feia.

Ezio se lembrava de como, a sós com Cristina, ficou plantado no chão, sem palavras, bebendo da beleza de seus olhos escuros, de seus cabelos ruivos macios e compridos, de seu nariz arrebitado...

Ela o encarou.

— O que foi? — ela perguntou.

— Como assim? — perguntou ele, de repente.

— Por que você está aí parado?

— Ah... err... porque queria lhe perguntar uma coisa.

— E o que seria?

— Qual o seu nome?

Ela revirou os olhos. Droga, pensou ele, ela já ouviu isso tudo antes.

— Nenhum nome que você alguma vez terá necessidade de usar — respondeu a moça. E se foi. Ezio ficou paralisado por um instante, depois saiu atrás dela.

— Espere! — disse, alcançando-a, mais ofegante do que se tivesse corrido dois quilômetros. — Eu não estava preparado. Planejava ser realmente charmoso. E delicado! E espirituoso! Não vai me dar uma segunda chance?

Ela olhou para trás sem parar de andar, mas abriu um sorriso mínimo. Ezio entrara em desespero, mas Federico assistira a tudo e o chamou baixinho:

— Não desista agora! Eu vi a garota sorrir! Ela vai se lembrar de você.

Tomando coragem, Ezio a seguiu — discretamente, cuidando para que ela não o notasse. Três ou quatro vezes teve de se esconder atrás de uma barraca, ou, depois que ela saiu da praça, enfiar-se no vão de uma porta, mas conseguiu segui-la com sucesso até a porta da mansão de sua família, onde um homem que ele reconheceu bloqueou a passagem dela. Ezio recuou.

Cristina olhou com raiva para o homem.

— Já lhe disse, Vieri, não estou interessada em você. Agora me deixe passar.

Ezio, escondido, respirou fundo. Vieri de' Pazzi! Claro!

— Mas *signorina*, eu estou interessado. Muito interessado, na verdade — retrucou Vieri.

— Então, junte-se à fila.

Ela tentou passar por ele, mas ele impediu sua passagem.

— Creio que não, *amore mio*. Decidi que estou cansado de esperar que você abra as pernas por vontade própria.

Então ele a agarrou bruscamente pelo braço, trazendo-a para perto de si e envolvendo-a com o outro braço enquanto ela lutava para se libertar.

— Acho que você não entendeu o recado — disse Ezio de repente, dando um passo adiante e olhando Vieri nos olhos.

— Ah, o pirralho Auditore. *Cane rognoso!* Que diabo você tem a ver com isso? Vá para o inferno.

— E *buon giorno* para você também, Vieri. Lamento interromper, mas tenho a nítida impressão de que você está estragando o dia dessa jovem.

— Ah, tem, é? Com licença, minha querida, enquanto acabo com a raça desse novo-rico.

E assim, Vieri empurrou Cristina para um lado e se lançou sobre Ezio com o punho direito preparado. Ezio se desviou facilmente e deu um passo para o lado, passando uma rasteira em Vieri quando seu ataque o levou para a frente, fazendo com que caísse esparramado na terra.

— Já chega, amigo? — perguntou Ezio de modo debochado. Mas Vieri se pôs de pé em um instante e foi na direção dele com raiva e os punhos em riste. Conseguiu dar um soco forte no queixo de Ezio, mas este se desviou de outro de esquerda e conseguiu acertar-lhe um no rosto e mais um na barriga e, enquanto Vieri se curvava, outro no queixo. Ezio se virou para Cristina para ver se ela

estava bem. Ofegante, Vieri recuou, mas sua mão voou na direção da adaga. Cristina viu o movimento e deu um grito de alerta involuntário quando Vieri aproximava a lâmina para acertar Ezio pelas costas. Porém, advertido pelo grito, Ezio se virara bem na hora e agarrara o pulso de Vieri com firmeza, fazendo-o largar a adaga no chão. Os dois homens se encararam, respirando com dificuldade.

— Isso é o melhor que você consegue fazer? — perguntou Ezio com frieza.

— Cale a boca, senão juro por Deus que o mato!

Ezio gargalhou.

— Acho que eu não devia ficar surpreso de vê-lo forçando uma moça direita que claramente o considera uma bola de estrume, já que seu pai tenta da mesma maneira forçar Florença por interesse de seu banco!

— Idiota! É seu pai quem precisa aprender uma lição ou outra sobre humildade!

— Já é hora de os Pazzi pararem de nos caluniar. Mas, enfim, vocês só têm boca, não tenho punho.

O lábio de Vieri sangrava bastante. Ele o enxugou com a manga.

— Vai pagar por isso, você e sua raça inteira. Não irei me esquecer, Auditore!

Cuspiu no pé de Ezio, parou para pegar a adaga, depois se virou e saiu correndo. Ezio o observou se afastar.

* * *

Ele se lembrou de tudo isso, ali de pé na torre da igreja olhando para a casa de Cristina. Lembrou-se da felicidade que sentira ao se virar para Cristina e ver um novo calor em seus olhos, quando ela lhe agradeceu.

— Está tudo bem, *signorina*? — perguntara ele.

— Agora está, graças a você. — Ela hesitara, com a voz ainda trêmula de medo. — Você me perguntou meu nome... bem, é Cristina. Cristina Calfucci.

Ezio fez uma reverência.

— É uma honra conhecê-la, *Signorina* Cristina. Ezio Auditore.

— Você conhece aquele homem?

— Vieri? Nossos caminhos se cruzam aqui e ali. Mas nossas famílias não têm motivo para gostar uma da outra.

— Nunca mais quero vê-lo de novo.

— Se eu puder ajudar, é o que vai acontecer.

Ela sorriu timidamente, depois disse:

— Ezio, você tem minha gratidão, e por isso estou preparada para lhe dar uma segunda chance, depois de seu começo ruim! — Ela riu suavemente, depois beijou-o na bochecha antes de desaparecer dentro da mansão.

A pequena multidão que inevitavelmente se reuniu para assistir à briga aplaudiu Ezio. Ele se curvou, sorrindo, mas ao se virar sabia que, embora talvez tivesse feito uma nova amizade, também tinha feito um inimigo implacável.

— Deixe Cristina dormir — repetiu Federico, arrancando Ezio de seu devaneio.

— Há bastante tempo para isso, mais tarde — respondeu ele. — Preciso vê-la.

— Certo, se você precisa... vou tentar lhe ajudar em relação ao papai. Mas cuidado, os homens de Vieri podem ainda estar por aí.

Com isso, Federico desceu a torre até alcançar o teto e dele pulou em uma carroça de feno estacionada na rua que dava para sua casa.

Ezio observou-o se afastar, depois decidiu imitar o irmão. A carroça de feno parecia muito longe, mas ele se lembrou do que haviam lhe ensinado, controlou a respiração, acalmou-se e se concentrou.

Depois atirou-se pelos ares, dando o maior salto de sua vida até então. Por um momento achou que poderia ter calculado mal o alvo, mas acalmou seu próprio pânico momentâneo e aterrissou em segurança sobre o feno. Um verdadeiro voto de confiança! Meio sem fôlego, mas empolgado com o sucesso, Ezio lançou-se à rua.

O sol começava a aparecer sobre as colinas do leste, mas havia pouca gente na rua. Ezio estava prestes a se dirigir até a mansão de Cristina quando ouviu o eco de passos e, tentando desesperadamente se esconder, encolheu-se nas sombras do pórtico da igreja, prendendo a respiração. Não era ninguém mais, ninguém menos que Vieri e dois dos guardas dos Pazzi que viravam a esquina.

— Melhor a gente desistir, chefe — disse o guarda mais velho. — A essa

altura, eles já estão longe.

— Eu sei que estão por aqui em algum lugar — retrucou Vieri. — Quase posso sentir o cheiro deles. — Ele e os homens deram uma volta na praça da igreja, mas não demonstraram nenhum sinal de que iriam embora. A luz do sol diminuía as sombras. Ezio arrastou-se com cuidado de volta ao abrigo do feno e ficou ali deitado pelo que pareceu uma eternidade, impaciente para seguir seu caminho. Houve um momento em que Vieri passou tão perto que Ezio praticamente podia cheirá-lo, mas, por fim, o homem fez um sinal raivoso para seus capangas seguirem em frente. Ezio ainda ficou deitado por mais algum tempo, depois desceu da carroça e soltou um longo suspiro de alívio. Bateu a poeira das roupas e rapidamente cobriu a curta distância que o separava de Cristina, rezando para que ninguém da casa da amada já estivesse acordado.

A mansão continuava em silêncio, embora Ezio adivinhasse que os criados estivessem acendendo o fogo da cozinha nos fundos. Sabia onde ficava a janela de Cristina e atirou um punhado de cascalho nas venezianas. O barulho lhe pareceu ensurdecedor e ele aguardou, com o coração na boca. Então as venezianas se abriram e ela apareceu na sacada. A camisola revelava os contornos deliciosos de seu corpo, e, quando a olhou, mais uma vez ficou perdido de desejo.

— Quem é? — perguntou Cristina em voz baixa.

Ezio deu um passo para que ela pudesse vê-lo.

— Eu!

Cristina suspirou, embora não de maneira antipática.

— Ezio! Eu devia saber...

— Posso subir, *mia colomba*?

Ela olhou por sobre o ombro antes de responder num sussurro:

— Tudo bem, mas só por um minuto.

— Não preciso de mais do que isso.

Ela sorriu.

— É mesmo?

Ele ficou confuso.

— Não... desculpe... não quis dizer isso! Deixe lhe mostrar...

Olhando ao redor para ver se a rua continuava deserta, apoiou o pé em um

dos grandes anéis de ferro para amarrar cavalos encravados nas pedras cinzentas da casa e deu um impulso para cima, encontrando pontos de apoio para as mãos e para os pés com relativa facilidade na construção de pedra. Em um piscar de olhos ele havia pulado a balaustrada e ela estava em seus braços.

— Oh, Ezio! — suspirou ela quando se beijaram. — Olhe sua cabeça. O que você aprontou dessa vez?

— Não é nada, só um arranhão. — Ezio fez uma pausa, sorrindo. — Será que, agora que já subi, posso entrar? — perguntou ele suavemente.

— Onde?

Ele se fez de inocente.

— No seu quarto, claro.

— Bom, talvez... se você tem certeza de que não precisa de mais do que um minuto...

Abraçados, entraram pelas portas duplas para a luz cálida do quarto de Cristina.

Uma hora depois, foram acordados pela luz do sol entrando pelas janelas, pelo burburinho de carruagens e pessoas nas ruas e — pior — pela voz do pai de Cristina abrindo a porta do quarto.

— Cristina — disse ele. — Hora de levantar, filha! Seu tutor vai chegar a qualquer... Mas que diabo...? Filho da puta!

Ezio beijou Cristina rápida mas intensamente.

— Hora de ir, acho — disse ele, pegando suas roupas e disparando para a janela. Escalou a parede para descer e já estava vestindo o terno quando Antonio Calfucci apareceu na sacada lá em cima. Ele estava completamente ensandecido.

— *Perdonami, messere* — arriscou Ezio.

— Eu lhe mostro o *perdonami, messere*! — berrou Calfucci. — Guardas! Guardas! Peguem esse *cimice*! Tragam-me sua cabeça! E quero os *coglioni* também!

— Já disse que sinto muito... — começou Ezio, mas os portões da mansão já estavam se abrindo e os guardas dos Calfucci vinham correndo, de espada em punho. Agora mais ou menos vestido, Ezio disparou correndo pela rua, desviando de carroças e empurrando cidadãos no caminho — ricos homens de

negócios de preto solene, mercadores de marrom e vermelho, os mais humildes com túnicas fiadas em casa e ainda uma procissão de igreja com a qual colidiu tão inesperadamente que quase derrubou a estátua da Virgem que os monges de capuzes pretos estavam carregando. Por fim, depois de se meter por becos e pular sobre muros, parou para ouvir. Silêncio. Não ouvia nem mesmo os gritos e xingamentos da população que haviam acompanhado seu progresso. Quanto aos guardas, ele os despistara, disso tinha certeza.

Só esperava que o signore Calfucci não o tivesse reconhecido. Cristina não o trairia, podia ter certeza. Além do mais, ela era capaz de enrolar o pai, que a adorava. E, mesmo que ele descobrisse, Ezio refletiu, não seria um mau partido. Seu pai era dono de um dos maiores bancos da cidade, que um dia poderia ser ainda maior do que o dos Pazzi ou mesmo, quem sabe, o dos Médici.

Caminhando pelas ruas secundárias, ele voltou para casa. O primeiro a encontrá-lo foi Federico, que o olhou seriamente e sacudiu a cabeça de modo ameaçador.

— Dessa vez você está com problemas — disse ele. — Não diga que não o avisei.

2

O escritório de Giovanni Auditore ficava no primeiro andar e tinha vista para os jardins atrás do *palazzo* por meio de dois conjuntos de janelas duplas que se abriam para uma ampla varanda. A sala era forrada de lâminas de carvalho escuro, cuja severidade era pouco suavizada pelos ornamentos de gesso do teto. Havia duas mesas, uma de frente para a outra, sendo que a maior pertencia a Giovanni, e as paredes eram repletas de estantes cheias de livros e rolos de pergaminho dos quais pendiam pesados selos vermelhos. A intenção da sala era dizer a qualquer visitante: aqui você encontrará opulência, respeitabilidade e confiança. Como chefe do Banco Internacional Auditore, especializado em empréstimos aos reinos da Germânia que valiam quase um Império Romano, Giovanni Auditore tinha bastante consciência do peso e da responsabilidade de sua posição. Esperava que os dois filhos mais velhos logo criassem juízo e o ajudassem a suportar a carga que ele herdara de seu próprio pai, mas ainda não via nem sinal disso. Porém...

Sentado à mesa do outro lado da sala, olhou com raiva para o filho do meio. Ezio estava parado perto da outra mesa, que o secretário de Giovanni deixara a fim de permitir que pai e filho tivessem a privacidade necessária para o que Ezio temia que viria a ser uma conversa bastante dolorosa. Já era o começo da tarde. A manhã inteira ele temera ser chamado, embora também tivesse aproveitado para tirar um cochilo muito necessário por duas horas e se arrumar. Pensou que seu pai lhe dera aquela chance de propósito, antes de convocá-lo.

— Acha que sou cego e surdo, meu filho? — trovejou Giovanni. — Acha que não ouvi falar da briga com Vieri de’ Pazzi e seu bando perto da ponte na

noite passada? Às vezes, Ezio, acho que você não é muito melhor do que ele, e os Pazzi são inimigos perigosos. — Ezio estava prestes a falar, mas seu pai ergueu uma das mãos em advertência. — Faça a gentileza de me deixar terminar! — Respirou fundo. — E, como se isso já não fosse ruim o bastante, você se dedica a perseguir Cristina Calfucci, a filha de um dos mercadores mais bem-sucedidos da Toscana, e, não contente ainda com isso, a se enfiar na cama dela! Isso é intolerável! Você não pensa nem por um momento na reputação de nossa família? — Ele fez uma pausa, e Ezio ficou surpreso ao ver o fantasma de um brilho de prazer em seus olhos. — Você entende o que isso significa, não entende? — prosseguiu Giovanni. — Você entende de quem isso me faz lembrar, não entende?

Ezio abaixou a cabeça, mas então se surpreendeu quando o pai se levantou, cruzou a sala e colocou um braço ao redor de seu ombro, sorrindo de orelha a orelha.

— Seu diabrete! Você me faz lembrar de mim mesmo quando tinha a sua idade! — Porém, logo Giovanni ficou sério novamente. — Não pense, no entanto, que eu não o puniria sem pena caso não tivesse grande necessidade de você aqui. Não fosse isso, lembre-se dessas palavras, eu o mandaria para seu tio Mario e o faria recrutá-lo em seu esquadrão de *condottieri*. Isso colocaria um pouco de juízo na sua cabeça! Mas preciso contar com você, e embora você não pareça ter inteligência para perceber, estamos atravessando um momento crucial nesta cidade. Como está sua cabeça? Vi que você tirou o curativo.

— Bem melhor, pai.

— Então suponho que nada vai interferir no trabalho que destinei a você pelo resto do dia?

— Prometo que não, pai.

— É melhor cumprir essa promessa. — Giovanni virou-se para sua mesa e, de um compartimento, tirou uma carta com seu próprio selo e passou-a para o filho, junto com dois documentos em pergaminho dentro de uma pasta de couro. — Quero que os entregue a Lorenzo de' Médici em seu banco, sem demora.

— Posso perguntar do que se trata, pai?

— Sobre os documentos, não, não pode. Mas em relação à carta, não há problema em saber que atualiza Lorenzo quanto a nossas negociações em Milão.

Passei a manhã inteira preparando-a. Isso não deve cair em mãos erradas, mas se eu não confiar em você, jamais vai aprender a ser responsável. Existem rumores de um golpe contra o duque Galeazzo, algo sórdido, garanto, mas Florença não pode se dar ao luxo de ter Milão desestabilizada.

— Quem está envolvido?

Giovanni olhou com atenção para o filho.

— Dizem que os principais conspiradores são Giovanni Lampugnani, Gerolamo Olgiati e Carlo Visconti; mas parece que nosso querido Francesco de' Pazzi também está envolvido, e acima de tudo existe uma conspiração em curso que parece abarcar mais do que apenas a política das duas cidades-Estado. O gonfaloneiro daqui prendeu Francesco por enquanto, mas os Pazzi não vão gostar nada disso. — Giovanni se interrompeu. — Pronto. Já lhe contei demais. Leve isso com rapidez para Lorenzo, ouvi dizer que ele irá partir para Careggi muito em breve para respirar um pouco do ar do campo, e quando o gato sai...

— Vou entregar o mais rápido possível.

— Bom garoto. Vá!

Ezio saiu, usando as ruas secundárias na medida do possível, sem pensar que Vieri pudesse continuar por ali à sua procura. Mas de repente, em uma rua silenciosa a minutos do Banco de Médici, lá estava ele, bloqueando o caminho. Ao tentar recuar, Ezio viu mais alguns homens de Vieri impedindo a passagem pelo outro lado. Ele deu meia-volta.

— Desculpe, meu leitãozinho — gritou para Vieri —, mas simplesmente não tenho tempo para lhe dar outra surra agora.

— Não sou eu quem vai levar uma surra — gritou o outro de volta. — Você está encurralado, mas não se preocupe: mandarei uma bela coroa de flores para seu funeral.

Os homens de Pazzi estavam se aproximando. Com certeza àquela altura Vieri sabia que o pai havia sido preso. Ezio olhou em volta, desesperado. As casas altas da rua o confinavam. Prendeu o alforje contendo os documentos preciosos em segurança ao redor do corpo, selecionou a casa mais próxima e correu para sua parede, agarrando-se à pedra áspera com os pés e as mãos antes de escalar até o telhado. No topo, parou um instante para olhar para baixo, para o rosto irado de Vieri.

— Não tenho tempo nem de mijar em você — exclamou, e saiu correndo pelo telhado o mais rápido que pôde, caindo no chão com sua recém-descoberta agilidade assim que se viu livre de seus perseguidores.

Alguns momentos depois, estava às portas do banco. Entrou e reconheceu Boetio, um dos criados mais fiéis de Lorenzo. Ali estava um golpe de sorte. Ezio correu até ele.

— Ei, Ezio! O que o traz aqui com tanta pressa?

— Boetio, não tenho tempo a perder. Trago cartas de meu pai para Lorenzo.

Boetio pareceu sério, depois abriu as mãos.

— *Ahimè*, Ezio! Chegou tarde demais. Ele já partiu para Careggi.

— Então você precisa fazer com que ele as receba o mais rápido possível.

— Tenho certeza de que ele só deve ficar um dia por lá, mais ou menos. Nesses tempos...

— Estou começando a descobrir sobre esses tempos! Faça com que ele as receba, Boetio, e em segredo! O mais rápido possível!

Depois de voltar a seu próprio *palazzo*, foi rapidamente ao escritório do pai, ignorando tanto a simpática conversa fiada de Federico, que descansava sob uma árvore no jardim, quanto as tentativas do secretário de Giovanni, Giulio, de impedi-lo de passar pela porta fechada de seu santuário. Ali, ele encontrou o pai em uma conversa intensa com o chefe de justiça de Florença, o gonfaloneiro Uberto Alberti. Não houve surpresa, pois os dois eram velhos amigos, e Ezio tratava Alberti como um tio. Porém, percebeu expressões de grande seriedade em seus rostos.

— Ezio, meu garoto! — disse Uberto, com alegria. — Como está? Sem fôlego como sempre, pelo que estou vendo.

Ezio olhou apressado para o pai.

— Estive tentando acalmar seu pai — prosseguiu Uberto. — Houve muita confusão, sabe, mas... — Ele se virou para Giovanni e seu tom se tornou mais sério. — A ameaça acabou.

— Entregou os documentos? — perguntou Giovanni, com urgência.

— Sim, pai. Mas o duque Lorenzo já havia partido.

Giovanni franziu a testa.

— Não achei que partiria tão cedo.

— Eu os deixei com Boetio — disse Ezio. — Ele irá entregá-los o mais rápido possível.

— Pode não ser rápido o bastante — disse Giovanni com ar sombrio.

Uberto lhe deu um tapinha nas costas.

— Veja — disse. — O atraso deve ser de apenas um dia ou dois. Francesco está trancado a sete chaves. O que poderia acontecer em tão pouco tempo?

Giovanni pareceu ficar um pouco mais calmo, mas estava na cara que os dois tinham mais assuntos a discutir e que a presença de Ezio não era desejada.

— Vá ver sua mãe e sua irmã — ordenou Giovanni. — Você precisa passar mais tempo com o resto da família e não só com Federico, sabe! E descanse essa cabeça, vou precisar de você novamente logo mais.

E, com um aceno do pai, Ezio foi dispensado.

Vagou pela casa, cumprimentando com a cabeça um ou dois dos criados da família, além de Giulio, que voltava apressado para a agência bancária com um punhado de papéis na mão e como sempre parecendo atormentado pelos negócios que rondavam sua cabeça. Ezio acenou para o irmão, ainda deitado no jardim, mas não sentiu vontade de juntar-se a ele. Além do mais, o pai tinha dito para ele fazer companhia à mãe e à irmã, e ele sabia que era melhor não desobedecê-lo, principalmente depois da discussão que haviam tido antes.

Encontrou a irmã sentada sozinha na varanda, com um livro de Petrarca esquecido nas mãos. Fazia todo o sentido. Ele sabia que ela estava apaixonada.

— *Ciao*, Claudia — cumprimentou.

— *Ciao*, Ezio. Por onde andou?

Ezio estendeu as mãos.

— Resolvendo um negócio para o papai.

— Não foi só isso, pelo que ouvi dizer — retrucou ela, mas seu sorriso era pequeno e distraído.

— Onde está mamãe?

Claudia suspirou.

— Saiu para ver aquele jovem pintor de que todos falam. Sabe, aquele que acabou de terminar o aprendizado com Verrocchio.

— Mesmo?

— Você não presta atenção em nada que acontece nesta casa? Ela

encomendou algumas pinturas para ele. Acredita que serão um bom investimento, com o tempo.

— Essa é a mamãe!

Mas Claudia não respondeu, e, pela primeira vez, Ezio percebeu completamente a tristeza em seu rosto. Fazia com que parecesse bem mais velha que seus 16 anos.

— O que foi, *sorellina*? — perguntou, sentando-se no banco de pedra ao lado dela.

Ela suspirou, depois o olhou com um sorriso melancólico.

— É Duccio — disse por fim.

— O que tem ele?

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Descobri que ele está me traindo.

Ezio franziu a testa. Duccio estava praticamente noivo de Claudia, e, embora ainda não houvesse nenhum anúncio formal...

— Quem lhe contou isso? — perguntou ele, envolvendo-a com um dos braços.

— As outras garotas. — Ela enxugou os olhos e olhou para o irmão. — Achei que eram minhas amigas, mas acho que gostaram de me contar.

Ezio se levantou, irritado.

— Então são pouco melhores que harpias! Você vai ficar melhor sem elas.

— Mas eu o amava!

Ezio levou um instante para responder:

— Tem certeza? Talvez você apenas achasse que sim. Como se sente agora?

Os olhos de Claudia estavam secos.

— Gostaria de vê-lo sofrer, mesmo que só um pouquinho. Ele me magoou de verdade, Ezio.

Ezio olhou para a irmã, viu a tristeza em seus olhos, uma tristeza em que não havia a menor faísca de raiva. O coração dele se endureceu.

— Acho que vou fazer-lhe uma visita.

* * *

Duccio Dovizi não estava em casa, mas a criada contou a Ezio onde encontrá-lo. Ezio andou pela Ponte Vecchio e foi para oeste, em direção à margem sul do Arno, para a igreja de San Jacopo Soprano. Havia alguns jardins reservados por ali, onde os amantes de vez em quando se encontravam. Ezio, cujo sangue fervilhava por causa da irmã, ainda que precisasse de mais provas da infidelidade de Duccio do que apenas boatos, começou a achar que estava prestes a encontrá-las.

Dito e feito. Logo viu o rapaz loiro, arrumadíssimo, sentado em um banco com vista para o rio, com o braço ao redor de uma garota de cabelos escuros que ele não reconheceu. Aproximou-se com cuidado.

— Querido, que lindo! — exclamou a garota, estendendo a mão. Ezio viu o brilho de um anel de diamante.

— Para você só o melhor, *amore* — murmurou Duccio, puxando-a para lhe dar um beijo.

A garota, porém, se afastou.

— Não tão rápido. Você não pode simplesmente me comprar. Não estamos saindo há tanto tempo assim, e ouvi dizer que você está prometido a Claudia Auditore.

Duccio desdenhou:

— Acabou. E, de todo jeito, meu pai disse que mereço coisa melhor que uma Auditore. — Ele agarrou as nádegas dela com uma das mãos. — Você, por exemplo!

— *Birbante!* Vamos dar uma volta.

— Estou pensando em algo muito mais divertido — disse Duccio, enfiando a mão entre as pernas dela.

Foi o bastante para Ezio.

— Ei, *lurido porco* — vociferou.

Duccio foi pego completamente de surpresa e virou-se, soltando a garota.

— Ei, Ezio, meu amigo — gritou, mas havia nervosismo em sua voz. Quanto será que o quase cunhado havia visto? — Acho que você ainda não conhece a minha... prima.

Ezio, enraivecido pela traição, deu um passo à frente e acertou um soco direto no rosto de seu ex-amigo.

— Duccio, você devia se envergonhar! Você insulta a minha irmã andando com esta... esta *puttana*!

— Quem você está chamando de *puttana*? — vociferou a garota, mas se levantou e recuou.

— Eu acredito que mesmo uma garota como você poderia encontrar coisa melhor que esse idiota — disse-lhe Ezio. — Realmente acredita que ele vai transformar você em uma dama?

— Não fale com ela desse jeito — sibilou Duccio. — Pelo menos ela é mais generosa em seus favores do que sua irmãzinha recatada. Mas acho que isso é porque ela tem um buraco tão seco quanto o de uma freira. Pena, eu poderia ter lhe ensinado uma coisinha ou outra. Mas enfim...

Ezio o interrompeu com frieza:

— Você partiu o coração dela, Duccio...

— Parti? Que pena.

— ...e é por isso que vou quebrar o seu braço.

A garota gritou ao ouvir isso e fugiu. Ezio agarrou Duccio, que choramingava, e forçou o braço direito do jovem galanteador sobre a beirada do banco de pedra onde ele estivera sentado tão excitado momentos antes. Empurrou o antebraço contra a pedra até os lamentos de Duccio virarem lágrimas.

— Pare, Ezio! Eu imploro! Sou o único filho de meu pai!

Ezio olhou-o com desprezo e o soltou. Duccio caiu no chão e rolou, acariciando o braço machucado e se queixando, as roupas finas agora rasgadas e imundas.

— Você não vale o meu esforço — disse-lhe Ezio. — Mas, se não quer que eu mude de ideia quanto a esse seu braço, fique longe de Claudia. E de mim.

Depois do incidente, Ezio percorreu o longo caminho até sua casa, vagando pela margem do rio até quase chegar aos campos. Ao se virar, as sombras se alongavam, mas sua mente estava mais calma. Nunca se tornaria um homem, disse a si mesmo, caso deixasse a raiva dominá-lo.

Perto de casa, divisou seu irmão caçula, que ele não via desde a manhã do dia anterior. Cumprimentou o rapaz de forma afável.

— *Ciao*, Petruccio. O que está aprontando? Escapou do seu tutor? E de

qualquer modo, já não passou da hora de você ir dormir?

— Não seja bobo. Sou praticamente um adulto. Daqui a alguns anos, vou conseguir dar uma surra em você.

Os dois irmãos sorriram um para o outro. Petruccio segurava uma caixa de pereira contra o peito. Estava aberta, e Ezio viu um punhado de penas brancas e marrons ali dentro.

— São penas de águia — explicou o garoto, e apontou para o topo da torre de um prédio ali perto. — Tem um ninho velho lá em cima. Os filhotes devem ter crescido e voado. Posso ver muito mais penas presas nas pedras. — Petruccio olhou para o irmão, com olhos suplicantes. — Ezio, você pegaria mais algumas para mim?

— Bem, para que você as quer?

Petruccio olhou para baixo.

— É segredo — disse ele.

— Se eu as pegar, você entra em casa? Está tarde.

— Sim.

— Promete?

— Prometo.

— Então está bem.

Ezio pensou: “Bem, fiz um favor a Claudia hoje, não há por que não fazer um favor para Petruccio também.”

Escalar a torre foi complicado, pois a pedra era lisa e ele precisava se concentrar para achar reentrâncias onde apoiar os pés e as mãos entre as rochas. Mais para o alto, os ornamentos de gesso ajudaram. No final, ele levou meia hora, mas conseguiu reunir mais quinze penas — todas que pôde ver — e trazê-las para Petruccio.

— Você esqueceu de uma — disse Petruccio, apontando para cima.

— Já para a cama! — ordenou o irmão.

Petruccio fugiu.

Ezio esperava que a mãe ficasse feliz com o presente. Não era difícil adivinhar os segredos de Petruccio.

Ele sorriu ao entrar em casa.

3

Na manhã seguinte Ezio acordou tarde, mas para seu alívio descobriu que o pai não tinha reservado nenhuma tarefa imediata para ele. Andou pelo jardim, onde encontrou a mãe supervisionando o trabalho em suas cerejeiras, das quais as flores começavam a murchar. Ela sorriu ao vê-lo e chamou-o. Maria Auditore era uma mulher alta e de aparência digna, em seus quarenta e poucos anos. Seu longo cabelo negro estava trançado sob uma touca de musselina branca cujas bordas eram adornadas com as cores da família, preto e dourado.

— Ezio! *Buon giorno.*

— *Madre.*

— Como você está? Melhor, espero. — Ela tocou gentilmente a ferida na testa do filho.

— Estou bem.

— Seu pai disse que você deveria descansar o máximo possível.

— Não preciso descansar, *mamma*!

— Bem, de todo modo não há nada empolgante para você esta manhã. Seu pai pediu que eu tomasse conta de você. Sei o que andou aprontando.

— Não sei o que a senhora quer dizer.

— Não brinque comigo, Ezio. Sei de sua briga com Vieri.

— Ele andou espalhando boatos nojentos sobre nossa família. Não podia deixar isso impune.

— Vieri está sob pressão, ainda mais agora que o pai dele foi preso. — Ela fez uma pausa, pensativa. — Francesco de' Pazzi pode ser muitas coisas, mas nunca imaginei que fosse capaz de se juntar a uma conspiração para assassinar

um duque.

— O que irá acontecer com ele?

— Haverá um julgamento. Imagino que seu pai deva ser uma das testemunhas-chave, quando nosso duque Lorenzo voltar.

Ezio pareceu inquieto.

— Não se preocupe, você não tem nada a temer. E não vou pedir que faça algo que não queira. Na verdade, quero que me acompanhe em um assunto que preciso resolver. Não vai demorar, e acho até que irá achar agradável.

— Ficarei feliz em ajudar, *mamma*.

— Vamos, então. Não é longe.

Eles saíram do *palazzo* a pé, de braços dados, e andaram em direção à catedral, até o pequeno quarteirão ali perto onde vários artistas de Florença tinham ateliês e estúdios. Alguns, como os de Verrocchio e da estrela em ascensão Alessandro di Moriano Filipepi, que já havia adotado o apelido de Botticelli, eram grandes e movimentados, onde assistentes e aprendizes se ocupavam moendo e misturando pigmentos; outros eram mais humildes. Foi à porta de um destes que Maria parou e bateu. A porta foi aberta imediatamente por um jovem bonito e bem-vestido, quase um almofadinha, mas de aparência atlética, com cabelos castanho-escuros e uma barba luxuriante. Devia ser cerca de seis ou sete anos mais velho que Ezio.

— *Madonna* Auditore! Bem-vinda! Estava à sua espera.

— Leonardo, *buon giorno.* — Os dois trocaram beijos formais. “Esse artista deve ter caído nas graças de minha mãe”, pensou Ezio, porém, já havia simpatizado com ele. — Este é meu filho, Ezio — prosseguiu Maria.

O artista fez uma reverência.

— Leonardo da Vinci — disse. — *Sono molto onorato, signore.*

— Mestre.

— Não tanto... ainda — sorriu Leonardo. — Mas onde estou com a cabeça? Entrem, entrem! Esperem aqui, verei se meu assistente encontra um pouco de vinho para lhes servir enquanto vou pegar seus quadros.

O estúdio já não era grande, mas a bagunça ali dentro o fazia parecer menor ainda. As mesas estavam atulhadas com esqueletos de pássaros e pequenos mamíferos, e havia jarras cheias de objetos orgânicos diversos imersos em

líquido incolor, que Ezio sentiu dificuldade em reconhecer o que eram. Nos fundos, um balcão de trabalho amplo exibia algumas estruturas curiosas meticulosamente esculpidas em madeira, e dois cavaletes sustentavam quadros inacabados cujos tons eram mais escuros que o normal e os traços, menos definidos. Ezio e Maria se puseram à vontade, enquanto isso, um rapaz bonito surgiu de uma sala com uma bandeja com vinho e bolinhos. Ele os serviu, sorriu timidamente e se retirou.

— Leonardo é muito talentoso.

— Se a senhora diz, *Madre*. Conheço pouco de arte.

Ezio pensava que sua vida seria a continuação dos passos do pai, embora em sua natureza houvesse uma tendência rebelde e aventureira que ele sabia não combinar com um banqueiro florentino. Seja como for, tal como o irmão mais velho, ele se via como um homem de ação, não como um artista ou *connoisseur.*

— Sabe, a autoexpressão é uma parte vital do entendimento da vida, e, para desfrutá-la ao máximo... — Ela olhou para o filho. — Você deve encontrar um jeito de liberar a tensão, querido.

Ezio sentiu-se provocado.

— Tenho vários jeitos de liberar a tensão.

— Eu quis dizer além de putas — respondeu a mãe com a maior naturalidade do mundo.

— Mãe!

Mas a única resposta de Maria foi dar de ombros e apertar os lábios.

— Seria bom se você pudesse cultivar a amizade de um homem como Leonardo. Acho que ele tem um futuro promissor.

— Pela aparência deste lugar, sinto-me inclinado a discordar da senhora.

— Não seja impertinente!

Eles foram interrompidos por Leonardo, que voltava da sala interna carregando duas caixas. Colocou uma no chão.

— Importa-se de carregar aquela ali? — perguntou a Ezio. — Eu pediria a Agniolo, mas ele precisa ficar e cuidar da loja. Além disso, acho que ele não é forte o suficiente para esse tipo de trabalho, pobre coitado.

Ezio inclinou-se para pegar a caixa e ficou surpreso com o peso. Quase a deixou cair.

— Cuidado! — advertiu Leonardo. — Os quadros aí dentro são delicados, e sua mãe acabou de me pagar um bom dinheiro por eles!

— Podemos ir? — perguntou Maria. — Mal posso esperar para pendurá-los. Selecionei lugares que espero serem do seu gosto — acrescentou ela a Leonardo. Ezio se incomodou um pouco com aquilo: será que um artista novato realmente merecia tanta deferência?

Enquanto andavam, Leonardo conversava amigavelmente e, apesar de sua relutância, Ezio foi conquistado pelo charme do homem. Porém, havia algo nele que Ezio instintivamente achava perturbador, algo que não sabia dizer direito o que era. Uma frieza? Um distanciamento das outras pessoas? Talvez fosse apenas o fato de ele ter a cabeça nas nuvens como tantos outros artistas — pelo menos era o que lhe haviam dito sobre eles. Mas Ezio sentiu um respeito instantâneo e instintivo pelo homem.

— Então, Ezio, qual sua profissão? — quis saber Leonardo.

— Ele trabalha para o pai — respondeu Maria.

— Ah, um financista! Bem, nasceu na cidade certa para isso!

— É uma boa cidade para os artistas também — disse Ezio. — Com tantos patronos ricos...

— Somos muitos, porém — lamentou-se Leonardo. — É difícil chamar alguma atenção. Por isso devo tanto a sua mãe. Saiba que ela tem um olho bastante perspicaz!

— Você se concentra apenas em pintar? — perguntou Ezio, pensando na diversidade que vira no estúdio.

Leonardo pareceu pensativo.

— É uma pergunta difícil. Para dizer a verdade, tenho achado difícil me concentrar em apenas uma coisa, agora que estou trabalhando sozinho. Adoro pintura e sei que tenho habilidade para isso, mas... de algum modo consigo enxergar o final antes de chegar lá, e às vezes isso dificulta terminar as coisas. Preciso de um empurrão! Mas não é tudo. Muitas vezes sinto que em meu trabalho falta... não sei... propósito. Isso faz algum sentido?

— Devia ter mais confiança em si mesmo, Leonardo — disse Maria.

— Obrigado, mas existem momentos em que acho que eu preferiria fazer trabalhos mais práticos, trabalhos que tenham relação direta com a vida. Desejo

entender a vida, como ela funciona, como tudo funciona.

— Para isso você deveria ser cem homens em um só — comentou Ezio.

— Se eu pudesse! Sei o que quero explorar: arquitetura, anatomia, até mesmo engenharia. Não desejo captar o mundo com meu pincel, desejo mudá-lo!

Ele era tão apaixonado que Ezio ficou mais impressionado que irritado — o homem claramente não estava se vangloriando; parecia quase atormentado pelas ideias que fervilhavam dentro de si. “Daqui a pouco”, pensou Ezio, “ele vai nos dizer que também trabalha com música e poesia!”

— Quer colocar isso no chão e descansar um pouco, Ezio? — perguntou Leonardo. — Talvez seja um pouco pesado para você.

Ezio rangeu os dentes.

— Não, *grazie*. Seja como for, estamos quase chegando.

Quando chegaram ao Palazzo Auditore, ele carregou sua caixa até o hall de entrada, abaixou-a o mais devagar e o mais cuidadosamente que seus músculos doloridos lhe permitiram e ficou mais aliviado do que gostaria de admitir até para si mesmo.

— Obrigada, Ezio — agradeceu sua mãe. — Acho que daqui por diante podemos nos arranjar sem você, mas é claro que se quiser nos ajudar a pendurar esses quadros...

— Obrigado, mãe, mas acho que esse é um trabalho que a senhora e Leonardo poderão executar melhor.

Leonardo estendeu-lhe a mão.

— Foi muito bom conhecê-lo, Ezio. Espero que nossos caminhos se cruzem novamente em breve.

— *Anch’io.*

— Chame um dos criados para ajudar Leonardo — disse Maria ao filho.

— Não — respondeu Leonardo. — Prefiro cuidar disso sozinho. Imagine se alguém deixasse cair uma dessas caixas!

E, ajoelhando-se, ele acomodou na dobra do braço a caixa que Ezio trouxera.

— Podemos ir? — disse ele a Maria.

— Por aqui — respondeu ela. — Ezio, nos veremos no jantar esta noite. Venha, Leonardo.

Ezio os observou quando deixavam o hall. Este Leonardo obviamente era alguém a se respeitar.

Após o almoço, no fim da tarde, Giulio veio correndo (como sempre) dizer-lhe que seu pai solicitava sua presença no escritório. Ezio se apressou em seguir o secretário pelo longo corredor forrado por painéis de carvalho, que levava aos fundos da mansão.

— Ah, Ezio! Entre, meu filho.

O tom de Giovanni era sério e profissional. Ele se levantou atrás da mesa, sobre a qual repousavam duas cartas volumosas envoltas em papel de pergaminho e seladas.

— Dizem que o duque Lorenzo irá voltar amanhã ou, no máximo, depois de amanhã — disse Ezio.

— Eu sei. Mas não há tempo a perder. Quero que entregue isto a alguns parceiros meus, aqui na cidade. — Ele empurrou as cartas sobre a mesa.

— Sim, pai.

— Também preciso que recupere uma mensagem que um pombo-correio deve ter levado à gaiola da *piazza* do fim da rua. Procure não deixar ninguém ver você ao fazer isso.

— Não se preocupe.

— Ótimo. Volte imediatamente depois de terminar. Tenho alguns assuntos importantes a discutir com você.

— Sim, senhor.

— Então, comporte-se. Nada de brigas dessa vez.

Ezio decidiu liquidar a parte do pombo primeiro. A noite estava se aproximando, e ele sabia que haveria menos gente nesse horário — pouco depois a praça estaria repleta de florentinos fazendo sua *passeggiata*. Quando chegou ao seu objetivo, notou um *graffiti* na parede atrás e acima da gaiola. Ficou intrigado: seria recente ou ele é que nunca havia reparado naquilo antes? Ali estava, cuidadosamente inscrita, uma frase que ele reconheceu como sendo do livro de Eclesiastes: AQUELE QUE INCREMENTA O CONHECIMENTO INCREMENTA A DOR. Um pouco abaixo, alguém havia adicionado uma inscrição mais grosseira: ONDE ESTÁ O PROFETA?

Mas sua mente logo se voltou à tarefa. Ele reconheceu o pombo que buscava

instantaneamente — era o único com um bilhete amarrado à perna. Soltou o bilhete sem demora e recolocou com gentileza o pássaro de volta ao poleiro, depois hesitou. Deveria ler o bilhete? Não estava selado. Rapidamente desenrolou o pequeno pergaminho e viu que ele continha apenas um nome — o de Francesco de' Pazzi. Ezio deu de ombros. Supôs que aquilo deveria significar mais para o seu pai do que para ele. Por que o nome do pai de Vieri e um dos possíveis conspiradores em uma trama para derrubar o duque de Milão — fatos já conhecidos por Giovanni — deveria ter importância era algo que ele não conseguia entender. A menos que significasse algum tipo de confirmação.

Mas ele precisava se apressar com seu trabalho. Enfiou o bilhete na bolsa presa ao cinto e se dirigiu ao endereço do primeiro envelope. A localização o surpreendeu, pois ficava na zona de prostituição. Ele já tinha ido ali muitas vezes com Federico — quer dizer, antes de conhecer Cristina —, mas nunca se sentira à vontade por lá. Colocou a mão sobre a bainha da adaga para se garantir enquanto se aproximava da rua sombria que seu pai indicara. O endereço acabou revelando-se uma taverna vagabunda e mal-iluminada, que servia *chianti* barato em canecas de barro.

Sem saber o que fazer em seguida, pois não parecia haver ninguém por perto, ele se surpreendeu com uma voz ao seu lado.

— Você é o filho de Giovanni?

Virou-se para dar de cara com um homem mal-encarado cujo hálito fedia a cebolas. Ele estava acompanhado de uma mulher que um dia devia ter sido bonita, mas que dava a impressão de que a maior parte de sua graça tinha sido roubada nos últimos dez anos. Se ainda restava alguma coisa era em seus olhos sinceros e inteligentes.

— Não, seu idiota — disse ela ao homem. — É só um acaso o fato de ele ser igual ao pai.

— Você trouxe algo para nós — disse o homem, ignorando-a. — Dê-me.

Ezio hesitou. Checou o endereço. Estava certo.

— Passe para cá, amigo — disse o homem, inclinando-se mais para perto. Ezio recebeu uma baforada daquele hálito. Será que o homem vivia à base de cebolas e alho?

Ele colocou a carta na mão aberta do homem, que fechou-a sobre ela

imediatamente e a transferiu para uma bolsa de couro ao seu lado.

— Bom garoto — disse, depois sorriu. Ezio ficou surpreso ao ver que o sorriso dava ao seu rosto uma certa (e surpreendente) nobreza. Mas não a suas palavras. — E não se preocupe — acrescentou. — Não somos contagiosos. — Ele fez uma pausa para olhar a mulher. — Pelo menos *eu* não sou!

A mulher riu e deu um beliscão no braço dele. Depois partiram.

Ezio saiu da ruela aliviado. O endereço na segunda carta o levava a uma rua a oeste do Batistério. Era um bairro muito melhor, mas pouco movimentado àquela hora. Ele se apressou para cruzar a cidade.

Esperando por ele sob o arco que cruzava a rua havia um homem corpulento que parecia um soldado. Estava vestido no que dava a impressão de serem roupas de couro de camponês, mas cheirava a limpeza e estava barbeado.

— Aqui — acenou ele.

— Tenho algo para você — disse Ezio. — De...

— ...Giovanni Auditore? — O homem falava em um tom um pouco mais alto que um sussurro.

— *Sì*.

O homem olhou ao redor, para cima e para baixo na rua. Apenas um acendedor de lampiões estava à vista, a distância.

— Você foi seguido?

— Não... por que deveria ter sido?

— Não importa. Dê-me a carta. Rápido.

Ezio a entregou.

— As coisas estão esquentando — disse o homem. — Diga a seu pai que eles vão agir esta noite. Ele deveria fazer planos para estar em segurança.

Ezio foi tomado de surpresa.

— O quê? Do que está falando?

— Já falei demais. Vá logo para casa.

E então o homem desapareceu nas sombras.

— Espere! — chamou Ezio. — O que quer dizer? Volte!

Porém o homem já havia sumido.

Ezio andou rapidamente até o acendedor de lampiões.

— Que horas são? — perguntou-lhe.

O homem apertou os olhos e olhou o céu.

— Acho que se passou uma hora desde que comecei o serviço — respondeu. — Deve ser vinte horas.

Ezio fez um cálculo rápido. Devia ter deixado o *palazzo* duas horas antes, e levaria talvez vinte minutos para voltar. Saiu correndo. Uma premonição horrível tomou conta de sua alma.

Assim que viu a mansão Auditore, soube que algo estava errado. Não havia luzes acesas em parte alguma, e as grandes portas da frente estavam abertas. Apressou o passo, gritando enquanto corria:

— Pai! Federico!

O grande saguão do *palazzo* estava vazio e escuro, mas havia luz o bastante para Ezio ver mesas viradas, cadeiras destroçadas e louças de barro e objetos de vidro quebrados. Alguém tinha arrancado os quadros de Leonardo das paredes e rasgado com uma faca. Da escuridão à frente, ouviu o som de soluços — uma mulher chorava: sua mãe!

Começou a abrir caminho em direção ao som quando uma sombra se moveu atrás dele, e algo foi erguido acima de sua cabeça. Ezio virou-se e agarrou o pesado candelabro de prata com que alguém tentava acertar sua cabeça. Deu um puxão com força e seu agressor soltou o candelabro com um grito assustado. Ele jogou longe o candelabro, fora do alcance, agarrou o braço do assaltante e puxou-o para a luz. Havia assassínio em seu coração, e ele já tinha sacado sua adaga.

— Ah! *Ser* Ezio! É o senhor! Graças a Deus!

Ezio reconheceu a voz e depois o rosto: era a governanta da casa, Annetta, uma camponesa exuberante que estava com a família havia anos.

— O que *aconteceu*? — perguntou-lhe, tomando seus pulsos entre as mãos e quase sacudindo a mulher, cheio de angústia e pânico.

— Eles vieram... os guardas da cidade. Prenderam seu pai e Federico, e levaram até o pequeno Petruccio; eles o arrancaram dos braços de sua mãe!

— Onde está minha mãe? Onde está Claudia?

— Estamos aqui — respondeu uma voz trêmula das sombras.

Claudia apareceu, apoiando a mãe. Ezio ajeitou uma cadeira para que a mãe se sentasse. À meia-luz, viu que Claudia estava sangrando e que suas roupas

estavam sujas e rasgadas. Maria não o reconheceu. Sentou-se na cadeira, chorando e balançando o corpo. Em suas mãos, segurava a caixinha de pereira com penas que Petruccio lhe dera não fazia nem dois dias — uma vida inteira de distância.

— Meu Deus, Claudia! Você está bem? — Ele olhou para ela e a raiva o inundou. — Eles...?

— Não, eu estou bem. Eles me deixaram assim porque acharam que eu pudesse lhes dizer onde você estava. Mas mamãe... Ah, Ezio, eles levaram papai, Federico e Petruccio ao Palazzo Vecchio!

— Sua mãe está em estado de choque — disse Annetta. — Quando ela resistiu, eles... — Ela se interrompeu. — *Bastardi!*

Ezio pensou rápido:

— Não é seguro ficar aqui. Existe algum lugar para onde possa levá-las, Annetta?

— Sim, sim... para a casa de minha irmã. Elas ficarão a salvo lá. — Annetta mal conseguiu pronunciar aquelas palavras, com o medo e a angústia engasgando-lhe a voz.

— Precisamos ir rápido. Os guardas quase com certeza irão voltar procurando por mim. Claudia, mãe, não há tempo a perder. Não levem nada, apenas sigam com Annetta. Agora! Claudia, deixe mamãe se apoiar em você.

Ele as acompanhou para fora da casa revirada, ainda chocado, e as ajudou antes de deixá-las nas hábeis mãos da fiel Annetta, que começara a recuperar a compostura. A mente de Ezio disparou, pensando em todas as implicações, seu mundo chacoalhado pelo rumo terrível dos acontecimentos. Desesperadamente, tentou entender tudo o que havia acontecido e o que deveria fazer agora, o que deveria fazer para salvar o pai e os irmãos... De imediato, sabia que precisava encontrar um jeito de ver o pai, descobrir o que havia provocado aquele ataque, aquele ultraje à sua família. Mas o Palazzo Vecchio! Puseram seus parentes nas duas celinhas da torre, disso tinha certeza. Talvez houvesse uma chance... Mas o lugar era tão protegido quanto uma fortaleza; e haveria guarda redobrada a postos, hoje em especial.

Forçando-se a ficar calmo e a pensar com clareza, deslizou pelas ruas até a Piazza della Signoria, abraçou suas paredes e olhou para cima. Tochas ardiam

das ameias e do topo da torre, iluminando a gigantesca flor-de-lis vermelha, que era o emblema da cidade, e o enorme relógio da base da torre. Mais para cima, apertando os olhos para ver melhor, Ezio achou que conseguia discernir a luz fraca de uma vela na janelinha gradeada perto do topo. Havia guardas a postos do lado de fora dos enormes portões do *palazzo* e também sobre as ameias. Mas Ezio não viu nenhum no alto da torre, cujas muralhas de todo modo ficavam acima da janela que ele precisava alcançar.

Ele deu a volta na praça, afastando-se da construção, e entrou por uma rua estreita que levava para fora da *piazza*, ao longo da face norte do edifício. Felizmente ainda havia um número razoável de pessoas pelas ruas, caminhando e desfrutando do ar noturno. Ezio teve a impressão de que subitamente existia em outro mundo, à parte do delas, de que havia sido banido da sociedade onde nadara como um peixe até apenas três ou quatro horas antes. Enfureceu-se com o pensamento de que a vida pudesse continuar seu caminho rotineiro para todas aquelas pessoas, enquanto a vida de sua família tinha sido destruída. Tornou a sentir o coração encher-se de raiva e medo quase insuportáveis. Mas então se concentrou com firmeza no trabalho à sua frente, e um olhar de decisão cruzou seu rosto.

A parede que se erguia acima dele era escarpada e vertiginosamente alta, mas estava na escuridão e isso seria uma vantagem. Além do mais, as pedras com que o *palazzo* fora construído não tinham sido bem talhadas, por isso ele teria uma boa quantidade de apoios para as mãos e para os pés para ajudá-lo na escalada. Os guardas a postos nas ameias do lado norte seriam um problema, mas ele teria de lidar com isso quando chegasse a hora. Esperava que a maioria estivesse reunida ao longo da fachada principal do prédio, a oeste.

Depois de respirar fundo e olhar em volta — não havia mais ninguém naquela rua escura —, ele deu um salto, agarrou a parede com firmeza, segurando-se com os dedos dos pés em suas macias botas de couro, e começou a escalar.

Depois de alcançar as ameias, agachou-se, com os tendões das panturrilhas doendo com a tensão. Havia dois guardas ali, mas eles estavam de costas para ele, olhando na direção da praça iluminada lá embaixo. Ezio ficou imóvel por um instante até ter certeza de que qualquer som que tivesse feito não havia

alertado os guardas de sua presença. Ainda abaixado, ele se lançou na direção deles e depois os atacou, puxando-os para trás, com uma das mãos ao redor de cada pescoço, usando o próprio peso dos guardas e o elemento surpresa para derrubá-los de costas. Em um segundo, os capacetes dos dois já estavam no chão, e Ezio bateu suas cabeças uma contra a outra com violência — ficaram inconscientes antes mesmo de conseguirem registrar qualquer expressão de surpresa. Se aquilo não tivesse dado certo, Ezio sabia que teria lhes cortado as gargantas sem hesitar nem por um segundo.

Fez uma pausa novamente, respirando com dificuldade. Agora, a torre. Ela era feita de pedra mais bem talhada, e a subida era difícil. Além disso, precisava escalar da face norte para a oeste, onde ficava a janela da cela. Rezou para que ninguém na praça nem nas ameias olhasse para cima. Não gostaria de ser atingido por uma flecha depois de haver chegado tão longe.

O canto onde as paredes do norte e do oeste se encontravam era duro e desanimador, e por um momento Ezio ficou ali parado, sem se mexer, procurando um apoio para as mãos que parecia não existir. Olhou para baixo e viu um dos guardas nas ameias olhar para cima. Pôde ver seu rosto pálido com clareza. Pôde ver os olhos do homem. Apertou-se contra a parede. Com sua roupa preta, chamaria tanta atenção quanto uma barata sobre uma toalha de mesa branca. Mas, inexplicavelmente, o homem baixou os olhos e continuou sua ronda. Será que o tinha visto? Será que não tinha acreditado no que tinha visto? A garganta de Ezio latejava pela tensão. Só foi capaz de relaxar depois de um longo minuto, e então voltou a respirar.

Após um esforço monumental, chegou ao seu alvo, grato pelo peitoril estreito sobre o qual poderia se apoiar enquanto olhava para a cela apertada do outro lado da janela. Deus é misericordioso, pensou ao reconhecer a figura do pai, de costas para ele, aparentemente lendo à luz fraca de uma vela.

— Pai! — chamou em voz baixa.

Giovanni se virou.

— Ezio! Em nome de Deus, como você...

— Não importa, pai. — Quando Giovanni se aproximou, Ezio percebeu que as mãos dele estavam sangrando e machucadas, o rosto pálido e exausto. — Meu Deus, pai, o que fizeram com você?

— Deram-me uma surra, mas estou bem. Mais importante: como estão sua mãe e sua irmã?

— Agora estão seguras.

— Com Annetta?

— Sim.

— Deus seja louvado.

— O que aconteceu, pai? O senhor estava esperando por isso?

— Não com tanta rapidez. Prenderam Federico e Petruccio também. Acho que estão na cela atrás desta. Se Lorenzo estivesse aqui, as coisas teriam sido diferentes. Eu devia ter me prevenido.

— Do que está falando?

— Não há tempo para isso agora! — Giovanni quase berrou. — Agora me ouça: você precisa voltar para nossa casa. Há uma porta secreta no meu escritório. Atrás dela há um baú escondido em uma câmara. Pegue *tudo* o que encontrar ali dentro. Escutou? *Tudo!* Boa parte vai parecer estranho, mas tudo ali é importante.

— Sim, pai.

Ezio transferiu o peso de leve de uma perna para a outra, ainda segurando as barras da janela para não cair. Não se atrevia a olhar para baixo agora e não sabia por quanto tempo mais conseguiria permanecer imóvel.

— Entre os conteúdos você irá encontrar um envelope com uma carta e alguns documentos. Você precisa levá-los sem demora, esta noite mesmo!, para *Messere* Alberti...

— O gonfaloneiro?

— Exatamente. Agora vá!

— Mas, pai... — Ezio lutou para pronunciar aquelas palavras e, desejando poder fazer mais do que apenas entregar documentos, gaguejou: — Os Pazzi estão por trás disso? Li o bilhete do pombo-correio. Dizia...

Mas então Giovanni o apressou. Ezio ouviu a chave girando na fechadura da cela.

— Vão me levar para um interrogatório — explicou Giovanni, com ar sombrio. — Saia antes que o descubram. Deus meu, você é um garoto corajoso. Estará à altura de seu destino. Agora, pela última vez: vá!

Ezio se apoiou para sair do peitoril e agarrou a parede que ficava fora de vista enquanto ouvia o pai ser levado. Mal conseguiu suportar ouvir aquilo. Depois se preparou para descer. Ele sabia que as descidas quase sempre eram mais difíceis do que as subidas, mas nas últimas 48 horas havia ganhado bastante experiência subindo e descendo de prédios. Então começou a descer a torre, escorregando vez ou outra, mas recuperando o equilíbrio, até voltar a alcançar as ameias, onde os dois guardas continuavam deitados onde ele os havia deixado. Outro golpe de sorte! Ele havia batido suas cabeças uma contra a outra o mais forte que conseguira, mas se por acaso tivessem recobrado a consciência enquanto ele estava lá em cima na torre e dado o alarme... bem, não dava sequer para pensar nas consequências.

Não havia mesmo tempo para pensar nessas coisas. Ele se balançou sobre as ameias e olhou para baixo. O tempo era crucial. Se visse alguma coisa lá embaixo que pudesse aparar sua queda, talvez se arriscasse a saltar. Quando seus olhos se acostumaram à escuridão, viu o toldo de uma barraca deserta presa à parede, muito abaixo. Deveria arriscar? Se conseguisse, ganharia alguns minutos preciosos. Se falhasse, uma perna quebrada seria o menor de seus problemas. Ele tinha de ter confiança em si mesmo.

Respirou fundo e mergulhou na escuridão.

Daquela altura o toldo caiu ante seu peso, mas fora bem preso e por isso ofereceu resistência o bastante para amortecer sua queda. Ele estava com falta de ar e de manhã teria uns hematomas nas costelas, mas tinha conseguido descer! E nenhum alarme havia sido dado.

Ele se sacudiu e disparou na direção do que apenas algumas horas antes tinha sido sua casa. Ao chegar lá, percebeu que, na pressa, o pai não havia lhe contado como localizar a porta secreta. Giulio devia saber, mas onde Giulio estaria agora?

Por sorte não havia nenhum guarda à espreita nas proximidades da casa e ele conseguiria entrar sem percalços. Parou por um minuto em frente ao *palazzo*, quase incapaz de se obrigar a atravessar a escuridão das portas: parecia que sua casa havia mudado, sua santidade corrompida. Mais uma vez, Ezio precisou dominar seus pensamentos, sabendo que suas ações eram críticas. Agora a família dependia dele. Entrou na casa de sua família, na escuridão. Pouco depois

estava no meio do escritório, iluminado de maneira misteriosa pela luz de uma única vela, e olhou ao redor.

O lugar tinha sido revirado pelos guardas, que claramente confiscaram um grande número de documentos bancários, e o caos geral de estantes caídas, cadeiras viradas, gavetas atiradas pelo chão e papéis e livros espalhados por toda parte não tornava as coisas mais fáceis para Ezio. Mas ele conhecia o escritório, tinha a visão aguçada e usou a inteligência. As paredes eram grossas, qualquer uma poderia esconder uma câmara, mas ele foi direto até aquela em que havia uma grande lareira e começou sua busca ali, onde as paredes seriam ainda mais grossas a fim de abrigar a cornija. Aproximando a vela e olhando com atenção, mantendo ao mesmo tempo o ouvido atento para qualquer som de guardas voltando, finalmente achou ter discernido o desenho tênue de uma porta embutida nas lâminas que revestiam a parede, do lado esquerdo da grande cornija de gesso. Tinha de haver um jeito de abri-la. Olhou cuidadosamente para os *colossi* esculpidos que seguravam a abóbada de mármore da lareira sobre os ombros. O nariz de um dos que estavam à esquerda dava a impressão de um dia ter sido quebrado e depois consertado, pois exibia uma rachadura fina ao redor da base. Ele tocou o nariz e descobriu que era ligeiramente solto. Com o coração na boca, ele o moveu lentamente, e a porta deslizou para dentro sobre dobradiças silenciosas montadas sobre molas, revelando um corredor de chão de pedra que dobrava à esquerda.

Quando ele entrou, seu pé direito pisou em uma lajota que se moveu e, com isso, lâmpadas a óleo presas ao longo das paredes do corredor de repente se acenderam. O corredor era curto, descia ligeiramente e terminava em uma câmara circular decorada mais ao estilo da Síria do que da Itália. A mente de Ezio lembrou-se de um quadro pendurado no gabinete particular do pai mostrando o castelo de Masyaf, que um dia tinha sido lar da antiga Ordem dos Assassinos. Mas ele não tinha tempo para pensar se aquela decoração curiosa podia ou não ter algum significado especial. O lugar não tinha móveis e em seu centro havia um baú grande com bordas de aço e bem fechado com dois cadeados pesados. Ele olhou ao redor para ver se haveria uma chave em algum lugar, mas, fora toda aquela ornamentação, não havia nada ali. Ezio já estava se perguntando se teria de voltar ao escritório ou então ir ao gabinete do pai para

procurar uma chave lá, e se teria tempo para isso, quando, por acaso, sua mão encostou em um dos cadeados, que se abriu. O outro se abriu com a mesma facilidade. Será que seu pai tinha lhe dado algum poder que ele não conhecia? Será que os cadeados eram de alguma maneira programados para responder ao toque de determinada pessoa? Os mistérios se acumulavam, mas naquele momento não havia tempo para pensar muito naquilo.

Ele abriu o baú e viu que continha um capuz branco, evidentemente velho e que parecia ser feito de um tecido de lã que ele não reconheceu. Algo o incitou a colocá-lo, e na mesma hora um poder estranho afluiu por ele. Abaixou o capuz, mas não o tirou da cabeça.

O baú continha ainda um braçal de couro, uma lâmina de adaga partida montada não em um punho, mas sobre um estranho mecanismo cujo funcionamento ele desconhecia, uma espada, uma página de pergaminho coberta de símbolos e letras e o que parecia parte de um plano, e a carta e os documentos que seu pai lhe dissera para levar a Uberto Alberti. Ele reuniu aquilo tudo, fechou o baú e voltou ao escritório do pai, fechando cuidadosamente a porta secreta atrás de si. No escritório, encontrou uma bolsa de documentos descartada de Giulio e escondeu os conteúdos do baú ali, prendendo a bolsa atravessada sobre o peito. Ele afivelou a espada. Sem saber o que pensar daquela coleção estranha de objetos e sem ter tempo para refletir sobre o motivo pelo qual o pai guardaria tais coisas em uma câmara secreta, voltou com cuidado até as portas principais do *palazzo.*

Porém, assim que pisou no pátio da frente, viu dois guardas da cidade entrando. Tarde demais para se esconder: eles o viram.

— Pare! — berrou um deles, e os dois começaram a avançar com rapidez em sua direção. Não havia volta. Ezio viu que já tinham puxado as espadas.

— Para que vieram? Para me prender?

— Não — respondeu o guarda que havia falado antes. — Temos ordens para matar você.

Com isso, o segundo guarda o atacou.

Ezio sacou a própria espada quando se aproximavam dele. Era uma arma que lhe era estranha, mas a sensação era de leveza e domínio em sua mão, como se ele a tivesse usado a vida inteira. Ele aparou os primeiros golpes, direita e

esquerda, os dois guardas atacando-o ao mesmo tempo. Faíscas saíam das três espadas, mas Ezio sentiu sua nova lâmina firme, a ponta afiada e penetrante. Quando o segundo guarda estava erguendo a espada para cortar fora o braço de Ezio a partir do ombro, ele fingiu ir para a direita, sob a lâmina que se aproximava. Transferiu o peso do pé de trás para o da frente e jogou o corpo na direção do homem. O guarda se desequilibrou e o braço que segurava a espada atingiu de forma inofensiva o ombro de Ezio. Ezio usou seu próprio impulso para atirar sua nova espada para cima, atravessando o coração do homem. Ficando de pé, Ezio girou nos calcanhares, ergueu o pé esquerdo e arrancou a lâmina do corpo do guarda morto bem a tempo de confrontar seu companheiro. O outro guarda veio para cima dele com um rugido, brandindo uma espada pesada.

— Prepare-se para morrer, *traditore*!

— Nem eu nem ninguém de minha família é traidor.

O guarda o atingiu, rasgando-lhe a manga esquerda e arrancando sangue. Ezio recuou, mas somente por um segundo. Vendo nisso uma vantagem, o guarda foi em sua direção, e Ezio deixou que ele se aproximasse mais uma vez, mas depois deu um passo para trás e lhe passou uma rasteira, golpeando sua própria espada com firmeza e muita força no pescoço do homem enquanto ainda estava caindo. A cabeça foi decepada antes de o corpo do guarda cair no chão.

Por um momento Ezio ficou ali tremendo no silêncio repentino que se seguiu à luta, ofegante. Eram os primeiros assassinatos de sua vida... eram mesmo? Pois ele sentia uma outra vida dentro dele agora, uma vida mais antiga, uma vida que parecia ter anos de experiência em lidar com a morte.

Aquela sensação o assustou. Esta noite o envelhecera muito mais do que a passagem do tempo, mas a nova sensação parecia ser o despertar de uma força mais sombria dentro dele. Era algo mais do que apenas os efeitos das experiências desgastantes das últimas horas. Foi de ombros caídos que ele seguiu pelas ruas escuras até a mansão de Alberti, assustando-se com cada ruído e a todo momento olhando para trás. Por fim, à beira da exaustão e sabe-se lá como capaz de aguentar-se de pé, ele chegou ao lar do gonfaloneiro. Olhou para a fachada e viu uma luz fraca em uma das janelas da frente. Bateu com força na porta, usando o punho da espada.

Ao não receber resposta, nervoso e impaciente, tornou a bater, com mais força e mais alto. Nada ainda.

Mas, na terceira tentativa, uma janelinha à porta se abriu brevemente e depois se fechou. A porta se abriu quase imediatamente depois e um servo armado e desconfiado o recebeu. Ele disse a que veio e foi conduzido a uma sala no primeiro andar, onde Alberti estava sentado a uma mesa coberta de papéis. Atrás dele, meio de lado e sentado em uma poltrona em frente a uma lareira cujo fogo morria, Ezio achou ter visto outro homem, alto e poderoso, mas apenas parte de seu perfil era visível e mesmo assim de forma pouco clara.

— Ezio? — Alberti se levantou, surpreso. — O que você está fazendo aqui a esta hora?

— Eu... eu não...

Alberti se aproximou dele e colocou uma das mãos sobre seu ombro.

— Calma, filho. Tome fôlego. Esfrie a cabeça.

Ezio concordou. Agora que se sentia mais seguro, também se sentia mais vulnerável. Os acontecimentos daquela noite, desde que ele saíra para entregar as cartas de Giovanni, pesavam sobre ele. Pelo relógio de pé feito de metal que estava em cima da mesa, ele viu que era quase meia-noite. Será que realmente haviam passado apenas doze horas desde que Ezio, o garoto, havia saído com sua mãe para buscar quadros no ateliê de um artista? Ele se sentia a ponto de chorar, apesar de tentar se conter. Mas se conteve, e foi Ezio, o homem, que falou:

— Meu pai e meus irmãos foram presos não sei sob que autoridade, minha mãe e minha irmã estão escondidas e nosso lar foi saqueado. Meu pai me incumbiu de lhe entregar esta carta e estes documentos... — Ezio retirou os documentos da bolsa.

— Obrigado.

Alberti colocou os óculos e levou a carta de Giovanni para perto da luz de uma vela que ardia sobre a mesa. Não havia nenhum outro som na sala a não ser o tique-taque do relógio e o barulho suave que as brasas da lareira faziam ao estalar e crepitar. Se havia outra presença ali, Ezio tinha se esquecido.

Então Alberti voltou a atenção aos documentos. Demorou-se lendo e por fim colocou um deles discretamente dentro de seu gibão preto. Os outros ele pôs

cuidadosamente de lado, separados dos demais papéis sobre a mesa.

— Houve um terrível mal-entendido, meu caro Ezio — explicou ele, tirando os óculos. — É verdade que foram feitas alegações sérias, e que um julgamento foi marcado para amanhã de manhã, mas parece que alguém pode ter sido excessivamente zeloso, talvez por ter suas próprias razões. Mas não se preocupe, vou esclarecer tudo.

Ezio mal se atreveu a acreditar nele.

— Como?

— Os documentos que você me deu contêm provas de uma conspiração contra seu pai e contra a cidade. Apresentarei esses papéis na audiência amanhã, e Giovanni e seus irmãos serão libertados. Garanto.

O alívio inundou o jovem, que segurou a mão do gonfaloneiro.

— Como posso lhe agradecer?

— Administrar a justiça é meu trabalho, Ezio. Eu o levo muito a sério, e... — por uma fração de segundo, ele hesitou. — Seu pai é um de meus melhores amigos. — Alberti sorriu. — Mas que modos são os meus? Nem lhe ofereci um copo de vinho. — Ele fez uma pausa. — E onde irá passar a noite? Ainda tenho alguns negócios urgentes para tratar, mas meus criados lhe providenciarão comida, bebida e uma cama quente.

* * *

Na hora, Ezio não soube por que recusou uma oferta tão gentil.

Passava e muito da meia-noite quando ele deixou a mansão do gonfaloneiro. Recolocou o capuz e vagou pelas ruas, tentando ordenar os pensamentos. No momento, sabia aonde seus pés o estavam levando.

Ao chegar lá, ele subiu até a sacada com mais facilidade do que um dia tinha imaginado ser possível — talvez a urgência tivesse dado força a seus músculos — e bateu suavemente nas venezianas, chamando em voz baixa:

— Cristina! *Amore!* Acorde! Sou eu.

Esperou, silencioso como um gato, e ouviu. Pôde escutá-la se mexendo e se levantando. Depois veio sua voz, assustada, do outro lado das venezianas.

— Quem é?

— Ezio.

Ela abriu rapidamente as venezianas.

— O que foi? O que aconteceu?

— Deixe-me entrar. Por favor.

Sentado na cama, ele lhe contou toda a história.

— Eu sabia que algo estava errado — disse ela. — Meu pai parecia perturbado hoje à noite. Mas parece que tudo vai ficar bem.

— Preciso que me deixe passar a noite aqui, mas não se preocupe, vou embora antes de amanhecer, e tenho de deixar algo com você por segurança. — Ele desprendeu sua bolsa e colocou-a entre os dois. — Preciso confiar em você.

— Oh, Ezio, claro que sim.

Ele caiu em um sono agitado nos braços dela.

4

Era uma manhã cinza e nublada, e a nuvem que pairava sobre a cidade a oprimia com um calor úmido. Ezio chegou na Piazza della Signoria e viu, para sua grande surpresa, que uma multidão já estava reunida ali. Uma plataforma tinha sido erguida e sobre ela havia uma mesa coberta de brocado pesado com os brasões da cidade. Atrás da mesa estavam Uberto Alberti e um homem alto e forte, com nariz adunco e olhos cuidadosos e astutos, vestido em um traje de rico carmesim — um estranho, pelo menos para Ezio. Mas a visão dos outros ocupantes da plataforma chamou sua atenção: seu pai e seus irmãos, todos acorrentados; e logo atrás deles uma construção alta com uma viga da qual pendiam três laços.

Ezio tinha chegado na praça carregado de um otimismo ansioso — não tinha o gonfaloneiro lhe dito que hoje estaria tudo resolvido? Agora seus sentimentos mudaram. Algo estava errado, muito errado. Tentou abrir caminho para a frente, mas não conseguiu passar pela multidão. Sentiu a ameaça da claustrofobia. Tentando desesperadamente se acalmar, racionalizar suas ações, ele parou, cobriu a cabeça com o capuz e ajustou a espada ao cinto. Com certeza Alberti não o desapontaria? Mas durante todo o tempo ele percebeu que o homem alto, um espanhol a julgar por suas roupas, seu rosto e a cor de sua pele, vasculhava a multidão com aqueles olhos penetrantes. Quem era ele? Por que ele fazia Ezio se lembrar de alguma coisa? Será que já o tinha visto em algum lugar antes?

O gonfaloneiro, resplandecente na roupa de seu ofício, ergueu os braços para acalmar o povo, que na mesma hora caiu em silêncio.

— Giovanni Auditore — disse Alberti em um tom autoritário que, para o

ouvido aguçado de Ezio, não conseguiu esconder um tom de medo. — O senhor e seus cúmplices são acusados do crime de traição. Possuem alguma prova para negar esta acusação?

Giovanni pareceu ao mesmo tempo surpreso e inquieto.

— Sim, está tudo nos documentos que foram entregues ao senhor na noite passada.

Mas Alberti retrucou:

— Não sei de nenhum documento, Auditore.

Ezio percebeu então que aquele era um julgamento de fachada, mas não podia entender o que parecia ser uma traição profunda da parte de Alberti. Ele gritou:

— Mentira!

Mas sua voz foi abafada pelo estrondo da multidão. Ele lutou para chegar mais perto, empurrando para o lado alguns cidadãos irritados, mas havia tanta gente que ele ficou preso ali no meio.

Alberti tornou a falar:

— As provas contra o senhor foram reunidas e examinadas. São irrefutáveis. Na ausência de comprovação do contrário, sou obrigado por meu ofício a proclamar o senhor e seus cúmplices, Federico e Petruccio, e, *in absentia*, seu filho Ezio, *culpados* do crime pelo qual foram acusados. — Fez uma pausa enquanto a multidão mais uma vez caía em silêncio. — Portanto, eu os condeno todos à morte, sentença que deverá ser executada imediatamente!

A multidão voltou a se agitar. A um sinal de Alberti, o carrasco preparou os laços, enquanto dois de seus assistentes levavam primeiro o pequeno Petruccio, que lutava para não chorar, até a forca. A corda foi colocada ao redor de seu pescoço enquanto ele rezava rapidamente e o padre que assistia sacudia água benta sobre a sua cabeça. Então o carrasco puxou uma alavanca no cadafalso e o garoto ficou pendurado, chutando o ar até por fim ficar imóvel.

— Não! — balbuciou Ezio, mal conseguindo acreditar no que estava vendo. — Não, Deus, por favor não! — Mas suas palavras ficaram entaladas na garganta, superadas pela dor da perda.

Federico foi o próximo, berrando que ele e a família eram inocentes e lutando em vão para se soltar dos guardas que o arrastavam em direção à forca.

Ezio, agora extremamente agitado, tentou mais uma vez em desespero se aproximar e viu uma única lágrima correr pela face pálida do pai. Horrorizado, Ezio viu seu irmão mais velho e melhor amigo se sacudir na ponta da corda — demorou mais tempo para ele deixar esse mundo do que havia demorado para Petruccio, mas por fim ele também acabou imóvel, oscilando sobre o cadafalso; era possível ouvir a viga de madeira ranger no silêncio. Ezio lutou para acreditar: será que aquilo realmente podia estar acontecendo?

A multidão começou a murmurar, mas então uma voz firme a silenciou. Giovanni Auditore estava falando.

— O traidor é você, Uberto. Você, um de meus parceiros e amigos mais próximos, a quem confiei a vida! E sou um estúpido. Não percebi que você era um *deles*! — Nesse ponto ele aumentou o tom da voz para um grande grito de angústia e raiva: — Você pode tirar nossas vidas hoje, mas não se esqueça: vamos arrancar a *sua* em troca!

Ele abaixou a cabeça e ficou em silêncio. Um silêncio profundo, interrompido apenas pelas preces murmuradas do padre. Em seguida Giovanni Auditore andou com dignidade até a forca e encomendou sua alma à última grande aventura que ela iria viver.

Ezio de início estava chocado demais para sentir dor. Era como se um enorme punho de ferro o tivesse acertado. Mas, quando o cadafalso se abriu sob Giovanni, ele não conseguiu se conter.

— *Pai!* — gritou, com a voz embargada.

Na mesma hora os olhos do espanhol o encontraram. Haveria algo de sobrenatural na visão daquele homem, por tê-lo identificado no meio de uma multidão daquelas? Como se em câmera lenta, Ezio viu o espanhol se inclinar na direção de Alberti, sussurrar algo e apontar.

— Guardas! — berrou Alberti, também apontando. — Ali! Tem outro deles ali! Atrás dele!

Antes que a multidão pudesse reagir e contê-lo, Ezio já tinha forçado passagem até o canto, socando qualquer um que barrasse sua passagem. Um guarda já o esperava. Ele agarrou Ezio, puxando-lhe o capuz. Agindo como se por instinto, Ezio se soltou e sacou a espada com uma das mãos, agarrando o guarda pela garganta com a outra. A reação de Ezio tinha sido mais rápida do

que o guarda esperara, e, antes que ele pudesse erguer o braço para se defender, Ezio apertou ainda mais sua garganta e o punho da espada e, com um único movimento rápido, abriu o corpo do guarda, de modo que os intestinos vazaram sob sua túnica para o chão com calçamento de pedra. Ele atirou o corpo para o lado e se virou para a plataforma, olhando fixamente para Alberti.

— Eu vou matá-lo por isso! — berrou, com a voz cheia de ódio.

Porém, outros guardas já se aproximavam. Ezio, dominado pelo instinto de sobrevivência, saiu correndo em direção à relativa segurança das ruelas fora da praça. Para seu espanto, viu mais dois guardas, vindo rápidos, tentando impedir sua passagem.

Confrontaram-se nos limites da praça. Os dois guardas o encararam, bloqueando sua fuga, e os outros se aproximaram por trás. Ezio lutou com ambos freneticamente. Então, uma manobra errada para se defender de um deles arrancou-lhe a espada. Com medo de que fosse o fim, Ezio se virou para fugir dos agressores — mas, antes de poder fazer isso, algo impressionante aconteceu. Da rua estreita para a qual se dirigia, a poucos metros dali, surgiu um homem mal-vestido. Com a velocidade de um raio ele surpreendeu os dois guardas por trás e, com uma adaga comprida, cortou profundamente embaixo das axilas dos braços que seguravam as espadas, destroçando e inutilizando os tendões. Ele se movimentava tão rápido que Ezio mal conseguia acompanhar seus movimentos enquanto ele recuperava a espada caída do jovem e a devolvia. De repente, Ezio o reconheceu e sentiu mais uma vez o fedor de cebola e alho. Naquele momento, nem as rosas damascenas teriam perfume mais doce.

— Saia daqui — disse o homem; e então também sumiu.

Ezio saiu correndo pela rua e virou em alguns becos e vielas que conhecia intimamente de suas noitadas com Federico. O clamor da perseguição atrás dele se dissolveu. Ele foi até o rio e encontrou abrigo na cabana abandonada de um vigia, atrás de um dos armazéns que pertenciam ao pai de Cristina.

Caindo sobre uma pilha de sacos descartados, sentiu todo o seu corpo começar a tremer. Seu mundo tinha acabado de ser destruído. Seu pai... Federico... e, Deus, não, o pequeno Petruccio... todos se foram, todos mortos, todos assassinados. Segurando a cabeça nas mãos, caiu no choro — incapaz de controlar a explosão de tristeza, medo e ódio. Somente depois de várias horas é

que Ezio conseguiu tirar as mãos do rosto. Seus olhos estavam injetados, um sentimento inflexível de vingança os atravessava. Naquele momento, Ezio soube que sua vida anterior havia acabado — Ezio, o garoto, não existia mais. Dali por diante, sua vida estava baseada em um único objetivo: vingança.

Bem mais tarde naquele mesmo dia, sabendo muito bem que os guardas ainda deviam estar incansavelmente à sua procura, ele voltou para a mansão da família de Cristina por becos obscuros. Não queria colocá-la em perigo, mas precisava recuperar a bolsa com seus conteúdos preciosos. Esperou em um esconderijo escuro que fedia a urina e não se mexeu nem quando ratos correram pelos seus pés, até que uma luz na janela dela o avisou que ela havia se recolhido a seus aposentos.

— Ezio! — gritou ela quando o viu em sua sacada. — Graças a Deus você está vivo. — O rosto dela se encheu de alívio, mas por pouco tempo, pois logo foi substituído pela tristeza. — Seu pai, seus irmãos... — Ela não conseguiu terminar a frase e abaixou a cabeça.

Ezio a envolveu em seus braços, e por vários minutos apenas ficaram ali abraçados.

Por fim, ela quebrou o silêncio:

— Você é louco! O que ainda está fazendo em Florença?

— Tenho assuntos para resolver — respondeu ele, com raiva. — Mas não posso ficar aqui muito tempo, o risco é grande demais para sua família. Se pensarem que você está me protegendo...

Cristina ficou quieta.

— Me dê minha bolsa e eu vou embora.

Ela foi buscá-la, mas antes de entregá-la, disse:

— E sua família?

— Este é meu primeiro dever: enterrar meus mortos. Não posso deixar que sejam atirados em uma vala de cal como criminosos comuns.

— Eu sei para onde os levaram.

— Como?

— A cidade falou sobre isso o dia inteiro. Mas ninguém estará lá agora. Estão perto da Porta San Niccolò junto com os corpos dos indigentes. Há uma

vala preparada, e as carroças de cal virão de manhã. Oh, Ezio...!

Ezio falou com calma, mas seriamente:

— Preciso providenciar que meu pai e meus irmãos tenham uma despedida deste mundo à altura. Não posso oferecer a eles uma missa de réquiem, mas posso poupar seus corpos da indignidade.

— Vou com você!

— Não! Você entende o que aconteceria se apanhassem você comigo?

Cristina baixou os olhos.

— Preciso também providenciar para que minha mãe e minha irmã estejam em segurança, e devo a minha família mais uma morte. — Hesitou. — Então irei embora. Talvez para sempre. A questão é: você virá comigo?

Ela recuou, e ele viu uma multidão de emoções confusas em seus olhos. O amor estava ali, profundo e duradouro, mas Ezio havia se tornado muito mais velho do que ela desde que a abraçara pela primeira vez. Ela ainda era uma menina. Como poderia esperar que ela fizesse tamanho sacrifício?

— Eu quero, Ezio, você sabe o quanto... mas minha família... isso mataria os meus pais...

Ezio olhou-a com gentileza. Embora tivessem a mesma idade, sua experiência recente o tornara subitamente muito mais maduro do que ela. Agora ele já não tinha mais família com que contar, apenas responsabilidade e dever, e era difícil.

— Fiz mal em perguntar. E quem sabe um dia, talvez, quando tudo isso passar... — Ele levou as mãos ao pescoço e, das dobras da gola, puxou um pingente de prata pesado preso a uma fina corrente de ouro. Retirou-o. O pingente tinha um desenho simples: apenas um A, a letra inicial do nome de sua família. — Quero que fique com isto. Por favor, aceite.

Com mãos trêmulas ela o aceitou, chorando baixinho. Olhou para o pingente, depois para ele, para agradecer-lhe, para dar mais alguma desculpa.

Mas ele já tinha sumido.

Na margem sul do Arno, perto da Porta San Niccolò, Ezio descobriu o local exposto onde os corpos estavam empilhados perto de uma enorme vala. Dois guardas com aparência de dar pena, pelo visto recrutas inexperientes,

patrulhavam ali perto, mais arrastando que carregando suas alabardas. A visão de seus uniformes despertou a raiva de Ezio e seu primeiro instinto foi matá-los, mas já tinha visto mortes demais naquele dia e aqueles eram apenas garotos camponeses que só vestiram os uniformes em busca de algo melhor na vida. Seu coração se apertou quando viu os corpos do pai e dos irmãos perto da beirada da vala, ainda com os laços ao redor dos pescoços machucados, mas percebeu que, assim que os guardas caíssem no sono, o que certamente logo fariam, seria possível arrastá-los para a margem do rio, onde havia preparado um barco aberto carregado com lenha.

Eram mais ou menos três horas da manhã e a primeira luz tênue da aurora já manchava o céu a leste quando ele completou sua tarefa. Ficou em pé sozinho na margem do rio, observando o barco que carregava os corpos em chamas de seus parentes ser levado devagar pela corrente em direção ao mar. Observou o barco até que a luz do fogo tremulasse a distância...

Voltou para a cidade. Uma decisão dura havia superado sua dor. Ainda havia muito o que fazer, mas primeiro ele precisava descansar. Voltou à cabana do vigia e tentou ficar o mais confortável que pôde. Não podia se negar um pouco de sono, mas mesmo dormindo, Cristina não saía de seus pensamentos, nem de seus sonhos.

Ele sabia mais ou menos onde ficava a casa da irmã de Annetta, embora nunca tivesse ido até lá, nem conhecido Paola. Porém, Annetta tinha sido sua ama de leite e ele sabia que, ainda que não pudesse confiar em mais ninguém, poderia confiar nela. Perguntou-se se ela saberia — provavelmente sim — do destino que sucedera a seu pai e seus irmãos, e se havia contado a sua mãe e sua irmã.

Aproximou-se da casa com muito cuidado, usando um caminho discreto e cobrindo a maior distância que pôde andando agachado sobre os telhados — tudo para evitar as ruas agitadas onde, ele tinha certeza, Uberto Alberti colocara seus homens caçando-o. Ezio não conseguia afastar da cabeça a traição de Alberti. A que facção seu pai tinha se referido na forca? O que poderia induzir Alberti a matar um de seus aliados mais próximos?

A casa de Paola ficava em uma rua ao norte da catedral, Ezio sabia. Mas, ao chegar lá, não sabia qual das casas era a certa. Havia poucas placas de

identificação penduradas nas edificações, e ele não podia se dar ao luxo de desperdiçar tempo caso fosse reconhecido. Estava prestes a ir embora quando viu Annetta em pessoa vindo da direção da Piazza San Lorenzo.

Puxando o capuz para que o rosto ficasse sombreado, foi até ela, obrigando-se a andar em ritmo normal e esforçando-se ao máximo para se misturar com os outros cidadãos que iam cuidar de seus afazeres. Passou por Annetta e ficou grato ao ver que ela não deu nenhum sinal de tê-lo reconhecido. Alguns metros adiante, deu meia-volta e se pôs a andar logo atrás dela.

— Annetta...

Ela teve a inteligência de não se virar.

— Ezio. Você está a salvo.

— Eu não diria isso. E minha mãe e minha irmã estão...?

— Elas estão protegidas. Ah, Ezio, coitado de seu pai. E de Federico. E... — ela conteve um soluço — ...do pequeno Petruccio. Acabo de vir de San Lorenzo. Acendi uma vela a santo Antônio por eles. Dizem que o duque logo vai voltar. Talvez...

— Minha mãe e Maria sabem o que aconteceu?

— Achamos melhor esconder esse fato delas.

Ezio pensou por um instante.

— É melhor. Eu lhes conto quando chegar a hora. — Fez uma pausa. — Você me levaria até elas? Não consegui identificar a casa de sua irmã.

— Estou indo para lá agora. Fique por perto e me siga.

Ele ficou um pouco para trás, mas sem perdê-la de vista.

O local onde ela entrou tinha a fachada sombria e semelhante à de um forte, tal como vários dos edifícios solenes de Florença, mas, quando entrou, Ezio ficou surpreso. Não era bem o que havia esperado.

Ele se viu em um ambiente amplo, ricamente decorado e com pé-direito alto. Era escuro e o ar estava pesado. Tapeçarias de veludo vermelho-escuras e marrons cobriam as paredes, intercaladas com tapeçarias orientais que mostravam cenas de prazer sexual e luxo inequívoco. A sala estava iluminada por velas, e o cheiro de incenso pairava no ar. A mobília consistia principalmente em divãs cobertos de almofadas de brocado caro e mesas baixas nas quais havia bandejas com jarros de prata cheios de vinho, copos venezianos e tigelas de ouro

com doces. Porém, o mais surpreendente eram as pessoas na sala. Havia uma dúzia de lindas garotas vestidas com roupas de seda e cetim verde e amarelo cortadas ao estilo florentino, mas cujas saias ficavam bem acima do joelho e cujos decotes não deixavam nada para a imaginação, a não ser a promessa de onde não deveria se aventurar. Ao redor de três das paredes do ambiente, sob as tapeçarias, era possível ver diversas portas.

Ezio olhou em volta, de certa maneira sem saber *para onde* olhar.

— Tem certeza de que é aqui mesmo? — perguntou a Annetta.

— *Ma certo!* E aqui está minha irmã para nos receber.

Uma mulher elegante que devia ter uns quarenta anos, mas parecia dez anos mais jovem, tão linda quanto qualquer *principessa* e mais bem-vestida que a maioria, se dirigia do meio da sala até eles. Havia uma tristeza velada em seus olhos, o que de alguma maneira aumentava a carga sexual que ela transmitia, e Ezio, apesar de tudo o mais que ocupava sua mente, viu-se excitado.

Ela lhe estendeu a mão de dedos compridos e cheios de joias.

— É um prazer conhecê-lo, *Messere* Auditore. — Ela o olhou com aprovação. — Annetta fala muito bem do senhor. E agora posso ver por quê.

Ezio, corando contra sua vontade, respondeu:

— Aprecio suas palavras gentis, *Madonna*...

— Por favor, me chame de Paola.

Ezio fez uma reverência.

— Mal posso expressar o tamanho de minha gratidão por você estender sua proteção a minha mãe e minha irmã, Mado... quero dizer, Paola.

— Era o mínimo que eu poderia fazer.

— Elas estão aqui? Posso vê-las?

— Não estão aqui. Não seria lugar para elas, e além disso alguns de meus clientes possuem altos cargos no governo da cidade.

— Então este lugar é, perdoe-me, o que estou pensando que é?

Paola riu.

— Claro! Mas, espero, bastante diferente daqueles prostíbulos perto do cais! Na verdade está cedo demais para os negócios, mas gostamos de estar preparadas, sempre existe a chance de um cliente ocasional dar uma passada a caminho do escritório. O senhor veio na hora certa.

— Onde está minha mãe? E Claudia?

— Estão a salvo, Ezio; mas é arriscado demais levá-lo para vê-las agora, e não podemos comprometer a segurança delas. — Ela o conduziu até um sofá e se sentou ao seu lado. Annetta, enquanto isso, desapareceu no interior da casa, para cuidar de algum assunto particular.

— Acho que é melhor — prosseguiu Paola — que o senhor saia de Florença com elas na primeira oportunidade. Mas o senhor precisa descansar primeiro. Precisa recuperar as forças, pois tem um caminho longo e árduo à sua frente. Talvez quisesse...

— É muito gentil de sua parte, Paola — interrompeu-a com gentileza —, e sua sugestão é acertada. Mas agora não posso ficar.

— Por quê? Para onde está indo?

Durante a conversa, Ezio foi se acalmando, enquanto todos os pensamentos desenfreados colidiam uns com os outros. Por fim ele conseguiu afastar seu choque e seu medo, pois tinha chegado a uma decisão e encontrado um propósito, ambos irrevogáveis.

— Vou matar Uberto Alberti — disse-lhe.

Paola pareceu preocupada.

— Entendo seu desejo de vingança, mas o gonfaloneiro é um homem poderoso e você não é um assassino por natureza, Ezio...

“O destino está me transformando em um”, pensou ele, mas disse, o mais educadamente possível, pois estava convencido de sua missão:

— Poupe-me do sermão.

Paola o ignorou e completou sua frase:

— ...mas posso transformá-lo em um.

Ezio lutou contra a desconfiança.

— E por que me ensinaria a matar?

Ela balançou a cabeça.

— Para ensiná-lo a sobreviver.

— Não tenho certeza se preciso de algum treinamento de sua parte.

Ela sorriu.

— Sei como se sente, mas por favor permita-me aperfeiçoar as habilidades que, tenho certeza, você possui naturalmente. Pense em meu ensino como uma

arma extra em seu arsenal.

Ela começou o treinamento naquele mesmo dia: recrutou as garotas que não estavam trabalhando e os servos de sua confiança para ajudá-la. No jardim de muros altos atrás da casa, organizou as vinte pessoas em cinco grupos de quatro. Elas então começaram a andar pelo jardim, passando umas pelas outras, rindo e conversando. Algumas das garotas lançavam olhares atrevidos para Ezio e sorriam. Mas Ezio, que ainda carregava sua bolsa preciosa ao longo do corpo, estava imune aos seus encantos.

— Veja bem — disse-lhe Paola —, a discrição é algo supremo em minha profissão. Precisamos ser capazes de andar livremente pelas ruas, sendo vistas, mas ao mesmo tempo não sendo. Você também deve aprender como se misturar adequadamente como nós e sumir no meio da multidão da cidade. — Ezio estava prestes a protestar, mas ela ergueu uma das mãos. — Eu sei! Annetta me disse que você não se comporta mal, mas precisa aprender mais coisas do que acredita. Quero que escolha um grupo e tente se misturar com ele. Não quero ser capaz de discernir você entre eles. Lembre-se do que quase aconteceu com você no dia da execução.

Aquelas palavras duras feriram Ezio, mas a tarefa não lhe pareceu tão difícil, desde que usasse a discrição. Porém, ante o olhar impiedoso dela, ele descobriu que a coisa era mais difícil do que tinha imaginado. Acabava esbarrando desajeitado em alguém, ou tropeçando, e com isso às vezes fazia as garotas ou os servos de seu grupo se afastarem dele, deixando-o exposto. O jardim era um lugar agradável, luxuriante e banhado pelo sol, em que os pássaros cantavam nas árvores ornamentais, mas na mente de Ezio ele tinha se tornado um labirinto de ruas hostis onde cada passante era um inimigo em potencial. E ele sempre era provocado pelas críticas persistentes de Paola: “Cuidado! Você não pode ir se apressando assim para o meio deles!” “Tenha mais respeito com minhas garotas! Pise com cuidado quando estiver perto delas!” “Como você espera se misturar às pessoas quando está tão ocupado trombando com elas?” “Ah, Ezio! Eu esperava mais de você!”

Mas, por fim, no terceiro dia, os comentários cortantes se tornaram menos frequentes, e na manhã do quarto dia ele conseguiu passar bem debaixo do nariz

de Paola sem que ela piscasse. E de fato, depois de quinze minutos sem dizer nada, Paola gritou:

— Certo, Ezio, desisto! Onde está você?

Satisfeito consigo mesmo, ele saiu do meio de um grupo de garotas — era o próprio modelo de um dos jovens criados do sexo masculino. Paola sorriu e bateu palmas, e os outros se juntaram a ela.

Mas o trabalho não terminou aí.

— Agora que aprendeu a se misturar à multidão, vou lhe mostrar como usar sua recém-descoberta habilidade... para roubar — disse Paola na manhã do dia seguinte.

Ezio empacou ao ouvir isso, mas ela explicou:

— É uma habilidade essencial para a sobrevivência, da qual você pode precisar em sua jornada. Um homem não é nada sem dinheiro, e nem sempre você estará em posição de ganhá-lo honestamente. Sei que você nunca tiraria nada de alguém que estivesse precisando, ou de um amigo. Pense nisso como a lâmina no canivete, que você quase nunca usa, embora seja bom saber que ela está lá.

Aprender a ser mão-leve foi muito mais difícil. Ele conseguia se aproximar sem problemas de uma garota, mas assim que sua mão se fechava na bolsa em sua cintura, ela gritava "*Al ladro!*" e fugia dele. Quando conseguiu roubar pela primeira vez algumas moedas, ficou onde estava por um momento, triunfante, e então sentiu uma mão pesada em seu ombro.

— *Ti arresto!* — disse o criado que fazia o papel de guarda da cidade, sorrindo.

Mas Paola não sorriu.

— Depois que roubar alguém, Ezio — ela disse —, você não pode ficar por perto.

Agora, porém, estava aprendendo rápido, e começando a gostar da necessidade de adquirir as habilidades que vinha aprendendo para completar com sucesso a sua missão. Depois de conseguir roubar dez garotas, sendo que as cinco últimas nem Paola tinha notado, ela declarou que a aula tinha terminado.

— De volta ao trabalho, meninas! — disse Paola. — A brincadeira acabou.

— Ah, precisamos mesmo voltar? — murmuraram elas relutantemente,

enquanto se afastavam de Ezio. — Ele é tão bonitinho, tão inocente...

Mas Paola foi irredutível.

Ela deu um passeio sozinha com ele no jardim. Como sempre, ele mantinha uma das mãos sobre sua bolsa.

— Agora que você aprendeu a se aproximar do inimigo — disse ela —, precisamos encontrar uma arma adequada para você, algo bem mais sutil do que uma espada.

— Certo, mas o que quer que eu use?

— Ora, você já tem a resposta! — E ela lhe mostrou a lâmina quebrada e o braçal que Ezio havia pegado no baú do pai e que até aquele momento acreditava estarem bem escondidos dentro de sua bolsa. Chocado, ele a abriu e revirou. De fato não estavam mais lá.

— Paola! Como foi que...

Ela riu.

— ...que eu peguei isso? Usando as mesmas habilidades que acabei de lhe ensinar. Existe mais uma liçãozinha para você. Agora que aprendeu a ser um mão-leve, também precisa aprender a se prevenir de gente que sabe fazer a mesma coisa!

Ezio olhou com tristeza para a lâmina partida, que ela tinha lhe devolvido junto com o braçal.

— Há algum tipo de mecanismo neles, mas não está funcionando.

— Ah — comentou ela. — Verdade. Mas acho que já conheceu *Messere* Leonardo, não?

— Da Vinci? Sim, eu o conheci logo antes de... — Ele se interrompeu, obrigando-se a não pensar naquela lembrança dolorosa. — Mas como um pintor poderia me ajudar nisso?

— Ele é bem mais do que um pintor. Pode levar esses artefatos para ele. Você vai ver.

Ezio, percebendo o sentido do que ela estava lhe dizendo, fez um sinal concordando e depois disse:

— Antes de ir, posso lhe fazer uma última pergunta?

— Claro.

— Por que me ofereceu sua ajuda assim tão rápido... sendo que sou um

estranho?

Paola lhe deu um sorriso triste. Como resposta, ela subiu uma das mangas de seu vestido, revelando um antebraço de pele clara e delicada, cuja beleza estava desfigurada por cicatrizes feias e compridas em ziguezague. Ezio olhou aquilo e entendeu. Em algum momento da sua vida, aquela dama tinha sido torturada.

— Eu também já conheci a traição — disse Paola.

Então Ezio se deu conta sem hesitação de que havia conhecido alguém igual a ele.

5

A luxuosa Casa dos Prazeres de Paola não era longe das ruas vicinais agitadas onde ficava o ateliê de Leonardo, mas Ezio precisou atravessar a ampla e movimentada Piazza del Duomo, e ali suas recém-adquiridas habilidades de se misturar à multidão se provaram especialmente úteis. Fazia bem uns dez dias desde as execuções e era provável que Alberti pensasse que Ezio já havia deixado Florença, mas ele não queria arriscar — nem tampouco Alberti, a julgar pela quantidade de guardas a postos na praça e ao redor dela. Devia haver agentes à paisana por ali também. Ezio manteve a cabeça bem baixa, especialmente ao passar entre a catedral e o Batistério, onde a praça era mais movimentada. Passou pelo campanário de Giotto, que havia dominado a cidade por quase 150 anos, e pelo enorme domo vermelho da catedral, feito por Brunelleschi, que só o completara havia quinze anos, sem vê-los. Porém, estava ciente dos grupos de turistas franceses e espanhóis olhando para cima cheios de surpresa e admiração genuínas, e uma pequena explosão de orgulho de sua cidade tomou seu coração. Mas será que a cidade continuava sendo sua, afinal?

Afastando os pensamentos tristes, ele se dirigiu rapidamente até o lado sul da praça, para o ateliê de Leonardo. O mestre estava em casa, disseram-lhe, no jardim dos fundos. O estúdio estava ainda mais caótico do que antes, embora parecesse haver certa ordem naquela loucura. Os artefatos que Ezio havia notado na visita anterior pareciam ter se multiplicado, e no teto estava pendurado um estranho aparelho de madeira que mais parecia um esqueleto de morcego em escala maior. Em um dos cavaletes um enorme pergaminho preso a uma tábua mostrava um desenho de nó celta enorme e impossivelmente intrincado — em

um dos cantos havia algum indecifrável rabisco de Leonardo. Além de Agniolo agora havia outro assistente, Innocento, e os dois estavam tentando colocar alguma ordem no ateliê, catalogando os objetos a fim de esclarecer o que havia ali.

— Ele está no quintal dos fundos — disse Agniolo a Ezio. — Pode ir. Ele não vai se importar.

Ezio encontrou Leonardo entretido em uma atividade curiosa. Era possível comprar pássaros canoros em gaiolas em qualquer lugar de Florença. As pessoas os penduravam nas janelas por prazer e, quando as aves morriam, simplesmente as substituíam por outras. Leonardo estava rodeado de uma dúzia dessas gaiolas e, enquanto Ezio observava, selecionou uma, abriu a pequenina porta, ergueu a gaiola e observou o pássaro, um milheiro no caso, encontrar a entrada, passar por ela e voar. Leonardo observou sua partida com entusiasmo e estava se virando para pegar outra gaiola quando notou Ezio parado ali.

Ele sorriu de forma triunfante e calorosa ao vê-lo e o abraçou. Então seu rosto ficou grave.

— Ezio! Meu amigo. Não esperava vê-lo aqui, depois do que você passou. Mas seja bem-vindo, seja bem-vindo. Espere só um instante, não vai demorar.

Ezio o assistiu libertando um por um dos vários melros, dom-fafes, cotovias e rouxinóis, estes bem mais caros, observando cada um deles com grande cuidado.

— O que está fazendo? — quis saber Ezio, curioso.

— Toda vida é preciosa — respondeu Leonardo, com simplicidade. — Não consigo suportar ver criaturas como eu presas assim só porque têm vozes bonitas.

— É só por isso que as está libertando? — Ezio suspeitava de algum motivo oculto.

Leonardo sorriu, mas não deu nenhuma resposta direta.

— Não como mais carne também. Por que algum pobre animal deveria morrer apenas porque achamos seu gosto bom?

— Desta forma não haveria mais trabalho para os fazendeiros.

— Eles poderiam plantar milho.

— Imagine que chato seria. E haveria um excesso de oferta, seja como for.

— Ah, tinha esquecido que você é um *finanziatore*. E também esqueci meus bons modos: o que o traz aqui?

— Preciso de um favor, Leonardo.

— Como lhe posso ser útil?

— Existe algo que eu... herdei de meu pai e que gostaria que você consertasse, se pudesse.

Os olhos de Leonardo se iluminaram.

— Claro. Venha por aqui. Vamos usar minha sala interna, os garotos estão remexendo tudo no estúdio, como sempre. Eu às vezes me pergunto por que os contratei!

Ezio sorriu. Estava começando a entender por quê, mas ao mesmo tempo teve a sensação de que o primeiro amor de Leonardo era, e sempre seria, o trabalho.

— Por aqui.

A sala menor e interna de Leonardo era ainda mais desarrumada que o ateliê, mas entre os montes de livros e espécimes, e papéis cobertos de rabiscos indecifráveis, o artista, como sempre, e de modo incongruente, impecavelmente vestido e perfumado, empilhou algumas das coisas com cuidado para liberar espaço na grande mesa de trabalho.

— Desculpe a confusão — disse ele. — Mas finalmente temos um oásis! Vejamos o que trouxe para mim. A menos que queira antes um copo de vinho?

— Não, não.

— Ótimo — disse Leonardo, ansioso. — Vejamos então!

Ezio cuidadosamente retirou da bolsa a lâmina, o braçal e o mecanismo, que ele havia enrolado na misteriosa página de pergaminho que estivera no mesmo baú. Leonardo tentou em vão juntar os pedaços daquele mecanismo, mas não conseguiu, e por um momento pareceu entrar em desespero.

— Não sei, Ezio — explicou. — Este mecanismo é muito, muito antigo, mas também é bastante sofisticado: sua construção está à frente até mesmo do nosso tempo. Fascinante. — Ele olhou para cima. — Com certeza nunca vi algo do tipo. Mas receio não poder fazer muita coisa sem ver os planos originais.

Então ele voltou a atenção para a página de pergaminho, que havia apanhado para voltar a embrulhar os pedaços.

— Espere um pouco! — gritou, quebrando aquela reflexão. Então colocou de lado a lâmina partida e o braçal, desenrolou sobre a mesa a página e, olhando para ela, começou a vasculhar entre uma fileira de livros velhos e manuscritos de uma prateleira ali perto. Depois de encontrar os dois que queria, colocou-os sobre a mesa e começou a folheá-los cuidadosamente.

— O que está fazendo? — perguntou Ezio, ligeiramente impaciente.

— É muito interessante — disse Leonardo. — Parece muito com a página de um códex.

— Um o quê?

— É uma página de um livro antigo. Não foi impresso, é um manuscrito. Muito velho, realmente. Tem mais delas?

— Não.

— Pena. As pessoas não deveriam arrancar páginas dos livros assim. — Leonardo fez uma pausa. — A menos, talvez, que a coisa toda junta...

— O quê?

— Nada. Escute, o conteúdo desta página está em código; mas se minha teoria estiver correta... baseado nesses esboços pode muito bem ser que...

Ezio esperou, mas Leonardo estava perdido em um mundo próprio. Sentou-se e esperou com paciência enquanto Leonardo vasculhava e se debruçava sobre diversos livros e rolos de pergaminho, fazendo referências cruzadas e anotações, tudo naquela caligrafia canhota estranha e espelhada que ele costumava usar. Ezio não era o único, supunha, a dormir com um olho aberto e o outro fechado. Pelo pouco que tinha visto naquele ateliê, se a Igreja soubesse de algumas das coisas que Leonardo estava fazendo, não tinha dúvidas de que seu amigo estaria em maus lençóis.

Por fim Leonardo olhou para cima. Mas àquela altura Ezio já estava começando a cochilar.

— Impressionante — balbuciou Leonardo para si mesmo, e depois em voz mais alta: — Impressionante! Se transpusermos as letras e depois selecionarmos cada três...

Começou a trabalhar, depois de trazer para perto a lâmina, o braçal e o mecanismo. Puxou uma caixa de ferramentas sob a mesa, montou um tornilho e silenciosamente ficou absorto no trabalho. Uma hora se passou, duas... Ezio

agora já estava dormindo tranquilamente, embalado pelo ar abafado do quarto e pelos sons suaves que Leonardo produzia enquanto trabalhava. E finalmente...

— Ezio! Acorde!

— Hã?

— Olhe!

Leonardo apontou para a mesa. A lâmina da adaga, completamente restaurada, tinha sido encaixada no estranho mecanismo, que por sua vez estava preso ao braçal. Tudo estava polido e parecia ter sido feito recentemente, mas nada brilhava.

— Acabamento fosco, foi o que escolhi — disse Leonardo. — Como uma armadura romana. Qualquer coisa que brilhe cintila no sol, e isso iria entregá-lo.

Ezio apanhou a arma e sentiu seu peso nas mãos. Era leve, mas a lâmina resistente tinha um equilíbrio perfeito. Ezio nunca tinha visto nada igual. Uma adaga montada sobre um mecanismo de mola que se escondia acima do pulso. Tudo o que precisava fazer era flexionar a mão e a lâmina saltava, pronta para retalhar ou perfurar, o que o usuário desejasse.

— Achei que você fosse um pacifista — disse Ezio, pensando nos pássaros.

— As ideias têm prioridade — disse Leonardo com decisão. — Quaisquer que elas sejam. Agora — acrescentou, tirando da caixa de ferramentas um martelo e um cinzel. — Você é destro, não é? Ótimo. Então por gentileza coloque seu anular direito nesse bloco.

— O que está fazendo?

— Desculpe, mas é assim que tem de ser. A lâmina foi projetada para garantir o total comprometimento de quem a usar.

— O que quer dizer?

— Só vai funcionar se você não tiver mais esse dedo.

Ezio o olhou, estarrecido. Sua mente relembrou diversas imagens: ele se lembrou da suposta amizade de Alberti com seu pai, de como Alberti mais tarde o confortara após a prisão de seu pai, das execuções, de sua própria missão. Travou a mandíbula.

— Vá em frente.

— Talvez eu devesse usar um cutelo. O corte é mais limpo assim. — Leonardo tirou um de uma gaveta na mesa. — Agora... coloque seu dedo... *così*.

Ezio enrijeceu o corpo enquanto Leonardo erguia o cutelo. Fechou os olhos quando o ouviu descer sobre o bloco de madeira — *clunk!* Mas não sentiu dor. Abriu os olhos. O cutelo estava preso no bloco a centímetros de sua mão, que estava intacta.

— Seu estúpido! — Ezio estava chocado e furioso com aquela brincadeira de mau gosto.

Leonardo ergueu as mãos:

— Calma! Foi só uma brincadeirinha! Cruel, é verdade, mas simplesmente não pude resistir. Queria ver o quanto você estava decidido. Veja bem, antigamente o uso desse mecanismo *realmente* exigia que se fizesse tal sacrifício. Tinha algo a ver com um antigo rito de iniciação, acho. Mas fiz alguns ajustes, de modo que você pode continuar com o seu dedo. Olhe! A lâmina salta bem longe deles, e além disso acrescentei uma guarda que sai quando a lâmina se estende. Você só precisa se lembrar de manter os dedos bem abertos *enquanto* ela estiver saindo! Por isso, pode ficar com o dedo. Mas talvez seja uma boa ideia usar luvas... a lâmina é afiada.

Ezio estava fascinado demais, e grato, para ficar bravo por muito tempo.

— Isso é extraordinário — disse, abrindo e fechando a adaga várias vezes até conseguir cronometrar seu uso perfeitamente. — Incrível.

— É, não é mesmo? — concordou Leonardo. — Tem certeza de que não tem mais nenhuma página igual a essa?

— Desculpe.

— Bom, escute, se encontrar mais alguma, por favor, me traga.

— Tem minha palavra. E quanto lhe devo por...?

— Foi um prazer. Muito instrutivo. Não há...

Foram interrompidos por alguém esmurrando a porta de entrada do estúdio. Leonardo correu até a frente do prédio enquanto Agniolo e Innocento observavam, com medo. A pessoa do lado de fora começou a berrar:

— Abra, são ordens da Guarda Florentina!

— Só um momento! — gritou de volta Leonardo, mas em tom mais baixo disse a Ezio: — Fique aqui.

Então abriu a porta e ficou na frente dela, bloqueando a passagem do guarda.

— O senhor é Leonardo da Vinci? — perguntou o guarda em um tom

autoritário, alto e intimidador.

— O que posso fazer pelo senhor? — disse Leonardo, indo até a rua e obrigando o guarda a recuar.

— Tenho ordens de lhe fazer algumas perguntas.

Leonardo a essa altura havia se movimentado de modo a deixar o guarda de costas para a porta do ateliê.

— Qual o problema?

— Tivemos uma denúncia de que o senhor acaba de ser visto encontrando-se com um conhecido inimigo da cidade.

— Quem, eu? Encontrando-me? Ridículo!

— Quando foi a última vez que o senhor viu ou falou com Ezio Auditore?

— Quem?

— Não banque o engraçadinho comigo. Sabemos que era próximo da família. Vendeu alguns de seus borrões para a matriarca. Será que preciso refrescar um pouco a sua memória?

Então o guarda deu um golpe na barriga de Leonardo com sua alabarda. Com um grito agudo de dor, Leonardo curvou-se e caiu no chão, onde o guarda o chutou.

— E agora, podemos conversar? Não gosto de artistas. Bando de afeminados.

Mas isso dera a Ezio tempo o bastante para sair silenciosamente pela porta e se posicionar atrás do guarda. A rua estava deserta. A nuca suada do guarda estava exposta. Era uma oportunidade tão boa quanto qualquer outra de experimentar o seu novo brinquedo. Ele ergueu a mão, soltou a trava do mecanismo e a lâmina silenciosa disparou. Com um único movimento preciso de sua mão direita, agora aberta, Ezio esfaqueou a lateral do pescoço do guarda. A lâmina recém-amolada estava extremamente afiada e atravessou a jugular do homem sem a menor resistência. O guarda caiu, morto antes mesmo de atingir o chão.

Ezio ajudou Leonardo a se levantar.

— Obrigado — disse o artista, trêmulo.

— Desculpe... não queria matá-lo... mas não havia tempo...

— Às vezes não temos escolha. Mas eu já devia estar acostumado com isso a

essa altura.

— O que quer dizer?

— Eu estava envolvido no caso Saltarelli.

Então Ezio se lembrou. Havia algumas semanas um jovem modelo, Jacopo Saltarelli, tinha sido vítima de uma denúncia anônima de prostituição, e Leonardo, com mais três artistas, foi acusado de contratar seus serviços. O caso tinha sido deixado de lado por falta de provas, mas parte da lama tinha permanecido.

— Mas não condenamos homossexuais por aqui — disse Ezio. — Ora, lembro que os germânicos até têm um apelido para eles: *florenzer.*

— Mesmo assim é oficialmente contra a lei — retrucou Leonardo, secamente. — Você ainda pode ser multado. E com homens como Alberti no comando...

— E o corpo?

— Oh — disse Leonardo. — Que golpe de sorte. Ajude-me a arrastá-lo para dentro antes que alguém nos veja. Vou colocá-lo com os outros.

— Golpe de sorte? Outros?

— A adega é bem fria. Eles se mantêm por uma semana. De vez em quando pego um ou dois cadáveres que ninguém mais quer no hospital. Nada oficial, claro. Mas posso abri-los e estudar um pouco, e isso ajuda na minha pesquisa.

Ezio olhou para o amigo, mais do que curioso.

— O quê?

— Acho que já lhe disse... gosto de descobrir como as coisas funcionam.

Eles arrastaram o corpo para longe de vista, e os dois assistentes de Leonardo levaram-no de modo grosseiro por uma porta, descendo alguns degraus de pedra.

— Mas e se mandarem alguém atrás desse guarda... para descobrir o que aconteceu com ele?

Leonardo deu de ombros.

— Negarei saber de alguma coisa. — Piscou. — Tenho alguns amigos poderosos, Ezio.

Ezio estava confuso. Ele disse:

— Bom, você parece bastante confiante...

— Apenas não comente isso com ninguém.

— Fique tranquilo. E obrigado, Leonardo, por tudo.

— Foi um prazer. E não se esqueça... — Um olhar faminto atravessou seus olhos. — Se encontrar mais páginas desse códex, traga para mim. Quem sabe que outros projetos elas poderão conter?

— Prometo!

Ezio voltou para a casa de Paola com ânimo vitorioso, mas não se esqueceu de se misturar ao anonimato da multidão enquanto atravessava a cidade para o lado norte mais uma vez.

Paola o cumprimentou com certo alívio.

— Você demorou mais tempo do que eu havia esperado.

— Leonardo gosta de conversar.

— Mas ele não fez só isso, espero?

— Ah, não. Olhe! — E com um sorriso infantil lhe mostrou a adaga de pulso, estendendo-a a partir da manga da camisa com um floreio extravagante.

— Impressionante.

— Sim. — Ezio olhou para a adaga com admiração. — Vou precisar de um pouco de prática. Quero conservar todos os meus dedos.

Paola ficou séria.

— Bem, Ezio, parece que você já está preparado. Já lhe ensinei todas as habilidades de que você precisa, Leonardo consertou sua arma. — Ela respirou fundo. — Agora só precisa cumprir aquilo a que se propôs.

— Sim — respondeu Ezio em voz baixa, e sua expressão novamente se obscureceu. — A questão é como me aproximar de *Messere* Alberti.

Paola pareceu pensativa.

— O duque Lorenzo voltou e não está nada contente com as execuções que Alberti ordenou em sua ausência, mas não tem poder para desafiar o gonfaloneiro. Porém, vai haver uma *vernissage* para o último trabalho de mestre Verrocchio no claustro de Santa Croce amanhã à noite. Toda a sociedade florentina estará lá, incluindo Alberti. — Ela o olhou. — Acho que você também deveria ir.

Ezio descobriu que a escultura a ser inaugurada era uma estátua de bronze de Davi, o herói bíblico com quem Florença se identificava, uma vez que a cidade

estava situada entre dois Golias — Roma ao sul e os reis da França, famintos por terra, ao norte. Havia sido encomendada pelos Médici e deveria ser instalada no Palazzo Vecchio. O mestre começara a trabalhar nela três ou quatro anos antes, e havia um boato de que o rosto tinha sido modelado com base em um dos mais belos jovens aprendizes de Verrocchio na época — um certo Leonardo da Vinci. Seja como for, a animação era grande, e as pessoas já estavam conversando sobre o que vestiriam para a ocasião.

Ezio tinha outros assuntos a ponderar.

— Cuide de minha mãe e de minha irmã na minha ausência — pediu a Paola.

— Como se fossem minha própria família.

— E, se alguma coisa me acontecer...

— Tenha fé e nada acontecerá.

Ezio se dirigiu a Santa Croce com bastante antecedência na noite seguinte. Havia passado as horas anteriores se preparando e aperfeiçoando suas habilidades com a nova arma, até estar satisfeito e se considerar proficiente em seu uso. Só pensava na morte do pai e dos irmãos, e o tom cruel da voz de Alberti ao proferir a sentença soava com muita clareza em sua mente.

Ao se aproximar, viu dois homens que reconheceu andando à sua frente, um pouco afastados do pequeno grupo de guarda-costas cujo uniforme exibia um brasão de cinco círculos vermelhos sobre fundo amarelo. Pareciam estar discutindo, e ele se apressou a fim de poder ouvir o que diziam. Pararam em frente ao pórtico da igreja e ele ficou por ali, fora de vista, escutando. Os homens conversavam em tom sigiloso. Um era Uberto Alberti; o outro, um jovem magro com vinte e poucos anos, de nariz proeminente e rosto determinado, estava ricamente vestido com um gorro e manto vermelhos, e, sobre eles, uma túnica cinza-prateada. Era o duque Lorenzo — *Il Magnifico*, como seus súditos o chamavam, para desgosto dos Pazzi e de sua facção.

— Não pode me multar por isso — dizia Alberti. — Agi com base nas informações recebidas e em provas irrefutáveis; agi conforme a lei e conforme os limites de meu dever!

— Não! Você passou dos limites, gonfaloneiro, e aproveitou minha ausência de Florença para isso. Estou mais do que insatisfeito.

— Quem é você para falar em limites? Apoderou-se desta cidade, tornou-se

seu duque sem o consentimento formal da Signoria ou de qualquer um!

— Não fiz isso!

Alberti se permitiu soltar uma gargalhada sarcástica.

— Claro que vai dizer isso! Sempre o inocente! Muito conveniente para você. Você se rodeia em Careggi de homens que a maioria do resto de nós consideraria livres-pensadores perigosos, Ficino, Mirandola e aquele detestável Poliziano! Mas, pelo menos, agora tivemos a chance de ver até onde vai realmente o seu poder... A lugar nenhum, em termos práticos. Isso foi uma lição valiosa para meus aliados e para mim.

— Sim. Seus aliados, os Pazzi. É disso que se trata na verdade, não é?

Alberti observou as próprias unhas detalhadamente antes de responder:

— Tenha cuidado com o que diz, duque. Você pode acabar atraindo o tipo de atenção errada. — Mas ele não parecia tão certo disso.

— Você é quem devia tomar cuidado com o que diz, gonfaloneiro. E sugiro que passe o mesmo conselho a seus associados. Encare isso como um aviso amigável.

Com isso, Lorenzo se afastou com seu guarda-costas na direção do claustro. Após um momento, depois de murmurar alguma maldição entre dentes, Alberti o seguiu. Ezio teve a impressão de que era quase como se os dois homens estivessem xingando um ao outro.

Para a ocasião, os claustros haviam sido envolvidos com pano dourado, que refletia de modo estonteante a luz de centenas de velas. Um grupo de músicos tocava em uma plataforma perto da fonte no meio do local, e em outra estava a estátua de bronze, uma figura de rara beleza com metade do tamanho de um homem real. Quando Ezio entrou, aproveitando as colunas e as sombras para se esconder, viu Lorenzo cumprimentando o artista. Ezio também reconheceu o misterioso homem encapuzado que estivera na plataforma de execução ao lado de Alberti.

A certa distância estava o próprio Alberti, rodeado de membros admiradores da nobreza local. Pelo que pôde ouvir, Ezio entendeu que estavam cumprimentando o gonfaloneiro por livrar a cidade do câncer que era a família Auditore. Nunca imaginara que seu pai tivesse tantos inimigos — tanto quanto amigos — na cidade, mas notou que eles só tinham se atrevido a agir quando o

principal aliado do pai, Lorenzo, estava ausente. Ezio sorriu quando uma das mulheres da nobreza disse a Alberti que esperava que o duque desse valor à sua integridade. Estava claro que Alberti não tinha gostado nem um pouco daquela sugestão. Então Ezio ouviu mais coisas.

— E o outro filho? — perguntou um dos nobres. — Ezio, não é? Fugiu mesmo?

Alberti forçou um sorriso.

— Esse garoto não representa nenhum perigo. Mãos vazias e cabeça mais vazia ainda. Antes do fim da semana será preso e executado.

Os companheiros ao redor riram.

— Então, o que vai ser agora, Uberto? — perguntou outro homem. — O comando da Signoria, talvez?

Alberti abriu as mãos.

— Será como Deus quiser. Meu único interesse é continuar servindo Florença com lealdade e diligência.

— Bem, seja lá o que escolher, saiba que tem nosso apoio.

— Isso é muito gratificante. Veremos o que o futuro traz. — Alberti estava radiante, mas se continha. — E agora, meus amigos, sugiro colocarmos a política de lado e nos dar o prazer de desfrutar dessa obra de arte sublime, tão generosamente doada pelos nobres Médici.

Ezio esperou até os companheiros de Alberti se afastarem na direção do *Davi*. De sua parte, Alberti aceitou uma taça de vinho e observou a cena com uma mistura de satisfação e cautela nos olhos. Ezio sabia que esta era sua chance. Todos os olhos estavam na estátua, perto da qual Verrocchio se esforçava para fazer um pequeno discurso. Ezio deslizou para o lado de Alberti.

— Aquele último elogio deve ter ficado engasgado nesse seu papo — sibilou Ezio. — Mas é muito apropriado que você seja falso até o fim.

Reconhecendo-o, os olhos de Alberti se arregalaram de terror.

— Você!

— Sim, gonfaloneiro. Ezio. Para vingar a morte do pai, seu amigo, e de meus irmãos inocentes.

Alberti ouviu o clique seco de uma mola, um som metálico, e viu a lâmina contra a sua garganta.

— Adeus, gonfaloneiro — disse Ezio friamente.

— Espere — disse Alberti, sufocado. — Em minha posição, você teria feito o mesmo, para proteger quem você ama. Perdoe-me, Ezio, não tive escolha.

Ezio se inclinou mais para perto, ignorando o pedido. Sabia que o homem tivera uma chance — uma chance honrada — e lhe dera as costas.

— Acha que não estou protegendo aqueles que *eu* amo? Que misericórdia você mostraria a minha mãe ou a minha irmã, se pudesse colocar as mãos nelas? E onde estão os documentos do meu pai, que lhe entreguei? Você deve tê-los escondido em um lugar seguro.

— Você jamais vai pegá-los. Eu sempre os carrego comigo!

Alberti tentou empurrar Ezio para longe e tomou fôlego para chamar os guardas, mas Ezio enfiou a adaga em sua garganta e perfurou sua jugular. Agora incapaz até mesmo de gorgolejar, Alberti caiu de joelhos, as mãos instintivamente agarrando o pescoço em uma tentativa inútil de estancar o sangue que cascateava. Enquanto caía de lado, Ezio se inclinou rapidamente e cortou a bolsa do homem de seu cinto. Olhou ali dentro. Alberti, em sua última demonstração de orgulho arrogante, tinha dito a verdade. Os documentos estavam mesmo ali.

Mas agora tudo estava em silêncio. O discurso de Verrocchio tinha sido interrompido quando os convidados começaram a se virar e a olhar, sem compreender ainda o que havia acontecido. Ezio se levantou e os enfrentou.

— Sim! O que estão vendo é real! O que estão vendo é vingança! A família Auditore ainda está viva. Eu continuo aqui! Ezio Auditore!

Ele prendeu a respiração ao mesmo tempo que uma voz de mulher ecoou: assassino!

Então o caos tomou conta do lugar. Os guarda-costas de Lorenzo rapidamente o rodearam, com as espadas desembainhadas. Os convidados corriam de lá para cá, alguns tentando fugir, os mais corajosos ao menos ensaiando uma tentativa de capturar Ezio, embora nenhum realmente ousasse. Ezio notou a figura encapuzada deslizando para as sombras, enquanto Verrocchio ficava ao lado de sua estátua com ar protetor. Mulheres choravam, homens gritavam, e os guardas da cidade invadiram os claustros, incertos de quem deveriam perseguir. Ezio se aproveitou disso e subiu até o telhado do

claustro pela colunata, saltando dele para um jardim abaixo, cujo portão aberto levava até a praça em frente à igreja. Ali uma multidão curiosa já se reunia, atraída pelo som da comoção lá dentro.

— O que está acontecendo? — perguntou alguém a Ezio.

— A justiça foi feita — respondeu Ezio, antes de correr de norte a oeste pela cidade até a segurança da mansão de Paola.

Parou no meio do caminho para checar o conteúdo da bolsa de Alberti. Pelo menos as últimas palavras do homem haviam sido sinceras. Tudo estava ali. E havia algo mais. Uma carta não entregue, escrita por Alberti. Talvez tivesse algo que Ezio ainda não soubesse: ele quebrou o selo e abriu o pergaminho.

Era, porém, uma nota pessoal de Alberti para a esposa. Enquanto lia, Ezio começou pelo menos a entender que tipo de forças podem levar um homem a quebrar sua integridade.

Meu amor,

Coloquei estes pensamentos no papel na esperança de que um dia eu possa ter coragem de dividi-los com você. Com o tempo, você sem dúvida saberá que traí Giovanni Auditore, acusei-o de traição e o condenei à morte. A História provavelmente julgará que esse ato foi motivado pela política e pela ambição, mas você precisa entender que não foi o destino que forçou minha mão, e sim o medo.

Quando os Médici roubaram todas as posses de nossa família, senti medo. Por você. Pelo nosso filho. Pelo futuro. Que esperança existe neste mundo para um homem sem meios? Quanto aos outros, me ofereceram dinheiro, terras e um título em troca de minha colaboração.

E foi assim que traí meu amigo mais próximo. Por mais repulsivo que tenha sido este ato, pareceu necessário no momento.

E mesmo agora, olhando para trás, não consigo ver outro caminho...

Ezio dobrou a carta com cuidado e a recolocou na bolsa. Ele voltaria a selá-la e providenciaria que fosse entregue. Estava decidido a não se inclinar à maldade, jamais.

6

— Está feito — disse ele a Paola simplesmente.

Ela o abraçou por um instante e depois recuou.

— Eu sei. Estou feliz por você estar a salvo.

— Acho que é hora de deixar Florença.

— Para onde você irá?

— O irmão de meu pai, Mario, tem uma propriedade perto de Monteriggioni. Irei para lá.

— Já armaram uma enorme caçada atrás de você, Ezio. Estão colocando cartazes de "procurado" com sua imagem em toda parte. E os oradores públicos já começam a falar contra você. — Ela fez uma pausa, pensativa. — Vou pedir que algumas pessoas de minha confiança arranquem o máximo de cartazes que puderem, e os oradores podem ser subornados para mudar de assunto. — Ela pensou em outra coisa. — E é melhor eu providenciar documentos de viagem para vocês três.

Ezio balançou a cabeça, pensando em Alberti.

— Que mundo é este em que vivemos, em que a crença pode ser manipulada com tanta facilidade?

— Alberti ficou em uma posição que considerava impossível, mas deveria ter resistido. — Ela suspirou. — A verdade é negociada todos os dias. Isso é algo com que você vai precisar se acostumar, Ezio.

Ele segurou as mãos dela entre as suas.

— Obrigado.

— Florença será um lugar melhor agora, especialmente se o duque Lorenzo

conseguir que um de seus homens seja eleito gonfaloneiro. Mas agora não há tempo a perder. Sua mãe e sua irmã estão aqui. — Ela se virou e bateu palmas. — Annetta!

Annetta surgiu dos fundos da casa, trazendo Maria e Claudia. Foi um encontro muito emotivo. Ezio percebeu que a mãe não estava bem recuperada e que ainda apertava a caixinha de penas dada por Petruccio. Ela retribuiu o abraço do filho, ainda que indiferente, enquanto Paola observava com um sorriso triste.

Claudia, por outro lado, agarrou-se a ele.

— Ezio! Onde você esteve? Paola e Annetta têm sido ótimas, mas não nos deixam voltar para casa. E mamãe não falou uma palavra desde que... — Ela caiu no choro, lutando contra as próprias lágrimas. — Bem — continuou, recuperando-se —, quem sabe agora papai não possa nos esclarecer tudo. Deve ter sido um terrível mal-entendido, não?

Paola olhou para ele.

— Talvez seja a hora — disse ela suavemente. — Precisam saber logo da verdade.

O olhar de Claudia foi de Ezio para Paola e de volta para Ezio. Maria tinha se sentado perto de Annetta, que a envolvia com os braços. Maria olhava para o nada, sorrindo de leve, acariciando a caixa de pereira.

— O que foi, Ezio? — perguntou Claudia, com um tom de medo.

— Algo aconteceu.

— O que quer dizer?

Ezio ficou em silêncio, sem palavras, mas sua expressão disse tudo.

— Oh, Deus, não!

— Claudia...

— Diga que não é verdade!

Ezio baixou a cabeça.

— Não, não, não, não, não! — gritou Claudia.

— Shhhh. — Ele tentou acalmá-la. — Fiz tudo o que eu podia, *piccina*.

Claudia enterrou o rosto no peito dele e chorou, com longos e sofridos soluços, enquanto Ezio fazia o melhor que podia para consolá-la. Olhou para a mãe por sobre a cabeça da irmã, mas ela parecia não ter ouvido nada. Talvez, à sua própria maneira, ela já soubesse. Depois de todo o tumulto que tomara conta

da vida de Ezio, ter de testemunhar a mãe e a irmã atiradas nas profundezas do desespero era quase o bastante para que ele desmoronasse. Mas ele ficou firme, abraçando a irmã pelo que pareceu uma eternidade, sentindo o peso do mundo em seus ombros. Agora cabia a ele proteger a família — a honra do nome Auditore estava em suas mãos. Ezio não era mais um garoto... Conseguiu esfriar a cabeça.

— Escute — disse ele a Claudia, depois que ela havia se acalmado um pouco. — Agora o que importa é sairmos daqui. Iremos para algum lugar protegido, onde você e *mamma* possam ficar em segurança. Mas para isso preciso que você tenha coragem. Você precisa ser forte por mim e cuidar de nossa mãe. Entendeu?

Ela ouviu, limpou a garganta, afastou-se dele um pouco e o olhou.

— Sim.

— Então precisamos fazer os preparativos agora mesmo. Vá arrumar tudo de que precisa, mas leve pouca coisa: devemos partir a pé, uma carruagem seria arriscado demais. Use suas roupas mais simples, não podemos atrair atenção. E se apresse!

Claudia saiu com a mãe e com Annetta.

— É melhor você tomar banho e se trocar — disse Paola a Ezio. — Vai se sentir melhor.

Duas horas depois, os documentos de viagem dos três estavam prontos e puderam partir. Ezio checou com cuidado o conteúdo de sua bolsa uma última vez. Talvez seu tio pudesse lhe explicar o que havia nos documentos que ele pegara de Alberti e que obviamente tinham sido de importância vital para o gonfaloneiro. A nova adaga estava presa ao seu braço direito, escondida. Ele apertou o cinto. Claudia levou Maria para o jardim e ficou perto da parede onde estava a porta pela qual sairiam, ao lado de Annetta, que tentava não chorar.

Ezio se virou para Paola:

— Adeus. E obrigado mais uma vez, por tudo.

Ela o abraçou e o beijou próximo à boca.

— Fique bem, Ezio, e permaneça atento. Desconfio que o caminho à sua frente ainda é muito longo.

Ele fez uma reverência solene, depois colocou o capuz e se juntou à mãe e à

irmã, pegando a bolsa que elas haviam arrumado. Eles deram um beijo de despedida em Annetta e logo depois já estavam na rua, caminhando na direção norte, Claudia segurando o braço da mãe. Por algum tempo permaneceram em silêncio, e Ezio refletiu sobre a grande responsabilidade que agora era obrigado a suportar. Rezou para que pudesse fazer o que fosse necessário, mas era difícil. Teria de permanecer forte, mas conseguiria pelo bem de Claudia e de sua pobre mãe, que parecia ter se retraído completamente para a própria mente.

Eles haviam chegado ao centro da cidade quando Claudia começou a falar — estava cheia de perguntas. Mas ele percebeu com satisfação que a voz da irmã estava firme.

— Como isso pôde acontecer conosco? — perguntou ela.

— Não sei.

— Acha que um dia poderemos voltar?

— Não sei, Claudia.

— O que vai acontecer com nossa casa?

Ele balançou a cabeça. Não houvera tempo para fazer nenhum arranjo, e mesmo que tivesse havido, com quem poderia tê-lo feito? Talvez o duque Lorenzo pudesse fechar a casa e montar guarda, mas era uma vã esperança.

— Eles... eles receberam um funeral adequado?

— Sim. Eu... eu mesmo providenciei. — Eles estavam cruzando o Arno e Ezio se permitiu olhar para o rio.

Por fim se aproximaram dos portões ao sul da cidade, e apesar de Ezio estar grato por terem conseguido ir tão longe sem serem detectados, aquele era um momento perigoso, pois os portões eram muito bem guardados. Por sorte, os documentos com nomes falsos que Paola lhes forneceu passaram despercebidos, e os guardas estavam em busca de um jovem desesperado e sozinho, não de uma pequena família modestamente vestida.

Seguiram para o sul sem parar naquele dia, fazendo uma pausa apenas quando estavam bem longe da cidade para comprar pão, queijo e vinho em uma casa de fazenda e para descansar por uma hora à sombra de um carvalho na beira de um milharal. Ezio precisou conter a impaciência, pois eram quase 50 quilômetros até Monteriggioni e precisavam viajar no ritmo de sua mãe. Apesar de ser uma mulher forte no início dos 40 anos, o choque a envelhecera. Ele rezou

para que quando eles chegassem à casa do tio Mario ela pudesse se restabelecer, apesar de ver que qualquer recuperação seria lenta. Esperava que, se não tivessem nenhum contratempo, pudessem chegar à propriedade de Mario na tarde do dia seguinte.

Passaram aquela noite em um celeiro deserto, onde pelo menos havia feno limpo e quente. Jantaram os restos do almoço e fizeram com que Maria ficasse o mais confortável possível. Ela não reclamou — na verdade, parecia ignorar completamente onde estava — mas quando Claudia tentou tomar a caixa de Petruccio de suas mãos para prepará-la para dormir, ela protestou violentamente e empurrou longe a filha, xingando-a como uma desbocada. Os irmãos ficaram chocados com aquilo.

No entanto, ela dormiu tranquilamente e pareceu refeita na manhã seguinte. Eles se lavaram em um regato, beberam um pouco das águas cristalinas como café da manhã e continuaram o caminho. Era um dia claro, agradavelmente quente mas com uma brisa refrescante, e eles fizeram bom progresso, passando apenas por um punhado de carroças na estrada e não encontrando ninguém além de um curioso grupo de trabalhadores nos campos e pomares pelos quais andaram. Ezio comprou algumas frutas, o bastante pelo menos para Claudia e sua mãe, mas de todo modo ele não sentia fome — estava nervoso demais para comer.

Finalmente, no meio da tarde, sentiu-se encorajado ao ver a distância a pequena cidade murada de Monteriggioni, banhada à luz do sol sobre uma colina. Na verdade, Mario governava o local. Mais dois ou três quilômetros e estariam em seu território. Animado, o pequeno grupo apressou o passo.

— Quase chegando — disse ele a Claudia com um sorriso.

— *Grazie a Dio* — respondeu ela, sorrindo de volta.

Haviam começado a relaxar quando, em uma curva da estrada, uma figura familiar, acompanhada de uma dúzia de homens com uniformes azuis e dourados, bloqueou o caminho. Um dos guardas carregava o estandarte com o conhecido e odiado emblema de golfinhos dourados e cruzes sobre fundo azul.

— Ezio! — cumprimentou o homem. — *Buon giorno!* E para sua família também... ou pelo menos para o que restou dela! Que surpresa agradável! — Ele fez um sinal para seus homens, que se espalharam pela estrada com as alabardas

a postos.

— Vieri!

— O próprio. Assim que soltaram meu pai da prisão, ele ficou mais que feliz em financiar essa pequena caçada para mim. Eu estava magoado. Afinal, como você pode ter pensado em deixar Florença sem se despedir de mim?

Ezio deu um passo à frente, colocando Claudia e a mãe às suas costas.

— O que você quer, Vieri? Achei que você estaria satisfeito com o que os Pazzi conseguiram.

Vieri abriu as mãos.

— O que eu quero? Bem, difícil saber por onde começar. Tantas coisas! Vejamos... um *palazzo* maior, uma esposa mais bonita, muito mais dinheiro e... o que mais? Ah, sim! Sua cabeça! — Ele sacou a espada, fez um gesto para que os guardas ficassem a postos e avançou para Ezio.

— Estou surpreso, Vieri. Você vai realmente lutar comigo sozinho? Mas é claro, seus valentões estão aí bem atrás de você!

— Acho que você não é digno de minha espada — retrucou Vieri, embainhando-a de novo. — Acho que vou acabar com você simplesmente com os punhos. Desculpe se isso lhe for um incômodo, *tesoro* — acrescentou ele a Claudia —, mas não se preocupe, não vai demorar muito. Depois vejo o que posso fazer para consolá-la e, quem sabe, talvez sua mamãezinha também!

Ezio deu um passo à frente e socou a mandíbula de Vieri, de modo que seu inimigo cambaleou, pego de surpresa. Mas, depois de recuperar o equilíbrio, Vieri fez um sinal para seus homens recuarem e se atirou sobre Ezio com um rugido furioso, desferindo um golpe atrás do outro. Tal era a ferocidade do ataque de Vieri que, embora Ezio desviasse dos golpes com habilidade, ele mesmo não conseguiu acertar um que fosse significativo. Os dois homens se embolaram lutando pelo controle, às vezes cambaleando para trás apenas para se atirar um sobre o outro novamente com vigor renovado. No fim, Ezio conseguiu usar a raiva de Vieri contra ele mesmo — ninguém jamais lutou com eficiência tomado pela raiva. Vieri ergueu o corpo para dar um golpe arrasador de direita; Ezio deu um passo à frente e o golpe atingiu inofensivamente seu ombro. O impulso de Vieri o levou para a frente de modo descontrolado, e Ezio lhe deu uma rasteira que o fez cair rolando na terra. Sangrando e derrotado, Vieri se

arrastou para a segurança atrás de seus homens e se levantou, tirando a poeira da roupa com as mãos raladas.

— Cansei disso — disse, e berrou para os guardas: — Acabem com ele, e com as mulheres também. Posso fazer melhor do que esse girininho magricela e sua *carcassa* de mãe!

— *Coniglio!* — berrou Ézio, ofegante, sacando a espada, mas os guardas já haviam formado um círculo ao redor deles e lhes apontavam as alabardas. Ele sabia que teria dificuldade em lutar com todos.

O círculo se fechou. Ezio continuou brandindo a espada e tentando manter as mulheres atrás de si, mas as coisas não estavam boas, e a risada desagradável de Vieri era triunfal.

De repente ouviu-se um assobio agudo e quase etéreo, e dois dos guardas à esquerda de Ezio caíram de joelhos e tombaram para a frente, deixando cair as armas. Das costas de cada um se projetava uma faca de atirar, enterrada até o cabo e obviamente mirada com pontaria mortal. O sangue fluía de suas camisas como flores carmesins.

Os outros recuaram assustados, mas não antes de mais alguns terem caído no chão, também com facas nas costas.

— Que feitiçaria é essa? — urrou Vieri, aterrorizado, sacando a espada e olhando loucamente ao redor.

Uma gargalhada profunda e retumbante foi a resposta.

— Não tem nada a ver com feitiçaria, garoto. Tem a ver com habilidade! — A voz vinha de um arvoredo ali perto.

— Apareça!

Um homem alto e barbudo com botas de cano alto e uma armadura leve surgiu do pequeno bosque. Atrás dele vieram vários outros, com trajes semelhantes.

— Como quiser — disse ele, irônico.

— Mercenários! — resmungou Vieri, depois se virou para seus próprios guardas. — O que estão esperando? Matem todos! Matem todos eles!

Mas o grandalhão deu um passo à frente, arrancou a espada de Vieri com uma graça inacreditável e quebrou a lâmina no joelho facilmente, como se ela fosse um graveto.

— Acho que não vai ser uma boa ideia, pequeno Pazzi, embora eu deva dizer que você faz jus ao nome da sua família.*

Vieri não respondeu, mas incitou seus homens à batalha. Meio relutantes, eles lutaram contra os estranhos, enquanto Vieri, pegando a alabarda de um dos guardas mortos, se aproximou de Ezio e retirou a espada de sua mão justamente quando ele a estava sacando.

— Aqui, Ezio, use isso! — disse o grandalhão, atirando-lhe outra espada, que voou pelos ares e aterrissou onde ele desejava, no chão aos pés do rapaz. Sem perda de tempo, ele a pegou. Era uma arma pesada e ele precisou usar as duas mãos para empunhá-la, mas conseguiu cortar fora a lança da alabarda de Vieri.

O próprio Vieri, vendo que seus homens estavam sendo vencidos com facilidade pelos *condottieri* e que outros dois já estavam tombados, gritou, cancelando o ataque, e fugiu, lançando maldições. O grandalhão se aproximou de Ezio e das mulheres com um sorriso largo.

— Estou feliz por ter encontrado você — disse ele. — Pelo jeito, cheguei bem na hora.

— O senhor tem meus agradecimentos, seja lá quem for.

O homem tornou a gargalhar, e havia algo familiar na sua voz.

— Eu o conheço? — perguntou Ezio.

— Faz muito tempo, mas mesmo assim estou surpreso por não ter reconhecido o seu próprio tio!

— Tio Mario?

— O próprio!

Ele deu um grande abraço em Ezio e depois se aproximou de Maria e Claudia. O sofrimento nublou seu rosto quando ele viu em que condições Maria estava.

— Escute, criança — disse ele a Claudia. — Vou levar Ezio de volta ao *castello* agora, mas deixarei meus homens aqui para proteger vocês, e eles lhes darão de comer e beber. Vou enviar um batedor à frente que mandará uma carruagem para transportar as duas pelo resto do caminho. Vocês já andaram muito por um dia e posso ver que minha pobre cunhada está... — ele fez uma pausa antes de acrescentar com delicadeza: — ...cansada.

— Obrigada, tio Mario.

— Combinado, então. Nos veremos muito em breve.

Ele se virou e deu ordens a seus homens, e então pôs um dos braços ao redor de Ezio e o guiou na direção de seu castelo, que dominava a pequena cidade.

— Como sabia que eu estava a caminho? — perguntou o rapaz.

Mario pareceu meio evasivo.

— Ah... um amigo em Florença enviou um mensageiro a cavalo à frente de vocês. Mas eu já sabia o que tinha acontecido. Não tenho poderio para invadir Florença, mas, agora que Lorenzo voltou, rezemos para que consiga manter os Pazzi sob controle. É melhor você me atualizar sobre o destino de meu irmão e dos meus sobrinhos.

Ezio fez uma pausa. A lembrança da morte de seus parentes ainda assombrava a parte mais sombria de suas memórias.

— Eles... foram executados por traição. — Ele suspirou. — Eu escapei por puro acaso.

— Meu Deus — balbuciou Mario, o rosto contorcido de dor. — Sabe por que isso aconteceu?

— Não... mas espero que você possa me ajudar a encontrar as respostas. — Então Ezio contou ao tio a respeito do baú escondido no *palazzo* da família e seu conteúdo, de sua vingança sobre Alberti e dos documentos que tomara dele. — O que parece mais importante é uma relação de nomes — acrescentou, depois explodiu em tristeza: — Não posso acreditar que isso nos abateu!

Mario deu um tapinha em seu braço.

— Sei um pouco sobre os negócios de seu pai — disse. Ezio percebeu que Mario não havia mostrado grande surpresa quando lhe contou sobre o baú escondido na câmara secreta. — Vamos entender isso tudo. Mas também precisamos providenciar para que sua mãe e sua irmã estejam bem. Meu castelo não é um bom lugar para mulheres de nenhuma espécie, e soldados como eu nunca se assentam de verdade, porém, há um convento a cerca de um quilômetro daqui, onde elas ficarão completamente seguras e serão bem-cuidadas. Se você concordar, nós as mandaremos para lá, pois eu e você temos muito o que fazer.

Ezio concordou. Providenciaria para que fossem para lá e convenceria Claudia de que era a melhor solução por enquanto, pois sabia que ela não

desejaria ficar em tamanha reclusão por muito tempo.

Aproximaram-se da cidadezinha.

— Achei que Monteriggioni era inimiga de Florença — disse Ezio.

— Não tanto de Florença quanto dos Pazzi — respondeu o tio. — Mas você tem idade suficiente para saber como são as alianças entre as cidades-Estado, sejam grandes ou pequenas. Num ano há amizade, no outro, inimizade, e no ano seguinte, amizade de novo. E isso parece continuar para sempre, como um jogo maluco de xadrez. Mas você vai gostar daqui. O povo é honesto e trabalhador, e os bens que produzimos são sólidos e duradouros. O padre é um homem bom, que não bebe muito e cuida da própria vida. E eu cuido da minha, quando estou perto dele, embora nunca tenha sido um filho muito devotado da Igreja. O melhor de tudo é o vinho: o melhor *chianti* que você jamais experimentou na vida vem dos meus vinhedos. Venha, só mais um pouco e já estaremos lá.

O castelo de Mario era a antiga sede dos Auditore e fora construído nos anos 1250, embora no local originalmente houvesse uma construção muito mais antiga. Mario havia refinado o castelo e feito acréscimos, e hoje ele tinha mais a aparência de uma opulenta quinta, embora os muros fossem altos, com vários centímetros de espessura, e bem fortificados. Na frente, no lugar de um jardim, havia um grande campo de treinamento, onde Ezio viu duas dúzias de jovens armados entretidos em diversos exercícios para melhorar suas técnicas de combate.

— *Casa, dolce casa* — disse Mario. — Você não vem aqui desde que era pequeno. Aconteceram algumas mudanças desde então. O que acha?

— Muito impressionante, tio.

O resto do dia foi muito ocupado. Mario mostrou o castelo a Ezio, organizou suas acomodações e providenciou para que Claudia e Maria ficassem abrigadas em segurança no convento ali perto, cuja abadessa era sua velha amiga (e, segundo se dizia, uma amante de tempos atrás). Mas na manhã seguinte ele foi convocado bem cedo ao escritório do tio, um quarto grande e de pé-direito alto, mobiliado com uma pesada mesa de carvalho e cadeiras, com paredes repletas de mapas, armaduras e armas.

— É melhor você ir logo à cidade — disse Mario, com um tom profissional. — Para se equipar como deve. Vou mandar um de meus homens com você. Volte

depois que terminar e começaremos.

— Começaremos o quê, tio?

Mario pareceu surpreso.

— Achei que você tinha vindo para cá treinar.

— Não, tio... não era essa a minha intenção. Foi o primeiro local seguro em que pude pensar quando precisamos fugir de Florença. Mas minha intenção era levar minha irmã e minha mãe para ainda mais longe.

Mario pareceu sério.

— E seu pai? Você não acha que ele gostaria que você terminasse o trabalho dele?

— Como assim? Como banqueiro? Os negócios da família acabaram: a Casa dos Auditore não existe mais, a menos que o duque Lorenzo tenha conseguido mantê-la a salvo das mãos dos Pazzi.

— Não era nisso que eu estava pensando — começou Mario, e depois se interrompeu. — Quer dizer que Giovanni nunca lhe disse nada?

— Desculpe, tio, mas não tenho ideia do que o senhor está falando.

Mario balançou a cabeça.

— Não sei em que seu pai estava pensando. Talvez tenha achado que ainda não era hora, mas no momento os acontecimentos superaram quaisquer considerações. — Ele olhou para Ezio com seriedade. — Precisamos ter uma conversa longa e definitiva. Deixe comigo os documentos que você tem na sua bolsa. Preciso analisá-los enquanto *você* vai até a cidade se equipar. Aqui está uma lista do que irá precisar e dinheiro para comprar tudo.

Confuso, Ezio foi à cidade na companhia de um dos sargentos de Mario, um veterano grisalho chamado Orazio, e sob sua orientação comprou do armeiro uma adaga de combate e uma armadura leve e, do médico local, ataduras e um kit básico de primeiros-socorros. Voltou ao castelo e encontrou Mario impaciente à sua espera.

— *Salute* — cumprimentou Ezio. — Fiz como mandou.

— E rápido também. *Ben fatto!* Agora precisamos ensinar você a lutar direito.

— Tio, me perdoe, mas como lhe disse, não tenho intenção de ficar.

Mario mordeu o lábio.

— Escute, Ezio, você mal conseguiu se defender contra Vieri. Se eu não tivesse chegado na hora certa... — Ele se interrompeu. — Bem, vá se quiser, mas antes aprenda pelo menos as habilidades e conhecimentos de que precisará para se defender, ou não vai durar nem uma semana na estrada.

Ezio ficou em silêncio.

— Se não por mim, faça pelo bem de sua mãe e de sua irmã — insistiu Mario.

Ezio analisou suas opções, mas teve de admitir que seu tio tinha razão.

— Está bem, então — concordou. — Já que o senhor foi generoso o bastante para me equipar.

Mario sorriu e lhe deu um tapinha no ombro.

— Bom rapaz! Ainda vai me agradecer um dia.

Nas semanas posteriores, seguiu-se o mais intensivo treinamento no uso de armas, mas, enquanto aprendia novas técnicas de combate, Ezio também descobria mais sobre a história da família e os segredos que seu pai não tivera tempo de lhe contar. E, quando Mario lhe deixou usar a biblioteca, ele aos poucos foi ficando inquieto com o fato de que poderia estar à beira de um destino muito mais importante do que havia acreditado ser possível.

— O senhor disse que meu pai era mais do que apenas um banqueiro? — perguntou ao tio.

— Muito mais — respondeu Mario gravemente. — Seu pai era um assassino de alta qualificação.

— Não pode ser... meu pai sempre foi financista, um homem de negócios! Como pode ter sido um assassino?

— Não, Ezio, ele era muito mais do que isso. Nasceu e foi criado para matar. Era um membro antigo da Ordem dos Assassinos. — Mario hesitou. — Sei que você deve ter descoberto mais a respeito disso tudo na biblioteca. Precisamos conversar sobre os documentos que lhe foram confiados, e que você, graças a Deus, teve a presença de espírito de recuperar das mãos de Alberti. Aquela relação de nomes... não é um catálogo de devedores, sabe. São os nomes de todos os responsáveis pelo assassinato de seu pai, e são homens que fazem parte de uma conspiração ainda maior.

Ezio lutou para absorver aquilo tudo. Tudo o que acreditava saber sobre o pai, sobre sua família, tudo parecia meia-verdade. Como o pai pôde esconder aquilo? Era tudo tão inconcebível, tão estranho. Ezio escolheu as palavras com cuidado, pois seu pai deve ter tido seus motivos para manter aquilo em segredo.

— Aceito que existem mais coisas a respeito de meu pai do que eu sabia, e perdoe-me por duvidar de sua palavra, mas por que a necessidade de um segredo tão grande?

Mario fez uma pausa antes de responder.

— Você conhece a Ordem dos Cavaleiros Templários?

— Já ouvi falar.

— Foi fundada muitos séculos atrás, logo depois da primeira cruzada, e se tornou uma força de combate de elite dos guerreiros de Deus. Eram realmente monges de armadura. Faziam voto de abstinência e de pobreza. Mas os anos passaram e seu status mudou. Com o tempo, eles se envolveram nas finanças internacionais e se saíram muito bem nisso. Outras ordens de cavaleiros — os Hospitalários e os Teutônicos — começaram a olhá-los com desconfiança, e seu poder passou a ser motivo de preocupação, até mesmo para reis. Eles fundaram uma base no sul da França e planejavam fundar seu próprio Estado. Não pagavam impostos, financiavam seu próprio exército particular e se achavam superiores a todos. Finalmente, há quase duzentos anos, o rei Filipe, o Belo, da França, resolveu enfrentá-los. Houve um terrível expurgo: os Templários foram presos e levados para longe, massacrados e finalmente excomungados pelo papa. Mas não puderam ser eliminados; tinham quinze mil postos na Europa. Porém, depois que suas propriedades e seus bens foram confiscados, os Templários pareceram desaparecer, seu poder parecia ter sido destruído.

— O que aconteceu com eles?

Mario balançou a cabeça.

— Aquilo foi um estratagema para garantir a própria sobrevivência, claro. Eles passaram à clandestinidade: reuniram os bens que tinham salvado, mantiveram sua organização e se dedicaram mais do que nunca a seu verdadeiro objetivo.

— E que objetivo era esse?

— Que objetivo *é* esse, você quer dizer! — Os olhos de Mario brilharam. —

Sua intenção é nada menos que dominar o mundo. E somente uma organização se dedica a detê-los: a Ordem dos Assassinos, à qual seu pai e eu temos a honra de pertencer.

Ezio precisou de um instante para absorver aquela informação.

— E Alberti era um dos Templários?

Mario assentiu solenemente.

— Sim. Bem como todos os outros na lista de seu pai.

— E... Vieri?

— Ele também é um deles, e seu pai, Francesco, e todo o clã dos Pazzi.

Ezio refletiu a respeito.

— Isso explica muita coisa... — comentou. — Tem algo que eu ainda não lhe mostrei...

Ele desenrolou a manga da camisa para revelar sua adaga secreta.

— Ah! — exclamou Mario. — Você foi sábio em não revelar isso até ter certeza de que poderia confiar completamente até mesmo em mim. Eu estava mesmo me perguntando o que tinha sido feito dela. Vejo que você a consertou. Era de seu pai, dada a ele por nosso pai, e a ele pelo pai dele. Quebrou-se em um confronto no qual seu pai se envolveu há muitos anos, mas nunca conseguiu encontrar um artesão habilidoso ou confiável o bastante para restaurá-la. Você se saiu muito bem, rapaz.

— Mesmo assim — disse Ezio. — Toda essa conversa de Assassinos e Templários parece algo vindo de uma fábula antiga. Cheira a fantasia.

Mario sorriu.

— Como algo vindo de um velho pergaminho coberto por uma escrita misteriosa, talvez?

— O senhor conhece a página do códex?

Mario deu de ombros.

— Já se esqueceu? Estava com os papéis que você me entregou.

— Pode me dizer o que é? — Ezio de certa forma relutava em envolver seu amigo Leonardo naquilo, a menos que fosse estritamente necessário.

— Bem, a pessoa que consertou sua lâmina deve ter conseguido ler pelo menos parte do que está aí — respondeu Mario, mas ergueu a mão quando Ezio estava prestes a falar. — Não vou lhe fazer perguntas. Estou vendo que deseja

proteger alguém e respeitarei isso. Mas nessa página há mais coisas do que apenas as instruções sobre como funciona sua arma. As páginas do códex estão hoje espalhadas pela Europa. Trata-se de um guia do funcionamento interno da Ordem dos Assassinos, sua origem, seu propósito e suas técnicas. É, se quiser chamar assim, nosso Credo. Seu pai acreditava que o códex continha um segredo poderoso, algo capaz de mudar o mundo. — Ele parou para pensar. — Talvez tenha sido por isso que foram atrás dele.

Ezio estava surpreso com aquelas informações: era muita coisa para absorver de uma vez.

— Assassinos, Templários, esse códex estranho...

— Serei seu guia, Ezio. Mas primeiro você precisa aprender a abrir sua mente, e sempre se lembre disto: nada é verdade. Tudo é permitido.

Mario então não lhe disse mais nada, embora Ezio o tenha pressionado. Em vez disso, o tio continuou a submetê-lo ao mais rigoroso processo de treinamento militar, e do nascer ao pôr do sol ele se exercitava com o jovem *condottieri* no campo, caindo na cama a cada noite exausto demais para pensar em qualquer coisa além de dormir. Mas então, um dia...

— Muito bem, sobrinho! — disse-lhe o tio. — Acho que você está pronto.

Ezio ficou satisfeito.

— Obrigado, tio, por tudo o que me deu.

A resposta do tio foi dar um grande abraço no garoto.

— Você é da família! Foi meu dever e um prazer!

— Estou feliz por ter me convencido a ficar.

Mario o olhou de modo penetrante.

— Então, reconsiderou sua decisão de partir?

Ezio devolveu o olhar.

— Desculpe, tio, mas minha decisão está tomada. Pela segurança de *mamma* e de Claudia, ainda tenho intenção de chegar ao litoral e embarcar num navio até a Espanha.

Mario não escondeu sua insatisfação.

— Perdão, sobrinho, mas não ensinei as técnicas que você conhece agora para minha própria diversão ou para seu benefício exclusivo. Ensinei-lhe isso para que esteja melhor preparado para lutar contra nossos inimigos.

— E, se eles me encontrarem, é o que farei.

— Então — falou Mario amargamente — quer ir embora? Jogar fora tudo pelo que seu pai lutou e pelo qual morreu? Negar sua própria herança? Bem! Não posso fingir que não estou desapontado, extremamente desapontado. Mas que assim seja. Orazio irá levá-lo ao convento quando você julgar que seja a hora certa de sua mãe viajar, e o ajudará em seu caminho. Eu lhe desejo *buona fortuna*.

Com isso, Mario virou as costas para o sobrinho e foi embora.

Mais tempo se passou, e Ezio descobriu que precisava dar à sua mãe bastante paz e silêncio para que ela pudesse se recuperar. Com o coração pesado, organizou pessoalmente os preparativos para partir. Enfim fez o que imaginava ser sua última visita ao convento para ver a mãe e a irmã antes de levá-las consigo, e encontrou-as melhor do que jamais imaginara. Claudia tinha feito amizade com algumas das freiras mais jovens, e ficou claro para Ezio, para sua surpresa e quase nenhuma satisfação, que ela estava começando a se sentir atraída por aquela vida. Enquanto isso, sua mãe se recuperava lenta mas constantemente, e a abadessa se opôs ao saber de seus planos, dizendo que sua mãe precisava de descanso e que ainda não deveria ser levada embora dali.

Então, quando retornou ao castelo de Mario, estava cheio de dúvidas, ciente de que haviam aumentado com o tempo.

Ao chegar, Monteriggioni estava agitada por algum tipo de preparativos militares que agora pareciam estar chegando ao fim. A visão daquilo distraiu Ezio. Seu tio não estava à vista, mas ele conseguiu seguir Orazio até a sala dos mapas.

— O que está acontecendo? — perguntou. — Onde está meu tio?

— Está se preparando para a batalha.

— O quê? Contra quem?

— Ah, ele teria lhe contado se achasse que você ficaria, mas todos nós sabemos que não é essa a sua intenção.

— Bem...

— Escute. Seu velho amigo Vieri de' Pazzi se instalou em San Gimignano. Está triplicando a guarnição militar de lá e já avisou que, assim que estiver

pronto, virá destruir Monteriggioni. Então nós vamos para lá primeiro, esmagar a cobrinha e ensinar aos Pazzi uma lição que eles não vão esquecer tão depressa.

Ezio respirou fundo. Com certeza aquilo mudava tudo. E talvez fosse o destino — o estímulo que ele inconscientemente andara buscando.

— Onde está meu tio?

— Nos estábulos.

Ezio já estava na metade do caminho para a saída da sala.

— Ei! Para onde você vai?

— Para os estábulos! Deve haver um cavalo para mim também!

Orazio sorriu enquanto o observava sair.

Nota

**Pazzi* é plural de *pazzo* — “louco”, em italiano. (*N. da T.*)

7

Mario, com Ezio cavalgando a seu lado, liderou suas forças até perto de San Gimignano no meio de uma noite da primavera de 1477. Era o início do que viria a ser um confronto difícil.

— Diga de novo o que fez você mudar de ideia — pediu Mario, ainda muito satisfeito pelo sobrinho ter mudado de ideia.

— Só porque o senhor gosta de ouvir.

— E se eu gostar mesmo? Mas, enfim, eu sabia que Maria levaria muito tempo para se recuperar e que ela e sua irmã estão seguras, como você bem sabe.

Ezio sorriu.

— Eu quis assumir a responsabilidade. Como já lhe disse, Vieri está incomodando o *senhor* por *minha* causa.

— E como eu já lhe disse, meu jovem, você certamente tem uma grande ideia de sua própria importância. A verdade é que Vieri está nos incomodando porque ele é um Templário e nós somos Assassinos.

Enquanto falava, Mario observava as altas torres de San Gimignano, que haviam sido construídas bem próximas umas das outras. As estruturas quadrangulares pareciam quase arranhar o céu, e Ezio teve a estranha sensação de já ter visto aquilo antes — mas devia ter sido num sonho ou em outra vida, pois não tinha nenhuma lembrança exata da ocasião.

O alto de cada uma das torres estava iluminado com tochas, e havia muitas outras visíveis nas ameias das muralhas da cidade e perto de seus portões.

— Vieri está bem fortificado — disse Mario. — E, a julgar pelas tochas, parece que pode estar nos esperando. É uma pena, mas não estou surpreso.

Afinal, assim como eu, ele tem espiões. — Ele parou. — Estou vendo arqueiros nas baterias, e os portões estão fortemente guardados. — Continuou a examinar a cidade. — Mesmo assim, parece que não tem homens suficientes para proteger todos os portões. O do lado sul parece estar menos defendido. Deve ser o local onde ele acha menos provável que ocorra um ataque, então é por ali que vamos atacar.

Ele ergueu um dos braços e cutucou os flancos do cavalo. Os soldados avançaram atrás dele. Ezio seguiu ao seu lado.

— O que nós vamos fazer é o seguinte — explicou Mario, com a voz apressada. — Meus homens e eu vamos entreter os guardas no portão enquanto você encontra um jeito de passar sobre a muralha e abrir os portões por dentro. Precisamos agir em silêncio e rapidamente.

Ele desprendeu uma bandoleira de facas de atirar e a entregou a Ezio.

— Leve isso. Use-as para despachar os arqueiros.

Quando se aproximaram o bastante, desmontaram. Mario liderou um grupo de seus melhores soldados na direção do bando de guardas postados na entrada sul da cidade. Ezio os deixou e atravessou rapidamente os últimos cem metros a pé, usando os arbustos para se esconder, até chegar à base da muralha. Estava com seu capuz e, à luz das tochas no portão, viu que a sombra formada pelo capuz na parede se parecia estranhamente com a cabeça de uma águia. Olhou para cima e viu que a muralha se erguia escarpada acima dele, por quinze metros ou mais. Não dava para ver se havia alguém nas ameias lá em cima. Prendendo bem a bandoleira, começou a escalar. Era difícil, pois a muralha era de pedra trabalhada e tinha poucos pontos de apoio para os pés, mas as canhoneiras perto do topo lhe ofereceram um suporte firme para se apoiar enquanto olhava cuidadosamente por sobre as ameias. Ao longo das baterias à sua esquerda, dois arqueiros, de costas para ele, estavam inclinados sobre a muralha, com os arcos a postos. Viram o início do ataque de Mario e se preparavam para atirar no *condottieri* Assassino. Ezio não hesitou. Era a vida deles ou a de seus amigos, e então deu valor às novas técnicas que seu tio tinha insistido em lhe ensinar. Rapidamente, concentrando a mente e os olhos na quase escuridão, puxou duas facas e as atirou, uma depois da outra, com precisão mortal. A primeira atingiu um dos arqueiros na nuca — o golpe o matou instantaneamente. O homem caiu

por sobre as ameias sem um sussurro sequer. A faca seguinte voou um pouco mais baixo, atingindo o segundo homem em cheio nas costas com tanta força que, com um grito rouco, ele caiu para a frente dentro da escuridão abaixo.

Lá embaixo, ao pé de uma escadaria estreita de pedra, estava o portão. Agora ele ficou satisfeito pelas forças de Vieri não terem sido suficientes para guardar a cidade com eficiência absoluta, pois não havia nenhum soldado a postos guardando os portões pelo lado de dentro. Ele desceu os degraus de três em três, parecendo quase voar, e logo localizou a alavanca que operava as trancas das portas de carvalho sólido de três metros de altura. Ele puxou-a, e para isso precisou de toda a sua força, pois não tinha sido projetada para ceder à força de um único homem. Por fim, terminou o trabalho e ergueu um dos enormes anéis que estavam presos nas portas à altura dos ombros. Ele cedeu e os portões começaram a se abrir, revelando ao fazê-lo que Mario e seus homens estavam acabando de completar sua tarefa sangrenta. Dois dos Assassinos estavam mortos, mas vinte dos homens de Vieri foram enviados à presença do Criador.

— Muito bem, Ezio! — disse Mario em um grito contido. Até então nenhum alarme parecia ter sido dado, mas era apenas uma questão de tempo. — Vamos! — continuou Mario. — Silêncio agora! — Virou-se para um de seus sargentos e disse: — Volte e traga a força principal.

Então ele liderou o caminho com cuidado pelas ruas silenciosas — Vieri devia ter determinado algum tipo de toque de recolher, pois não havia ninguém à vista. Em uma ocasião, quase toparam com uma patrulha dos Pazzi. Esconderam-se nas sombras e a esperaram passar, depois se apressaram por trás para atacar os homens e eliminá-los com eficiência clínica.

— E agora? — perguntou Ezio ao tio.

— Precisamos localizar o capitão da guarda daqui. O nome dele é Roberto. Ele saberá onde está Vieri. — Mario estava demonstrando mais preocupação do que o habitual. — Isso está demorando demais. É melhor nos dividirmos. Olhe, eu conheço Roberto. A essa hora da noite, ou está bebendo em sua taverna preferida ou já está bêbado, dormindo na cidadela. Vá para a cidadela. Leve Orazio e uma dúzia de bons homens com você. — Ele olhou para o céu, que estava começando a clarear, e sentiu o gosto do vento, que já carregava o frio de um novo dia dentro de si. — Me encontre na catedral antes de o galo cantar. E

não esqueça: estou deixando você no comando desse bando de rufiões! — Sorriu afetuosamente para seus homens, levou seu próprio grupo e desapareceu por uma rua que levava morro acima.

— A cidadela fica a noroeste da cidade... senhor — disse Orazio. Ele sorriu, tal como os outros. Ezio sentiu tanto a obediência deles a Mario quanto suas dúvidas por terem ficado sob o comando de um oficial tão inexperiente.

— Então vamos — respondeu Ezio com firmeza. — Me sigam. Ao meu sinal.

A cidadela formava um dos lados da praça principal da cidade, não muito longe da catedral e perto do topo da pequena colina onde a cidade havia sido construída. Eles chegaram até lá sem dificuldade, mas, antes de entrarem, Ezio notou alguns soldados de Pazzi guardando a entrada. Fazendo sinal para seus homens recuarem, ele se aproximou, mantendo-se nas sombras e movendo-se tão silenciosamente quanto uma raposa, até estar perto o bastante para ouvir a conversa entre eles. Era claro que estavam insatisfeitos com a liderança de Vieri, e o mais veemente dos dois estava a toda carga.

— Eu lhe digo uma coisa, Tebaldo — dizia o primeiro. — Não estou nada feliz com esse filhote Vieri. Acho que ele não é capaz nem de mirar direito ao mijar em um balde, muito menos de defender uma cidade contra um exército decidido. Quanto ao *capitano* Roberto, bebe tanto que é como uma garrafa de chianti vestida de uniforme!

— Você fala demais, Zohane — advertiu Tebaldo. — Lembre-se do que aconteceu com Bernardo quando ele se atreveu a abrir a boca.

O outro se controlou e assentiu, com bom-senso.

— Tem razão... ouvi dizer que Vieri mandou cegar o homem.

— Bom, eu gostaria de conservar a minha vista, muito obrigado, então é melhor parar com essa conversa. Não sabemos quantos de nossos camaradas pensam o mesmo, e Vieri tem espiões por toda parte.

Satisfeito, Ezio voltou para sua própria tropa. Uma guarnição insatisfeita raramente é uma guarnição eficiente, mas não havia garantia nenhuma de que Vieri não comandasse um grupo estratégico de leais servidores dos Pazzi. Quanto ao resto dos homens de Vieri, Ezio já tinha aprendido por si mesmo o quanto pode ser decisivo o medo de um comandante. Porém a tarefa agora era

conseguir acesso à cidadela. Ezio estudou a praça: fora o pequeno grupo de guardas dos Pazzi, estava escura e vazia.

— Orazio?

— Sim, senhor?

— Poderia lutar contra esses homens e acabar com eles? Rápida e silenciosamente. Vou tentar subir no telhado e ver se colocaram mais guardas no pátio.

— Foi para isso que viemos, senhor.

Deixando Orazio e seus soldados darem conta dos guardas, Ezio checou se ainda havia facas de atirar suficientes na bandoleira e correu um pouco até uma rua lateral adjacente, onde escalou até um telhado próximo e dele pulou para o teto da cidadela, construído ao redor de seu pátio interno. Ele agradeceu a Deus por Vieri ter evidentemente negligenciado colocar homens nas torres altas das casas das famílias dominantes que pontuavam a cidade, pois daquele ponto vantajoso os guardas poderiam ter observado tudo o que estava acontecendo. Mas ele também sabia que ganhar o controle daquelas torres era o primeiro objetivo da força principal de Mario. Do telhado da cidadela, viu que o pátio estava deserto, então pulou para o topo de sua colunata e de lá para o chão. Abrir os portões e posicionar seus homens, que haviam arrastado os corpos da patrulha derrotada de Pazzi e os esconderam nas sombras da colunata, foi uma manobra fácil. Para evitar suspeitas, tornaram a fechar os portões da cidadela depois de entrar.

A cidadela pareceu, para todos os intentos e propósitos, deserta. Mas logo em seguida ouviu-se o som de vozes vindas da praça em frente e outro grupo de soldados dos Pazzi apareceu. Abriram os portões e entraram no pátio, apoiando entre eles um homem parrudo, beirando o gordo, que obviamente estava bêbado.

— Onde os guardas do portão se meteram? — queria saber o homem. — Não venham me dizer que Vieri passou por cima de minhas ordens e mandou todos para mais uma de suas patrulhas malditas!

— *Ser* Roberto — implorou um dos homens que o apoiavam. — Não está na hora de o senhor dormir um pouco?

— *Quequecê* quer dizer? Voltei para cá sem problema, não foi? A noite ainda é uma criança!

Os recém-chegados conseguiram sentar o chefe na beira de uma fonte no meio do pátio e se reuniram ao redor, incertos do que fazer em seguida.

— Qualquer um diria que não sou um bom capitão! — disse Roberto, com pena de si mesmo.

— Que besteira, senhor! — retrucou o homem mais perto dele.

— Vieri acha que eu não sou — disse Roberto. — Devia ouvir como ele fala comigo! — Fez uma pausa, olhando ao redor e tentando focar antes de prosseguir, choroso: — É só uma questão de tempo até eu ser substituído, ou coisa pior! — Parou de novo, fungando. — Cadê essa maldita garrafa? Me dá isso aqui! — Ele bebeu um gole grande, olhou para a garrafa para ter certeza de que estava vazia e atirou-a longe. — É tudo culpa de Mario! Não acreditei quando nossos espiões disseram que ele tinha abrigado o sobrinho, resgatado o cretino das mãos do próprio Vieri! Agora Vieri mal consegue pensar direito de tanta raiva, e sou obrigado a enfrentar meu velho *compagno!* — Olhou ao redor com os olhos turvos. — O bom e velho Mario! Fomos irmãos de armas um dia, sabiam disso? Mas ele se recusou a servir os Pazzi comigo, embora o dinheiro fosse melhor, o quartel também, os equipamentos... tudo! Que bom seria se ele estivesse aqui agora. Por duas patacas, eu...

— Com licença — interrompeu Ezio, dando um passo à frente.

— O qu...? — disse Roberto. — Quem é você?

— Deixe que eu me apresente. Sou o sobrinho de Mario.

— O quê? — rugiu Roberto, lutando para ficar de pé e tentando agarrar sem sucesso a espada. — Prendam esse pirralho! — Ele se inclinou para perto de Ezio, que pôde sentir o cheiro de vinho azedo e de cebola no seu hálito. — Sabe do que mais, Ezio? — sorriu ele. — Eu devia lhe agradecer. Agora que peguei você, Vieri vai me dar tudo o que eu quiser. Quem sabe eu me aposente. Uma pequena *villa* agradável no litoral, talvez...

— Não conte com os ovos ainda, *capitano* — disse Ezio.

Roberto girou o corpo e viu o que seus homens já haviam descoberto: estavam rodeados por mercenários Assassinos, todos armados até os dentes.

— Ah — suspirou Roberto, afundando de novo. Todo o espírito de luta parecia tê-lo abandonado.

Depois que os guardas de Pazzi foram algemados e levados para a masmorra

da cidadela, Roberto ganhou uma nova garrafa e se sentou com Ezio à mesa numa sala perto do pátio para conversar. Finalmente, Roberto se convenceu.

— Você quer Vieri? Eu lhe digo onde ele está. Já estou perdido mesmo! Vá até o Palazzo do Golfinho na praça perto do portão norte. Ali está tendo uma reunião...

— Com quem? Você sabe?

Roberto deu de ombros.

— Mais gente da confiança dele de Florença, acho. Supostamente trazendo reforços.

Foram interrompidos por Orazio, que parecia preocupado.

— Ezio! Rápido! Está acontecendo uma batalha perto da catedral. É melhor a gente ir!

— Certo! Vamos!

— E ele?

Ezio olhou para Roberto.

— Deixe-o. Acho que talvez ele finalmente tenha escolhido o lado certo.

Assim que entrou na praça, Ezio ouviu o barulho da luta vindo do espaço aberto em frente à catedral. Aproximando-se, viu que os homens de seu tio, de costas para ele, estavam sendo forçados a recuar por uma grande brigada de tropas dos Pazzi. Usando as facas de atirar para abrir caminho, ele foi para o lado do tio e lhe contou o que havia descoberto.

— Bom para Roberto! — disse Mario, quase perdendo o ritmo, enquanto cortava e retalhava os oponentes. — Sempre lamentei o fato de ele ter ido se juntar aos Pazzi, mas enfim ele fez a coisa certa. Vá! Descubra o que Vieri está aprontando.

— Mas e o senhor? Vai conseguir derrotar todos eles?

Mario pareceu sério.

— Por um tempo, pelo menos, mas nossa força principal a essa altura já deve ter tomado a maioria das torres e então vai poder vir para cá se juntar a nós. Por isso se apresse, Ezio! Não deixe Vieri escapar!

O *palazzo* ficava no extremo norte da cidade, longe da luta, mas os guardas dos Pazzi ali eram numerosos — provavelmente os tais reforços de que Roberto havia falado. Ezio precisou escolher muito bem seu caminho para evitá-los.

Chegou bem a tempo: a reunião parecia ter terminado, e ele viu quatro homens paramentados indo em direção a um grupo de cavalos amarrados. Ezio reconheceu Jacopo de' Pazzi, seu sobrinho, Francesco, o próprio Vieri e — conteve um grito de surpresa — o espanhol alto que estivera presente na execução de seu pai. Ainda mais surpreendente para Ezio foi notar os símbolos de um cardeal bordados no ombro de seu manto. Os homens pararam perto dos cavalos e Ezio conseguiu se esconder em uma árvore próxima para tentar escutar parte da conversa. Teve de se esforçar e ouviu apenas trechos, mas foi o bastante para ficar intrigado.

— Então está tudo acertado — dizia o espanhol. — Vieri, você fica aqui e restabelece nossa posição assim que possível. Francesco vai organizar nossas forças em Florença para que esteja tudo pronto quando chegar o momento certo de atacar, e você, Jacopo, precisa estar preparado para acalmar o povo depois que tomarmos o poder. Não apressem as coisas: quanto mais planejadas forem nossas ações, maior a probabilidade de sucesso.

— Mas, *Ser* Rodrigo — disse Vieri —, o que devo fazer com aquele *ubriacone*, Mario?

— Livre-se dele! Ele não pode saber de nossas intenções de modo algum.

O homem que chamaram de Rodrigo sentou-se sobre a sela de seu cavalo. Ezio viu seu rosto com clareza por um momento, os olhos frios, o nariz aquilino, e calculou que devia ter em torno de 40 anos.

— Ele sempre foi um problema — desdenhou Francesco. — Igual àquele *bastardo* irmão dele.

— Não se preocupe, *padre* — disse Vieri. — Logo eu vou reunir os dois... na morte!

— Venham — disse o homem a quem chamaram de Rodrigo. — Já ficamos tempo demais. — Jacopo e Francesco montaram em seus corcéis ao lado dele e se viraram na direção do portão norte, que os guardas de Pazzi já estavam abrindo. — Que o Pai da Compreensão possa guiar a todos nós!

Saíram e os portões tornaram a se fechar. Ezio se perguntou se agora seria uma boa oportunidade para tentar matar Vieri, mas ele estava muito bem protegido e, além do mais, talvez fosse melhor prendê-lo e interrogá-lo. Porém, gravou com cuidado os nomes dos homens que ouvira na intenção de acrescentá-

los à lista de inimigos do pai, pois obviamente havia uma conspiração em curso e todos estavam envolvidos.

Nesse meio-tempo, foi interrompido pela chegada de outro esquadrão de guardas de Pazzi, cujo líder foi correndo até Vieri.

— O que foi? — vociferou Vieri.

— *Commandante*, trago más notícias. Os homens de Mario Auditore ultrapassaram nossas últimas defesas.

Vieri fez uma expressão de desprezo.

— Isso é o que ele acha. Veja — apontando para a força poderosa de homens ao redor de si —, mais homens chegaram de Florença. Vamos varrer esse verme de San Gimignano antes de o dia nascer! — Ergueu a voz para os soldados reunidos. — Corram para enfrentar o inimigo! — gritou. — Acabem com aquela escória!

Com um grito rouco de início de batalha, o exército dos Pazzi fez formação atrás dos oficiais e, das proximidades do portão norte, seguiu na direção sul da cidade para encontrar os *condottieri* de Mario. Ezio rezou para que o tio não fosse pego de surpresa, pois agora estaria em grande desvantagem numérica. Vieri, porém, ficou para trás, e, sozinho agora a não ser por seu guarda-costas pessoal, voltava para a segurança do *palazzo*. Sem dúvida ainda tinha alguns assuntos pertinentes à reunião para concluir ali, ou talvez estivesse voltando para vestir a armadura e entrar no combate. De qualquer modo, logo o sol nasceria: era agora ou nunca. Ezio saiu da escuridão e tirou o capuz da cabeça.

— Bom dia, *Messere* de' Pazzi — cumprimentou. — A noite foi agitada?

Vieri se virou para olhá-lo e um misto de choque e terror tremulou em seu rosto por um momento. Quando recuperou a compostura, explodiu:

— Eu devia imaginar que você iria aparecer de novo! Faça as pazes com Deus, Ezio, tenho coisas mais importantes que você para tratar agora. Você não passa de um peão a ser eliminado desse tabuleiro.

Os guardas de Vieri foram até Ezio, que já estava preparado para isso. Derrubou o primeiro com sua última faca de atirar — a pequena lâmina atravessou o ar com um som agudo diabólico. Então sacou a espada e a adaga de combate e enfrentou o restante. Cortou e golpeou como um louco em meio a um redemoinho de sangue, com movimentos econômicos e letais, até que o último

homem, muito ferido, se afastou mancando para um lugar seguro. Então Vieri veio para cima dele portando um machado de combate com aparência ameaçadora que ele retirou da sela de seu cavalo, que continuava amarrado onde os outros corcéis haviam estado há pouco. Ezio desviou para evitar que o machado o atingisse em algum ponto mortal, mas o golpe, embora apenas tenha batido em sua armadura, fez com que ele cambaleasse e caísse, soltando a espada. Logo Vieri ficou sobre ele, chutando a espada para longe e erguendo o machado por sobre a cabeça. Reunindo o que restava de suas forças, Ezio tentou chutar a virilha do adversário, mas Vieri se antecipou e saltou para trás. Enquanto Ezio aproveitava a chance para se levantar, Vieri atirou o machado em seu pulso esquerdo, fazendo-o soltar a adaga de combate e abrindo um corte profundo no dorso de sua mão. Vieri sacou a própria espada e a adaga.

— Se quer um serviço bem-feito, faça você mesmo — disse Vieri. — Às vezes me pergunto para que pago esses assim chamados guarda-costas. Adeus, Ezio! — E se aproximou de seu inimigo.

A dor tinha atravessado o corpo de Ezio quando o machado atingiu sua mão, fazendo-o ficar tonto e com a visão turva. Mas então ele se lembrou do que havia aprendido e o instinto assumiu o comando. Sacudiu-se e, quando Vieri se preparava para dar o golpe derradeiro em seu oponente supostamente desarmado, Ezio flexionou a mão direita, abrindo os dedos. Na mesma hora, o mecanismo da adaga secreta do pai fez um clique e a lâmina saltou por entre seus dedos, estendendo-se completamente de modo letal, o metal fosco camuflando a lâmina perigosa. O braço de Vieri estava erguido. Seu flanco, desprotegido. Ezio enfiou a adaga na lateral do corpo dele: a lâmina deslizou sem encontrar a menor resistência.

Vieri por um momento ficou desfigurado, depois, soltando as armas, caiu de joelhos. O sangue fluía como uma cascata por entre suas costelas. Ezio o agarrou enquanto ele caía no chão.

— Você não tem muito tempo, Vieri — disse com pressa. — Agora é a *sua* chance de fazer as pazes com Deus. Diga, o que vocês estavam discutindo? Quais são seus planos?

Vieri respondeu com um sorriso demorado.

— Você nunca vai nos derrotar — disse ele. — Nunca vai derrotar os Pazzi e

com certeza nunca vai derrotar Rodrigo Bórgia.

Ezio sabia que dali a alguns instantes estaria falando com um cadáver. Insistiu com ainda mais urgência.

— Diga, Vieri! Meu pai descobriu seus planos? É por isso que sua gente o matou?

Mas o rosto de Vieri já estava cinzento. Ele agarrou com força o braço de Ezio. Um filete de sangue escorreu do canto de sua boca e seus olhos começavam a ficar vidrados. Mesmo assim, ele conseguiu dar um sorriso irônico.

— Ezio, o que você está esperando, uma confissão? Desculpe, mas simplesmente não tenho... tempo... — Ele fez força para inspirar, e mais sangue fluiu de sua boca. — Uma pena mesmo. Em outro mundo, quem sabe até não tivéssemos sido... amigos.

Ezio sentiu a pressão em seu braço afrouxar. Então a dor de seu ferimento cresceu de novo, junto com a lembrança inescapável da morte de seus parentes, e ele foi tomado por uma fúria gelada.

— Amigos? — exclamou ao cadáver. — Amigos! Seu merda! Seu corpo devia ser deixado num canto da estrada para apodrecer como um corvo morto! Ninguém vai sentir sua falta! Só queria que você tivesse sofrido mais! Eu...

— Ezio — chamou uma voz forte e gentil atrás dele. — Basta! Mostre um pouco de respeito a esse homem.

Ezio se levantou e se virou para confrontar o tio:

— Respeito? Depois de tudo o que aconteceu? O senhor acha que, se ele tivesse vencido, não teria enforcado todos nós na árvore mais próxima?

Mario estava acabado, coberto de terra e sangue, no entanto foi firme.

— Mas ele não venceu, Ezio. E você não é igual a ele. Não se torne um homem como ele. — Ele se ajoelhou perto do corpo e, com a mão enluvada, fechou os olhos do cadáver. — Que a morte dê a paz que sua pobre e raivosa alma buscava. — *Requiescat in pace.*

Ezio observou em silêncio. Quando o tio se levantou, perguntou:

— Acabou?

— Não — respondeu Mario. — Ainda estão combatendo ferozmente. Mas a maré está virando em nosso favor: Roberto trouxe alguns de seus homens para

nosso lado e agora é só uma questão de tempo. — Ele fez uma pausa. — Você com certeza vai ficar triste de saber que Orazio morreu.

— Orazio...!

— Ele me contou sobre sua coragem antes de morrer. Honre esse elogio, Ezio.

— Vou tentar. — Ezio mordeu o lábio. Embora não soubesse daquilo conscientemente, era outra lição que tinha aprendido.

— Preciso me juntar aos meus homens. Mas tenho algo para você, algo que vai lhe ensinar um pouco mais sobre nosso inimigo. É uma carta que tomamos de um dos padres daqui. Estava dirigida ao pai de Vieri, mas Francesco evidentemente já não está mais aqui para recebê-la. — Entregou a Ezio um papel com o selo quebrado. — Esse mesmo padre vai realizar os ritos fúnebres. Vou pedir que um de meus sargentos providencie tudo.

— Tenho algumas coisas para lhe contar...

Mario ergueu a mão.

— Mais tarde, quando terminarmos o que viemos resolver aqui. Depois desse contratempo, nossos inimigos não vão mais conseguir se movimentar com a velocidade que esperavam, e Lorenzo vai ficar muitíssimo atento em Florença. Por enquanto, temos vantagem sobre eles. — Parou. — Mas preciso voltar. Leia a carta, Ezio, e reflita sobre o que ela diz. E vá cuidar de sua mão.

Ele saiu. Ezio se afastou do corpo de Vieri e sentou-se embaixo da árvore onde havia se escondido momentos antes. As moscas já pairavam sobre o rosto do morto. Ezio abriu a carta e leu:

> Messere *Francesco:*
> *Fiz como o senhor solicitou e falei com seu filho. Concordo com a sua avaliação, embora apenas em parte. Sim, Vieri é precipitado e inclinado a agir sem pensar; e tem o costume de tratar seus homens como brinquedos, como peças de xadrez por cujas vidas ele mostra tanta consideração quanto se fossem de mármore ou madeira. E suas punições são realmente cruéis: recebi relatos de pelo menos três homens que foram desfigurados.*
>
> *Mas não acredito que ele, como o senhor diz, não tenha conserto. Ao contrário, acredito que a solução seja simples. Ele busca a sua aprovação. Sua atenção. Essas explosões são resultado de insegurança nascida de um sentimento de inadequação. Ele fala do senhor com carinho e frequência, e expressa o desejo de ser mais próximo do senhor. Por isso, se é vulgar, grosseiro e raivoso, acredito que é simplesmente porque deseja ser notado. Ele deseja ser amado.*

Aja como julgar mais apropriado com base na informação que lhe passei aqui, mas agora preciso pedir que terminemos essa correspondência. Se ele descobrir a natureza de nossa conversa, temo candidamente pelo que possa me acontecer.

Seu, em confiança,

Padre Giocondo

Ezio ficou sentado por um longo tempo depois de ler a carta, pensando. Olhou para o corpo de Vieri. Havia uma bolsa presa ao seu cinto, que Ezio não havia notado antes. Andou até lá e a pegou, voltando à árvore para examinar o que continha. Havia uma pequena imagem de uma mulher, alguns florins em um bolso, um caderninho em branco, e, cuidadosamente enrolado, um pergaminho. Com mãos trêmulas, Ezio o abriu e imediatamente o reconheceu. Era uma página do códex...

O sol já estava mais alto e um grupo de monges apareceu com uma maca de madeira. Nela colocaram o corpo de Vieri e o levaram embora.

Enquanto a primavera voltava a virar verão, e as mimosas e azaleias abriam caminho para os lírios e as rosas, uma paz inquieta voltou à Toscana. Ezio ficou satisfeito de ver que a mãe continuava a se recuperar, embora seus nervos tivessem sido tão desgastados pela tragédia que agora o filho considerava que talvez ela jamais deixasse a paz e a tranquilidade do convento. Claudia estava pensando em fazer os primeiros votos que a levariam ao noviciado — uma perspectiva que não o agradou, mas ele sabia que a irmã era tão teimosa quanto ele, e que tentar impedi-la a faria apenas fortalecer sua decisão.

Mario passara o tempo dedicando-se a garantir que San Gimignano e seu território, agora sob o controle sóbrio e reformado de seu velho camarada Roberto, não mais oferecessem ameaça, e que os últimos bolsões de resistência dos Pazzi fossem destruídos. Monteriggioni estava a salvo, depois das comemorações da vitória, os *condottieri* de Mario receberam uma licença bem merecida, e a usaram à sua escolha, para passar tempo com suas famílias, beber ou sair com prostitutas, mas jamais negligenciaram seu treinamento — os escudeiros mantiveram as armas afiadas e as armaduras sem ferrugem, enquanto os pedreiros e carpinteiros conservaram em ordem as fortificações tanto da cidade quanto do castelo. Ao norte, a ameaça externa que a França poderia

oferecer estava em suspenso desde que o rei Luís começara a se ocupar de eliminar os últimos invasores ingleses e enfrentar os problemas causados pelo duque de Borgonha; enquanto ao sul o papa Sisto IV, um potencial aliado dos Pazzi, estava ocupado demais promovendo os parentes e supervisionando a construção de uma magnífica capela no Vaticano para dar importância a qualquer interferência na Toscana.

No entanto, Mario e Ezio tinham tido muitas e longas conversas sobre a ameaça que sabiam não estar eliminada.

— Preciso lhe contar mais a respeito de Rodrigo Bórgia — disse Mario ao sobrinho. — Ele nasceu em Valência, mas estudou Direito em Bolonha e nunca mais voltou à Espanha, pois aqui está em posição melhor de perseguir suas ambições. No momento, é um membro de destaque na cúria de Roma, mas está sempre de olho em algo melhor. É um dos homens mais poderosos da Europa, porém, é mais do que um político esperto dentro da Igreja. — Ele abaixou a voz. — Rodrigo é o líder da Ordem dos Templários.

Ezio sentiu seu coração pular.

— Isso explica sua presença no assassinato de meu pobre pai e de meus irmãos. Ele estava por trás disso.

— Sim, e não deve ter se esquecido de você, principalmente porque foi em grande parte por sua causa que ele perdeu a base de poder na Toscana. E ele sabe de sua coragem e do perigo que você representa. Esteja bem ciente, Ezio, de que ele irá mandar matá-lo assim que tiver oportunidade.

— Então preciso enfrentá-lo, se eu quiser um dia ser livre.

— Precisamos ficar de olho nele, mas antes temos outros assuntos mais próximos de casa para tratar e já os evitamos por tempo suficiente. Venha ao meu gabinete.

Foram do jardim onde estavam passeando para uma das salas do castelo, situada no fim de um corredor que levava à sala dos mapas. Era um lugar silencioso, escuro, mas não sombrio, cheio de livros e mais parecido com o gabinete de um *accademico* do que com o de um comandante militar. As prateleiras também continham artefatos que pareciam ter vindo da Turquia ou da Síria, além de volumes que, Ezio percebeu pelas lombadas, estavam escritos em árabe. Perguntou ao tio sobre eles, mas recebeu apenas uma resposta

extremamente vaga.

Lá dentro, Mario destrancou um baú e de lá puxou uma pasta de documentos de couro que protegia um maço de papéis. Entre eles havia alguns que Ezio reconheceu na mesma hora.

— Aqui está a lista de seu pai, meu rapaz... Bem, agora eu não devo mais chamá-lo assim, pois você já é um homem, um verdadeiro guerreiro. A ela acrescentei os nomes que você me disse em San Gimignano. — Ele olhou para o sobrinho e lhe entregou o documento. — É hora de você começar seu trabalho.

— Cada um dos Templários aí listados deverá cair sob minha espada — disse Ezio, sem se alterar. Seu olhar brilhou ao ver o nome de Francesco de' Pazzi. — É com ele que começo. É o pior do seu clã e fanático em seu ódio pelos nossos aliados, os Médici.

— Tem razão em dizer isso — concordou Mario. — Então, fará os preparativos para ir a Florença?

— É o que decidi.

— Ótimo. Mas você precisa aprender mais coisas se quiser estar totalmente preparado. Venha.

Mario se virou para uma estante e apertou um botão escondido em sua lateral. Ela deslizou sobre dobradiças silenciosas e abriu-se, revelando uma parede de pedra em que diversas aberturas quadradas tinham sido marcadas. Cinco estavam preenchidas. O resto estava vazio.

Os olhos de Ezio brilharam quando ele viu que os cinco espaços preenchidos estavam ocupados com páginas do códex!

— Vi que o reconheceu — disse Mario. — E não me surpreendo. Afinal, seu pai lhe deixou uma página, que seu talentoso amigo de Florença conseguiu decodificar, e há estas que Giovanni conseguiu encontrar e traduzir antes de morrer.

— E a que peguei junto com o cadáver de Vieri — acrescentou Ezio. — Porém seu conteúdo ainda é um mistério.

— É verdade, você tem razão. Não sou o acadêmico que seu pai era, embora com cada página acrescentada e com a ajuda dos livros em meu gabinete eu esteja chegando mais perto de descobrir o mistério. Olhe! Está vendo como as palavras se cruzam de uma página para a seguinte e como os símbolos se

juntam?

Ezio olhou com atenção enquanto um sentimento esquisito de lembrança inundava-lhe o cérebro, como se um instinto hereditário estivesse despertando. Com isso os rabiscos nas páginas do códex pareceram ganhar vida, suas intenções se desenrolaram ante seus olhos.

— Sim! E parece haver parte de uma imagem embaixo... olhe, é como um mapa!

— Giovanni, e agora eu também, descobriu o que parece ser um tipo de profecia escrita ao longo dessas páginas, mas ao que se refere ainda preciso descobrir. É algo a respeito de *“um pedaço do Éden”* e foi escrito há muito tempo, por um Assassino como nós, cujo nome parece ter sido Altair. E tem mais. Ele escreveu que é *“algo escondido embaixo da terra, algo tão poderoso quanto antigo”* — mas ainda precisamos descobrir o que é.

— Aqui está a página de Vieri — disse Ezio. — Coloque-a na parede.

— Ainda não! Vou copiá-la antes de você partir, mas leve a original ao seu amigo de mente brilhante em Florença. Ele não precisa conhecer tudo, ou pelo menos aquilo que já temos até agora, e na verdade pode ser perigoso para ele ter tal conhecimento. Mais tarde o pergaminho de Vieri se juntará aos outros desta parede e estaremos um pouco mais perto de decifrar o mistério.

— E as outras páginas?

— Ainda precisam ser redescobertas — disse Mario. — Não se preocupe. Você precisa se concentrar em realizar o que está imediatamente à sua frente.

8

Ezio tinha preparativos a fazer antes de partir de Monteriggioni. Havia muito mais a aprender ao lado do tio sobre o Credo dos Assassinos, a fim de se preparar melhor para a tarefa que enfrentaria. Também precisava se assegurar de que em Florença estaria pelo menos relativamente seguro, sem falar na questão de onde iria ficar. Os espiões de Mario na cidade haviam relatado que o *palazzo* de sua família tinha sido fechado e coberto de tábuas, embora permanecesse sob a proteção e a guarda da família Médici e por isso não houvesse sido molestado. Vários atrasos e contratempos deixaram Ezio impaciente, até que, numa manhã de março, seu tio lhe disse para arrumar as malas.

— Foi um inverno longo... — disse Mario.

— Longo demais — interrompeu Ezio.

— ...mas agora está tudo acertado — continuou o tio. — E preciso lembrá-lo de que a preparação meticulosa é responsável pela maioria das vitórias. Agora preste atenção! Tenho uma amiga em Florença que providenciou um abrigo seguro para você, não muito longe da casa dela.

— Quem é, tio?

Mario pareceu misterioso.

— O nome não importa a você, mas tem minha palavra de que pode confiar nela como confia em mim. Seja como for, no momento ela está fora da cidade. Se precisar de ajuda, entre em contato com sua antiga governanta, Annetta, cujo endereço não mudou e que agora trabalha para os Médici. Mas seria melhor que o mínimo possível de pessoas em Florença soubesse de sua presença por lá. Porém, há alguém que você *precisa* contatar, embora não seja fácil. Escrevi o

nome dele aqui. Você precisa perguntar sobre ele com discrição. Tente perguntar ao seu amigo cientista enquanto estiver lhe mostrando a página do códex, mas não o deixe saber demais, para seu próprio bem! E, falando nisso, aqui está o endereço de onde você vai ficar. — Entregou a Ezio dois papéis e uma bolsa de couro carregada. — E cem florins para começar, além de seus documentos de viagem, que você vai encontrar em ordem. A melhor notícia de todas é que você já pode partir amanhã!

Ezio usou o pouco tempo que lhe restava para ir ao convento e se despedir da mãe e da irmã, empacotar todas as suas roupas e equipamentos essenciais e se despedir do tio e dos homens e mulheres da cidade que haviam sido seus companheiros e aliados por tanto tempo. Mas foi com espírito alegre e determinado que selou o cavalo e atravessou os portões do castelo na aurora da manhã seguinte. Foi uma cavalgada longa, de um dia inteiro, mas sem contratempos. Na hora do jantar ele já estava alojado em seu novo abrigo e pronto para se familiarizar novamente com a cidade que tinha sido seu lar a vida inteira, mas que não via há tanto tempo. No entanto, aquele não era um retorno sentimental, e, tão logo ele redescobriu onde estava pisando e se permitiu dar um passeio triste pela fachada da antiga casa de sua família, foi direto até o ateliê de Leonardo da Vinci, sem esquecer de levar consigo a página do códex de Vieri de' Pazzi.

Depois da partida de Ezio, Leonardo havia ampliado o ateliê e englobara a propriedade que ficava à esquerda da sua, um armazém com muito espaço para os resultados físicos das criações do artista se materializarem. Duas longas mesas sobre cavaletes corriam de ponta a ponta, iluminadas por lamparinas a óleo e janelas altas nas paredes — Leonardo queria evitar olhares curiosos. Nas mesas, pendurados nas paredes e espalhados parcialmente montados pelo meio da sala havia uma confusão de aparelhos, máquinas e peças de equipamentos de engenharia, e pregados às paredes havia centenas de desenhos e esboços. Em meio a esse pandemônio de criatividade, meia dúzia de assistentes passavam apressados e trabalhavam sob os olhos atentos dos ligeiramente mais velhos, mas não menos atraentes, Agniolo e Innocento. Aqui, um modelo de carroça, porém redonda, repleta de armas e coberta com uma abóbada encouraçada com o formato de uma tampa de panela levantada, em cima da qual havia um buraco

por onde um homem poderia enfiar a cabeça e ver em que direção a máquina estava indo; ali, o desenho de um barco com forma de tubarão, mas com uma estranha torre nas costas. O mais esquisito é que, pelo desenho, parecia que o barco estava navegando embaixo d'água. Mapas e esboços anatômicos mostrando tudo, desde o funcionamento dos olhos até o coito, passando pelo embrião no ventre, e muitas outras coisas que estavam além da imaginação de Ezio, lotavam todo o espaço de parede disponível, e as amostras e objetos empilhados pelas mesas lembraram a Ezio do caos organizado que ele vira na sua última visita ali, porém multiplicado por cem. Havia imagens precisas de animais, dos familiares aos sobrenaturais, e projetos para tudo, de bombas d'água até muralhas de defesa.

Mas o que chamou a atenção de Ezio estava pendurado no teto, não muito alto. Lembrou-se de que já tinha visto uma versão daquilo antes, na forma de um modelo menor, mas este parecia uma versão com metade do tamanho para o que poderia um dia vir a ser a máquina de verdade. Ainda parecia o esqueleto de um morcego, e algum tipo de pele de animal resistente tinha sido bem esticada sobre as molduras de duas projeções de madeira. Perto estava um cinzel com alguns papéis presos a ele. Entre as anotações e os cálculos, Ezio leu:

...mola de chifre ou de aço presa sobre madeira de salgueiro coberta de junco.

O impulso mantém as aves em seu voo. Durante o voo as asas não pressionam o ar e inclusive se erguem para cima.

Se um homem pesa 90 quilos e está nesse ponto n, e ergue a asa com o bloco dele, que tem 70 quilos, com poder de 136 quilos ele se ergueria com duas asas...

Tudo aquilo era grego para Ezio, mas pelo menos ele conseguiu ler o que estava escrito — Agniolo devia ter transcrito a partir dos rabiscos impenetráveis de Leonardo. Naquele momento percebeu Agniolo olhando-o e rapidamente voltou a atenção para outra coisa. Sabia o quanto Leonardo gostava de guardar seus mistérios.

Então o próprio Leonardo chegou, vindo da direção de seu antigo ateliê, e foi até Ezio, abraçando-o calorosamente.

— Meu caro Ezio! Você voltou! Estou tão feliz de ver você. Depois de tudo o que aconteceu, pensamos que... — Ele deixou a frase pairar e pareceu

perturbado.

Ezio tentou alegrá-lo de novo.

— Olhe só para esse lugar! Claro que não consigo entender nada do que está aqui, mas suponho que você saiba o que está fazendo! Desistiu da pintura?

— Não — respondeu Leonardo. — Só estou finalizando... outras coisas... que prenderam minha atenção.

— Estou vendo. E você expandiu o ateliê. Deve estar prosperando. Os últimos dois anos foram bons para você.

Porém, naquele momento Leonardo viu tanto tristeza quanto severidade sob o rosto de Ezio.

— Talvez — respondeu ele. — Eles me deixam em paz. Imagino que achem que serei útil para quem quer que ganhe o controle absoluto um dia... Não que eu imagine que alguém um dia consiga isso. — Mudou de assunto. — Mas e quanto a você, meu amigo?

Ezio o olhou.

— Teremos tempo, espero, para um dia sentar e conversar sobre tudo o que aconteceu desde que nos vimos pela última vez. Mas agora preciso novamente de sua ajuda.

Leonardo abriu as mãos.

— Por você, qualquer coisa!

— Tenho uma coisa a lhe mostrar que acho que vai lhe interessar.

— Então é melhor ir para o meu estúdio. É menos agitado lá.

De volta ao velho estúdio de Leonardo, Ezio tirou a página do códex da bolsa e abriu-a na mesa diante deles.

Os olhos de Leonardo se arregalaram de empolgação.

— Lembra-se da primeira? — perguntou Ezio.

— Como poderia esquecer? — O artista olhou para a página. — Isso é muito interessante! Posso?

— Claro.

Leonardo analisou a página com cuidado, correndo os dedos pelo pergaminho. Então, pegando papel e penas, começou a copiar as palavras e os símbolos. Quase que imediatamente se pôs a ir de lá para cá, consultando livros e manuscritos, absorto. Ezio o observou trabalhar com gratidão e paciência.

— Que interessante — comentou Leonardo. — São línguas desconhecidas, pelo menos para mim, mas possuem uma espécie de padrão. Humm. Sim, há uma nota aqui em aramaico que torna as coisas um pouco mais claras. — Ele olhou para cima. — Sabe, unindo esta com aquela outra página, dá quase para pensar que formam uma espécie de guia, em certo nível, pelo menos, um guia para diversas formas de assassinato. Mas claro que é muito mais do que isso, embora eu não faça a menor ideia do quê. Só sei que estamos apenas riscando a superfície do que isso pode revelar. Precisaríamos de todas as páginas, mas você não tem ideia de onde elas estão, certo?

— Nenhuma.

— Nem de quantas existem no volume completo?

— É possível que... que isso seja conhecido.

— Ahá — disse Leonardo. — Segredos! Bem, devo respeitá-los. — Então outra coisa chamou a sua atenção. — Olhe!

Ezio olhou por cima do ombro, mas não viu nada além de uma sucessão de símbolos em forma de cunha agrupados próximos uns dos outros.

— O que é isso?

— Não consigo identificar direito, mas tenho certeza de que esta parte contém uma fórmula para um metal ou liga sobre o qual nada sabemos... o que, logicamente, não *poderia* existir!

— Tem mais alguma coisa?

— Sim, a parte mais fácil de decifrar. É basicamente o projeto de outra arma, que parece complementar a que você já tem. Mas esta teríamos de produzir a partir do zero.

— Que tipo de arma?

— É bem simples, na verdade. Trata-se de uma placa de metal que vai dentro de um braçal de couro. Você a coloca no antebraço esquerdo, ou no direito, se for canhoto como eu, e a usa para aparar golpes de espada ou até mesmo de machados. O mais extraordinário é que, embora seja obviamente muito resistente, o metal que teremos de forjar é também incrivelmente leve. E incorpora uma adaga de dois gumes, montada sobre uma mola retrátil como a primeira.

— Acha que consegue fazê-la?

— Sim, mas vai demorar um pouco.

— Não tenho muito tempo.

Leonardo refletiu.

— Acho que tenho tudo de que preciso aqui, e meus homens são habilidosos o bastante para forjar isso. — Pensou por um momento, os lábios se movendo enquanto fazia suas contas. — Vai levar dois dias — decidiu. — Volte então e veja se funciona!

Ezio fez uma reverência.

— Leonardo, eu lhe sou imensamente grato. E posso lhe pagar.

— Eu é que sou grato a *você*. Esse seu códex expande meus conhecimentos. Eu me considerava inovador, mas descubro muita coisa intrigante nessas páginas. — Ele sorriu e murmurou quase que para si mesmo: — E você, Ezio, não pode imaginar o quanto lhe devo por ter me mostrado isso. Venha me mostrar outras que descobrir; de onde elas vêm é assunto seu. Só estou interessado no que elas contêm, e ninguém mais fora do seu círculo, além de mim, saberá a respeito delas. Essa é toda a recompensa que peço.

— É sem dúvida uma promessa.

— *Grazie!* Até sexta então. Ao pôr do sol?

— Até sexta.

Leonardo e seus assistentes realizaram bem a tarefa. A nova arma, embora tivesse aplicação defensiva, era extraordinariamente útil. Os assistentes mais jovens de Leonardo simularam atacar Ézio, mas usando armas de verdade, incluindo espadas nas duas mãos e machados de combate, e a placa de pulso, leve e simples de manejar como era, facilmente aparou os golpes mais pesados.

— É uma arma impressionante, Leonardo.

— De fato.

— E pode muito bem salvar minha vida.

— Esperemos que você não arrume mais cicatrizes como essa na sua mão esquerda — disse Leonardo.

— É a última lembrança de um velho... amigo — disse Ezio. — Mas agora preciso de mais um conselho seu.

Leonardo deu de ombros.

— Se eu puder ajudar, ajudarei.

Ezio olhou para os assistentes de Leonardo.

— Em particular, talvez?

— Siga-me.

De volta ao estúdio, Ezio desembrulhou o papel que Mario havia lhe dado e entregou-o a Leonardo.

— Esta é a pessoa que meu tio me disse para encontrar. Ele me disse que não adiantaria tentar encontrá-lo diretamente...

Porém, Leonardo olhava o nome no papel. Quando ergueu os olhos, seu rosto estava ansioso.

— Sabe quem é essa pessoa?

— Eu li o nome... *La Volpe*. Imagino que seja um apelido.

— A Raposa! Sim! Mas não fale este nome em voz alta, nem em público. É um homem cujos olhos estão em toda parte, mas ele mesmo nunca é visto.

— Onde eu poderia encontrá-lo?

— Impossível dizer, mas para começar, e seja cuidadoso, você deveria tentar o bairro do Mercato Vecchio...

— Mas todo ladrão que não está na cadeia nem na forca anda por lá.

— Eu disse que era preciso ter cuidado. — Leonardo olhou em torno para ver se o estavam escutando. — Quem sabe eu... consiga mandar um recado para ele... Vá procurá-lo amanhã, depois das Vésperas... Talvez você tenha sorte... talvez não.

Apesar do aviso do tio, havia uma pessoa em Florença que Ezio estava decidido a ver novamente. Durante todo o tempo de sua ausência, ela nunca havia se afastado de seu coração, e agora as dores do amor aumentaram por saber que ela não estava longe. Ele não poderia se arriscar muito na cidade. Seu rosto havia mudado, se tornado mais anguloso, pois tinha ganhado tanto experiência quanto idade, mas ainda era possível que o reconhecessem. O capuz ajudava, permitindo-o “desaparecer” na multidão, e ele o usava cobrindo o rosto; mas sabia que, embora os Médici agora detivessem o poder, os Pazzi ainda tinham cartas na manga. Estavam ganhando tempo e permaneceriam vigilantes, dessas duas coisas ele poderia ter certeza, assim como poderia ter certeza de que se o apanhassem desprevenido o matariam, com ou sem os Médici. Porém, na

noite seguinte, foi tão impossível evitar que seus pés o levassem até a mansão dos Calfucci quanto voar até a Lua.

As portas da entrada principal estavam abertas, revelando o pátio banhado pelo sol ali dentro, e lá estava ela, mais magra, talvez mais alta, com o cabelo penteado para cima, não mais uma garota e sim uma mulher. Ele chamou seu nome.

Quando ela o viu, ficou tão pálida que ele achou que ela fosse desmaiar, mas ela se refez, disse algo à sua ama para dispensá-la e foi até ele, com as mãos estendidas. Ele rapidamente a arrastou da rua para o abrigo escondido de um arco ali perto, cujas pedras amarelas eram enfeitadas de mármore. Afagou seu pescoço e notou que ela ainda usava a corrente fina à qual estava preso o pingente dele, embora o pingente em si estivesse escondido em seu seio.

— Ezio! — gritou ela.

— Cristina!

— O que está fazendo aqui?

— Vim tratar de negócios do meu pai.

— Onde você *esteve*? Não tive notícias suas em dois *anos*.

— Eu estive... afastado. Também devido a negócios do meu pai.

— Disseram que você devia estar morto, e que sua mãe e sua irmã também deviam estar.

— O destino nos tratou de modo diferente. — Ele fez uma pausa. — Não pude escrever, mas você nunca saiu de meus pensamentos.

Os olhos dela, que haviam estado dançando, subitamente se nublaram e pareceram atormentados.

— O que houve, *carissima*? — perguntou ele.

— Nada. — Ela tentou se libertar, mas ele não deixou.

— Está claro que alguma coisa aconteceu. Me diga!

Ela o encarou, com olhos cheios de lágrimas.

— Oh, Ezio! Estou noiva e vou me casar!

Ezio ficou surpreso demais para responder. Soltou os braços dela, percebendo que estava segurando-a com muita força e que a machucava. Viu o longo e solitário campo que tinha para lavrar estender-se à sua frente.

— Foi meu pai — continuou ela. — Ficou insistindo para eu escolher. Você

não estava aqui. Achei que estivesse morto. Então meus pais começaram a receber visitas de Manfredo d'Arzenta, sabe, o filho dos endinheirados. Eles se mudaram de Lucca para cá depois que você foi embora de Florença. Oh, Deus, Ezio, meus pais ficaram me pedindo para não desapontar a família, para fazer um bom casamento enquanto eu ainda podia. Achei que nunca mais veria você de novo. E agora...

Ela foi interrompida pela voz de uma garota gritando em pânico no fim da rua, onde havia uma pracinha. Cristina ficou instantaneamente tensa.

— É Gianetta; lembra-se dela?

Ouviram mais gritos e berros, e Gianetta gritou um nome:

— Manfredo!

— É melhor ver o que está acontecendo — disse Ezio, seguindo na direção do tumulto.

Na praça, viram Gianetta, amiga de Cristina, outra garota que Ezio não reconheceu e um homem mais velho que, ele lembrou, havia trabalhado como gerente do pai de Cristina.

— O que está acontecendo? — perguntou Ezio.

— É Manfredo! — gritou Gianetta. — Dívidas de jogo de novo! Desta vez eles o matam com certeza!

— O quê? — exclamou Cristina.

— Sinto muito, *signorina* — disse o funcionário. — Dois homens a quem ele deve dinheiro o arrastaram até o pé da Nova Ponte. Disseram que vão bater nele por causa das dívidas. Sinto muitíssimo, *signorina*. Não pude fazer nada.

— Está tudo bem, Sandeo. Chame os guardas da casa. É melhor eu ir e...

— Espere um pouco — interrompeu Ezio. — Quem diabos é Manfredo?

Cristina olhou para ele como se através das barras de uma prisão.

— Meu *fidanzato* — respondeu.

— Vejamos o que eu posso fazer — disse Ezio, e se apressou pela rua que levava até a ponte. Um minuto depois estava sobre um banco de areia perto das águas amarelas, pesadas e lentas do Arno, olhando para a faixa estreita de terreno lá embaixo, perto do primeiro arco da ponte. Ali, um jovem vestido com elegantes roupas pretas e prateadas estava de joelhos. Dois outros jovens suavam e resmungavam enquanto o chutavam com força ou se inclinavam para socá-lo.

— Vou pagar vocês, eu juro! — berrou o jovem rapaz.

— Já estamos cheios de suas desculpas! — disse um de seus algozes. — Você nos fez de idiotas. Então agora você vai ser um exemplo. — Ele ergueu a bota até o pescoço do jovem e empurrou-lhe o rosto na lama, enquanto seu companheiro chutava o garoto nas costelas.

O primeiro agressor estava prestes a chutar os rins do rapaz quando foi agarrado pela nuca e pelas costas do casaco. Alguém o levantou... e, no instante seguinte, ele se viu sendo atirado pelos ares, aterrissando segundos depois na água entre o esgoto e os destroços que ficavam aos pés do primeiro píer da ponte. Estava tão ocupado tentando se desengasgar da água nojenta que tinha engolido que não percebeu que a essa altura seu parceiro havia sofrido o mesmo destino.

Ezio estendeu a mão para o rapaz enlameado e o ajudou a se levantar.

— *Grazie*, *signore*. Acho que dessa vez teriam me matado, mas seriam uns idiotas de fazer isso. Eu podia pagá-los, de verdade!

— Não tem medo de virem atrás de você de novo?

— Agora que eles pensam que tenho um guarda-costas como você, não.

— Não me apresentei: Ezio... de Castronovo.

— Manfredo d'Arzenta, a seu dispor.

— Não sou seu guarda-costas, Manfredo.

— Não importa. Você tirou esses palhaços do meu pé e lhe sou grato. Nem sabe o quanto. Na verdade, deixe-me recompensá-lo. Mas primeiro vou me limpar e levar você para tomar uma bebida. Tem uma casa de jogo perto de Via Fiordaliso...

— Ei, um minuto — disse Ezio, ciente de que Cristina e suas acompanhantes estavam se aproximando.

— Que foi?

— Você joga muito?

— Por que não? É o melhor jeito que conheço de passar o tempo.

— Você a ama? — interrompeu Ezio.

— Como assim?

— Sua *fidanzata,* Cristina... você a ama?

Manfredo pareceu assustado com a súbita veemência de seu salvador.

— Claro que sim, se é que isso é da sua conta. Pode me matar aqui mesmo que vou morrer amando-a.

Ezio hesitou. Parecia que o rapaz estava falando a verdade.

— Então ouça-me: você nunca mais vai voltar a jogar, está me entendendo?

— Sim! — respondeu Manfredo, amedrontado.

— Jure!

— Juro!

— Não sabe o homem de sorte que é. Quero que me prometa que será um bom marido para ela. Se eu ouvir uma palavra ao contrário, vou atrás de você e o mato com minhas próprias mãos.

Manfredo percebeu que seu salvador estava falando sério. Olhou em seus olhos cinzentos e frios e algo se agitou em sua memória.

— Eu o conheço? — perguntou. — Tem alguma coisa que... Você me parece familiar.

— Nunca nos vimos antes — respondeu Ezio. — E não precisamos voltar a nos ver, a não ser que... — Ele se interrompeu. Cristina estava esperando no fim da ponte, olhando para baixo. — Vá até ela e mantenha sua palavra.

— Sim. — Manfredo hesitou. — Eu a amo de verdade, sabe. Talvez eu realmente tenha aprendido algo hoje. Farei tudo ao meu alcance para que ela seja feliz. Não preciso de nenhuma ameaça à minha vida para prometer isso.

— Espero que sim. Agora vá!

Ezio observou por um momento Manfredo subir na margem e sentiu seus olhos serem irresistivelmente atraídos pelos de Cristina. Os dois se olharam por um instante e ele ergueu a mão para dar-lhe um adeus discreto. Depois se virou e foi embora. Nunca, desde a morte de seus parentes, seu coração tinha ficado tão pesado.

No sábado à tarde, ele ainda estava profundamente melancólico. Nos momentos mais sombrios sempre tinha a sensação de que havia perdido tudo — pai, irmãos, lar, status, carreira... e agora, esposa! Mas se lembrou da bondade e da proteção que Mario lhe havia oferecido, e de sua mãe e de sua irmã, que ele conseguira salvar e proteger. Quanto a futuro e carreira, ele ainda tinha as duas coisas, mas estavam indo para uma direção bastante diferente da qual ele antes havia imaginado. Também tinha um trabalho a fazer, e chorar por Cristina não o

ajudaria a completá-lo. Nunca seria possível tirá-la de seu coração, mas ele teria de aceitar o destino solitário que a sorte lhe concedera. Será que era esse o caminho do Assassino? Será que aderir ao Credo envolvia isso?

Foi até o Mercato Vecchio com humor sombrio. O bairro era evitado pela maioria das pessoas que ele conhecia, e ele mesmo só o tinha visitado uma vez. A velha praça do mercado estava suja e abandonada, assim como os prédios e as ruas que a rodeavam. Várias pessoas iam e vinham, mas não era nenhuma *passeggiata*. Seguiam com um objetivo, sem perder tempo, mantendo a cabeça baixa. Ezio tomara o cuidado de se vestir com simplicidade e não trazia uma espada, embora levasse a placa de pulso e sua adaga de lâmina retrátil por precaução. Mesmo assim, sabia que devia chamar atenção entre as pessoas ao seu redor e ficou alerta.

Estava justamente se perguntando o que fazer a seguir e pensando em entrar em uma cervejaria vagabunda na esquina da praça para ver se conseguiria descobrir indiretamente por quais meios conseguiria entrar em contato com a Raposa, quando um jovem magro de repente apareceu do nada e passou por ele, empurrando-o.

— *Scusi, signore* — disse o rapaz educadamente, com um sorriso, e passou por ele apressado.

A mão de Ezio foi instintivamente para o cinto. Havia deixado seus pertences mais preciosos guardados em segurança no local onde estava abrigado, mas trouxera alguns florins consigo na bolsa presa ao seu cinto — que agora não estava mais lá. Virou-se e viu o rapaz indo em direção a uma das ruelas estreitas que saíam da praça e foi atrás dele. Ao vê-lo, o ladrão apertou o passo, mas Ezio conseguiu mantê-lo em vista e correu atrás dele, conseguindo alcançá-lo e agarrá-lo pelo colarinho quando ele estava prestes a entrar em um cortiço alto e genérico na Via Sant'Angelo.

— Devolva! — vociferou ele.

— Não sei do que você está falando — retrucou o ladrão, mas havia medo em seus olhos.

Ezio, que estava a ponto de destravar a adaga, conteve a raiva. O homem, pensou de repente, talvez pudesse lhe dar a informação que buscava.

— Não tenho interesse em ferir você, meu amigo — disse. — Devolva

minha bolsa e não se fala mais nisso.

— Você venceu — disse o jovem tristemente depois de hesitar, metendo a mão na bolsa ao seu lado.

— Tem uma coisa, porém — acrescentou Ezio.

O jovem na mesma hora ficou desconfiado.

— O quê?

— Sabe onde posso encontrar um homem que chama a si mesmo de *La Volpe*?

Agora o rapaz ficou seriamente amedrontado.

— Nunca ouvi falar. Aqui, tome seu dinheiro, *signore*, e me deixe ir!

— Só depois que me disser.

— Um minuto — falou uma voz profunda e rouca atrás dele. — Talvez eu possa ajudar.

Ezio se virou e viu um homem de ombros largos quase da sua altura, mas uns dez ou quinze anos mais velho. Usava um capuz que escondia parcialmente seu rosto, não muito diferente do de Ezio, mas embaixo dele havia um par de olhos cor de violeta penetrantes que brilhavam com um estranho poder e o atravessavam.

— Por favor, deixe meu colega ir embora — pediu o homem. — Eu respondo por ele. — Ao jovem ladrão, ele disse: — Devolva o dinheiro ao cavalheiro, Corradin, e suma. Conversaremos a respeito depois.

Ele falava com tanta autoridade que Ezio soltou o rapaz. Em um segundo Corradin já tinha devolvido a bolsa de Ezio e sumido dentro do prédio.

— Quem é você? — perguntou Ezio.

O homem sorriu devagar.

— Meu nome é Gilberto, mas me chamam de muitas coisas: assassino, por exemplo, e *tagliagole*; mas entre os amigos sou conhecido apenas como Raposa. — Ele fez uma reverência ligeira, ainda olhando Ezio nos olhos com aquele olhar penetrante. — E estou a seu dispor, *Messere* Auditore. Na verdade, estava esperando por você.

— Como... como sabe meu nome?

— Faz parte do meu ramo saber tudo nesta cidade. E acho que sei por que você acredita que posso ajudá-lo.

— Meu tio me deu seu nome...

Raposa tornou a sorrir, mas não disse nada.

— Preciso encontrar alguém, para estar um passo à frente dele, se eu puder — continuou Ezio.

— Quem procura?

— Francesco de' Pazzi.

— Peixe grande, pelo jeito. — Raposa ficou sério. — Talvez eu *possa* ajudá-lo. — Parou, refletindo. — Fui avisado de que algumas pessoas de Roma desembarcaram recentemente nas docas. Vieram para uma reunião da qual ninguém mais deveria tomar conhecimento, mas não sabem nada de mim, muito menos que sou os olhos e os ouvidos desta cidade. O anfitrião do encontro é o homem que você procura.

— Quando vai ser a reunião?

— Hoje à noite! — Raposa sorriu de novo. — Não se preocupe, Ezio, não é o destino. Eu teria enviado alguém para trazê-lo até mim se você não tivesse me encontrado, mas resolvi testá-lo para me divertir. Muito poucos dos que me procuram conseguem me encontrar.

— Quer dizer que você armou isso tudo, usando Corradin?

— Perdoe minha teatralidade, mas eu também precisava ter certeza de que *você* não estava sendo seguido. Ele é um rapaz e isso também foi um tipo de teste para ele. Veja, posso ter armado a coisa, mas ele não tinha ideia do serviço que estava me prestando. Achou apenas que eu havia encontrado uma vítima para ele! — Seu tom se endureceu e ficou mais pragmático. — Bem, você precisa encontrar uma maneira de espionar esse encontro, mas não vai ser fácil. — Ele olhou para o céu. — O sol já está se pondo. Precisamos correr, e a maneira mais rápida de chegar é indo pelos telhados. Me siga!

Sem dizer mais nada, ele se virou e escalou a parede atrás dele com tanta rapidez que Ezio teve dificuldade em acompanhá-lo. Correram por sobre as telhas vermelhas, pulando os abismos das ruas ante a última luz do sol, silenciosos como gatos, até chegarem na frente da fachada da grande igreja de Santa Maria Novella. Ali Raposa parou. Ezio conseguiu chegar segundos depois, mas notou que estava mais ofegante do que o homem mais velho.

— Você teve um bom professor — comentou Raposa, mas Ezio teve a

distinta impressão de que, caso quisesse, seu novo amigo o teria deixado para trás com a maior facilidade. Isso só fez aumentar sua determinação em aperfeiçoar suas habilidades. Agora, entretanto, não era hora de jogos ou competições.

— É ali que *Messere* Francesco está fazendo sua reunião — disse Raposa, apontando para baixo.

— Na igreja?

— Sob ela. Venha!

Àquela hora, a praça na frente da igreja estava deserta. Raposa pulou do telhado onde estavam e aterrissou agachada, seguido por Ezio. Deram a volta pela praça e pela lateral da igreja até chegarem a uma porta nos fundos da construção. Raposa fez sinal para Ezio atravessá-la e eles se viram dentro da Capela Rucellai. Perto do túmulo de bronze em seu centro, Raposa se deteve.

— Existe uma rede de catacumbas que atravessa a cidade de um lado a outro. São muito úteis para o meu trabalho, mas infelizmente não sou o único que conhece sua existência. Embora não sejam muitas as pessoas que a conhecem, Francesco de' Pazzi é uma delas. É lá que ele está fazendo sua reunião com as pessoas de Roma. Esta é a entrada mais próxima de onde eles estão, mas você terá de achar o caminho sozinho. Há uma capela, parte de uma cripta abandonada, que fica cinquenta metros à direita depois que você descer, mas tome muito cuidado, pois o som viaja com muita precisão lá embaixo. Vai estar escuro também, portanto deixe os olhos se acostumarem com a escuridão: logo você será guiado pelas luzes da capela.

Ele pôs a mão sobre um ornamento de pedra no pedestal que sustentava o túmulo e o apertou. A seus pés, uma lajota aparentemente sólida deslizou para dentro sobre dobradiças invisíveis e revelou um lance de degraus de pedra. Raposa se afastou de lado.

— *Buona fortuna*, Ezio.

— Você não vem?

— Não é necessário. E, mesmo com toda a minha habilidade, duas pessoas fazem mais barulho do que uma. Espero por você aqui. *Va*, vá!

No subterrâneo, Ezio tateou ao longo do corredor úmido de pedra que seguia para a direita. Era capaz de sentir para onde estava indo, pois as paredes eram

próximas o bastante para ele tocar os lados com cada mão. Ficou aliviado por seus pés não fazerem barulho no chão de terra molhado. De vez em quando, outros túneis se ramificavam a partir daquele, mas ele mais os sentia do que via, pois suas mãos não tocavam nada além do vazio escuro. Perder-se ali embaixo seria um pesadelo, pois nunca encontraria o caminho de volta novamente. De início, pequenos sons o assustaram, até ele perceber que era apenas o barulho de ratos correndo. Certa vez, porém, quando um deles passou sobre seu pé, mal conseguiu conter um grito. Nos nichos escavados na parede, vislumbrou cadáveres de enterros muito antigos, com crânios envoltos por teias de aranha — havia algo de primordial e aterrorizante nas catacumbas e Ezio precisou conter um sentimento crescente de pânico.

Por fim, avistou uma luz fraca adiante e, movendo-se mais devagar então, avançou naquela direção. Ficou nas sombras quando se colocou a uma distância em que poderia ouvir a conversa dos cinco homens à sua frente, cujas silhuetas se destacavam pela luz das lamparinas de uma capela pequena e muito antiga.

Reconheceu Francesco imediatamente: uma criatura pequena, magra, rija e intensa que, quando Ezio chegou, estava fazendo uma reverência inclinado diante de dois padres tonsurados que ele não reconheceu. O mais velho dava-lhe a bênção em uma voz clara e nasalada: *“Et benedictio Dei Omnipotentis, Patris et Filii et Spiritu Sancti descendat super vos et maneat semper...”* Quando seu rosto foi banhado pela luz, Ezio o reconheceu; era Stefano da Bagnone, secretário do tio de Francesco, Jacopo. O próprio Jacopo estava ao seu lado.

— Obrigado, *padre* — disse Francesco ao final da bênção. Endireitou o corpo e se dirigiu ao quarto homem, que estava de pé ao lado dos padres. — Bernardo, por favor nos dê seu relatório.

— Tudo está pronto. Temos um arsenal completo de espadas, aduelas, machados, arcos e flechas.

— Uma simples adaga seria melhor para o serviço — interveio o mais jovem dos dois padres.

— Depende das circunstâncias, Antonio — disse Francesco.

— Ou veneno — prosseguiu o jovem padre. — Mas não importa, contanto que ele morra. Não vou perdoá-lo tão facilmente por ter acabado com Volterra, minha cidade natal e meu único lar verdadeiro.

— Acalme-se — disse o homem chamado Bernardo. — Todos temos nossos motivos. Agora, graças ao papa Sisto, também temos os meios.

— De fato, *Messere* Baroncelli — respondeu Antonio. — Mas temos as bênçãos de Vossa Santidade?

Uma voz veio das sombras profundas por trás da luz do lampião, nos fundos da capela:

— O papa abençoa nossas operações, “contanto que ninguém morra”.

O dono da voz apareceu à luz do lampião e Ezio conteve a respiração ao reconhecer o homem encapuzado de vermelho, mesmo que todo o seu rosto, exceto o sorriso desdenhoso em seus lábios, estivesse coberto pela sombra do capuz. Então era este o principal visitante de Roma: Rodrigo Bórgia, *Il Spagnolo*!

Os conspiradores compartilharam o mesmo sorriso astucioso. Todos sabiam onde residia a lealdade do papa e que era o cardeal à sua frente que lhe fazia a cabeça. Porém, naturalmente, o Sumo Pontífice não poderia tolerar de forma aberta o derramamento de sangue.

— Que bom que o serviço pode finalmente ser executado — disse Francesco. — Já tivemos contratempos demais. E matá-los na catedral já irá atrair pesadas críticas sobre nós.

— É nossa última e única opção — disse Rodrigo, com autoridade. — E, como estamos agindo em nome de Deus para livrar Florença dessa escória, o local é apropriado. Além disso, depois de assumirmos o controle da cidade, que as pessoas digam o que quiserem... se ousarem!

— Mas eles ficam mudando de ideia a todo momento — disse Bernardo Baroncelli. — Terei inclusive de pedir que alguém recorra a seu irmão mais novo, Giuliano, para garantir que ele esteja na hora da Missa Solene.

Todos os homens gargalharam ao ouvir aquilo, exceto Jacopo e o espanhol, que notara sua expressão contida.

— O que foi, Jacopo? — perguntou Rodrigo ao Pazzi mais velho. — Acha que estão suspeitando de alguma coisa?

Antes de Jacopo responder, seu sobrinho interrompeu com impaciência.

— Isso é impossível! Os Médici são arrogantes ou estúpidos demais para notar qualquer coisa!

— Não subestime nossos inimigos — repreendeu Jacopo. — Não vê que foi o dinheiro dos Médici que financiou a campanha contra nós em San Gimignano?

— Não haverá problemas desse tipo desta vez — vociferou seu sobrinho, ofendido por ter sido corrigido na frente dos outros e com a lembrança da morte do filho, Vieri, ainda fresca em sua mente.

Durante o silêncio que se seguiu, Bernardo se virou para Stefano de Bagnone.

— Precisarei pegar emprestado uma de suas batinas para amanhã de manhã, *padre*. Quanto mais acharem que estão rodeados de clérigos, mais seguros se sentirão.

— Quem vai atacar? — perguntou Rodrigo.

— Eu! — respondeu Francesco.

— E eu! — ofereceram-se Stefano, Antonio e Bernardo.

— Ótimo. — Rodrigo fez uma pausa. — Acho que, no geral, as adagas seriam mesmo melhores. São muito mais fáceis de esconder e muito mais práticas quando se precisa atacar de perto. Ainda assim, seria bom contar com o armamento do papa também; não duvido de que haverá algumas pontas soltas para limpar depois que os irmãos Médici estiverem liquidados. — Ergueu a mão e fez o sinal da cruz sobre seus colegas conspiradores. — *Dominus vobiscum*, cavalheiros — disse. — E que o Pai da Compreensão nos guie a todos. — Olhou em torno. — Bem, acho que isso encerra nossos assuntos. Perdoem-me se os deixo agora. Há algumas coisas que preciso resolver antes de voltar para Roma e preciso estar a caminho de lá antes do amanhecer. Não seria nada bom para mim ser visto em Florença no dia em que a Casa dos Médici for reduzida a pó.

Ezio aguardou, encostado em uma parede nas sombras, até os seis homens partirem, deixando-o na escuridão. Somente quando teve certeza de estar completamente sozinho foi que puxou sua própria lanterna e acendeu o pavio.

Voltou pelo mesmo caminho pelo qual fora. Raposa o aguardava na sombria capela Rucellai. Ezio, muito agitado, contou o que havia ouvido.

— ...para assassinar Lorenzo e Giuliano de' Médici na catedral durante a Missa Solene amanhã de manhã? — repetiu Raposa depois que Ezio terminou, e Ezio percebeu que pela primeira vez o homem estava quase sem palavras. — Que sacrilégio! Pior ainda: se Florença tiver de sucumbir aos Pazzi, então que

Deus ajude a todos nós.

Ezio estava perdido em pensamentos.

— Pode conseguir um lugar para mim na catedral amanhã? — perguntou. — Perto do altar... perto dos Médici?

Raposa assumiu um ar grave.

— É difícil, mas talvez não impossível. — Olhou para o jovem. — Sei o que você está pensando, Ezio, mas isso é algo que, sozinho, você não conseguirá evitar que aconteça.

— Posso tentar, tenho a meu favor o elemento surpresa. E mais do que um rosto estranho entre a *aristocrazia* sentada na frente poderia atrair a desconfiança dos Pazzi. Mas você precisa conseguir me colocar lá, Gilberto.

— Chame-me de Raposa — respondeu Gilberto, e depois, sorrindo, continuou: — Apenas as raposas se equiparam a mim em astúcia. — Fez uma pausa. — Encontre-me na frente do Duomo meia hora antes da Missa Solene. — Ele encarou Ezio nos olhos com novo respeito. — Ajudarei se puder, *Messere* Ezio. Seu pai teria orgulho de você.

9

Ezio acordou antes do amanhecer do dia seguinte, domingo, 26 de abril, e foi até a catedral. Pouquíssimas pessoas estavam nas ruas, embora um punhado de monges e freiras estivessem a caminho para executar o ritual das Laudas. Ciente de que era melhor evitar ser notado, escalou arduamente até o topo do campanário e observou o sol nascer sobre a cidade. Aos poucos, lá embaixo, a praça começou a se encher de cidadãos de todos os tipos, famílias e casais, mercadores e nobres, ansiosos por comparecer ao principal serviço litúrgico do dia, agraciados como seriam pela presença do duque e de seu irmão mais novo e cogovernante. Ezio observou os passantes atentamente. Quando viu Raposa chegar aos degraus da catedral, foi até a lateral da torre, menos à vista, e desceu, ágil como um macaco, para se juntar a ele, lembrando-se de manter a cabeça baixa e de se misturar o máximo possível com a multidão usando os cidadãos como cobertura. Tivera de vestir suas melhores roupas para a ocasião e não envergava nenhuma arma abertamente, embora diversos homens das classes dos ricos banqueiros e mercadores trouxessem espadas cerimoniais à cintura. Não resistiu em procurar Cristina com os olhos, mas não a encontrou.

— Aí está você — disse Raposa, e Ezio juntou-se a ele. — Está tudo arranjado: há um lugar reservado para você no corredor da terceira fileira. — Enquanto ele falava, a multidão sobre os degraus se afastou e uma fileira de arautos levou as cornetas aos lábios e tocou. — Eles estão vindo — acrescentou Raposa.

Entrando na praça vindo do lado do Batistério, Lorenzo de Médici foi o primeiro a aparecer, com a esposa Clarice ao seu lado. Ela levava a pequena

Lucrécia, a filha mais velha, pela mão, e Piero, de 5 anos, marchava orgulhosamente à direita do pai. Atrás deles, acompanhada pela babá, vinha Madalena, de 3 anos, enquanto o bebê, Leo, envolto em cetim branco, vinha nos braços de sua ama. Eram seguidos por Giuliano e sua esposa em estágio avançado de gravidez, Fioretta. A aglomeração de pessoas na praça fazia reverências à sua passagem e eles foram recebidos na entrada do Duomo por dois dos padres assistentes, que Ezio reconheceu com um arrepio de horror: Stefano de Bagnone e o homem de Volterra, cujo nome completo, segundo Raposa, era Antonio Maffei.

A família Médici entrou na catedral seguida pelos padres, que por sua vez foram seguidos pelos cidadãos de Florença em ordem hierárquica. Raposa cutucou Ezio e apontou: entre a multidão vira Francesco de' Pazzi e seu comparsa conspirador, Bernardo Baroncelli, disfarçado de diácono.

— Vá agora — sibilou ele para Ezio com pressa. — Fique perto deles.

Cada vez mais gente entrava na catedral, que ficou lotada — tanto que aqueles que esperavam para conseguir um lugar tiveram de se contentar em ficar do lado de fora. Ao todo, dez mil pessoas estavam presentes, e Raposa nunca tinha visto na vida uma aglomeração tão grande em Florença. Rezou em silêncio pelo sucesso de Ezio.

Lá dentro, a multidão se acomodava em meio ao calor sufocante. Ezio não havia conseguido se aproximar tanto de Francesco e dos outros quanto desejara, mas os manteve sob olhar atento, calculando o que precisaria fazer para alcançá-los assim que iniciassem o ataque. Nesse meio-tempo, o bispo de Florença já assumira seu lugar no altar, e a missa tinha começado.

Quando o bispo estava abençoando o pão e o vinho, Ezio notou Francesco e Bernardo trocarem um olhar. A família Médici estava sentada bem à frente deles. No mesmo instante, os padres Bagnone e Maffei, localizados nos degraus mais baixos do altar, e mais próximos de Lorenzo e Giuliano, olharam disfarçadamente ao redor. O bispo se virou para encarar a congregação, ergueu o cálice de ouro e começou a falar:

— O sangue de Cristo...

Então tudo aconteceu ao mesmo tempo. Baroncelli se levantou gritando *"Creapa, traditore!"* e enfiou uma adaga no pescoço de Giuliano por trás.

Sangue jorrou da ferida, encharcando Fioretta, que caiu de joelhos aos berros.

— Deixem que eu acabe com o bastardo! — berrou Francesco, acotovelando Baroncelli e derrubando Giuliano, que estava tentando estancar o ferimento com as mãos. Francesco se ajoelhou ao lado dele e enfiou tantas vezes a adaga no corpo da vítima e em tal frenesi que em uma das vezes, sem perceber, acabou enfiando a arma na sua própria coxa. Giuliano já estava morto muito antes de Francesco haver dado o décimo nono e último golpe.

Enquanto isso, Lorenzo, com um grito de alarme, se virou para encarar os agressores do irmão, ao passo que Clarice e as amas levavam as crianças e Fioretta para um lugar seguro. Havia confusão por toda parte. Lorenzo havia descartado a ideia de manter os guarda-costas perto de si, pois nunca se ouvira falar de um ataque mortal em uma igreja antes, mas agora os homens se esforçavam para abrir caminho até ele pelo meio da massa de fiéis confusos e em pânico que se empurravam e se pisoteavam para se afastar da cena do massacre. Porém, a situação se agravava ainda mais por causa do calor e do fato de que mal havia espaço para se movimentar...

Exceto na área imediatamente em frente ao altar. O bispo e os padres assistentes ficaram ali plantados no chão, horrorizados, mas Bagnone e Maffei, vendo as costas de Lorenzo voltadas para eles, aproveitaram a oportunidade e, retirando adagas das batinas, caíram em cima dele por trás.

No entanto, raramente padres são matadores experientes e, por mais nobre que acreditassem ser sua causa, os dois conseguiram dar apenas golpes superficiais em Lorenzo antes de ele conseguir afastá-los. Porém, na luta, eles mais uma vez levaram a melhor, e, nesse meio-tempo, Francesco, mancando por causa da facada que tinha dado em si mesmo, mas encorajado por todo o ódio que borbulhava dentro de si, já se aproximava, trovejando maldições e erguendo a adaga. Bagnone e Maffei, acovardados pelo que haviam feito, se viraram e fugiram na direção da abside. Lorenzo, entretanto, cambaleava sangrando, e graças a um corte na parte superior do ombro direito, seu braço mais forte estava inutilizado para combater.

— *Seus* dias chegaram ao fim, Lorenzo! — berrou Francesco. — Toda a sua família bastarda irá morrer pela minha espada!

— *Infame!* — retrucou Lorenzo. — Vou matar você agora!

— Com esse braço? — desdenhou Francesco e ergueu a adaga.

Uma mão forte agarrou-lhe o punho enquanto o abaixava para dar o golpe e interrompeu seu movimento. Depois forçou o homem a se virar de frente. Francesco se viu encarando o rosto de outro inimigo jurado.

— Ezio! — rosnou. — Você! Aqui!

— *Seus* dias é que chegaram ao fim, Francesco!

A multidão começou a se afastar quando os guarda-costas de Lorenzo se aproximaram. Baroncelli chegou ao lado de Francesco.

— Venha, precisamos correr. Acabou! — berrou ele.

— Antes vou acabar com esses patifes — disse Francesco, mas seu rosto estava contorcido: seu ferimento sangrava muito.

— Não! Precisamos bater em retirada!

O homem pareceu furioso, mas sua expressão foi de concordância.

— Isso ainda não acabou — disse ele a Ezio.

— Não, não acabou. Onde quer que você vá eu vou lhe seguir, Francesco... e vou acabar com você.

Irritado, Francesco se virou e seguiu Baroncelli, que já estava sumindo atrás do altar. Devia haver uma porta para o exterior na abside da catedral. Ezio se preparou para segui-los.

— Espere! — disse uma voz entrecortada atrás dele. — Deixe eles irem. Não vão muito longe. Preciso de você aqui. Preciso de sua ajuda.

Ezio se virou e viu o duque esparramado no chão entre duas cadeiras reviradas. Não muito longe, sua família soluçava agachada; Clarice, com uma expressão de horror, abraçava os dois filhos mais velhos com força. Fioretta olhava sem reação na direção do cadáver retorcido e mutilado de Giuliano.

Os guardas de Lorenzo chegaram.

— Protejam minha família — instruiu ele. — A cidade vai ficar em polvorosa depois disso. Levem todos para o *palazzo* e bloqueiem as portas. — Depois se virou para Ezio: — Você salvou minha vida.

— Cumpri meu dever. Agora os Pazzi devem pagar o preço!

Ezio ajudou Lorenzo a se por de pé e o sentou com cuidado em uma cadeira. Olhando para cima, viu que o bispo e os outros padres não estavam mais por ali. Atrás dele, as pessoas continuavam se empurrando e se acotovelando para sair

da catedral pelas portas principais a oeste.

— Preciso ir atrás de Francesco! — exclamou Ezio.

— Não! — protestou Lorenzo. — Não posso ir a nenhum lugar seguro sozinho. Você precisa me ajudar. Leve-me para San Lorenzo. Tenho amigos por lá.

Ezio ficou arrasado, mas sabia o quanto Lorenzo havia feito por sua própria família. Não podia culpá-lo por não ter conseguido evitar a morte de seus parentes, pois como alguém poderia ter previsto a rapidez daquele ataque? E, agora, a vítima era o próprio Lorenzo. Ele continuava vivo, mas não continuaria por muito tempo se Ezio não o levasse ao lugar mais próximo onde pudesse ser tratado. A igreja de San Lorenzo ficava a noroeste, a pouca distância do Batistério.

Ezio estancou as feridas de Lorenzo o melhor que pôde usando faixas de tecido rasgadas de sua própria camisa, depois o levantou com cuidado.

— Apoie o braço esquerdo ao redor de meu ombro. Ótimo. Agora, deve haver um caminho para fora daqui atrás do altar...

Cambalearam na direção em que seus agressores haviam ido e logo deram com uma portinha aberta com manchas de sangue no batente. Sem dúvida tinha sido por ali que Francesco saíra. Será que estaria escondido à espera? Seria difícil para Ezio destravar o mecanismo de sua adaga retrátil e mais ainda lutar apoiando Lorenzo no lado direito de seu corpo. Porém, trazia no antebraço esquerdo a placa de metal.

Saíram para a praça pela face norte da catedral e foram saudados por um cenário de confusão e de caos. Seguiram para oeste ao longo da lateral da grande igreja, depois de Ezio parar para colocar sua capa ao redor dos ombros de Lorenzo na tentativa de disfarçá-lo. Na praça entre a catedral e o Batistério, grupos de homens vestidos com os emblemas dos Pazzi e dos Médici se engalfinhavam em um combate corpo a corpo, tão entretidos que Ezio conseguiu passar por eles despercebido, mas quando chegaram à rua que levava à Piazza San Lorenzo foram confrontados por dois homens usando a insígnia do golfinho com as cruzes. Os dois portavam cimitarras ameaçadoras.

— Parem! — disse um dos guardas. — Para onde acham que estão indo?

— Preciso levar este homem a um lugar seguro — respondeu Ezio.

— E quem é você? — perguntou o segundo guarda, com arrogância. Deu um passo à frente e olhou o rosto de Lorenzo que, semidesmaiado, afastou o rosto, mas ao fazê-lo a capa escorregou e revelou o emblema dos Médici em seu gibão. — Oho! — exclamou o guarda, virando-se para o amigo. — Parece que apanhamos um peixe dos grandes aqui, Terzago!

A mente de Ezio disparou. Não poderia soltar Lorenzo, que ainda estava perdendo sangue, mas se não o soltasse não poderia usar sua arma. Ergueu rapidamente o pé esquerdo e deu um chute no traseiro do guarda, que caiu estatelado no chão. Em questão de segundos o outro guarda veio para cima deles com a cimitarra erguida. Quando a lâmina desceu, Ezio a aparou, e, usando a placa em seu pulso, conteve o golpe. Ao fazê-lo, girou o braço esquerdo e afastou a espada do guarda, ferindo-o ao mesmo tempo com a adaga de lâmina dupla presa à placa de metal, mas não foi possível conseguir vantagem o suficiente para matar o homem. Nesse meio-tempo, entretanto, o segundo guarda já tinha se levantado e veio ajudar o parceiro, que acabou por recuar surpreso por não ter conseguido cortar fora o antebraço de Ezio.

Ezio conteve a segunda espada da mesma maneira, mas desta vez conseguiu fazer com que a placa corresse ao longo da lâmina até atingir o punho da arma do atacante e aproximar a mão do pulso dele. Então o agarrou e torceu com tanta força e rapidez que o homem soltou a arma com um grito agudo de dor. Sem perda de tempo, Ezio deu um passo à frente e agarrou sua cimitarra antes mesmo que caísse no chão. Foi difícil, pois estava lutando com a mão esquerda e sobrecarregado com o peso de Lorenzo, mas conseguiu girar a espada e cortar o pescoço do guarda ao meio antes de ele conseguir se recompor. Nesse momento, o segundo guarda estava vindo para cima dele de novo, berrando de raiva. Ezio o aparou com a cimitarra, e ele e o guarda trocaram alguns golpes. Mas o guarda, sem saber da placa de metal escondida no braço esquerdo de Ezio, desferia um golpe inútil atrás do outro. O braço de Ezio doía e ele mal conseguia se manter de pé, mas por fim viu uma oportunidade: o capacete do guarda estava solto. O homem, porém, não percebia isso e estava encarando o antebraço de Ezio, preparando-se para golpeá-lo mais uma vez. Rapidamente, Ezio ergueu a cimitarra e fingiu que tinha errado o alvo, mas na verdade conseguiu arrancar fora o capacete do homem. Então, antes que o outro pudesse reagir, Ezio desceu

a espada pesada com toda força sobre o crânio, partindo-o em dois. A cimitarra ficou presa ali, e Ezio não conseguiu soltá-la. O sujeito por um instante ficou imóvel, os olhos arregalados de surpresa, antes de desabar no chão. Ezio olhou rapidamente ao redor e depois arrastou Lorenzo pela rua.

— Não falta muito, *Altezza*.

Chegaram à igreja sem enfrentar mais perturbações, mas encontraram as portas firmemente fechadas. Ezio olhou para trás e viu que os corpos dos guardas que ele havia matado no fim da rua tinham sido encontrados por um grupo de soldados aliados dos Pazzi, que agora olhavam em sua direção. Esmurrou as portas da igreja e uma abertura revelou um olho e parte de um rosto desconfiado.

— Lorenzo foi ferido — avisou Ezio com voz entrecortada. — Estão vindo atrás de nós! Abra a porta!

— Preciso da senha — respondeu o outro homem.

Ezio ficou perdido, mas Lorenzo tinha ouvido o som da voz do homem e reanimou-se ao reconhecê-lo.

— Angelo! — gritou ele. — É Lorenzo! Abra essa maldita porta!

— Pelo Trimegisto! — exclamou o homem. — Achamos que estivesse morto! — Ele se virou e berrou para alguém lá dentro. — Tirem os ferrolhos! E rápido!

A portinhola se fechou e ouviram o som de ferrolhos sendo abertos. Enquanto isso, os guardas dos Pazzi, que vinham subindo a rua, começaram a correr. Bem a tempo, uma das portas pesadas da igreja se abriu para permitir a passagem de Ezio e Lorenzo, e com a mesma rapidez se fechou de novo. Os ferrolhos foram logo recolocados pelos responsáveis. Então ouviram um barulho terrível de luta lá fora. Ezio se viu encarando os olhos verdes tranquilos de um homem refinado de uns 25 anos de idade.

— Angelo Poliziano — apresentou-se o homem. — Enviei alguns de nossos homens para interceptar esses ratos dos Pazzi. Eles não devem mais nos dar problemas.

— Ezio Auditore.

— Ah... Lorenzo me falou de você. — Ele se interrompeu. — Mas podemos conversar mais tarde. Deixe-me ajudá-lo a levá-lo até um banco. Podemos dar

uma olhada nos ferimentos ali.

— Ele está a salvo agora — disse Ezio, entregando Lorenzo aos cuidados de dois assistentes que o conduziram com cuidado até um banco encostado na parede norte da igreja.

— Vamos fechar as feridas, estancar o sangue e, assim que estiver bem recuperado, nós o levaremos de volta ao *palazzo*. Não se preocupe, Ezio, ele realmente está seguro agora, e não esqueceremos do que você fez.

Mas Ezio já estava pensando em Francesco de' Pazzi. O homem tinha tido tempo mais do que suficiente para fugir de vez.

— Preciso ir embora — disse ele.

— Espere! — chamou Lorenzo.

Fazendo um sinal a Poliziano, Ezio foi até ele e ajoelhou-se ao seu lado.

— Estou em dívida, *signore* — disse Lorenzo. — Não sei por que me ajudou, nem como poderia saber que eu iria até lá a pé, se nem meus próprios espiões não sabiam de nada. — Fez uma pausa e seus olhos retorceram-se de dor quando um dos assistentes limpou a ferida de seu ombro. — Quem é você? — perguntou, depois que se recuperou um pouco.

— Ele é Ezio Auditore — respondeu Poliziano, aproximando-se e pondo a mão no ombro de Ezio.

— Ezio! — Lorenzo o olhou, profundamente emocionado. — Seu pai era um homem fantástico e um bom amigo. Foi um de meus aliados mais poderosos. Entendia o significado da honra, da lealdade, e nunca colocou seus próprios interesses na frente dos de Florença. Mas... — Ele tornou a fazer uma pausa e sorriu fracamente: — Eu estava lá quando Alberti morreu. Foi você?

— Sim.

— Você executou uma vingança rápida e adequada. Como vê, eu não tive tanto êxito assim. Mas agora, graças à ambição arrogante, os Pazzi finalmente cortaram a própria garganta. Rezo para que...

Um dos homens da patrulha dos Médici que tinha sido enviado para lidar com os perseguidores de Ezio se aproximou correndo, com o rosto banhado de suor e sangue.

— O que foi? — perguntou Poliziano.

— Más notícias, senhor. Os Pazzi se recuperaram e estão atacando o Palazzo

Vecchio. Não conseguiremos contê-los pôr muito mais tempo.

Poliziano empalideceu.

— São realmente más notícias. Se dominarem o Palazzo Vecchio, vão matar todos os nossos aliados em quem conseguirem pôr as mãos, e, se conquistarem o poder...

— Se conquistarem o poder — interrompeu Lorenzo —, minha sobrevivência não vai significar nada. — Tentou se levantar, mas caiu, gemendo de dor. — Angelo! Você precisa levar as tropas que temos aqui e...

— Não! Meu lugar é ao seu lado. Precisamos levá-lo ao Palazzo Médici o mais rápido possível. Dali talvez possamos nos reorganizar e contra-atacar.

— Eu irei — ofereceu-se Ezio. — Afinal, tenho mesmo assuntos a tratar com *Messere* Francesco.

Lorenzo o olhou.

— Você já fez o bastante.

— Não até terminar o serviço, *Altezza*. E Angelo tem razão, ele tem uma tarefa mais importante a fazer: levar o senhor até a segurança de seu *palazzo*.

— *Signori* — interrompeu o mensageiro dos Médici. — Tenho mais notícias. Vi Francesco de' Pazzi liderando uma tropa até as proximidades do Palazzo Vecchio. Ele está tentando entrar pelo lado cego da Signoria.

Poliziano olhou para Ezio:

— Vá. Arme-se, leve o destacamento daqui, e corra. Este homem irá acompanhá-lo e ser seu guia. Vai lhe mostrar por onde é mais seguro sair da igreja. Daqui, são dez minutos até o Palazzo Vecchio.

Ezio fez uma reverência e se virou para sair.

— Florença nunca irá se esquecer do que você está fazendo por ela — disse Lorenzo. — Vá com Deus.

Lá fora, os sinos da maioria das igrejas soavam, aumentando ainda mais a cacofonia de aço batendo contra aço e dos gritos e gemidos dos homens. A cidade estava em turbilhão: carroças eram incendiadas nas ruas, bolsões de soldados dos dois lados corriam de lá para cá ou se enfrentavam em combates. Havia mortos espalhados por toda parte, nas praças e ao longo das estradas, mas o tumulto era grande demais para que os corvos se atrevessem a voar até o banquete que miravam com seus olhos negros e cruéis de cima dos telhados.

As portas a oeste do Palazzo Vecchio estavam abertas e era possível ouvir o barulho do combate que se desenrolava no pátio interno. Ezio fez sua pequena tropa parar e interpelou um oficial dos Médici que corria na direção do *palazzo* comandando outro esquadrão.

— Sabe o que está acontecendo?

— Os Pazzi invadiram *o palazzo* pelos fundos e abriram as portas por dentro. Mas nossos homens que já estavam de guarda aqui estão conseguindo detê-los; eles não conseguiram passar do pátio. Com sorte vamos conseguir prendê-los aqui dentro!

— Alguma notícia de Francesco de' Pazzi?

— Ele e seus homens estão guardando a entrada dos fundos do *palazzo*. Se conseguirmos tomar o controle de lá, então com certeza conseguiremos aprisionar todos aqui.

Ezio se virou para seus homens.

— Vamos! — gritou.

Atravessaram correndo a praça e seguiram pela ruela ao longo da muralha norte do *palazzo*, a qual havia muito tempo um Ezio bastante diferente escalara até a janela da cela de seu pai. Pegando a primeira à direita a partir dali, logo encontraram a tropa dos Pazzi sob o comando de Francesco, que guardava a entrada dos fundos.

Ficaram imediatamente alertas e, ao reconhecer Ezio, Francesco gritou:

— Você de novo! Por que ainda não morreu? Você assassinou meu filho!

— Ele tentou me matar!

— Matem esse homem! Agora!

Os dois lados se engalfinharam ferozmente, golpeando e esfaqueando um ao outro em uma fúria que beirava o desespero, pois os Pazzi sabiam muito bem como era importante proteger sua linha de retaguarda. Ezio, com o coração cheio de uma raiva gélida, abriu caminho até Francesco, que guardava com firmeza a porta do *palazzo*, de costas para ela. Ezio usava uma espada do exército dos Médici — era bem equilibrada e sua lâmina era de aço de Toledo, mas por ser uma arma com a qual não tinha familiaridade, seus golpes eram um pouco menos eficientes do que normalmente seriam. Ele havia apenas ferido os homens que ficaram em seu caminho, em vez de matá-los — e isso Francesco percebeu.

— Então, agora você se acha um mestre da espada, é isso, garoto? Você não consegue nem matar direito! Deixe-me fazer uma demonstração.

Então os dois se enfrentaram, fazendo voar faíscas das lâminas quando se encontravam, mas Francesco tinha menos espaço de manobra do que Ezio e, sendo vinte anos mais velho, já estava começando a se cansar, embora tivesse enfrentado muito menos ação naquele dia que o seu oponente.

— Guardas! — berrou ele por fim. — Venham aqui!

Porém, seus homens haviam caído ante o assalto dos Médici. Ele e Ezio agora se enfrentavam sozinhos. Francesco olhou desesperadamente ao redor em busca de um local onde se refugiar, mas não havia nenhum, a não ser o próprio *palazzo*. Ele abriu a porta atrás de si e subiu uma escadaria de pedra que corria pela muralha interna. Ezio percebeu que, pelo fato de a maioria dos defensores dos Médici estarem concentrados na frente do edifício, onde grande parte do combate estava se desenrolando, provavelmente não teriam homens suficientes para defender os fundos também. Ezio correu atrás de Francesco até o segundo andar.

Estava tudo deserto agora, pois todos os ocupantes do *palazzo* estavam lá embaixo tentando conter os Pazzi no pátio, exceto meia dúzia de funcionários amedrontados que fugiram à primeira visão do inimigo. Francesco e Ezio lutaram pelas salas oficiais cobertas de ouro e de pé-direito alto até chegarem a uma sacada alta, que dava para a Piazza della Signoria. Ao escutar o barulho do combate lá embaixo, Francesco gritou inutilmente por ajuda, mas não havia ninguém para ouvi-lo e sua última chance de debandada se esgotou.

— Fique e lute! — disse Ezio. — Somos só nós dois agora.

— *Maledetto!*

Ezio o golpeou e arrancou sangue de seu braço esquerdo.

— Venha, Francesco, onde está toda a coragem que mostrou quando mandou matar meu pai? Quando esfaqueou Giuliano hoje de manhã?

— Afaste-se de mim, sua cria do diabo! — Francesco fez uma investida, mas estava cansando e sua tentativa passou longe do alvo. Cambaleou para a frente, sem equilíbrio, Ezio desviou agilmente para um lado, ergueu o pé e chutou firmemente a lâmina de Francesco, empurrando-o para baixo junto com ela.

Antes que pudesse se recuperar, Ezio pisou em sua mão, fazendo-o soltar o

punho da espada. Agarrou-o pelos ombros e o atirou de costas no chão. O homem se esforçou para se erguer, mas Ezio o chutou brutalmente no rosto. Os olhos de Francesco se reviraram enquanto lutava para manter a consciência. Ezio se ajoelhou e começou a revistar o velho enquanto este estava semiconsciente, arrancando-lhe a armadura e o gibão e revelando o corpo pálido e rijo. Mas não havia nenhum documento, nada de importante em sua bolsa, apenas um punhado de florins.

Ezio deixou de lado a espada e liberou a lâmina da adaga escondida. Ajoelhou-se, colocou um dos braços sob o pescoço de Francesco e o forçou a ficar de pé, de modo que seus rostos quase se tocaram.

Os olhos de Francesco se abriram, trêmulos, e expressaram medo e horror.

— Poupe-me! — resmungou.

Naquele instante um enorme grito de vitória se ergueu do pátio lá embaixo. Ezio ouviu as vozes e conseguiu entender o suficiente para descobrir que os Pazzi tinham sido derrotados.

— Poupar você? — exclamou. — Antes poupar um lobo raivoso.

— Não! — guinchou Francesco. — Eu lhe imploro!

— Isso é por meu pai — disse Ezio, esfaqueando-o no estômago. — E isso por Federico — disse, esfaqueando-o mais uma vez. — E *isso* é por Petruccio; e *isso*, por Giuliano!

O sangue esguichava e escorria das feridas de Francesco, cobrindo Ezio, que o teria esfaqueado indefinidamente se não tivesse voltado a ouvir as palavras de Mario: *Não se torne um homem como ele.* Recuou e sentou-se nos calcanhares. Os olhos de Francesco ainda brilhavam, embora sua luz estivesse diminuindo. Ele murmurava algo. Ezio se inclinou para baixo para escutar.

— Um padre... um padre... por misericórdia, chame um padre para mim.

Ezio ficou profundamente chocado, agora que sua fúria havia se abrandado, com a selvageria com a qual tinha matado aquele homem. Aquilo não estava de acordo com o Credo.

— Não há tempo — respondeu. — Vou mandar rezar uma missa pela sua alma.

A garganta de Francesco agora chacoalhava. Então seus membros se endureceram e sacudiram quando ele atingiu os estertores da morte: a cabeça

arqueou para trás, a boca se escancarou quando ele travava a última luta impossível contra o inimigo invencível que todos nós teremos de enfrentar um dia; e então afundou, um saco vazio, encolhido, pálido.

— *Requiescat in pace* — murmurou Ezio.

Nesse momento, um novo grito ergueu-se da praça. Em frente à esquina no lado sudoeste, cinquenta ou sessenta homens vinham correndo, liderados por um homem que Ezio reconheceu: era o tio de Francesco, Jacopo! Eles envergavam o estandarte dos Pazzi ao vento.

— *Libertà! Libertà! Popolo e libertà!* — gritavam ao se aproximar dali. Enquanto isso, as forças dos Médici saíam do *palazzo* para enfrentá-los, mas estavam cansadas e, como Ezio pôde perceber, em desvantagem numérica.

Ele se virou para o cadáver.

— Bem, Francesco — disse —, acho que encontrei um jeito de você me pagar sua dívida, mesmo agora.

Rapidamente, ele ergueu o corpo pelos ombros — era surpreendentemente leve — e o carregou até a sacada. Ali, encontrando um cordão de disparo de canhão do qual pendia um estandarte, usou-o para amarrar o pescoço do homem sem vida. Rapidamente prendeu a outra ponta a uma coluna resistente de pedra, e, reunindo todas as suas forças, ergueu-o e depois o atirou pelo parapeito. A corda se desenrolou completamente e depois estacou com um puxão. O corpo inerte de Francesco ficou pendurado, os dedos dos pés apontando frouxamente para o chão lá embaixo.

Ezio escondeu-se atrás da coluna.

— Jacopo! — gritou com voz trovejante. — Jacopo de' Pazzi! Olhe! Seu líder está morto! Sua causa chegou ao fim!

Lá embaixo, ele viu Jacopo olhar para cima e vacilar. Atrás dele, seus homens fizeram o mesmo. As tropas dos Médici acompanharam seu olhar e então, comemorando, se aproximaram deles. Porém os Pazzi já haviam se dispersado — e fugido.

Em questão de dias estava tudo terminado. O poder dos Pazzi em Florença tinha sido destruído. Todos os seus bens e propriedades foram confiscados, e seus brasões de armas, arrancados e pisoteados. Apesar dos apelos de Lorenzo por

misericórdia, a máfia florentina caçou e matou todos os simpatizantes dos Pazzi que puderam encontrar, embora alguns dos principais já tivessem fugido. Somente um dos que foram capturados obteve clemência: Raffaelle Riario, sobrinho do papa, que Lorenzo considerava crédulo e ingênuo demais para ter se envolvido naquilo. Porém, diversos conselheiros do duque acharam que ele estava demonstrando mais humanidade do que astúcia política com aquela decisão.

Entretanto, Sisto IV ficou furioso e baixou um interdito contra Florença. Era o máximo que podia fazer, e os florentinos o ignoraram.

Quanto a Ezio, foi um dos primeiros a serem convocados à presença do duque. Ele encontrou Lorenzo em uma sacada que dava para o Arno, observando as águas do rio. Seus ferimentos ainda estavam cobertos por bandagens, mas cicatrizavam, e ele já recuperara a cor nas faces. Estava orgulhoso e altivo, completamente merecedor do apelido carinhoso que ganhara de Florença — *Il Magnifico*.

Depois dos cumprimentos, Lorenzo fez um gesto na direção do rio.

— Sabe, Ezio, quando eu tinha 6 anos de idade, caí no Arno. Logo me vi ser arrastado para baixo, para a escuridão, certo de que minha vida tinha chegado ao fim. Mas, em vez disso, acordei com minha mãe chorando. Ao lado dela havia um estranho encharcado e sorridente. Ela explicou que aquele homem tinha me salvado. O nome do estranho era Auditore. E assim começou um longo e próspero relacionamento entre nossas duas famílias. — Ele se virou para olhar solenemente para Ezio. — Sinto muito por não ter conseguido salvar seus parentes.

Ezio sentiu dificuldades em encontrar palavras. Ele entendia o mundo frio da política, onde certo e errado são com frequência muito indistintos, mas o rejeitava.

— Sei que os teria salvado se estivesse em seu poder — respondeu.

— A casa de sua família, pelo menos, está a salvo e sob a proteção da cidade. Encarreguei sua antiga governanta, Annetta, dos cuidados com ela e estou pagando pelos serviços de vigilância e de funcionários. O que quer que aconteça, a casa estará à sua espera quando desejar voltar a ocupá-la.

— O senhor é muito gentil, *Altezza*. — Ezio fez uma pausa. Estava pensando

em Cristina. Será que ainda não seria tarde demais para convencê-la a romper o noivado, casar-se com ele e ajudá-lo a trazer a família Auditore de volta à vida? No entanto, dois breves anos o haviam mudado de modo irreconhecível e agora ele tinha outro dever; um dever para com o Credo. — Tivemos uma grande vitória — disse ele por fim. — Mas a batalha ainda não está ganha. Vários de nossos inimigos escaparam.

— Mas a segurança de Florença está garantida. O papa Sisto quis convencer Nápoles a nos atacar, mas convenci Ferdinando a não fazer isso; e Bolonha e Milão também não farão tal coisa.

Ezio não podia contar ao duque da batalha maior em que ele estava envolvido, pois não tinha certeza se Lorenzo sabia dos segredos dos Assassinos.

— Pela nossa segurança maior — disse —, preciso de sua permissão para ir atrás de Jacopo de' Pazzi.

Uma nuvem atravessou o rosto de Lorenzo.

— Aquele covarde! — disse, com raiva. — Fugiu antes que eu pudesse pôr as mãos nele.

— Temos alguma ideia de para onde ele pode ter ido?

Lorenzo balançou a cabeça.

— Não. Eles se esconderam bem. Meus espiões relataram que Baroncelli pode estar tentando ir até Constantinopla, mas quanto aos outros...

Ezio pediu:

— Diga os nomes.

Havia algo na firmeza de sua voz que mostrou a Lorenzo que ali estava um homem com quem poderia ser fatal cruzar.

— Como eu esqueceria os nomes dos assassinos de meu irmão? Se você for atrás deles, ficarei em eterna dívida. São os padres Antonio Maffei e Stefano da Bagnone. Bernardo Baroncelli já mencionei. E existe outro, não envolvido diretamente nos assassinatos, mas um aliado perigoso de nossos inimigos. Trata-se do arcebispo de Pisa, Francesco Salviati, outro membro da família Riario, os cães de caça do papa. Mostrei clemência a seu primo. Tento não ser um homem como eles, mas me pergunto às vezes se sou sábio em fazer isso.

— Tenho uma lista — disse Ezio, se preparando para ir embora. — Esses nomes serão acrescentados a ela.

— Para onde você vai agora? — quis saber Lorenzo.

— Voltar para a casa de meu tio Mario em Monteriggioni. Lá será minha base.

— Então vá com Deus, amigo Ezio. Mas, antes de ir, tenho algo que talvez venha a ser de seu interesse... — Lorenzo abriu uma carteira de couro presa ao seu cinto e dali tirou uma folha de pergaminho. Antes mesmo de a desenrolar, Ezio já sabia o que era.

— Eu me lembro de, anos atrás, ter conversado com seu pai sobre documentos antigos — disse Lorenzo em voz baixa. — Era um interesse em comum nosso. Sei que ele traduziu alguns. Tome, leve, encontrei entre os papéis de Francesco de' Pazzi, e, como ele já não precisa mais disso, achei que você poderia gostar, pois me lembrou o seu pai. Talvez queira acrescentar à... coleção dele?

— Sou muito grato por isso, *Altezza*.

— Achei que poderia ser — retrucou Lorenzo, de tal maneira que Ezio ficou se perguntando o quanto o duque realmente saberia. — Espero que lhe seja útil.

Antes de fazer as malas e se preparar para a viagem, Ezio correu para visitar o amigo Leonardo da Vinci levando a página do códex que Lorenzo havia lhe dado. Apesar dos eventos da última semana, o ateliê estava funcionando como se nada tivesse acontecido.

— Estou feliz por você estar são e salvo, Ezio — cumprimentou Leonardo.

— Vejo que você também passou pelo tumulto sem abalos — respondeu Ezio.

— Já lhe disse: eles me deixam em paz. Devem achar que sou louco, ou ruim demais, ou perigoso demais para ser tocado! Mas tome um pouco de vinho; e deve haver uns bolinhos por aí, se é que não mofaram. Minha governanta é inútil... Me conte o que tem em mente.

— Estou indo embora de Florença.

— Tão rápido? Mas me disseram que você é o herói da vez! Por que não sentar e aproveitar?

— Não tenho tempo.

— Ainda tem inimigos a perseguir?

— Como sabe?

Leonardo sorriu:

— Obrigado por ter vindo se despedir — disse ele.

— Antes de ir — falou Ezio —, trouxe outra página do códex para você.

— Ótima notícia! Posso vê-la?

— É claro.

Leonardo examinou cuidadosamente o novo documento.

— Estou começando a pegar o jeito da coisa — disse. — Ainda não consigo enxergar direito o que é o diagrama geral do fundo, mas a escrita está se tornando familiar. Parece a descrição de outra arma. — Ele se levantou e trouxe uma braçada de livros antigos, de aparência frágil, até a mesa. — Vejamos... Devo dizer que o inventor que escreveu isso tudo, seja lá quem for, devia estar muito à frente de seu tempo. Só a mecânica disso aqui... — Deixou a frase no ar, perdido em pensamentos. — Ahá! Entendi! Ezio, é o projeto de outra lâmina; ela se encaixa no mecanismo que você prende ao braço, para o caso de precisar usar esta em vez da primeira.

— Qual a diferença entre as duas?

— Se eu estiver certo, esta aqui é bem maldosa: é oca no meio, vê? E através do duto escondido na lâmina, o usuário pode injetar veneno na vítima. É morte certa, independente de onde for o golpe! Essa coisa o tornará praticamente invencível!

— Você consegue fazê-la?

— Nos mesmos termos de antes?

— Claro.

— Ótimo! Quanto tempo eu tenho?

— Até o fim da semana, pode ser? Tenho de fazer alguns preparativos, e... existe uma pessoa que gostaria de visitar... para me despedir. Mas preciso partir o quanto antes.

— Não é muito tempo, mas ainda tenho as ferramentas que usei para fazer a primeira lâmina, e meus assistentes podem ajudar. Então não vejo por que não.

Ezio usou aquele intervalo para resolver seus assuntos em Florença, fazer as malas e providenciar que um mensageiro levasse uma carta a Monteriggioni.

Adiou sua última e autoimposta tarefa várias vezes, mas sabia que tinha de encará-la. Finalmente, em sua penúltima noite na cidade, caminhou até a mansão dos Calfucci. Seus pés pesavam como chumbo.

Porém, ao se aproximar, viu que o lugar estava fechado e escuro. Sabendo que estava se comportando como um maluco, escalou até a sacada de Cristina, mas encontrou as janelas muito bem fechadas. Os nastúrcios dispostos em vasos na sacada estavam murchos e mortos. Ao descer, exausto, sentiu como se seu coração tivesse sido coberto por uma mortalha. Ficou à porta da casa, como se estivesse em um sonho, durante um tempo que não soube precisar — mas alguém devia estar observando-o, pois finalmente uma janela no primeiro andar se abriu e uma mulher colocou a cabeça para fora.

— Eles foram embora, sabe. O *signor* Calfucci viu que poderiam ter problemas e levou a família toda para Lucca, a cidade do noivo da filha.

— Lucca?

— Sim. As duas famílias estão muito próximas, pelo que ouvi falar.

— Quando eles vão voltar?

— Não tenho a menor ideia. — A mulher olhou para ele. — Eu não o conheço de algum lugar?

— Acho que não — respondeu Ezio.

Passou a noite ora sonhando com Cristina, ora com o terrível fim de Francesco.

De manhã, o céu estava nublado, muito adequado ao humor de Ezio. Ele foi até o ateliê de Leonardo, satisfeito por aquele ser o dia de sua partida de Florença. A nova lâmina estava pronta, finalizada em aço cinzento fosco duríssimo, com bordas tão afiadas que cortariam um lenço de seda. O furo na ponta era minúsculo.

— O veneno fica no punho da adaga e é liberado quando você flexiona o músculo do braço contra esse botão interno. Cuidado, pois o mecanismo é muito sensível.

— Que veneno devo usar?

— Usei uma destilação forte de cicuta para começar. Quando acabar, basta pedir mais a qualquer médico.

— Veneno? A um médico?

— Em concentrações muito altas, aquilo que cura pode também matar.

Ezio assentiu com tristeza:

— Estou em dívida com você mais uma vez.

— Aqui está sua página do códex. Precisa mesmo ir embora tão rápido?

— Florença é um lugar seguro, por enquanto. Mas ainda tenho trabalho a fazer.

10

— Ezio! — sorriu Mario, a barba mais abundante do que nunca, o rosto queimado pelo sol da Toscana. — Seja bem-vindo de volta!

— Tio.

O rosto de Mario tornou-se mais sério.

— Posso ver pelo seu rosto que você passou por muita coisa nesses meses em que ficamos sem nos ver. Depois que você tiver se banhado e descansado, precisa me contar tudo. — Fez uma pausa. — Ouvimos as notícias de Florença e eu, até mesmo eu, me vi rezando para que, por algum milagre, você fosse poupado. Mas você não só foi poupado como também virou a maré contra os Pazzi! Os Templários vão odiá-lo por isso, Ezio.

— O ódio é recíproco.

— Descanse primeiro, depois me conte tudo.

Naquela noite, os dois homens se sentaram no gabinete de Mario. Ele ouviu atentamente enquanto Ezio lhe contava tudo o que sabia dos acontecimentos pelos quais passara em Florença. Devolveu a página do códex ao tio e depois lhe entregou a que havia ganhado de Lorenzo, descrevendo o projeto da lâmina que continha veneno. Em seguida, mostrou-lhe a própria lâmina em si. Mario ficou muito impressionado, mas fixou a atenção na nova página.

— Meu amigo não conseguiu decifrar mais do que a descrição da arma — disse Ezio.

— Não tem problema. Nem todas as páginas contêm tais instruções, e apenas aquelas que contêm devem ser de interesse para ele — respondeu Mario, com certa cautela subjacente. — Seja como for, apenas quando reunirmos todas elas

seremos capazes de entender completamente o significado do códex. Porém, quando juntarmos esta página e a de Vieri às demais, teremos dado um passo à frente.

Ele se levantou, andou até a estante que escondia a parede onde estavam penduradas as páginas do códex, afastou-a e analisou onde poderia colocar as novas páginas. Uma delas tinha relação com as que já estavam ali; a outra tocava um dos cantos do grupo.

— É interessante que Vieri e seu pai tivessem páginas que obviamente estão próximas — comentou Mario. — Agora, vejamos o que... — Interrompeu o pensamento, concentrando-se. — Hum — disse por fim, mas seu tom era preocupado.

— Isso nos esclarece alguma coisa a mais, tio?

— Não tenho certeza. Talvez estejamos mais no escuro do que nunca, mas há definitivamente uma referência a um profeta... não da Bíblia; um profeta que está vivo ou que está por vir...

— Quem pode ser?

— É melhor não nos apressarmos. — Mario ficou refletindo olhando para as páginas, com os lábios se mexendo, falando uma língua que Ezio não entendia. — Até onde consigo entender, o texto aqui pode ser traduzido de forma literal como “Apenas o Profeta pode abrir...” E aqui existe uma referência a dois “Pedaços do Éden”, mas o que isso significa eu não sei. Precisamos ser pacientes até termos mais páginas do códex.

— Sei que o códex é importante, tio, mas tenho um motivo mais urgente para estar aqui do que desvendar esse mistério. Estou atrás do renegado Jacopo de’ Pazzi.

— Ele com certeza foi para o sul depois de fugir de Florença. — Mario hesitou antes de continuar. — Não tinha intenção de conversar com você a esse respeito hoje à noite, Ezio, mas a questão é tão urgente para mim quanto pelo visto é para você, e temos de começar os preparativos logo. Meu velho amigo Roberto foi expulso de San Gimignano e o lugar se tornou novamente uma fortaleza dos Templários. Fica perto demais de Florença, e de nós, para continuar assim. Acredito que Jacopo tenha buscado refúgio ali.

— Tenho uma lista de nomes de outros conspiradores — disse Ezio,

retirando-a da bolsa e entregando-a ao tio.

— Ótimo. Alguns destes homens darão muito menos trabalho do que Jacopo e podem ser fáceis de eliminar. Vou enviar espiões para o interior ao amanhecer para ver se podem descobrir algo a respeito, e nesse meio tempo precisamos nos preparar para retomar San Gimignano.

— Deixe todos os seus homens a postos, mas não tenho tempo a perder, se desejo eliminar todos esses assassinos.

Mario ponderou.

— Talvez você tenha razão — concordou ele. — Um homem sozinho pode muitas vezes romper muralhas que um exército não consegue. E devemos atacá-los enquanto ainda acreditam estarem seguros. — Refletiu por um instante. — Então lhe dou minha permissão. Vá em frente e veja o que consegue descobrir. Sei que você hoje em dia é mais do que capaz de cuidar de si mesmo.

— Tio, meus agradecimentos!

— Calma, Ezio! Eu lhe concedo essa permissão sob uma condição.

— Que é...?

— Que você adie sua partida por uma semana.

— Uma *semana*?

— Se você vai a campo sozinho sem retaguarda, vai precisar de mais do que apenas essas armas do códex para lhe ajudar. Você é um homem agora, e um combatente corajoso pela causa dos Assassinos. Mas sua reputação fará com que os Templários fiquem ainda mais sedentos por seu sangue, e sei que faltam ainda certas habilidades a você.

Ezio balançou a cabeça impacientemente:

— Não, tio, me desculpe, mas uma *semana*...!

Mario franziu a testa, mas ergueu a voz de leve. Foi o bastante.

— Ouvi boas coisas a seu respeito, Ezio, mas também ouvi coisas ruins. Você perdeu o controle ao matar Francesco e permitiu que seus sentimentos por Cristina o afastassem de seu caminho. Todo o seu dever agora está com o Credo: se você o negligenciar, talvez não haja mais nenhum mundo para ser desfrutado. — Ele endireitou o corpo com dignidade. — É com a voz do sangue de seu pai que falo ao lhe ordenar obediência.

Ezio observou o tio ficar altivo, e até mesmo crescer, enquanto falava. Por

mais doloroso que fosse aceitar, sabia que era verdade o que ele havia lhe dito. Deixou a cabeça pender amargamente.

— Ótimo — disse Mario, agora com mais gentileza. — Você vai me agradecer por isso. Seu novo treinamento de combate começa de manhã. E lembre-se: estar preparado é tudo!

* * *

Uma semana depois, armado e pronto, Ezio cavalgou para San Gimignano. Mario lhe dissera para entrar em contato com uma das patrulhas de *condottieri* que ele havia colocado à vista da cidade para observar suas idas e vindas, e ele se juntou a um de seus acampamentos em sua primeira noite fora de Monteriggioni.

O sargento em comando, Gambalto, um homem durão de 25 anos de idade com cicatrizes de batalha, deu-lhe um pedaço de pão com queijo pecorino e uma caneca de Vernaccia forte, e, enquanto ele comia e bebia, contou as novidades.

— Acho uma vergonha Antonio Maffei ter saído de Volterra. Ele está obcecado com Lorenzo porque acha que ele arruinou sua cidade natal, mas o duque só fez trazê-la para debaixo das asas de Florença. Agora Maffei enlouqueceu. Ele se instalou no topo da torre da catedral, rodeado de arqueiros dos Pazzi, e passa todos os dias disparando Salmos e flechas em igual medida. Deus sabe qual é seu plano: converter os cidadãos para sua causa com sermões ou matá-los com flechas. O povo de San Gimignano o odeia, mas enquanto ele continuar seu reinado de terror, a cidade não tem como enfrentá-lo.

— Então ele precisa ser neutralizado.

— Bem, isso com certeza enfraqueceria o poder dos Pazzi na cidade.

— Eles estão bem protegidos?

— Há muitos homens nas torres de vigilância e nos portões, mas eles trocam a guarda ao amanhecer. É quando alguém como você poderia invadir as muralhas e entrar na cidade sem ser visto.

Ezio refletiu se aquilo não seria uma distração de sua missão, que era ir atrás de Jacopo, mas considerou que precisava enxergar o quadro inteiro: o tal Maffei era aliado dos Pazzi, e era dever maior de Ezio como Assassino destronar aquele

maluco.

Ao amanhecer do dia seguinte, um cidadão mais atento de San Gimignano poderia ter notado uma silhueta encapuzada magra e de olhos cinzentos deslizando como um fantasma pelas ruas que levavam à praça da catedral. Os comerciantes do mercado já estavam montando suas tendas, mas o dia ainda não havia começado de todo e os guardas, entediados e desestimulados, cochilavam apoiados sobre as alabardas. A face oeste do campanário ainda estava envolta em sombras pesadas e ninguém viu a figura de negro escalá-la com a graça e facilidade de uma aranha.

O padre, magro, de olhos fundos e despenteado, já estava a postos. Quatro arqueiros cansados dos Pazzi também haviam assumido suas posições, um em cada canto da torre. Mas, além da Bíblia na mão esquerda, como se não confiasse apenas nos arqueiros para protegê-lo, Antonio Maffei segurava uma adaga rondel na direita. Já estava orando, e quando Ezio se aproximou do topo da torre, conseguiu ouvir as palavras de Maffei.

— Cidadãos de San Gimignano, ouçam bem minhas palavras! Vocês devem se arrepender. ARREPENDER! E buscar perdão... Juntem-se a mim em oração, meus filhos, para que juntos possamos combater as trevas que caíram sobre nossa amada Toscana! Deem ouvidos, ó Céus, e eu falarei; e escutai, ó Terra, as palavras de minha boca. Deixem meus ensinamentos caírem como a chuva, meu discurso se destilar como o orvalho, como gotas de chuva sobre as ervas mais tenras, como chuva sobre a grama; pois eu proclamo o Nome do Senhor! Ele é a Rocha! Sua Obra é perfeita, pois todas as Suas ações são justas! Correto e justo é Ele; mas aqueles que se corromperam não são seus filhos — são uma geração manchada, perversa e torta! Cidadãos de San Gimignano, é assim que vocês lidam com o Senhor? Ó povo tolo e pouco sábio! Então não é Ele o vosso Pai, que os criou? Pela luz de Sua misericórdia, limpem-se!

Ezio pulou levemente sobre o parapeito da torre e assumiu sua posição perto da portinhola que dava para a escadaria que levava para baixo. Os arqueiros se esforçaram para atingi-lo, mas a distância era curta e ele tinha a seu favor o elemento surpresa. Ele se agachou e agarrou os calcanhares de um deles, derrubando-o pelo parapeito. O homem caiu urrando e foi morrer no calçamento de pedra sessenta metros abaixo. Antes que os outros pudessem reagir, ele já

tinha dominado outro, esfaqueando seu braço. O homem olhou surpreso para a pequena ferida, mas depois ficou cinza e caiu morto na hora. Ezio havia prendido sua nova arma venenosa ao braço, pois não havia tempo para nenhum combate mortal agora. Girou para atacar o terceiro, que deixara cair o arco e flecha e tentava passar por ele em direção às escadas. Quando as alcançou, Ezio o chutou no traseiro e ele caiu de cabeça rolando pelos degraus de madeira: ossos se quebraram quando ele aterrissou depois do primeiro lance. O último guarda ergueu as mãos e balbuciou algo. Ezio olhou para baixo e viu que o homem tinha se urinado. Deu um passo para o lado e, com uma reverência irônica, deixou o arqueiro aterrorizado se esgueirar pelas escadas, passando pelo camarada arrebentado.

Então foi atingido com força na nuca pelo punho pesado de aço de uma adaga. Maffei havia se recuperado do choque do ataque e se aproximado de Ezio por trás. Ezio cambaleou para a frente.

— Vou colocar você de joelhos, pecador! — berrou o padre, espumando pelos cantos da boca. — Implore por perdão!

“Por que as pessoas sempre perdem tempo com conversa?”, pensou Ezio, que teve tempo de se recuperar e se virar enquanto o padre falava.

Os dois homens se encararam no espaço estreito. Maffei atacou com sua adaga pesada. Estava claro que não era bom de luta, mas o desespero e o fanatismo o tornavam realmente muito perigoso, e mais de uma vez Ezio precisou desviar da lâmina que saltava erraticamente, incapaz de desferir um golpe certeiro. Por fim conseguiu segurar o pulso do padre e puxá-lo para a frente, de forma que seus peitos se tocaram.

— Vou mandar você choramingando para o inferno! — vociferou Maffei.

— Mostre algum respeito pela morte, meu amigo — retrucou Ezio.

— Eu lhe mostro o respeito!

— Desista! Eu lhe darei tempo para rezar.

Maffei cuspiu nos olhos de Ezio, fazendo com que ele o soltasse. Então, berrando, enfiou a adaga em seu antebraço esquerdo, mas a lâmina deslizou para o lado sem feri-lo, desviada pela placa de metal.

— Que demônio protege você? — vociferou o padre.

— Você fala demais — disse Ezio, enfiando a própria adaga no pescoço de

Maffei e tensionando os músculos do antebraço. Quando o veneno fluiu da lâmina para a jugular do padre, ele se enrijeceu e abriu a boca, mas apenas um ar fétido saiu dela. Então ele empurrou Ezio para longe, cambaleou de volta na direção do parapeito, endireitou o corpo por um instante e depois caiu para a frente nos braços da morte.

Ezio foi até o cadáver de Maffei. De sua batina ele retirou uma carta, que abriu e rapidamente leu.

Padrone:
É com medo no coração que lhe escrevo isso. O Profeta chegou. Eu sinto. Os próprios pássaros não agem como deveriam, rodopiam sem rumo pelo céu. Eu os vejo da minha torre. Não comparecerei ao nosso encontro como solicitado, pois não posso mais continuar assim exposto ao público, por medo de que o Demônio me encontre. Perdoe-me, mas preciso escutar minha voz interior. Que o Pai da Compreensão possa guiá-lo. E guiar-me.

Irmão A.

Gambalto tinha razão, pensou Ezio, o homem estava maluco. Sombriamente, lembrando-se da repreensão do tio, fechou os olhos do padre e disse ao fazê-lo:

— *Requiescat in pace.*

Ciente de que o arqueiro a quem demonstrara misericórdia poderia ter dado o alarme, olhou para baixo pelo parapeito da torre, mas não viu nenhuma atividade preocupante. Os guardas dos Pazzi ainda estavam em seus postos, e o mercado já começara a funcionar com lentidão. Sem dúvida aquele arqueiro agora já estaria a meio caminho do campo, de volta à sua casa, preferindo a deserção à corte marcial e possivelmente à tortura. Ele empurrou a lâmina de volta para dentro do mecanismo escondido em seu antebraço, tomando o cuidado de tocá-la apenas com a mão enluvada, e desceu as escadas da torre. O sol estava alto e isso o tornaria facilmente visível se descesse pela parede externa do campanário.

Quando se reuniu à tropa de mercenários de Mario, Gambalto o cumprimentou animado.

— Sua presença nos traz boa sorte — disse ele. — Nossos batedores localizaram o arcebispo Salviati!

— Onde?

— Não muito longe daqui. Está vendo aquela mansão na colina, ali?

— Sim.

— Ele está lá. — Então Gambalto se lembrou: — Mas primeiro preciso lhe perguntar, *capitano*, como se saiu na cidade?

— Não vai haver mais sermões de ódio do alto daquela torre.

— O povo irá abençoá-lo, *capitano*.

— Não sou capitão.

— Para nós, é — disse Gambalto, simplesmente. — Leve um destacamento a partir daqui. Salviati está muito bem protegido e a mansão é uma construção antiga e fortificada.

— Muito bem — respondeu Ezio. — Que bom que os ovos estão todos juntos, praticamente em um único ninho.

— Os outros não podem estar longe, Ezio. Vamos nos empenhar para encontrá-los durante sua ausência.

Ezio escolheu uma dúzia dos melhores combatentes na luta corpo a corpo de Gambalto e os liderou a pé pelos campos que os separavam da mansão onde Salviati havia se refugiado. Espalhou seus homens, mas os deixou à distância de um grito um do outro. Os postos avançados dos Pazzi que Salviati deixara de prontidão foram facilmente evitados ou neutralizados, porém Ezio perdeu dois de seus homens naquela operação.

Ezio esperava atacar a mansão de surpresa, antes que seus ocupantes soubessem de sua investida, mas quando se aproximou dos sólidos portões principais uma figura vestida com os trajes do arcebispado apareceu no alto das muralhas, segurando as ameias com mãos em garra. Um rosto de predador olhou para baixo e logo se retirou.

— É Salviati — disse Ezio para si mesmo.

Não havia nenhum outro guarda do lado de fora dos portões. Ezio fez sinal para que seus homens se aproximassem das muralhas, para que os arqueiros não tivessem ângulo para atingi-los. Sem dúvida Salviati devia ter concentrado o que restava de seus guarda-costas dentro das muralhas, que eram espessas e altas o bastante para parecerem intransponíveis. Ezio se perguntou se deveria mais uma vez tentar escalá-las e abrir os portões por dentro para deixar suas tropas entrarem, mas sabia que os guardas de Pazzi na mansão estariam atentos à sua presença.

Fazendo sinal para que seus homens ficassem fora de vista, encostados nas muralhas, ele se agachou e percorreu pela grama alta a curta distância até onde o corpo de um de seus inimigos estava caído. Rapidamente tirou o uniforme do cadáver e o vestiu, depois enfiou embaixo do braço suas próprias roupas emboladas.

Tornou a se juntar a seus homens, que de início se agitaram ante a visão de um suposto Pazzi se aproximando, e entregou suas roupas para um deles. Então bateu nos portões com o punho da espada.

— Abram! — gritou. — Em nome do Pai da Compreensão!

Um minuto tenso se passou. Ezio recuou para que pudesse ser visto das muralhas. Então ouviu o som de ferrolhos pesados sendo retirados.

Assim que os portões começaram a se abrir, Ezio e seus homens invadiram, fechando-os novamente e dispersando os guardas ali dentro. Viram-se em um pátio ao redor do qual a mansão se erguia em três alas. Salviati estava no topo de um lance de escadas, no meio da ala principal. Uma dúzia de grandalhões armados estava entre ele e Ezio, e mais guardas ocupavam o pátio.

— Traição suja! — gritou o arcebispo. — Mas você não vai sair com a mesma facilidade com que entrou. — Então ergueu a voz em um rugido autoritário: — Matem todos! Matem todos eles!

As tropas dos Pazzi se aproximaram, rodeando os homens de Ezio. Mas os Pazzi não haviam sido treinados por um homem como Mario Auditore, e, apesar das desvantagens, os *condottieri* lutaram com sucesso contra os oponentes no pátio, enquanto Ezio corria em direção às escadas. Ele liberou a lâmina com veneno e esfaqueou os homens que rodeavam Salviati. Não importava onde os atingisse: sempre que acertava e fazia sair sangue, mesmo que fosse no rosto, o homem morria em um piscar de olhos.

— Você é realmente um demônio, do Quarto Anel do Nono Círculo! — falou Salviati com voz trêmula quando finalmente Ezio e ele se confrontaram cara a cara.

Ezio voltou a esconder a lâmina de veneno, mas sacou a adaga de combate. Agarrou Salviati pelo colarinho e levou a lâmina ao pescoço do arcebispo.

— Os Templários perderam seu cristianismo quando descobriram o ramo bancário — disse, sem se alterar. — Não conhece sua própria escritura? “Não se

pode servir a Deus e a Mamon”! Mas esta é sua chance de se redimir. Diga: onde está Jacopo?

Salviati olhou-o desafiadoramente:

— Você nunca irá encontrá-lo!

Ezio arrastou a lâmina suave mas decididamente na garganta do homem, tirando um pouco de sangue.

— Vai ter de fazer melhor do que isso, *Arcivescovo*.

— A noite nos guarda quando nos encontramos; agora, termine o que começou!

— Então, vocês se escondem como os assassinos que são, protegendo-se na escuridão. Obrigado por isso. Vou perguntar mais uma vez: o*nde?*

— O Pai da Compreensão sabe que o que eu faço agora é para o bem maior — respondeu Salviati com frieza, e, agarrando de repente o pulso de Ezio com as duas mãos, forçou a adaga profundamente para dentro da própria garganta.

— Diga-me! — gritou Ezio. Mas o arcebispo, borbulhando sangue pela boca, já havia caído a seus pés, as esplêndidas vestes amarelas e brancas manchadas de vermelho.

Somente vários meses depois Ezio teve mais notícias dos conspiradores que buscava. Nesse meio-tempo, ele e Mario planejaram como poderiam recuperar San Gimignano e libertar seus cidadãos do jugo cruel dos Templários, que, tendo aprendido a lição da última vez, controlavam a cidade com mãos de ferro. Sabendo que os Templários também estariam procurando as páginas restantes do códex, Ezio foi pessoalmente em busca delas a toda parte, mas nada conseguiu. As páginas que já estavam nas mãos dos Assassinos permaneceram escondidas sob a guarda severa de Mario, pois desta forma o segredo do Credo jamais seria conhecido pelos Templários.

Então, um dia, um mensageiro de Florença cavalgou até Monteriggioni com uma carta de Leonardo para Ezio. Rapidamente ele buscou um espelho, pois sabia do costume do amigo de escrever de trás para a frente por ser canhoto — aqueles rabiscos, entretanto, teriam sido difíceis de decifrar até mesmo pelo leitor mais habilidoso que não estivesse acostumado com eles. Ezio quebrou o selo e leu ansiosamente. Seu coração se alegrou a cada linha:

Gentile Ezio,

O duque Lorenzo me pediu para lhe enviar notícias — de Bernardo Baroncelli! Parece que ele conseguiu embarcar em um navio até Veneza e dali secretamente seguiu incógnito até a corte do sultão otomano de Constantinopla, planejando obter refúgio. Porém, como ele não chegou a ficar em Veneza, não soube que os venezianos haviam assinado recentemente a paz com os turcos — os venezianos inclusive mandaram até lá seu segundo melhor pintor, Gentile Bellini, para fazer um retrato do sultão Mehmet. Assim, quando ele chegou e sua verdadeira identidade se tornou conhecida, ele foi preso.

É claro que você pode então imaginar a correspondência que foi trocada entre a Sublime Porta e Veneza, mas os venezianos são também nossos aliados — pelo menos por enquanto — e o duque Lorenzo é um mestre da diplomacia. Baroncelli foi enviado acorrentado de volta a Florença e, ao chegar, interrogado. Porém, foi teimoso, ou tolo, ou corajoso, não sei ao certo: suportou a tortura, as pinças em brasa, as chicotadas e os ratos roendo-lhe os pés, e só nos disse que os conspiradores costumavam se encontrar à noite em uma velha cripta embaixo de Santa Maria Novella. É claro que foi feita uma busca ali, mas nada se encontrou. Então, ele foi enforcado. Fiz um ótimo rascunho do enforcamento, que vou lhe mostrar quando nos encontrarmos da próxima vez. Acho que, anatomicamente falando, está bastante preciso.

Distinti saluti

Seu amigo

Leonardo da Vinci

— Que bom que o homem está morto — comentou Mario quando Ezio lhe mostrou a carta. — Ele era o tipo capaz de roubar palha da choupana da mãe. Mas seja como for, isso não nos ajuda a descobrir quais são os próximos planos dos Templários, nem o paradeiro de Jacopo.

Ezio encontrara tempo para visitar a mãe e a irmã, que continuavam a passar os dias na serenidade do convento, sendo cuidadas pela gentil abadessa. Percebeu, para sua tristeza, que Maria atingira o máximo de recuperação que poderia alcançar. Seu cabelo havia se tornado prematuramente grisalho e havia finos pés-de-galinha nos cantos de seus olhos, mas ela conquistara uma calma interior e, quando falava do marido e dos filhos mortos, era com saudades, afeto e orgulho. Porém, a visão da caixinha de pereira de Petruccio com as plumas de águia, que ela conservava na mesa de cabeceira, ainda podia trazer-lhe lágrimas aos olhos. Quanto a Claudia, ela agora era uma *novizia*, e embora Ezio lamentasse o que enxergava como um desperdício de sua beleza e de seu espírito, reconhecia que em seu rosto agora havia uma luz, e isso o fazia aceitar sua decisão e ficar feliz

por ela. Ele as visitou novamente no Natal, e no ano-novo retomou seu treinamento, embora por dentro estivesse fervilhando de impaciência. Para contrabalançar isso, Mario o tornou segundo comandante do castelo, e Ezio enviou incansavelmente seus próprios espiões e batedores pelo país em busca da presa que queria de modo implacável.

Então, por fim, recebeu notícias. Numa manhã do final da primavera, Gambalto surgiu com olhos brilhantes à porta da sala dos mapas, onde Ezio e Mario estavam entretidos em uma reunião.

— *Signori!* Encontramos Stefano da Bagnone! Ele se refugiou na Abadia de Asmodeo, que fica a apenas algumas léguas ao sul. Estava sob o nosso nariz o tempo inteiro!

— Eles andam juntos como os cães que são — vociferou Mario, traçando rapidamente com seus dedos grossos uma rota no mapa diante dele. Olhou para Ezio. — Mas ele é um cão importante. O secretário de Jacopo! Se não conseguirmos tirar algo dele...!

Mas Ezio já estava dando ordens para selar e preparar seu cavalo. Rapidamente foi até seus aposentos e se armou, prendendo as armas do códex e escolhendo, agora, a lâmina retrátil original em lugar da que continha veneno. Substituíra a destilação de cicuta original de Leonardo com meimendro a conselho do médico de Monteriggioni, e o saco de veneno localizado no punho da adaga estava cheio. Tinha decidido que usaria a lâmina venenosa com discrição, pois sempre havia o risco de injetar uma dose fatal em si mesmo. Por este motivo, e porque seus dedos estavam cobertos com pequenas cicatrizes, ele agora usava luvas de couro flexíveis, mas grossas, ao utilizar qualquer uma das lâminas.

A abadia ficava perto de Monticiano, cujo antigo castelo dominava a paisagem da pequena cidade sobre a colina. Estava situada no vale ensolarado de uma encosta suave, cheio de ciprestes. Era uma construção recente, talvez com apenas cem anos de idade, feita de um arenito amarelo, caro e importado, ao redor de um pátio vasto com uma igreja no centro. Os portões ficavam escancarados, e era possível ver os monges da ordem da abadia, com seus hábitos cor de ocre, trabalhando nos campos e pomares ao redor dela e nos vinhedos acima — o vinho do monastério da abadia era famoso e exportado até

mesmo para Paris. Parte dos preparativos de Ezio incluiu providenciar um hábito de monge para si mesmo e, antes de chegar à abadia e depois de deixar a montaria com um cavalariço na hospedaria onde alugara um quarto fingindo ser um mensageiro do governo, ele vestiu seu disfarce.

Logo ao chegar viu Stefano, entretido em uma conversa com o *hospitarius* da abadia, um monge corpulento que parecia ter assumido a forma de um dos barris de vinho que ele evidentemente esvaziava com frequência. Ezio deu um jeito de se aproximar o bastante para ouvi-lo sem ser notado.

— Oremos, irmão — disse o monge.

— Orar? — disse Stefano, cuja roupa negra contrastava com todas as cores ensolaradas ao seu redor. Parecia uma aranha em uma panqueca. — Pelo quê? — acrescentou ele sarcasticamente.

O monge pareceu surpreso:

— Pela proteção do Senhor!

— Se acha que o Senhor tem algum interesse em nossos assuntos, irmão Girolamo, melhor pensar de novo! Mas, por favor, continue a se iludir, se isso o ajuda a passar o tempo.

O irmão Girolamo ficou chocado.

— O que está falando é uma blasfêmia!

— Não. Falo a verdade.

— Mas negar a Sua mais exaltada Presença...!

— ...é a única resposta racional, ante a declaração de que existe um louco invisível nos céus. E acredite, se tivermos de levar a sério nossa preciosa Bíblia, então Ele perdeu completamente a cabeça.

— Como pode dizer tais coisas? Você é um padre!

— Sou um administrador. Uso essa batina para me aproximar dos malditos Médici, para que eu possa cortá-los pelos joelhos, a serviço de meu verdadeiro mestre. Mas primeiro tenho esse assunto do Assassino, Ezio. Há muito tempo vem sendo uma pedra em nosso sapato, que precisamos arrancar.

— Agora sim está falando a verdade. Aquele demônio ímpio!

— Bem — disse Stefano com um sorriso atravessado. — Pelo menos em uma coisa concordamos.

Girolamo abaixou a voz:

— Dizem que o Demônio lhe deu velocidade e força sobrenaturais.

Stefano o encarou.

— O Demônio? Não, meu amigo. Estes são dons que ele conseguiu por si próprio, com anos de treinamento rigoroso. — Fez uma pausa, o corpo esquelético curvado em um ângulo reflexivo. — Sabe, Girolamo, acho perturbador que você tenha tanta relutância em creditar às pessoas seus próprios méritos. Acho que, se pudesse, para você todas as pessoas do mundo seriam vítimas.

— Perdoo sua falta de fé e sua língua ferina — respondeu Girolamo, piedoso. — Você continua sendo um filho de Deus.

— Eu lhe disse que... — começou Stefano com certa aspereza, mas depois abriu as mãos e desistiu. — Ah, que importa? Basta disso! É como falar com o vento!

— Vou rezar por você.

— Como quiser. Mas faça isso em silêncio. Preciso ficar atento. Até esse Assassino estar morto e enterrado, nenhum Templário pode baixar a guarda, nem por um instante.

O monge se despediu com uma reverência, e Stefano ficou sozinho no pátio. O sino para a Primeira e a Segunda leitura havia soado e toda a comunidade estava na igreja da abadia. Ezio surgiu das sombras como um fantasma. O sol brilhou com o peso silencioso do meio-dia. Stefano, como um corvo, ia e vinha pela muralha norte, inquieto, impaciente, possuído.

Ao ver Ezio, não demonstrou nenhuma surpresa.

— Estou desarmado — disse ele. — Luto com a mente.

— Para usá-la, você precisa continuar vivo. É capaz de se defender?

— Você me mataria a sangue frio?

— Eu vou matá-lo porque é necessário que você morra.

— Boa resposta! Mas não acha que eu posso ter segredos que lhe podem ser úteis?

— Dá para perceber que você não se dobraria sob nenhuma tortura.

Stefano o olhou com apreensão.

— Vou encarar isso como um elogio, embora eu mesmo não tenha tanta certeza assim. Mas, isso tem importância meramente acadêmica. — Fez uma

pausa antes de continuar com sua voz fina. — Você perdeu sua chance, Ezio, a sorte foi lançada. Os Assassinos defendem uma causa perdida. Sei que você vai me matar independentemente do que eu disser ou fizer, e que estarei morto antes do fim da missa do meio-dia, mas você não vai ganhar nada com minha morte. Os Templários já estão de olho em você, e logo virá o xeque-mate.

— Disso você não pode ter certeza.

— Estou prestes a me encontrar com meu Criador, se é que Ele existe. Será reconfortante descobrir. Nesse meio-tempo, por que eu iria mentir?

Ezio liberou a adaga.

— Que engenhoso — comentou Stefano. — O que mais falta inventar?

— Arrependa-se — disse Ezio. — Conte o que sabe.

— O que você *quer* saber? O paradeiro de meu mestre, Jacopo? — Stefano sorriu. — Isso é fácil. Ele em breve vai se reunir com nossos confederados, à noite, à sombra dos deuses romanos. — Fez uma pausa. — Espero que isso o deixe satisfeito, pois nada que você possa fazer me fará dizer mais. E de toda forma isso não tem importância, pois sei no fundo do coração que você chegou tarde demais. Meu único pesar é não poder assistir à sua queda... mas quem sabe? Talvez *exista mesmo* o Além, e eu consiga assistir à sua morte. Por enquanto, vamos logo acabar com isso.

O sino da abadia tocou mais uma vez. Ezio tinha pouco tempo.

— Acho que você poderia me ensinar muito — disse ele.

Stefano olhou para ele com tristeza.

— Não neste mundo — respondeu, e abriu a batina na altura do pescoço. — Mas faça-me o favor de me mandar rapidamente para a noite.

Ezio deu uma única punhalada, profunda, com precisão mortal.

— Existem as ruínas de um Templo de Mitra a sudoeste de San Gimignano — disse Mario pensativo quando Ezio voltou. — São as únicas ruínas romanas de alguma importância num raio de quilômetros, mas você disse que ele falou à sombra dos *deuses* romanos?

— Foram essas suas palavras.

— E que os Templários iriam se reunir ali... em breve?

— Sim.

— Então não podemos mais esperar. Precisamos vigiar esse lugar a partir desta noite.

Ezio estava desanimado:

— Da Bagnone me disse que já era tarde demais para impedi-los.

Mario sorriu.

— Bom, então cabe a nós provar que ele estava errado.

Era a terceira noite da vigília. Mario havia voltado para sua base para continuar idealizando o planejamento do ataque contra os Templários em San Gimignano, mas deixara Ezio com cinco homens de sua confiança, entre eles Gambalto, para montar guarda escondidos na floresta densa que rodeava as ruínas isoladas e desoladas do Templo de Mitra. Tratava-se de um grande conjunto de prédios construídos ao longo de séculos cujo último ocupante de fato tinha sido Mitra, o deus adotado pelo exército romano, mas que continha outras capelas antigas consagradas a Minerva, Vênus e Mercúrio. No complexo havia também um teatro cujo palco continuava de pé, embora estivesse rodeado de um semicírculo destruído de bancos de pedra em declive que hoje era lar de escorpiões e ratos. Atrás havia uma parede em ruínas, e nas laterais, colunas quebradas onde as corujas tinham feito ninhos. Por toda parte a hera tomara conta, e arbustos resistentes abriam caminho pelas rachaduras no mármore manchado e em decomposição. A lua lançava sobre tudo isso uma luz horripilante, e, por mais acostumados que estivessem a enfrentar inimigos mortais sem medo, um ou dois dos homens estavam claramente nervosos.

Ezio tinha dito a si mesmo que vigiariam aquele lugar por uma semana, mas sabia que seria difícil para seus homens conservar a coragem por tanto tempo, pois os fantasmas do passado pagão eram uma forte presença no local. Porém, por volta da meia-noite, quando os Assassinos já sofriam dores nos membros pela falta de atividade e por terem de ficar parados, ouviram o tilintar suave de arreios. Ezio e seus homens se colocaram em estado de alerta. Logo em seguida uma dúzia de soldados cavalgaram pelo complexo com tochas acesas, liderados por três homens. Estavam se dirigindo ao teatro. Ezio e seus *condottieri* os seguiram até lá.

Os homens desmontaram e formaram um círculo protetor ao redor dos três

líderes. Ezio reconheceu com triunfo o rosto do homem que buscava há tanto tempo: Jacopo de' Pazzi, um velho de 60 anos que parecia preocupado. Jacopo estava acompanhado por um homem que ele não conhecia e por outro que conhecia — Rodrigo Bórgia, o inconfundível encapuzado de vermelho com nariz adunco! Com raiva, Ezio prendeu a lâmina de veneno ao mecanismo em seu pulso direito.

— Sabem por que convoquei esta reunião — começou Rodrigo. — Já lhe dei tempo mais do que suficiente, Jacopo, mas você ainda precisa se arrepender.

— Desculpe, *commendatore*. Fiz tudo o que estava ao meu alcance. Os Assassinos me superaram.

— Você não recuperou Florença.

Jacopo abaixou a cabeça.

— Não conseguiu cortar a cabeça de Ezio Auditore, um mero filhote! Que a cada vitória sobre nós ganha força, se torna ainda mais perigoso!

— Isso foi culpa de meu sobrinho, Francesco — balbuciou Jacopo. — A impaciência fez com que ele se precipitasse! Tentei ser a voz da razão...

— Foi mais a voz da covardia — interrompeu o terceiro homem com dureza.

Jacopo se virou para ele com muito menos respeito do que demonstrara a Rodrigo.

— Ah, *Messere* Emilio. Quem sabe não tivéssemos nos saído melhor se você tivesse nos enviado armas de qualidade, em vez do lixo que vocês venezianos chamam de armamentos! Mas vocês, Barbarigo, são sempre uns pães-duros.

— Basta! — trovejou Rodrigo, e se virou novamente para Jacopo. — Confiamos em você e em sua família, e como vocês nos pagaram? Com inércia e incompetência. Vocês retomaram San Gimignano — bravo! Mas ficaram ali sentados, deixando inclusive que os atacassem. O irmão Maffei era um servo valioso de nossa Causa. Você não conseguiu nem mesmo salvar seu próprio secretário, um homem cujo cérebro valia dez vezes mais do que o seu!

— *Altezza*! Me dê a chance de consertar tudo e verá que... — Jacopo olhou os rostos endurecidos que o rodeavam. — Vou lhe mostrar que...

Rodrigo abrandou sua expressão e até ensaiou um sorriso.

— Jacopo. Sabemos o que é melhor fazer agora. Deixe conosco. Venha aqui, deixe-me abraçá-lo.

Hesitante, Jacopo obedeceu. Rodrigo passou o braço esquerdo ao redor de seus ombros e com a mão direita sacou um punhal da batina e deslizou-o firmemente entre as costelas de Jacopo. Jacopo tentou se afastar da faca, enquanto Rodrigo o olhava da mesma maneira como um pai olharia um filho desviado. Jacopo agarrou a ferida. Rodrigo não havia atingido nenhum órgão vital. Talvez...

Mas então Emilio Barbarigo deu um passo em sua direção. Instintivamente, Jacopo ergueu as mãos ensanguentadas para se proteger, pois Emilio havia sacado uma adaga ameaçadora com um canal de sangria profundo na lateral da lâmina e um dos lados de serrilhado áspero.

— Não! — protestou Jacopo. — Fiz o melhor que pude. Sempre servi à Causa com lealdade. Toda a vida. Por favor... Por favor, não...

Emilio soltou uma gargalhada brutal.

— Por favor não o quê, seu cretino manhoso?

Então ele rasgou o gibão de Jacopo e imediatamente abriu seu peito com a lâmina serrilhada da pesada adaga.

Jacopo gritou e caiu primeiro de joelhos e depois de lado, retorcendo-se de dor. Olhou para cima e viu Rodrigo Bórgia à sua frente, com uma espada estreita na mão.

— Mestre... tenha piedade! — Jacopo conseguiu dizer. — Não é tarde demais! Me dê uma última chance de acertar as coisas... — Então engasgou com o próprio sangue.

— Ah, Jacopo — disse gentilmente Rodrigo. — Como você me desapontou.

Ergueu a lâmina e a enfiou na nuca de Jacopo com tanta força que a ponta emergiu do outro lado, parecendo ter cortado a medula. Ele a girou na ferida antes de retirá-la devagar. Jacopo se levantou, com a boca cheia de sangue, mas já estava morto e caiu de novo, retorcendo-se, até por fim ficar imóvel.

Rodrigo limpou a espada na roupa do morto e, puxando seu manto para um lado, embainhou-a.

— Que sujeira — murmurou. Depois se virou, olhou diretamente na direção de Ezio, sorriu e gritou: — Pode sair agora, Assassino! Minhas desculpas por ter lhe roubado o seu prêmio!

Antes que pudesse reagir, Ezio foi agarrado por dois guardas cujas túnicas

exibiam uma cruz vermelha dentro de um escudo amarelo — o brasão de seu arqui-inimigo. Chamou por Gambalto, mas não ouviu resposta de seus homens. Ele foi arrastado até o palco do antigo teatro.

— Saudações, Ezio! — disse Rodrigo. — Lamento pelos seus homens, mas você realmente achou que eu não esperaria encontrá-lo aqui? Que não planejei a sua vinda? Acha que Stefano da Bagnone lhe disse o lugar e hora desse encontro sem meu conhecimento e aprovação? Claro que tivemos de fazer a coisa parecer difícil, senão você teria percebido a armadilha. — Riu. — Pobre Ezio! Veja bem, estamos nesse jogo há muito mais tempo do que você. Meus guardas estavam escondidos na floresta bem antes de você sequer chegar. E receio que seus homens tenham sido tão pegos de surpresa quanto você... mas eu queria vê-lo vivo antes de despachá-lo deste mundo. Pode chamar isso de capricho, se quiser. Agora estou satisfeito. — Rodrigo sorriu e se dirigiu aos guardas que seguravam os braços de Ezio. — Obrigado. Podem matá-lo agora.

Junto com Emilio Barbarigo, ele montou em seu cavalo e se afastou, levando os guardas que o haviam acompanhado até ali. Ezio o observou ir embora. Pensou rápido. Havia aqueles dois grandalhões segurando-o — e quantos mais, escondidos na floresta? Quantos homens Bórgia havia colocado ali para emboscar sua tropa?

— Diga suas preces, garoto — falou um dos seus captores.

— Olhem — disse Ezio. — Sei que vocês só estão obedecendo ordens. Por isso, se me soltarem, poupo suas vidas. Que tal?

O guarda que tinha falado pareceu se divertir.

— Ora! Escute só você! Acho que nunca encontrei ninguém capaz de manter o senso de humor como você em um momento como...

Mas não chegou a terminar a frase. Ezio liberou a lâmina escondida e, tirando vantagem da surpresa dos guardas, cortou o homem que o segurava à direita. O veneno cumpriu sua função e o homem cambaleou para trás, caindo não longe dali. Antes que o outro guarda pudesse reagir, Ezio já havia enfiado a lâmina fundo em sua axila, o único local desprotegido pela armadura. Livre, pulou para as sombras à beira do palco e aguardou. Não precisou esperar muito: da floresta surgiram outros dez guardas que Rodrigo deixara escondidos. Alguns começaram a procurar pelas extremidades do teatro cuidadosamente, outros se

inclinaram sobre seus camaradas caídos. Movendo-se com a velocidade mortal de um lince, Ezio se atirou entre eles, ferindo-os com cortes semelhantes aos de uma foice, concentrando-se em qualquer parte exposta de seus corpos. Já amedrontados e meio apanhados de surpresa, os guardas de Bórgia vacilaram diante dele, e Ezio feriu cinco deles antes que os outros fugissem, gritando de pânico, para a floresta. Ezio os observou se afastarem. Não poderiam avisar a Rodrigo, a menos que quisessem ser enforcados por incompetência, e levaria algum tempo até que sua falta fosse sentida e Rodrigo soubesse que seu plano satânico tinha falhado.

Ezio ajoelhou-se diante do corpo de Jacopo de' Pazzi. Retalhado e destituído de toda dignidade, só o que restara era a casca de um velho patético e desesperado.

— Seu pobre desgraçado — disse. — Fiquei com raiva quando vi que Rodrigo havia me roubado a presa que me era de direito, mas agora, agora...

Caiu em silêncio e se inclinou para fechar os olhos de Pazzi. Então percebeu que aqueles olhos ainda o estavam fitando. Por algum milagre, Jacopo continuava... vivo. Ele abriu a boca para falar, mas não saiu nenhum som. Era evidente que ele estava nos extremos finais da agonia. O primeiro pensamento de Ezio foi deixá-lo à mercê de uma morte lenta, mas os olhos lhe imploravam. Mostre misericórdia, lembrou-se, mesmo quando não lhe demonstraram nenhuma. Isso também fazia parte do Credo.

— Que Deus lhe dê paz — disse, beijando a testa de Jacopo enquanto empurrava sua adaga com firmeza no coração do adversário.

11

Quando Ezio voltou a Florença e deu a notícia da morte do último dos Pazzi ao duque Lorenzo, este ficou felicíssimo, mas lamentou que a segurança de Florença e dos Médici precisasse ser comprada ao custo de tanto sangue. Lorenzo preferia encontrar soluções diplomáticas para as diferenças, mas este desejo o tornava uma exceção entre seus pares, os governantes das outras cidades-Estado da Itália.

Ele recompensou Ezio com uma capa cerimonial, que lhe conferia a Liberdade da Cidade de Florença.

— Este é um presente muito gentil, *Altezza* — agradeceu Ezio. — Mas receio ter pouco tempo livre para desfrutar dos benefícios que ele me traz.

Lorenzo ficou surpreso.

— O quê? Você pretende tornar a partir em breve? Eu esperava que você ficasse, reabrisse o *palazzo* de sua família e assumisse um posto no governo da cidade, trabalhando ao meu lado.

Ezio fez uma reverência, mas disse:

— Lamento dizer que acredito que nossos problemas não chegaram ao fim com a queda dos Pazzi. Eles eram apenas um dos tentáculos de um monstro maior. Minha intenção agora é ir a Veneza.

— Veneza?

— Sim. O homem que estava com Rodrigo Bórgia no encontro com Francesco é membro da família Barbarigo.

— Uma das famílias mais poderosas de La Serenissima. Está me dizendo que este homem é perigoso?

— É aliado de Rodrigo.

Lorenzo refletiu por um instante, depois abriu as mãos.

— Deixo-o ir com grande arrependimento, Ezio; mas sei que estarei em eterna dívida com você, o que significa que em troca não tenho nenhum poder de comandá-lo. Além do mais, tenho o pressentimento de que o trabalho em que você está envolvido em longo prazo será benéfico para nossa cidade, mesmo que eu não esteja vivo para ver isso.

— Não diga isso, *Altezza*.

Lorenzo sorriu.

— Espero que eu esteja errado, mas viver neste país nestes tempos é como viver à beira do Vesúvio: perigoso e incerto!

Antes de partir, Ezio levou novidades e presentes a Annetta, embora lhe fosse doloroso visitar a antiga casa de sua família, e ele não quis entrar. Intencionalmente também evitou a mansão dos Calfucci, mas foi visitar Paola e achou-a amável, mas distraída, como se sua mente estivesse em outro lugar. A última visita foi ao ateliê de seu amigo Leonardo, mas ao chegar lá só encontrou Agniolo e Innocento, e o lugar tinha cara de ter sido fechado. Não havia nem sinal de Leonardo.

Agniolo sorriu e o cumprimentou.

— *Ciao*, Ezio! Há quanto tempo!

— Muito!

Ezio olhou para ele, interrogativamente.

— Você está se perguntando onde está Leonardo.

— Ele foi embora? — quis saber Ezio.

— Sim, mas não para sempre. Levou parte de suas obras consigo, mas não podia levar tudo, por isso Innocento e eu estamos tomando conta do resto na sua ausência.

— E para onde ele foi?

— É engraçado. O Mestre estava negociando com os Sforza em Milão, mas então o Conte de Pexaro o convidou a passar algum tempo em Veneza; vai concluir uma série de cinco retratos de família... — Agniolo sorriu propositalmente. — Como se *isso* fosse mesmo acontecer. Mas parece que o Conselho de Veneza está interessado em seu trabalho de engenheiro e lhe estão

oferecendo um ateliê, funcionários, a coisa toda. Então, querido Ezio, se precisar dele, é para lá que deve ir.

— Mas é justamente para lá que estou indo! — gritou Ezio. — É uma notícia fantástica. Quando ele partiu?

— Há dois dias. Porém você não terá dificuldade em encontrá-lo no caminho. Ele está com uma carroça enorme absolutamente carregada de coisas, conduzida por dois bois.

— Tem alguém com ele?

— Só os carroceiros e dois batedores, para o caso de enfrentarem problemas. Estão indo pela estrada de Ravenna.

Ezio levou somente o que podia colocar em seus alforjes, e, por estar viajando sozinho, levou apenas um dia e meio para encontrar, numa curva da estrada, uma carroça pesada carregada por bois e equipada com uma cobertura de lona sob a qual uma quantidade enorme de máquinas e protótipos estava cuidadosamente guardada.

Os carroceiros estavam na beira da estrada coçando a cabeça e parecendo incomodados e acalorados, enquanto os batedores, dois garotos mais ou menos fortes armados com bestas e lanças, vigiavam em uma colina próxima. Leonardo também estava por perto, aparentemente montando alguma espécie de sistema de alavancagem. Então olhou para cima e viu Ezio.

— Olá, Ezio! Que sorte!

— Leonardo! O que está acontecendo?

— Acho que tive um pequeno problema com uma das rodas da carroça... — Ele apontou o local onde uma das rodas de trás havia saído do eixo. — O problema é que precisamos erguer a carroça para reencaixar a roda, mas não temos força o bastante para fazer isso, e essa alavanca que construí não vai conseguir levantá-la o suficiente. Então, você acha que poderia...?

— Claro.

Ezio fez sinal para os dois carroceiros, dois homens de constituição forte que lhe seriam de mais utilidade do que os batedores elegantes, e os três conseguiram erguer a carroça alto o bastante e segurá-la por tempo suficiente para que Leonardo reencaixasse a roda e a prendesse bem. Enquanto Ezio se esforçava com os outros para manter a carroça erguida, aproveitou para olhar seu

conteúdo. Ali estava, inconfundível, a estrutura semelhante a um morcego que ele havia visto antes. Parecia que havia sofrido diversas modificações.

Depois que a carroça foi consertada, Leonardo assumiu seu lugar na frente com um dos carroceiros, enquanto o outro seguiu andando perto da cabeça dos bois. Os batedores patrulhavam incansavelmente tanto à frente quanto atrás. Ezio manteve seu cavalo em ritmo de trote perto de Leonardo, e foram conversando. Fazia muito tempo desde seu último encontro e tinham muito o que falar. Ezio atualizou Leonardo, e Leonardo falou sobre as novas encomendas e da empolgação ante a perspectiva de ver Veneza.

— Estou tão feliz por ter você como companheiro de viagem! Mas você chegaria lá muito mais rápido se não tivesse de viajar no meu ritmo.

— É um prazer. E quero ter certeza de que você vai chegar lá em segurança.

— Tenho os batedores.

— Leonardo, não me entenda mal, mas até mesmo ladrões de estrada sem experiência nenhuma seriam capazes de derrubar esses dois com a mesma facilidade que você daria um peteleco em uma mosca.

Leonardo pareceu surpreso, depois ofendido, mas por fim riu.

— Então estou duplamente grato pela sua companhia. — Fez um ar dissimulado. — E tenho a sensação de que não é só por motivos sentimentais que você quer que eu chegue lá inteiro.

Ezio sorriu, mas não respondeu. Falou em vez disso:

— Percebi que ainda está trabalhando naquele aparelho-morcego.

— Hã?

— Sabe do que estou falando.

— Ah, aquilo. Não é nada, só uma coisa que andei martelando. Mas não consegui deixá-lo para trás.

— O que é?

Leonardo relutou:

— Não gosto muito de conversar sobre as coisas antes de estarem prontas...

— Leonardo! Você pode confiar em mim com toda a certeza. — Ezio abaixou o tom. — Afinal, também lhe confiei segredos.

Leonardo lutou consigo mesmo, depois relaxou.

— Tudo bem, mas não conte a mais ninguém.

— *Promesso.*

— Se você contasse, achariam que tinha enlouquecido — continuou Leonardo, mas havia empolgação na sua voz. — Ouça, acho que encontrei um jeito de fazer um homem voar!

Ezio olhou para ele e riu, totalmente descrente.

— Chegará um tempo em que você não vai querer ficar com esse sorrisinho no rosto — disse Leonardo, em tom simpático.

Mudou de assunto então e começou a falar sobre Veneza, La Serenissima, alheia ao resto da Itália e com frequência mais voltada ao Oriente do que ao Ocidente, tanto por causa do comércio quanto por apreensão, pois naquela época os turcos otomanos dominavam até a metade da costa norte do Adriático. Falou da beleza e da traição em Veneza, da dedicação da cidade a fazer dinheiro, de sua *richesse*, de sua construção estranha — uma cidade de canais abertos a partir dos pântanos e erguida sobre uma fundação de milhares de colunas enormes de madeira —, de sua independência feroz e de seu poder político: não fazia nem trezentos anos que o doge de Veneza havia empreendido uma cruzada inteira a partir da Terra Sagrada para servir a seus próprios propósitos, acabar com toda a competição comercial e militar e a oposição à sua cidade-Estado e deixar o império bizantino de joelhos. Falou dos locais afastados, secretos e sombrios, dos *palazzi* iluminados por velas, do curioso dialeto italiano que era ali falado, do silêncio que pairava, do esplendor berrante, dos magníficos pintores — de quem o príncipe era Giovanni Bellini, que Leonardo estava ansioso por conhecer —, da música, dos festivais de máscaras, da capacidade que os moradores tinham de aparecer e se mostrar, de sua maestria da arte de envenenar.

— E tudo isso — concluiu ele — sei apenas pelos livros. Imagine como será ver a coisa de perto.

“Será sujo e humano”, pensou Ezio friamente. “Como em toda parte.” Mas deu ao amigo um sorriso de concordância. Leonardo era um sonhador, e aos sonhadores deve ser permitido sonhar.

Haviam entrado em um desfiladeiro, e suas vozes ecoaram contra as paredes de pedra. Ezio, vasculhando com os olhos as escarpas quase invisíveis dos paredões que os cercavam de ambos os lados, subitamente ficou tenso. Os batedores haviam ido na frente, mas ele deveria ter sido capaz de ouvir, naquele

espaço confinado, o barulho dos cascos de seus cavalos. Entretanto, não ouvia som nenhum. Uma névoa ligeira havia subido, junto com um frio repentino, e nenhuma das duas coisas o tranquilizou. Leonardo não percebia nada, mas Ezio podia ver que os carroceiros também estavam tensos e olhavam desconfiados ao redor.

De repente uma chuva de pedrinhas caiu da escarpa rochosa do desfiladeiro, fazendo o cavalo de Ezio vacilar. Ele olhou para cima, apertando os olhos ante o sol indiferente, e pôde ver uma águia pairando.

Agora até mesmo Leonardo havia percebido algo.

— O que foi? — perguntou.

— Não estamos sozinhos — respondeu Ezio. — Talvez haja arqueiros inimigos em cima do desfiladeiro.

Então ouviu o som trovejante de cascos de cavalos, de vários cavalos, se aproximando deles por trás.

Ezio virou o cavalo e viu meia dúzia de cavaleiros a caminho. O estandarte que portavam tinha uma cruz vermelha dentro de um escudo amarelo.

— Bórgia! — murmurou, desembainhando a espada ao mesmo tempo em que uma flecha atingia a lateral da carroça. Os carroceiros já estavam fugindo pela estrada à frente, e até mesmo os bois se perturbaram, pois andaram pesadamente para a frente por vontade própria.

— Assuma as rédeas e siga em frente! — gritou Ezio para Leonardo. — É de mim que eles estão atrás, não de você. Simplesmente continue, não importa o que aconteça!

Leonardo se apressou em obedecer enquanto Ezio cavalgava para trás a fim de encontrar-se com os cavaleiros. Sua espada, uma das de Mario, era bem equilibrada pelo pomo, e seu cavalo, mais leve e mais manobrável do que o de seus adversários. Porém, estes estavam bem armados e não haveria como ele usar as lâminas do códex. Ezio apertou os calcanhares nos flancos do cavalo, atiçando-o contra a massa de inimigos. Agachando-se bastante contra a sela, Ezio foi com tudo para o meio do grupo, e a força de seu ataque fez com que dois dos cavalos deles arqueassem para trás violentamente. Então a luta de espadas começou e o braçal protetor que ele usava no braço esquerdo aparou diversos golpes. Ele conseguiu tirar vantagem da surpresa de um dos inimigos

quando este viu que seu golpe não tinha surtido efeito e aproveitou para golpeá-lo.

Não demorou para que ele tivesse desmontado quatro dos homens e para que os dois sobreviventes dessem meia-volta e galopassem de volta para o lugar de onde tinham vindo. Desta vez, porém, ele sabia que não podia dar a chance de nenhum deles voltar até Rodrigo. Galopou atrás deles e esfaqueou o primeiro e depois o segundo, fazendo-os caírem do cavalo.

Observou rapidamente os corpos, mas nenhum carregava nada digno de nota; então os arrastou até um canto da estrada e os cobriu com rochas e pedras. Tornou a montar o cavalo e voltou para diante, parando apenas para limpar a estrada dos demais cadáveres e dar-lhes um enterro rudimentar com as pedras e os gravetos que encontrou, o bastante ao menos para escondê-los. Não houve nada que pudesse fazer pelos cavalos, que a essa altura tinham fugido.

Ezio mais uma vez escapara da vingança de Rodrigo, mas sabia que o cardeal Bórgia só desistiria depois de ter certeza de que ele estivesse morto. Apertou os calcanhares nos flancos do cavalo e foi se reencontrar com Leonardo. Depois, procuraram juntos pelos carroceiros e chamaram seus nomes em vão.

— Eu lhes paguei um adiantamento enorme pela carroça e pelos bois — resmungou Leonardo. — Acho que nunca mais vou ver esse dinheiro.

— Venda tudo em Veneza.

— Mas lá eles não usam gôndolas?

— Tem muitas fazendas no interior.

Leonardo o fitou:

— Por Deus, Ezio, como gosto dos homens práticos!

Continuaram com sua longa travessia do país, passando pela cidade antiga de Forli, agora uma pequena cidade-Estado, e depois por Ravenna e seu porto no litoral, algumas milhas à frente. Ali embarcaram num navio, uma galé costeira que partira de Ancona a caminho de Veneza, e depois que se asseguraram de que ninguém a bordo representava perigo, Ezio conseguiu relaxar um pouco. Mas sabia que, mesmo em um navio relativamente pequeno como aquele, não seria muito difícil cortar a garganta de alguém no meio da noite e atirar o corpo nas águas escuras, e observava alerta as idas e vindas em cada pequeno porto onde atracavam.

Porém, chegaram vários dias depois em Veneza sem nenhum incidente. Foi apenas ali que Ezio encontrou seu próximo contratempo — e de uma fonte inesperada.

Eles haviam desembarcado no porto e estavam esperando pela balsa local, que os levaria até a cidade-ilha. A embarcação chegou pontualmente, e os marinheiros ajudaram Leonardo a embarcar a carroça, que se projetava para a frente de modo alarmante devido ao seu peso. O capitão da balsa disse a Leonardo que alguns funcionários do Conte da Pexaro estariam aguardando por ele no cais para levá-lo até sua nova moradia, e com uma reverência e um sorriso o ajudou a embarcar.

— O *signore* está com seu passe, claro, não?

— Claro — respondeu Leonardo, estendendo um papel ao homem.

— E o senhor? — inquiriu o capitão educadamente a Ezio, virando-se para ele.

Ezio foi pego de surpresa. Havia vindo sem convite, sem saber daquela lei local.

— Mas... não tenho passe — disse.

— Tudo bem — interrompeu Leonardo, falando com o capitão. — Ele está comigo. Posso ser o fiador dele; tenho certeza de que o *Conte*...

O capitão, porém, ergueu uma das mãos.

— Lamento, *signore*. As regras do Conselho são explícitas. Ninguém pode entrar na cidade de Veneza sem um passe.

Leonardo estava prestes a protestar, mas Ezio o impediu:

— Não se preocupe, Leonardo. Vou encontrar um jeito de solucionar isso.

— Gostaria de poder ajudar, senhor — disse o capitão. — Mas cumpro ordens. — Em tom mais alto, dirigiu-se à multidão de passageiros em geral e anunciou: — Atenção, por favor! A balsa irá partir às dez badaladas!

Ezio sabia que aquilo lhe dava muito pouco tempo.

Um casal extremamente bem-vestido chamou-lhe então a atenção. Ele os notara quando haviam embarcado na galé junto com ele — os dois tinham tomado a melhor cabine e mantido discrição. Agora, sozinhos ao pé de um dos píeres onde diversas gôndolas particulares estavam atracadas, obviamente estavam entretidos em uma briga bastante ácida.

— Minha amada, por favor... — dizia o homem. Era um tipo de aparência fraca, vinte anos mais velho que a companheira, uma ruiva impetuosa com olhos ferozes.

— Girolamo, você não passa de um idiota! Deus sabe por que casei com você, mas também sabe o quanto sofri por causa disso! Você está sempre encontrando defeitos e me mantém presa como uma galinha em sua cidadezinha provinciana horrorosa, e agora... agora você não consegue nem mesmo arrumar uma gôndola que nos leve até Veneza! E quando penso que seu tio é ninguém menos que o maldito papa! Seria de imaginar que você poderia exercer algum tipo de influência, mas não: olhe só para você, tem tanto tutano quanto uma lesma!

— Caterina...

— Não me venha com "Caterina", seu sapo! Faça esse homem pegar nossa bagagem e pelo amor de Deus me levar a Veneza. Preciso de um banho e de um vinho!

Girolamo ergueu a cabeça.

— Estou pensando seriamente em lhe deixar aqui e ir para Pordenone sem você.

— Devíamos ter ido por terra, de qualquer maneira.

— É perigoso demais ir pela estrada.

— Sim, para uma criatura molenga como você!

Girolamo ficou em silêncio enquanto Ezio continuava a assistir. Então ele disse com malícia:

— Por que você não entra nesta gôndola aqui — e indicou uma gôndola —, enquanto eu encontro dois gondoleiros imediatamente?

— Hum! Até que enfim está sendo sensato! — resmungou ela, e deixou que ele a conduzisse ao barco. Mas, assim que ela se instalou, Girolamo rapidamente soltou as amarras e empurrou a proa com força, mandando a gôndola lagoa adentro.

— *Buon viaggio!* — gritou ele maldosamente.

— *Disgraziato!* — devolveu ela. Então, percebendo que estava em apuros, começou a gritar: — *Aiuto! Aiuto!*

Mas Girolamo já caminhava de volta até onde um grupo de servos parecia

incerto diante das bagagens e começou a dar-lhes ordens. Logo em seguida foi com eles e a bagagem até outra área das docas, onde se pôs a providenciar uma balsa particular para si mesmo.

Enquanto isso, Ezio havia assistido à situação da tal Caterina, certamente se divertindo um pouco, mas também meio preocupado. Ela o encarou.

— Ei, você! Não fique aí parado! Preciso de *ajuda*!

Ezio soltou o cinturão com a espada, tirou os sapatos e o gibão e entrou na água.

De volta ao cais, uma sorridente Caterina deu a mão a um Ezio pingando.

— Meu herói — disse ela.

— Não foi nada.

— Eu podia ter me afogado! Como se aquele *porco* se importasse! — Olhou para Ezio, com interesse. — Mas você! Minha nossa, você deve ser *forte*. Não acredito como conseguiu nadar puxando a gôndola pela corda comigo dentro.

— Leve como uma pena — disse Ezio.

— Bajulador!

— Quero dizer, esses barcos são tão bem equilibrados...

Caterina franziu a testa.

— Foi uma honra servi-la, *signora* — concluiu Ezio, de modo pouco convincente.

— Preciso retribuir o favor um dia — disse ela, com o olhar cheio de segundas intenções. — Qual é o seu nome?

— Auditore, Ezio.

— Sou Caterina. — Fez uma pausa. — Para onde você está indo?

— Estava indo para Veneza, mas não tenho passe, por isso a balsa...

— *Basta!* — interrompeu ela. — Então esse oficialzinho não quis deixar você embarcar, foi isso?

— Sim.

— Vamos dar um jeito! — Ela disparou pelo cais sem esperar que Ezio colocasse os sapatos e o gibão. Quando ele finalmente a reencontrou, ela já chegara à balsa e estava, pelo que ele pôde perceber, dando um sermão no homem trêmulo. Tudo o que Ezio pôde ouvir ao chegar foi o capitão

murmurando do jeito mais servil: “Sim, *Altezza*; claro, *Altezza*; como quiser, *Altezza*.”

— É melhor mesmo que seja como eu quiser! A menos que você queira ver a sua cabeça em uma estaca! Aqui está o rapaz! Vá apanhar pessoalmente o cavalo e as coisas dele! Ande! E trate-o bem! Eu saberei se não o tratar!

O capitão se afastou rapidamente. Caterina voltou-se para Ezio.

— Pronto, viu? Tudo acertado!

— Obrigado, *Madonna*.

— Uma mão lava a... — Ela olhou para ele. — Espero que nossos caminhos voltem a se cruzar. — Estendeu-lhe a mão. — Sou de Forlì. Venha me visitar um dia. Será um prazer recebê-lo. — Ela lhe deu a mão e estava prestes a partir.

— Não quer ir a Veneza também?

Ela tornou a olhá-lo, depois olhou a balsa.

— Nesse monte de sucata? Não brinque comigo!

E então ela se foi, andando pelo cais na direção do marido, que estava acabando de embarcar a última peça da bagagem.

O capitão se apressou de volta, trazendo o cavalo de Ezio pelas rédeas.

— Aqui, senhor. Minhas mais humildes desculpas, senhor. Se eu soubesse, senhor...

— Preciso de um estábulo para meu cavalo ao chegarmos.

— Será um prazer, senhor.

Enquanto a balsa se afastava pelas águas cor de chumbo da lagoa, Leonardo, que assistira ao episódio todo, disse ironicamente:

— Sabe quem era ela, não?

— Não me importaria se ela fosse minha próxima conquista — sorriu Ezio.

— Então cuidado! É Caterina Sforza, a filha do duque de Milão. E o marido é o duque de Forlì, sobrinho do papa.

— Como ele se chama?

— Girolamo Riario.

Ezio ficou em silêncio: o sobrenome ecoou algo nele. Então disse:

— Bem, ele se casou com um meteoro.

— Como eu disse — respondeu Leonardo. — Cuidado.

12

Veneza em 1481, sob o governo estável do doge Giovanni Mocenigo, era no geral um bom lugar para se estar. A cidade estava em paz com os turcos e prosperava, as rotas de comércio marítimas e terrestres eram seguras e, apesar de as taxas de juros serem confessadamente altas, os investidores eram confiantes e os poupadores estavam satisfeitos. A Igreja também era abastada, e os artistas prosperavam sob o duplo patrocínio de patronos espirituais e laicos. A cidade, rica graças ao saque volumoso a Constantinopla depois da Quarta Cruzada, que fora desviada de seu verdadeiro objetivo pelo doge Dandolo, deixara Bizâncio de joelhos e exibia sem vergonha a pilhagem: os quatro cavalos de bronze dispostos ao longo da fachada da Basílica de São Marcos eram apenas os itens mais óbvios.

Mas Leonardo e Ezio, chegando cedo no Molo naquela manhã de verão, não tinham ideia do passado degradante, traiçoeiro e ladino da cidade. Viram apenas a glória do mármore rosado e dos tijolos do Palazzo Ducale, a praça ampla que se estendia para a frente e para a esquerda e o campanário de altura estonteante — além dos próprios venezianos, de constituição física mediana, metidos em roupas escuras e passando rapidamente como sombras ao longo da *terra ferma* ou navegando pelo labirinto de canais malcheirosos em uma variedade de barcos, de elegantes gôndolas a barcas toscas, essas últimas repletas de todo tipo de mercadoria, de frutas a tijolos.

Os servos do Conte da Pexaro cuidaram da carga de Leonardo e, ante sua sugestão, também do cavalo de Ezio, e prometeram arrumar uma hospedagem adequada para o jovem filho do banqueiro de Florença. Então se foram. Apenas

um deles ficou para trás, um rapaz gordo e pálido de olhos esbugalhados cuja camisa estava úmida de suor e cujo sorriso era mais meloso que açúcar.

— *Altezze* — sorriu ele com afetação, aproximando-se deles. — Deixem que me apresente. Sou Nero, o *funzionario da accoglienza* pessoal do conde. Será minha obrigação e meu prazer oferecer-lhes uma breve introdução guiada a nossa cidade antes que o próprio *Conte* os receba... — Então Nero olhou nervosamente entre Leonardo e Ezio, tentando descobrir qual dos dois seria o artista patrocinado, e para sorte dele se decidiu por Leonardo, aquele que menos se parecia com um homem de ação. — ...*Messere* Leonardo, para uma taça de Veneto antes do jantar, que o *Messere* terá a satisfação de fazer no saguão dos servos superiores. — Fez uma reverência e se prolongou um pouco mais, por educação: — Nossa gôndola aguarda...

Durante a meia hora seguinte, Ezio e Leonardo puderam — na verdade, foram obrigados a — desfrutar das belezas de La Serenissima do melhor ponto de onde é possível desfrutá-las: de uma gôndola conduzida com maestria por gondoleiros hábeis. Mas o prazer foi diminuído pela lenga-lenga sem fim de Nero. Ezio, apesar do interesse na beleza e na arquitetura singulares da cidade, ainda molhado devido ao resgate de *Madonna* Caterina, e cansado, tentou dormir para se refugiar do terrível monólogo de Nero, porém, foi acordado de repente. Algo lhe chamou a atenção.

Da margem do canal, não longe do palácio do marquês de Ferrara, Ezio ouviu vozes alteradas. Dois guardas armados estavam importunando um comerciante.

— O senhor foi avisado de que deveria permanecer em casa — disse um deles.

— Mas o aluguel está pago. Tenho todo o direito de vender minhas mercadorias aqui.

— Lamento, senhor, mas é uma contravenção das novas regras de *Messere* Emilio. Receio que esteja em uma situação bastante difícil, senhor.

— Vou apelar para o Conselho dos Dez!

— Não há tempo para isso, senhor — disse o segundo guarda, derrubando com um chute o toldo da banca do homem, que estava vendendo artigos de couro. Os guardas, ao mesmo tempo em que embolsavam os melhores itens,

atiravam a maioria no canal.

— Agora, não queremos mais ver essa besteira, senhor — disse um dos guardas enquanto os dois iam embora com arrogância e sem a menor pressa.

— O que está acontecendo? — perguntou Ezio a Nero.

— Nada, *Altezza*. Uma pequena dificuldade local. Imploro que ignore. Agora estamos prestes a passar sob a famosa ponte de madeira do Rialto, a *única* ponte sobre o Grande Canal, reconhecida historicamente por...

Ezio ficou satisfeito em deixar o pobre sujeito tagarelando, mas o que vira o perturbara e ele tinha ouvido o nome Emilio. Um nome cristão comum, mas seria Emilio *Barbarigo*?

Não muito tempo depois, Leonardo insistiu que parassem para que ele pudesse olhar um mercado com bancas vendendo brinquedos. Dirigiu-se àquela que lhe chamara a atenção imediatamente.

— Olhe, Ezio! — gritou.

— O que você descobriu?

— É um manequim articulado que nós, artistas, usamos como modelo. Não me faria mal nenhum comprar uns dois. Você teria a gentileza de...? Parece que mandei minha bolsa junto com o material enviado para meu novo ateliê.

Porém, quando Ezio estava estendendo o braço para pegar a própria bolsa, um bando de jovens os empurrou e um deles tentou cortar-lhe a bolsa do cinto.

— Ei! — berrou Ezio. — *Coglioni!* Parem!

E saiu correndo atrás deles. O que ele identificara como seu assaltante virou-se para trás um instante, afastando um cacho de cabelo castanho do rosto. Era um rosto de mulher! Mas logo ela sumiu, desaparecendo na multidão com os companheiros.

Continuaram o passeio em silêncio. Leonardo, contudo, agora levava satisfeito seus dois manequins. Ezio estava impaciente para se livrar do bufão que os guiava e até mesmo de Leonardo. Precisava de um tempo sozinho, tempo para pensar.

— Agora estamos nos aproximando do famoso Palazzo Seta — continuava Nero, tediosamente. — Lar de *Su Altezza* Emilio Barbarigo. *Messere* Barbarigo é hoje famoso pelas tentativas de unir os mercadores da cidade sob seu comando. Uma iniciativa louvável que, contudo, encontrou certa resistência dos elementos

mais radicais da cidade...

Era um edifício fortificado e sombrio, um pouco afastado do canal, o que permitia espaço para um vão de calçamento de lajota à sua frente, em cujo cais três gôndolas estavam atracadas. Quando a gôndola deles passou por ali, Ezio viu o mesmo homem que vira ser incomodado antes tentando entrar no local. Estava sendo retido por dois outros guardas, e Ezio notou nos ombros deles um brasão amarelo cruzado com uma divisa vermelha, abaixo da qual havia um cavalo e acima da qual um golfinho, uma estrela e uma granada. Homens de Barbarigo, óbvio!

— Destruíram minha banca e arruinaram minhas mercadorias. Exijo compensação! — dizia o comerciante, nervoso.

— Lamento, senhor, estamos fechados — disse um dos guardas, cutucando o pobre homem com a alabarda.

— Isso não vai ficar assim. Vou denunciá-los ao Conselho!

— Vai adiantar muito — vociferou o segundo guarda, mais velho. Mas então um oficial e três outros homens surgiram.

— Ah, provocando um tumulto, hein? — disse o oficial.

— Não, eu...

— Prendam esse homem! — vociferou o oficial.

— O que vocês estão fazendo? — disse o comerciante, com medo. Ezio assistiu impotente e com uma raiva crescente, mas marcou o lugar. O comerciante foi arrastado na direção do edifício, onde uma portinha revestida de ferro se abriu para recebê-lo e logo em seguida se fechou atrás dele.

— Você não escolheu o melhor dos lugares, embora possa ser o mais bonito — disse Ezio a Leonardo.

— Estou começando a desejar ter ido para Milão, no fim das contas — respondeu Leonardo. — Mas trabalho é trabalho.

13

Depois de Ezio deixar Leonardo e se instalar em suas próprias acomodações, não perdeu tempo em voltar ao Palazzo Seta, o que não foi uma tarefa fácil naquela cidade de ruelas, canais serpenteantes, arcos baixos, pracinhas e becos sem saída. Porém, todos conheciam o *palazzo*, e, quando se perdia, os habitantes locais lhe davam orientações de boa vontade — embora ninguém parecesse entender por que alguma pessoa desejaria ir até lá por vontade própria. Um ou dois sugeriram que seria mais simples apanhar uma gôndola, mas Ezio desejava se familiarizar com a cidade e também queria chegar sem ser notado.

Já era fim de tarde quando se aproximou do *palazzo*, que era menos um palácio e mais um forte ou uma prisão, pois o complexo principal de edifícios tinha sido construído dentro de muralhas. Em ambos os lados era cercado de outros edifícios que se separavam dele por ruas estreitas. Nos fundos havia o que parecia um jardim considerável circundado por outra muralha alta, e em frente, diante do canal, ficava a área aberta e ampla que Ezio tinha visto antes. Agora, porém, parecia que ali se desenrolava uma batalha campal entre um grupo de guardas de Barbarigo e um bando variado de jovens que os provocavam e depois se desviavam ligeiramente do alcance de suas alabardas e lanças, atirando pedras, tijolos e ovos e frutas podres nos homens furiosos. Talvez estivessem fazendo aquilo apenas para desviar a atenção, pois Ezio, ao olhar além da cena da briga, viu uma figura escalando a muralha do *palazzo*. Ficou impressionado: a muralha era tão escarpada que até mesmo ele pensaria duas vezes antes de enfrentá-la. Mas a pessoa em questão tinha atingido as ameias sem ser detectada e sem dificuldades, e então, surpreendentemente, pulou das ameias e aterrissou

no telhado de uma das torres de vigia. Ezio viu que ela estava planejando pular novamente, desta vez para o telhado do próprio palácio a fim de tentar ganhar acesso a seu interior, e anotou a tática mentalmente para usá-la caso um dia dela precisasse — ou fosse capaz de realizá-la. Mas os guardas na torre de vigia tinham ouvido a pessoa aterrissar e deram o alarme a seus comparsas em guarda no *palazzo*. Um arqueiro surgiu numa janela na beira do telhado do palácio e atirou. A figura saltou graciosamente e a flecha passou longe e foi bater nas lajotas, mas o segundo disparo acertou a figura que, com um grito fraco, cambaleou, segurando a coxa ferida.

O arqueiro disparou mais uma vez, mas errou, pois o desconhecido já havia refeito o caminho de ida: pulara do telhado da torre de volta às ameias, ao longo das quais outros guardas já corriam, e de lá pulou de volta para a muralha, meio que deslizando por ela e meio que caindo dela até o chão.

No outro lado do espaço amplo em frente ao *palazzo*, os guardas de Barbarigo estavam fazendo os atacantes recuarem para as ruelas de trás e os perseguiam por elas. Ezio aproveitou a oportunidade para alcançar a figura, que começava a se afastar mancando para um local seguro na direção oposta.

Ao alcançá-la, ficou impressionado com seu porte leve, meio infantil, mas atlético. Quando estava prestes a lhe oferecer ajuda, a pessoa se virou para ele, que reconheceu o rosto da garota que tentara lhe arrancar a bolsa no mercado.

Viu-se confuso, surpreso e, curiosamente, empolgado.

— Dê-me o braço — pediu a garota, com pressa.

— Não se lembra de mim?

— Deveria?

— Sou o homem que você tentou roubar no mercado hoje.

— Desculpe, mas agora não é hora para lembranças agradáveis. Se não sairmos logo daqui, estaremos fritos.

Como se para ilustrar o argumento, uma flecha passou zunindo entre eles. Ezio passou o braço dela pelos ombros dele e o dele pela cintura dela, apoiando-a como apoiara antes Lorenzo.

— Para onde?

— O canal.

— Claro — disse ele, sarcástico. — Só existe um em Veneza, não é?

— Você é muito saidinho para um recém-chegado. Por aqui; eu lhe mostro; mas rápido! Olhe: já estão atrás de nós.

Era verdade; um pequeno destacamento começara a correr pelo calçamento de pedra na direção deles.

Com uma mão agarrando a coxa ferida, tensa de dor, ela guiou Ezio por um beco que levava a outro, e mais outro e mais outro, até Ezio ter perdido completamente a noção de norte e sul. Atrás deles, as vozes dos perseguidores aos poucos foram sumindo e por fim não se ouviam mais.

— Mercenários trazidos do continente — explicou a garota com grande desdém. — Não têm a menor chance nessa cidade contra nós, os locais. Se perdem com a maior facilidade. *Vamos!*

Haviam chegado a um cais no Canale della Misericordia. Um barco comum estava atracado ali, com dois homens a bordo. Ao ver Ezio e a garota, um deles imediatamente começou a desamarrar a corda, enquanto o outro o ajudava.

— Quem é esse? — perguntou o segundo à garota.

— Não faço a menor ideia, mas estava no lugar certo na hora certa e pelo jeito não é amigo de Emilio.

Mas ela estava quase desmaiando àquela altura.

— Ferida na coxa — disse Ezio.

— Não vou conseguir arrancar isso fora agora — disse o homem, olhando para o local onde a flecha havia se alojado. — Não tenho nem bálsamo nem curativos aqui. Precisamos voltar logo, antes que esses ratos de esgoto do Emilio nos alcancem. — Olhou para Ezio. — E quem é você, aliás?

— Meu nome é Auditore, Ezio. De Florença.

— Hum. O meu é Ugo. Ela é Rosa, e o cara ali com o remo é Paganino. Não gostamos muito de estranhos.

— Quem são vocês? — perguntou Ezio, ignorando esse último comentário.

— Libertadores profissionais da propriedade alheia — respondeu Ugo.

— Ladrões — explicou Paganino com uma risada.

— Você sempre tira a poesia das coisas — reclamou Ugo, triste. Então subitamente ficou alerta. — Cuidado! — gritou quando uma flecha e depois outra bateram no casco do barco, atiradas de algum local acima.

Ao olharem naquela direção, viram dois arqueiros de Barbarigo em um

telhado próximo, preparando-se para novos disparos. Ugo remexeu no barco e apanhou um arco robusto e profissional, que logo carregou com uma flecha, mirou e disparou. Ao mesmo tempo, Ezio lançou duas facas de atirar em rápida sucessão no outro arqueiro. Os dois guardas caíram gritando dentro do canal.

— Esses miseráveis têm capangas em toda parte — comentou Ugo a Paganino em tom coloquial.

Os dois eram homens pequenos, na faixa dos 20 anos, de ombros largos e com aparência de durões. Manobravam o barco com habilidade e evidentemente conheciam o sistema de canais como a palma da mão, pois mais de uma vez Ezio teve certeza de que haviam virado no equivalente aquático de um beco sem saída para logo a seguir descobrir que ele terminava não em um muro de tijolos, mas em um arco baixo sob o qual o barco conseguia passar apertado, se todos se abaixassem o bastante.

— Por que vocês estavam atacando o Palazzo Seta? — quis saber Ezio.

— Por que isso lhe interessa? — respondeu Ugo.

— Emilio Barbarigo não é nenhum amigo meu. Talvez possamos nos ajudar.

— O que o faz acreditar que precisamos da sua ajuda? — retrucou Ugo.

— Vamos, Ugo — interveio Rosa. — Olhe o que ele acabou de fazer. E você está se esquecendo de que ele salvou minha vida. Sou a melhor escaladora do grupo; sem mim, nunca iremos entrar naquele ninho de vespa. — Ela se virou para encarar Ezio. — Emilio está tentando monopolizar o comércio da cidade. É um homem poderoso, que tem diversos membros do conselho no bolso. A coisa está chegando ao ponto em que qualquer comerciante que ouse desafiá-lo e manter sua independência é simplesmente silenciado.

— Mas vocês não são mercadores: são ladrões.

— Ladrões *profissionais* — corrigiu ela. — Os negócios individuais, as lojas individuais, as pessoas individuais, tudo isso facilita mais o roubo do que o monopólio corporativo. Seja como for, todos têm seguro, e as seguradoras pagam depois de depenar prêmios gigantescos dos clientes. Então todo mundo fica feliz. Emilio transformaria Veneza em um deserto para gente como nós.

— Sem contar que é um cretino que quer dominar não só os negócios locais como a cidade em si — interrompeu Ugo. — Mas Antonio vai lhe explicar melhor.

— Antonio? Quem é ele?

— Logo logo você vai saber, Sr. Florentino.

Por fim chegaram a outro cais, atracaram e saíram andando rápido, pois a ferida de Rosa necessitava de limpeza e cuidados para que ela não morresse. Deixando Paganino com o barco, Ugo e Ezio carregaram Rosa (que agora desmaiara graças à perda de sangue) quase arrastando-a por uma distância curta, descendo outra ruela serpenteante de tijolos vermelho-escuros e madeira até chegar a uma pracinha com um poço e uma árvore no meio, rodeada de edifícios com aparência dos quais o reboco havia tempos tinha descascado.

Foram até a porta vermelha e suja de um dos edifícios, na qual Ugo desferiu uma série complexa de batidas. Uma portinhola se abriu e se fechou, e em seguida a porta foi rapidamente aberta e com a mesma rapidez fechada. Apesar de tudo o mais ser negligenciado, notou Ezio, as dobradiças, cadeados e correntes estavam bem lubrificados e sem ferrugem.

Ele se viu em um pátio decadente rodeado de muros cinzentos altos e manchados, pontuados de janelas. Duas escadarias de madeira levavam, uma de cada lado, a galerias de madeira que se juntavam no meio e corriam ao redor das paredes no primeiro e no segundo andar. Nelas havia diversas portas.

Um grupo de pessoas, algumas das quais Ezio reconheceu da confusão em frente ao Palazzo Seta, se reuniu ao redor. Ugo dava ordens:

— Onde está Antonio? Vão buscá-lo! E abram espaço para Rosa, arrumem um cobertor, bálsamo, água quente, uma faca afiada, bandagens...

Um homem subiu correndo uma das escadarias e sumiu por uma das portas do primeiro andar. Duas mulheres desenrolaram uma esteira quase limpa e deitaram Rosa com ternura sobre ela. Uma terceira saiu e voltou com os itens que Ugo tinha solicitado. Rosa recobrou a consciência, viu Ezio e estendeu a mão para ele. Ele a segurou e se ajoelhou ao lado dela.

— Onde estamos?

— Acho que deve ser a base da sua gente. Seja como for, você está em segurança.

Ela apertou a mão dele:

— Desculpe por eu ter tentado roubar você.

— Não se preocupe com isso.

— Obrigada por salvar minha vida.

Ezio pareceu ansioso. Ela estava muito pálida. Teriam de agir rápido se quisessem de fato salvá-la.

— Não se preocupe, Antonio saberá o que fazer — disse Ugo quando ele se levantou de novo.

Caminhando apressado por uma das escadarias desceu um homem bem-vestido beirando os 40 anos. Usava um brinco de ouro grande na orelha esquerda e um lenço em volta da cabeça. Foi direto até Rosa e se ajoelhou ao lado dela, depois estalou os dedos, pedindo os itens médicos.

— Antonio! — exclamou ela.

— O que aconteceu com você, minha queridinha? — perguntou ele com o sotaque severo de um veneziano legítimo.

— Tire essa coisa de mim e pronto! — resmungou ela.

— Deixe eu dar uma olhada antes — retrucou Antonio, com um tom subitamente mais sério. Ele examinou o ferimento com cuidado. — A flecha entrou e saiu pela sua coxa sem pegar o osso. Sorte que não foi um tiro de besta.

Rosa rangeu os dentes:

— Tire... isso... de... mim.

— Deem alguma coisa para ela morder — disse Antonio. Ele quebrou os estabilizadores de pena da flecha, envolveu um tecido ao redor de sua ponta, embebeu os pontos de entrada e saída com bálsamo e puxou.

Rosa cuspiu longe a estopa que haviam colocado entre seus dentes e berrou.

— Desculpe, *piccola* — disse Antonio, apertando as mãos nos dois pontos da ferida.

— Vá se danar com suas desculpas, Antonio! — gritou Rosa enquanto uma mulher a segurava.

Antonio olhou para um dos presentes.

— Michiel! Vá chamar Bianca! — Olhou direto para Ezio. — E você, me ajude com isso! Pegue essas compressas e segure-as na ferida assim que eu tirar minhas mãos. Então poderemos fazer um curativo direito.

Ezio se apressou para obedecer. Sentiu o calor da parte superior da coxa de Rosa sob as mãos, sentiu a reação do corpo dela ante o gesto e tentou não olhá-la nos olhos. Enquanto isso Antonio trabalhou rápido e finalmente o cutucou,

dispensando-o. Depois articulou com suavidade a perna de Rosa, onde agora havia um curativo imaculado.

— Ótimo — disse ele. — Vai demorar um pouco até você voltar a escalar umas ameias, mas acho que vai se recuperar completamente. Tenha paciência. Eu a conheço!

— Tinha de me machucar tanto, seu *idiota* desajeitado? — Ela o fuzilou com o olhar. — Espero que você pegue a praga, seu desgraçado! Você e a puta da sua mãe!

— Levem Rosa para dentro — pediu Antonio, sorrindo. — Ugo, vá com ela e faça com que descanse um pouco.

Quatro mulheres seguraram as pontas da esteira e carregaram Rosa, que ainda protestava, por uma das portas do térreo. Antonio observou-as se afastarem, depois tornou a se virar para Ezio.

— Obrigado — disse. — Aquela vadiazinha é muito querida para mim. Se eu a tivesse perdido...

Ezio deu de ombros:

— Sempre tive uma queda por donzelas em apuros.

— Que bom que Rosa não o ouviu dizer isso, Ezio Auditore. Sua reputação vai longe.

— Não ouvi Ugo lhe dizer meu nome — retrucou Ezio, em guarda.

— E não disse. Mas todos nós sabemos o que você fez em Florença e em San Gimignano. Ótimo trabalho, ainda que lhe falte certo refinamento.

— Quem são vocês?

Antonio abriu as mãos:

— Bem-vindo à sede da Guilda dos Ladrões e Putanheiros Profissionais de Veneza — disse. — Sou de Magianis, Antonio, o *amministratore*. — Fez uma reverência irônica. — Mas é claro que só roubamos dos ricos para dar aos pobres, e é claro que nossas putas preferem ser chamadas de cortesãs.

— E você sabe por que estou aqui?

Antonio sorriu.

— Faço uma ideia, mas não a compartilhei com nenhum de meus... funcionários. Venha! Precisamos conversar em meu escritório.

O escritório lembrou Ezio tão vividamente do escritório de seu tio Mario que

de início foi pego de surpresa. Não sabia o que exatamente havia esperado, mas se viu diante de uma sala cheia de livros, livros caros e com boas encadernações, tapetes otomanos de qualidade, móveis de nogueira e candelabros e arandelas banhados em prata.

A sala era dominada por uma mesa em seu centro, na qual repousava uma maquete em larga escala do Palazzo Seta e de seus arredores imediatos. Inúmeros manequins de madeira minúsculos estavam distribuídos ao redor e no interior. Antonio fez sinal para que Ezio se sentasse e se ocupou diante de um fogão de aparência reconfortante a um canto, do qual flutuava um odor curiosamente atraente, mas desconhecido.

— Posso lhe oferecer alguma coisa? — perguntou Antonio. Ele o fazia lembrar-se tanto de seu tio Mario que era estranho. — *Biscotti? Un caffè?*

— Desculpe... um o quê?

— Um café. — Antonio se aprumou. — É uma bebida interessante que um mercador turco me trouxe. Aqui, experimente. — Ele passou a Ezio uma pequena xícara de porcelana cheia de um líquido preto quente do qual vinha o aroma pungente.

Ezio provou. Queimou-lhe os lábios, mas não era ruim. Ele disse isso, mas acrescentou, sem perspicácia nenhuma:

— Talvez fique melhor com um pouco de leite e açúcar.

— Seria a maneira mais certa de arruiná-lo — rebateu Antonio, ofendido.

Os dois terminaram seus cafés, e Ezio logo sentiu certa energia nervosa que lhe era nova. Teria de contar a Leonardo sobre aquela bebida quando o encontrasse de novo. Enquanto isso, Antonio apontou a maquete do Palazzo Seta.

— Estas eram as posições que havíamos planejado assumir se Rosa tivesse conseguido entrar e abrir um dos portões dos fundos. Mas, como você sabe, ela foi vista e alvejada, e tivemos de recuar. Agora precisaremos nos reorganizar, e enquanto isso Emilio terá tempo de fortalecer suas defesas. O pior é que essa operação custou caro. Estou quase reduzido a meu último *soldo.*

— Emilio deve ser riquíssimo — disse Ezio. — Por que não atacá-lo agora e aliviá-lo do dinheiro?

— Você não escutou? Nossos fundos estão limitados e ele está alerta. Nunca

conseguiríamos dominá-lo sem o elemento surpresa. Além do mais, ele tem dois primos poderosos para lhe dar retaguarda, os irmãos Marco e Agostino, embora eu acredite que Agostino, pelo menos, seja um homem bom. Quanto a Mocenigo, bem, o doge é um bom homem, mas é espiritual e deixa as questões dos negócios a cargo de outros — outros que já estão no bolso de Emilio. — Ele olhou com dureza para Ezio. — Precisamos de ajuda para encher nossos cofres de novo. Acho que talvez você possa fornecer essa ajuda. Se puder, irá demonstrar para mim que é um aliado a quem vale a pena ajudar. Seria capaz de empreender essa missão, Sr. Leite e Açúcar?

Ezio sorriu:

— Pode apostar.

14

Levou um bom tempo, e a entrevista de Ezio com o Tesoureiro-Chefe da Guilda dos Ladrões foi desagradável, mas Ezio conseguiu utilizar as habilidades que aprendera com Paola para cortar bolsas com os melhores dentre os ladrões e roubar o máximo possível dos burgueses ricos de Veneza que eram aliados de Emilio. Alguns meses mais tarde, junto com os outros ladrões (pois agora era um Membro Honorário da Guilda), ele reuniu os dois mil *ducati* de que Antonio precisava para tornar a atacar Emilio. Mas houve um preço. Nem todos os membros da Guilda escaparam da prisão pelos guardas de Barbarigo. Portanto, embora agora tivessem os fundos necessários, sua força humana estava reduzida.

Porém, Emilio Barbarigo cometeu um erro arrogante. Para fazer deles um exemplo, colocou os ladrões capturados à mostra do público em celas de ferro apertadas espalhadas por todo o bairro que ele controlava. Se os tivesse mantido em masmorras em seu palácio, nem o próprio Deus teria conseguido tirá-los de lá, mas Emilio preferiu exibi-los, privados de comida e de água e cutucados por pedaços de pau pelos guardas sempre que tentavam dormir: tencionava fazê-los morrer de fome na frente de todos.

— Eles não vão durar nem seis dias sem água, muito menos sem comida — disse Ugo para Ezio.

— O que Antonio disse?

— Que você precisa planejar um resgate.

“De que mais provas da minha lealdade esse homem precisa?”, pensou Ezio, antes de perceber que já tinha a confiança de Antonio, uma vez que o Príncipe dos Ladrões estava encarregando-o de sua missão mais crucial. Ele não tinha

muito tempo.

Cuidadosamente, Ugo e ele observaram em segredo as idas e vindas dos vigias. Parecia que um grupo de guardas estava sempre passando de uma cela para a outra. Embora cada cela estivesse constantemente rodeada por um bando de curiosos, dentre os quais podia muito bem haver espiões de Barbarigo, Ezio e Ugo decidiram assumir o risco. No turno da noite, quando havia muito menos observadores, foram até a primeira cela, da qual a guarda estava prestes a sair para ir até a segunda. Depois que a guarda saiu e estava longe de vista sem poder ouvi-los, conseguiram abrir os cadeados. Ficaram ainda mais empolgados com o grito de alegria do punhado de espectadores que não se importavam com quem vencesse, desde que eles mesmos tivessem diversão. Alguns deles os seguiram até a segunda cela e até mesmo até a terceira. Os homens e mulheres libertados, ao todo 27, já estavam em péssimo estado depois de apenas dois dias e meio, mas pelo menos não tinham sido algemados individualmente. Ezio os levou até os poços que havia no meio de quase toda praça da cidade, para que sua primeira e mais urgente necessidade — sede — fosse satisfeita.

No final da missão, que levou do pôr ao nascer do sol, Ugo e seus associados libertos olharam para Ezio com profundo respeito.

— Resgatar meus irmãos e irmãs foi mais do que apenas um ato de caridade, Ezio — disse Ugo. — Esses... colegas vão exercer um papel vital nas semanas que virão. — Seu tom ficou solene: — Agora nossa Guilda tem para com você uma dívida eterna de gratidão.

Quando o grupo voltou para a sede da Guilda, Antonio abraçou Ezio, mas seu rosto tinha uma expressão grave.

— Como está Rosa? — perguntou Ezio.

— Melhor, mas seu ferimento foi pior do que acreditamos, e ela tenta correr antes mesmo de poder andar!

— É bem o jeito dela.

— Típico. — Antonio fez uma pausa. — Ela quer ver você.

— Estou lisonjeado.

— Por quê? Você é o herói do momento!

Alguns dias mais tarde, Ezio foi convocado ao escritório de Antonio e o

encontrou observando a maquete do Palazzo Seta. Os pequenos manequins tinham sido reorganizados à sua volta, e havia uma pilha de papéis cheios de cálculos e anotações na mesa a seu lado.

— Ah! Ezio!

— *Signore*.

— Acabo de voltar de um ataquezinho ao território inimigo. Conseguimos pôr as mãos na carga de três navios com arsenais destinados ao querido palaciozinho de Emilio. Então achamos que seria uma boa ideia organizar uma festinha à fantasia, em que nós vestiremos os uniformes dos arqueiros de Barbarigo.

— Brilhante. Com isso devemos conseguir entrar na fortaleza sem problemas. Quando começamos?

Antonio ergueu uma das mãos.

— Calma, meu caro. Há um problema, e gostaria de pedir seu conselho.

— Você me honra.

— Não, simplesmente valorizo sua opinião. O fato é que soube pela melhor fonte que alguns dos meus foram subornados por Emilio e são agora agentes dele. — Fez uma pausa. — Não podemos atacar o palácio antes de cuidar dos traidores. Ouça, sei que posso confiar em você e seu rosto não é muito conhecido na Guilda. Se conseguirmos lhe dar certos indicadores da localização desses traidores, acha que poderia cuidar deles? Pode levar Ugo para lhe dar retaguarda e qualquer força-tarefa de que necessite.

— *Messere* Antonio, a queda de Emilio é tão importante para mim quanto é para você. Vamos nos unir nisso.

Antonio sorriu.

— Exatamente a resposta que eu esperava! — Fez um gesto para que Ezio se juntasse a ele à mesa do mapa, que fora montada perto da janela. — Aqui está um plano da cidade. Segundo meus leais espiões, os homens de minha confiança que me traíram costumam se encontrar em uma taverna daqui, chamada Il Vecchio Specchio. É onde fazem contato com os agentes de Emilio, trocam informações e recebem ordens.

— Quantos são?

— Cinco.

— O que quer que eu faça com eles?

Antonio o olhou.

— Ora, mate-os, meu amigo.

* * *

Ezio convocou o grupo que escolhera a dedo para a missão no dia seguinte ao pôr do sol. Havia elaborado um plano. Vestiu todos com os uniformes dos Barbarigo surrupiados dos navios saqueados por Antonio. Emilio, ele soube por Antonio, acreditava que o equipamento roubado tinha se perdido no mar, então sua gente não suspeitaria de nada. Junto com Ugo e mais quatro homens, Ezio entrou no Il Vecchio Specchio logo depois de anoitecer. Aquele era um local de diversão dos guardas de Barbarigo, mas àquela hora da noite só havia um punhado de clientes, além dos vira-casacas e dos agentes a serviço de Emilio. Mal olharam quando o grupo de guardas de Barbarigo entrou na taverna, e foi apenas quando se viram cercados que sua atenção se voltou aos recém-chegados. Ugo puxou o capuz para trás, revelando-se à meia-luz da taverna. Os conspiradores fizeram menção de se levantar, espanto e medo escritos em seus rostos. Ezio colocou uma das mãos firmemente no ombro do traidor mais próximo e então, com indiferente economia de esforço, enfiou entre os olhos do homem a lâmina do códex que acabara de liberar. Ugo e os outros o imitaram e despacharam seus irmãos traiçoeiros.

Enquanto isso, Rosa continuou se recuperando gradual e impacientemente. Estava sempre se movimentando, mas para isso dependia de uma bengala, e a perna ferida continuava envolta em bandagens. Ezio, apesar de lutar contra isso e de pedir desculpas mentais constantemente a Cristina Calfucci, passava o máximo de tempo possível na companhia dela.

— *Salute*, Rosa — disse ele em uma manhã típica. — Como estão as coisas? Vejo que sua perna está melhorando.

Rosa deu de ombros.

— Está levando uma eternidade, mas chego lá. E você? O que acha de nossa cidadezinha?

— É uma cidade fantástica, mas como vocês conseguem suportar o cheiro dos canais?

— Estamos acostumados. Não gostaríamos da poeira e da sujeira de Florença. — Ela fez uma pausa. — Então, o que o traz até mim desta vez?

Ezio sorriu.

— O que você está pensando e também o que você *não* está pensando. — Hesitou. — Esperava que você pudesse me ensinar a escalar como você.

Ela deu um tapa na própria perna.

— Foi-se o tempo. Mas, se estiver com pressa, meu amigo Franco é capaz de escalar quase tão bem quanto eu. — Ergueu a voz: — *Franco!*

Um rapaz belo e elegante de cabelos escuros apareceu quase imediatamente à porta, e Ezio, para sua mortificação íntima, sentiu uma pontada de ciúme que ficou aparente o bastante para Rosa. Ela sorriu.

— Não se preocupe, *tesoro*, ele é tão alegre quanto Santo Sebastiano. Mas também é tão resistente quanto botas velhas. Franco! Quero que mostre a Ezio alguns de seus truques. — Ela olhou pela janela. Um edifício desocupado em frente estava coberto de andaimes de bambu, amarrados com correias de couro. Ela apontou. — Leve-o lá em cima, para começar.

Ezio passou o resto da manhã — três horas — correndo atrás de Franco sob a direção estridente de Rosa. No fim, conseguia escalar a uma altura vertiginosa com quase a mesma velocidade e desenvoltura de seu mentor e havia aprendido a pular *para cima*, de um apoio a outro, embora duvidasse de que um dia fosse capaz de chegar ao patamar de Rosa.

— Almoce algo leve — ordenou Rosa, poupando os elogios. — Ainda não terminamos por hoje.

De tarde, nas horas da sesta, ela o levou à praça da enorme igreja de tijolos vermelhos de Frari. Juntos olharam para seu porte.

— Suba aí — disse Rosa. — Até o topo. Quero você de volta antes de eu terminar de contar até trezentos.

Ezio suou e deu duro, a cabeça tonta pelo esforço.

— Quatrocentos e trinta e nove — declarou Rosa quando ele tornou a se juntar a ela. — De novo!

No final da quinta tentativa, um Ezio suado e exausto sentia vontade apenas

de dar um soco na cara de Rosa, mas aquele desejo desapareceu quando ela sorriu para ele e disse:

— Duzentos e noventa e três. Você vai fazer praticamente qualquer coisa.

A pequena plateia que havia se reunido para assistir aplaudiu.

15

Nos meses seguintes, a Guilda dos Ladrões se lançou às tarefas de reorganização e reequipagem. Então, certa manhã, Ugo foi ao local onde Ezio estava hospedado e o convidou para uma reunião. Ezio colocou as armas do códex em uma bolsa e seguiu Ugo até a sede de operações, onde encontraram Antonio com um humor efervescente, mais uma vez movimentando os pequenos manequins de madeira ao redor da maquete do Palazzo Seta. Ezio ficou se perguntando se o homem não estaria meio obcecado. Rosa, Franco e dois ou três dos membros mais antigos da Guilda também estavam presentes.

— Ah, Ezio! — sorriu Antonio. — Graças a seus sucessos recentes, agora estamos em posição de contra-atacar. Nosso alvo é o armazém de Emilio, que não fica longe do *palazzo*. Este é o plano, olhe! — Ele deu um tapinha na maquete e indicou linhas de soldadinhos azuis de madeira espalhados ao redor dos perímetros do armazém. — Estes são os arqueiros de Emilio. Representam nosso maior perigo. Com a escuridão da noite, pretendo enviar você e mais dois outros aos telhados dos edifícios adjacentes ao armazém, e sei que você está preparado para a tarefa, graças ao treinamento recente de Rosa, a fim de derrubar os arqueiros e eliminá-los. Silenciosamente. Enquanto isso, nossos homens, vestidos com os uniformes dos guardas de Barbarigo que capturamos, vão se aproximar vindo das ruelas em torno e assumir suas posições.

Ezio apontou para os manequins vermelhos no interior dos muros do armazém:

— E os guardas de dentro?

— Depois que vocês derem um jeito nos arqueiros, vamos nos reunir aqui...

— Antonio apontou uma *piazza* próxima que Ezio reconheceu como aquela onde ficava o novo ateliê de Leonardo. Ele se perguntou por um breve momento como seu amigo estava se saindo com suas encomendas. — ...para discutir os passos seguintes.

— Quando iremos atacar? — perguntou Ezio.

— Esta noite!

— Excelente! Vou levar uns dois homens bons. Ugo, Franco, vocês vêm comigo? — Os dois concordaram, sorrindo. — Nós cuidaremos dos arqueiros e depois iremos encontrar vocês como sugerido — disse ele agora a Antonio.

— Com nossos homens no lugar dos arqueiros, eles não irão suspeitar de nada — respondeu Antonio.

— E qual é o passo seguinte?

— Depois de tomarmos o armazém, vamos atacar o *palazzo* em si. Mas lembre-se: seja cuidadoso! Eles não podem desconfiar de nada! — Antonio sorriu e cuspiu: — Boa sorte, meus amigos: *in bocca al lupo!* — Deu um tapinha no ombro de Ezio.

— *Crepi il lupo* — respondeu Ezio, cuspindo também.

A operação se desenrolou naquela noite sem nenhum imprevisto. Os arqueiros de Barbarigo não souberam o que os havia atingido, e foram substituídos tão sutilmente por homens de Antonio que os guardas dentro do armazém tombaram em silêncio sem grande resistência ao ataque dos ladrões, não sabendo que seus camaradas de fora haviam sido neutralizados.

O ataque ao *palazzo* era o item seguinte da agenda de Antonio, mas Ezio insistiu em ir na frente para avaliar o estado geral das coisas. Rosa, cujos últimos estágios da recuperação haviam sido notáveis graças às habilidades combinadas de Antonio e Bianca e que agora era capaz de escalar e pular quase tão bem quanto se estivesse de volta à forma total, quis acompanhá-lo, mas Antonio vetou, para raiva dela. Ezio chegou a pensar que no fim das contas Antonio o considerava mais sacrificável do que ela, mas afastou aquele pensamento e se preparou para a missão de reconhecimento, amarrando no braço esquerdo o braçal do códex com a adaga de dois gumes e, no direito, a lâmina retrátil original. Tinha muita escalada difícil pela frente e não desejava arriscar usar a

lâmina com veneno, uma vez que em qualquer circunstância aquela seria uma arma verdadeiramente letal e ele queria evitar qualquer acidente que pudesse vir a ser fatal para ele mesmo.

Puxando o capuz por sobre a cabeça e usando as novas técnicas de saltos para a frente ensinadas por Rosa e Franco, subiu as muralhas externas do *palazzo*, silencioso e ainda mais discreto que uma sombra, até chegar ao telhado e de lá olhar o jardim. Notou dois homens conversando entretidos ali. Eles se dirigiam a um portão lateral que levava a um canal estreito e particular que rodeava os fundos do *palazzo*. Seguindo o progresso deles do telhado, Ezio viu que havia uma gôndola atracada em um pequeno cais ali, seus dois gondoleiros vestidos de negro e suas lanternas apagadas. Com tanta maestria sobre telhados e paredes quanto uma lagartixa, desceu apressado e se escondeu nos galhos de uma árvore, de onde poderia ouvir a conversa. Os dois homens eram Emilio Barbarigo e, Ezio reconheceu com um choque, ninguém menos que Carlo Grimaldi, membro do séquito do doge Mocenigo. Estavam acompanhados pelo secretário de Emilio, um homem comprido e magro vestido de cinza cujos grossos óculos de leitura ficavam a todo momento deslizando pelo nariz.

— ...seu castelinho de cartas está desmoronando, Emilio — dizia Grimaldi.

— É só um contratempo menor, nada mais. Os mercadores que me desafiam e aquele cretino do Antonio de Magianis logo, logo estarão mortos ou presos, ou então remando em uma galé turca.

— Estou falando do *Assassino.* Ele está aqui, você sabe. Foi isso que deixou Antonio tão ousado. Olhe, todos nós fomos roubados ou furtados, e nossos guardas foram enganados; quase não consigo evitar que o doge fique enfiando o nariz nesse assunto.

— O Assassino? Aqui?

— Você é um imbecil, Emilio! Se o Mestre soubesse como você é idiota, você estaria morto. Você sabe o prejuízo que ele já trouxe à nossa causa em Florença e em San Gimignano.

Emilio fechou a mão direita em um punho.

— Vou esmagar aquele percevejo! — vociferou.

— Bom, com certeza ele está chupando o seu sangue. Quem sabe se não estará aqui agora, escutando a nossa conversa?

— Ora, Carlo, daqui a pouco você vai me dizer que acredita em fantasmas.

Grimaldi o encarou:

— A arrogância o tornou estúpido, Emilio. Você não está vendo o quadro inteiro. Você não passa de um peixe grande em um lago pequeno.

Emilio o agarrou pela túnica e o puxou para perto, com raiva:

— Veneza será minha, Grimaldi! Eu forneci todos os armamentos em Florença! Não é minha culpa se aquele idiota do Jacopo não os usou como se deve. E nem tente estragar as coisas entre mim e o Mestre. Se eu quisesse, poderia contar a ele algumas coisas a seu respeito que fariam...

— Poupe o verbo! Preciso ir agora. Lembre-se: a reunião é daqui a dez dias em San Stefano, nos arredores de Fiorella.

— Não vou esquecer — disse Emilio amargamente. — O Mestre vai saber então como...

— O Mestre irá falar e você vai escutar — retrucou Grimaldi. — Adeus!

Ele entrou na gôndola escura enquanto Ezio observava e se afastou deslizando para dentro da noite.

— *Cazzo!* — murmurou Emilio a seu secretário enquanto olhava a gôndola desaparecer na direção do Grande Canal. — E se ele estiver certo? E se aquele maldito Ezio Auditore estiver *mesmo* aqui? — Refletiu por um instante. — Olhe, prepare os barqueiros agora. Acorde os desgraçados se for preciso. Quero que embarquem aqueles caixotes agora mesmo e quero o barco pronto daqui a meia hora pelo relógio d'água. Se Grimaldi estiver falando a verdade, preciso encontrar um lugar onde me esconder, pelo menos até o dia da reunião. O Mestre vai achar um jeito de acabar com o Assassino...

— Ele deve estar agindo junto com Antonio de Magianis — interrompeu o secretário.

— Eu sei disso, idiota! — sibilou Emilio. — Agora venha e me ajude a empacotar os documentos de que falamos antes que nosso querido amigo Grimaldi venha atrás de mim.

Voltaram para o interior do *palazzo* e Ezio os seguiu, dando tanto sinal de sua presença quanto um espírito. Misturou-se às sombras e seus passos não eram mais perceptíveis do que os de um gato. Sabia que Antonio seguraria o ataque ao *palazzo* até ele dar o sinal e desejava primeiro descobrir exatamente o que

Emilio estava planejando: o que seriam aqueles documentos de que falara?

— Por que as pessoas não escutam a voz do bom-senso? — dizia Emilio a seu secretário enquanto Ezio continuava a segui-los. — Toda essa liberdade de oportunidade só leva a mais crimes! Precisamos garantir que o Estado controle todos os aspectos da vida das pessoas, mas que ao mesmo tempo deixe em paz os banqueiros e os investidores particulares. Dessa forma a sociedade poderá florescer. E, se aqueles que forem contra tiverem de ser silenciados, então é o preço do progresso. Os Assassinos pertencem a uma época que já passou. Não percebem que é o Estado que importa, não o indivíduo. — Ele balançou a cabeça. — Como Giovanni Auditore, e olhe que ele era um banqueiro! Seria de imaginar que tivesse demonstrado mais integridade!

Ezio inspirou fundo ao ouvir a menção ao nome de seu pai, mas continuou perseguindo sua presa enquanto Emilio e o secretário entravam em seu escritório, selecionavam documentos, guardavam-nos e voltavam ao pequeno cais perto do portão do jardim onde outra gôndola, maior, agora aguardava seu mestre.

Emilio pegou o alforje de papéis das mãos do secretário e vociferou uma última ordem.

— Mande algumas roupas para mim. Você sabe o endereço.

O secretário fez uma reverência e sumiu. Não havia mais ninguém por perto. Os gondoleiros na frente e atrás do barco se preparavam para a partida.

Ezio correu de seu ponto privilegiado até a gôndola, que balançava de modo alarmante. Com duas cotoveladas rápidas, derrubou os barqueiros na água e então segurou Emilio pela garganta.

— Guardas! Guardas! — tentou gritar Emilio, procurando a adaga no cinto. Ezio agarrou-lhe o pulso justamente quando ele estava prestes a enfiar a arma na sua barriga.

— Calma — disse Ezio.

— Assassino! Você! — rosnou Emilio.

— Sim.

— Matei seu inimigo!

— Isso não faz de você meu amigo.

— Me matar não vai resolver nada para você, Ezio.

— Acho que vai livrar Veneza de um... percevejo incômodo — disse Ezio, liberando a lâmina retrátil. — *Requiescat en pace.*

Com apenas uma pausa, Ezio enfiou a lâmina mortal entre as omoplatas de Emilio: a morte chegou rápida e silenciosamente. A proficiência de Ezio na arte de matar só era equiparada à determinação fria e metálica com que ele realizava o dever de seu chamado.

Com o corpo de Emilio caído ao lado da gôndola, Ezio se pôs a vasculhar os documentos de seu alforje. Havia muita coisa do interesse de Antonio, pensou enquanto os folheava rapidamente, pois não tinha tempo agora para examiná-los em detalhes, mas um pergaminho chamou sua atenção: uma página de velino enrolada e selada. Com certeza era mais uma página do códex!

Quando estava prestes a romper o selo — *zum*! — Uma flecha zuniu e bateu na base da gôndola entre suas pernas. Instantaneamente alerta, Ezio se agachou, olhando para cima na direção em que havia vindo o míssil. Bem acima dele, nas muralhas do *palazzo*, havia um grande número de arqueiros de Barbarigo espalhados.

Então um deles acenou e desceu acrobaticamente das muralhas altas. Mais um segundo e ela estava em seus braços.

— Desculpe, Ezio, foi uma brincadeira boba! Mas não pudemos resistir.

— Rosa!

Ela aninhou-se contra ele.

— De volta à luta e pronta para a ação! — Olhou-o com olhos brilhantes. — E o Palazzo Seta foi tomado! Libertamos os mercadores que se opunham a Emilio e agora controlamos o bairro. Venha! Antonio está planejando uma comemoração, e as adegas de Emilio são lendárias!

O tempo passou e Veneza parecia em paz. Ninguém lamentou o desaparecimento de Emilio; na verdade, muita gente ainda acreditava que estivesse vivo e alguns supunham que ele apenas viajara ao estrangeiro para cuidar dos negócios no reino de Nápoles. Antonio fez questão de manter o Palazzo Seta funcionando como um relógio, e, desde que os interesses mercantis de Veneza como um todo não fossem afetados, ninguém se importava muito com o destino do mercador, por mais ambicioso ou bem-sucedido que ele tivesse sido.

Ezio e Rosa haviam se aproximado, mas ainda existia uma rivalidade feroz entre eles. Agora que estava curada, queria provar o seu valor, e certa manhã foi ao quarto dele e disse:

— Escute, Ezio, acho que você precisa de uma reciclada. Quero ver se ainda é tão bom quanto ficou quando eu e Franco o treinamos. Então, que me diz de uma corrida?

— Uma corrida?

— Sim!

— Até onde?

— Daqui até Punta della Dogana. Começando *agora!*

E ela pulou pela janela antes que Ezio pudesse reagir. Ele a observou subir nos telhados vermelhos e parecer quase dançar ao longo dos canais que separavam um edifício do outro. Tirou a túnica e a seguiu.

Por fim eles chegaram, praticamente juntos, ao telhado do edifício de madeira que ficava no pedaço de terra no final do Dorsoduro, em frente ao canal de São Marcos e à lagoa. Do outro lado da água estavam os prédios baixos do monastério de San Giorgio Maggiore, e em frente, o edifício brilhante de pedra rosada do Palazzo Ducale.

— Parece que venci — declarou Ezio.

Ela franziu a testa.

— Que besteira. De qualquer maneira, só de dizer isso você já demonstra que não é um cavalheiro e certamente que não é veneziano. Mas o que se poderia esperar de um florentino? — Ela parou. — De um jeito ou de outro, você é um mentiroso. *Eu* é que venci.

Ezio deu de ombros e sorriu.

— Como quiser, *carissima.*

— Então, ao vencedor, o prêmio — disse ela, puxando a cabeça dele e beijando-o apaixonadamente na boca. O corpo de Rosa agora estava macio e quente, e infinitamente submisso.

16

Emilio Barbarigo pode não ter sido capaz de comparecer ele próprio ao encontro no Campo San Stefano, mas Ezio certamente não deixaria de ir. Ele se posicionou na praça, já tumultuada ao amanhecer, naquela manhã clara do fim de 1485. A batalha pela superioridade sobre os Templários foi dura e longa. Ezio começou a acreditar que, tal como fora para seu pai e era para seu tio, ela se tornaria a obra de sua própria vida também.

Com o capuz sobre a cabeça, ele se misturou à multidão, mas ficou por perto quando viu Carlo Grimaldi se aproximar com outro homem, de ar ascético, os cabelos e a barba castanho-avermelhados e incompatíveis com a pele azulada e pálida, que usava os trajes vermelhos de um inquisidor do Estado. Aquele homem, como sabia Ezio, era Silvio Barbarigo, primo de Emilio, cuja alcunha era "*Il Rosso*". Ele não parecia estar particularmente de bom humor.

— Onde está Emilio? — perguntou ele, impaciente.

Grimaldi deu de ombros:

— Eu disse a ele para estar aqui.

— Você mesmo disse a ele? Pessoalmente?

— Sim — rebateu Grimaldi. — Eu mesmo! Pessoalmente! Receio que você não confie em mim.

— Eu também receio — resmungou Silvio.

Grimaldi cerrou os dentes ante o comentário, mas Silvio apenas olhou ao redor, distraído.

— Bem, talvez ele chegue com os outros. Vamos caminhar um pouco.

Começaram a caminhar pelo *campo* grande e retangular, passando pela igreja

de San Vidal e pelos palácios na extremidade do Grande Canal, até chegar a San Stefano na outra ponta. Pararam de tempos em tempos para olhar as mercadorias que os ambulantes estavam dispondo nas barracas no início do dia de trabalho. Ezio os seguia, mas com dificuldade. Grimaldi estava impaciente e não parava de olhar para trás desconfiado. Em alguns momentos, tudo o que Ezio podia fazer era continuar a perseguição a uma distância em que pudesse ouvi-los.

— Enquanto esperamos, você poderia me atualizar sobre como estão as coisas no palácio do doge — disse Silvio.

Grimaldi estendeu as mãos e falou:

— Bem, para ser honesto com você, as coisas não estão fáceis. Mocenigo mantém seu círculo fechado. Tentei criar uma base, como você pediu, dando sugestões que favorecessem os interesses de nossa Causa, mas é claro que não sou o único competindo pela atenção dele e, por mais velho que seja, ele é um canalha esperto.

Silvio pegou um bibelô de vidro bem trabalhado de um ambulante, inspecionou e devolveu-o.

— Então você deve se esforçar mais, Grimaldi. Deve se tornar parte do círculo interno dele.

— Já sou um de seus aliados mais próximos e mais confiáveis. Levei anos para me estabelecer. Anos planejando pacientemente, esperando, aceitando humilhações.

— Sim, sim — disse Silvio, impaciente. — Mas o que você tirou disso tudo?

— A coisa é mais difícil do que eu esperava.

— E por quê?

Grimaldi fez um gesto de frustração.

— Não sei. Faço o máximo que posso pelo Estado, trabalho muito... Mas o fato é que Mocenigo não gosta de mim.

— Eu me pergunto o porquê — disse Silvio friamente.

Grimaldi estava muito absorto em seus pensamentos para notar a ofensa.

— Não é culpa minha! Sempre tento satisfazer o canalha! Descubro o que mais deseja e dou a ele, sejam as geleias mais refinadas da Sardenha, ou a última moda em Milão...

— Talvez o doge simplesmente não goste de bajuladores.

— É isso que você pensa que sou?

— Sim. Um capacho, adulador, um puxa-saco... preciso continuar?

Grimaldi olhou para ele.

— Não me insulte, *Inquisitore*. Você não tem ideia de como é a situação. Não entende a pressão na...

— Oh, *eu* não entendo a *pressão*?

— Não! Você não tem ideia. Pode ser um oficial do estado, mas eu fico a dois passos do doge o dia inteiro. Você gostaria de estar em meu lugar, porque acha que poderia fazer melhor, mas...

— Já terminou?

— Não! Apenas ouça. Sou alguém próximo a ele. Dediquei a vida para me estabelecer nessa posição e lhe digo que estou convencido de que posso recrutar Mocenigo para nossa causa. — Grimaldi fez uma pausa. — Só preciso de mais tempo.

— Parece-me que você já teve tempo mais do que suficiente. — Silvio parou abruptamente e Ezio observou-o enquanto ele levantava uma das mãos para atrair a atenção de um senhor de idade vestido com requinte e com uma barba branca esvoaçante, acompanhado por um segurança que era a maior pessoa que Ezio já vira.

— Bom dia, primo. — O recém-chegado cumprimentou Silvio. — Grimaldi.

— Saudações, primo Marco — respondeu Silvio, e olhou ao redor. — Onde está Emilio? Ele não veio com você?

Marco Barbarigo pareceu surpreso e, então, sério.

— Ah. Então você ainda não ouviu a notícia?

— Que notícia?

— Emilio está morto.

— O quê? — Silvio, como sempre, ficou irritado com o fato de que o primo mais velho e mais poderoso estivesse mais bem informado. — Como?

— Posso adivinhar — disse Grimaldi com amargura. — Foi o *Assassino*.

Marco olhou para ele intensamente:

— Isso mesmo. Retiraram o corpo de um dos canais na noite passada. Devia estar lá há... bem, há tempo suficiente. Disseram que ficou tão inchado que dobrou de tamanho. Por isso flutuou até a superfície.

— Onde o Assassino pode estar escondido? — perguntou Grimaldi. — Precisamos encontrá-lo e matá-lo antes que cause mais estragos.

— Ele pode estar em qualquer lugar — respondeu Marco. — É por isso que levo o Dante aqui para qualquer lugar aonde eu vá. Não me sentiria seguro sem ele. — Marco parou de repente. — Ora, ele poderia estar aqui, até mesmo agora, considerando o pouco que sabemos.

— Devemos agir rapidamente — disse Silvio.

— Você está certo — concordou Marco.

— Mas, Marco, eu estou tão perto! Eu sinto. Apenas me dê mais alguns dias — implorou Grimaldi.

— Não, Carlo, você já teve tempo o bastante. Não temos mais tempo para sutilezas. Se Mocenigo não vai se juntar a nós, devemos eliminá-lo e substituí-lo por um dos nossos, e precisamos fazer isso ainda esta semana!

Dante, o segurança gigante cujos olhos não paravam de inspecionar a multidão desde o momento em que Marco Barbarigo chegara, falou agora:

— É melhor continuar andando, *signori*.

— Sim — concordou Marco. — Além disso, o Mestre está esperando. Venham!

Ezio se moveu como uma sombra entre a multidão e os ambulantes, esforçando-se para se manter a uma distância em que pudesse ouvir os homens enquanto atravessavam a praça e desciam a rua que levava em direção à Piazza San Marco.

— Será que o Mestre concordará com nossa nova estratégia? — perguntou Silvio.

— Ele seria um tolo se não o fizesse.

— Tem razão, não temos escolha — concordou Silvio e, então, olhou para Grimaldi: — O que de certa forma torna você inútil — completou desagradavelmente.

— Essa é uma questão para o Mestre decidir — retorquiu Grimaldi. — Assim como ele decidirá quem tomará o lugar de Mocenigo, você ou seu primo Marco aqui. E a melhor pessoa para aconselhá-lo nessa questão sou eu!

— Eu não sabia que havia uma decisão a ser tomada — disse Marco. — Evidentemente a escolha é óbvia para todos.

— Concordo — disse Silvio, tenso. — A escolha deveria cair sobre a pessoa que organizou toda a operação, aquela que teve a ideia de como salvar esta cidade!

Marco retrucou rapidamente:

— Eu seria o último a subestimar a inteligência tática, meu bom Silvio; mas no fim é de sabedoria que uma pessoa necessita para comandar. Não pense o contrário.

— Senhores, por favor — pediu Grimaldi. — O Mestre poderá aconselhar o Comitê dos Quarenta e Um quando eles se reunirem para eleger o novo doge, mas não pode manejá-los. E, pelo pouco que sabemos, talvez esteja pensando em indicar alguém que não seja nenhum de vocês dois...

— Ou seja, você? — disse Silvio, incrédulo, enquanto Marco apenas soltava um risinho de desprezo.

— E por que não? Sou o único que realmente colocou a mão na massa no que diz respeito às extorsões!

— *Signori*, por favor, continuem andando — interrompeu Dante. — Vai ser mais seguro para todo mundo quando estivermos lá dentro novamente.

— É claro — concordou Marco, acelerando o passo. Os outros fizeram o mesmo.

— Ele é um bom homem, esse seu Dante — disse Silvio. — Quanto você lhe paga?

— Menos do que ele vale — respondeu Marco. — Ele é leal e confiável; já salvou minha vida em duas ocasiões. Mas eu não diria que é lá muito falante.

— Quem precisa de um segurança que goste de conversar?

— Chegamos — declarou Grimaldi ao chegarem a uma porta discreta na lateral de um prédio fora do Campo Santa Maria Zobenigo. Ezio, mantendo uma distância segura dos outros, ciente da extrema vigilância de Dante, virou a esquina da praça bem a tempo de vê-los entrar. Olhando ao redor para certificar-se de que estava seguro, escalou a lateral do prédio e posicionou-se na sacada acima da porta. As janelas para a sala estavam abertas e, no interior, sentado em uma pesada cadeira de carvalho atrás de uma mesa de jantar coberta de papéis e vestindo veludo roxo, estava o Espanhol. Ezio se escondeu nas sombras e esperou, pronto para ouvir tudo o que acontecesse.

Rodrigo Bórgia estava de péssimo humor. O Assassino já o frustrara em várias grandes empreitadas e escapara de todas as tentativas de matá-lo. Agora estava em Veneza e havia eliminado um dos principais aliados do cardeal na cidade. E, como se não bastasse, Rodrigo foi obrigado a passar os quinze primeiros minutos da reunião ouvindo o bando de tolos a seu serviço batendo boca sobre qual deles deveria ser o próximo doge. O fato de que ele já havia feito sua escolha e molhado a mão de todos os membros-chave do Conselho dos Quarenta e Um parecia ter sido ignorado por aqueles idiotas. Seu escolhido foi o mais velho, vaidoso e flexível dos três.

— Calem a boca, todos vocês! — disparou ele finalmente. — O que preciso é de disciplina e dedicação inabalável à nossa causa, não dessa busca covarde por autopromoção! Esta é a *minha* decisão e ela *será* cumprida. Marco Barbarigo vai ser o próximo doge e será eleito na semana que vem, logo após a morte de Giovanni Mocenigo, que, por ter 76 anos, dificilmente causará muito espanto, mas que mesmo assim deve parecer natural. Acha que é capaz de providenciar isso, Grimaldi?

Grimaldi lançou um olhar aos primos Barbarigo. Marco estava com um ar presunçoso e Silvio tentava parecer honrado em sua decepção. “Que tolos”, pensou ele. Doge ou não, continuavam sendo fantoches do Mestre, que agora conferia a verdadeira responsabilidade para ele. Grimaldi permitiu-se sonhar com coisas melhores e respondeu:

— É claro, Mestre.

— Quando você fica mais próximo dele?

Grimaldi refletiu:

— Eu estou no comando do Palazzo Ducale. Mocenigo pode não gostar muito de mim, mas tenho sua total confiança e estou sempre pronto para atendê-lo na maior parte do tempo.

— Ótimo. Envenene-o. Na primeira oportunidade.

— Ele tem provadores de comida.

— Pelo amor de Deus, homem, acha que eu não sei disso? Vocês, venezianos, têm fama de serem bons em envenenamento. Coloque algo na carne *depois* de terem provado. Ou então enfie alguma coisa naquela geleia da Sardenha que soube que ele tanto gosta. Mas pense em algo, senão será pior para

você!

— Deixe comigo, *Su Altezza*.

Rodrigo voltou o olhar irritado para Marco:

— Suponho que você possa conseguir um produto adequado ao nosso propósito, não?

Marco sorriu com desprezo:

— Esta é a especialidade de meu primo.

— Acredito que posso conseguir *cantarella* suficiente para nossos objetivos — respondeu Silvio.

— E o que é isso?

— É a forma mais eficaz de arsênico e é muito difícil de identificar no corpo.

— Ótimo! Providencie!

— Devo dizer, Mestre — disse Marco —, que estamos muitíssimo admirados de o senhor haver se envolvido pessoalmente nesta empreitada. Não é perigoso para o senhor?

— O Assassino não se atreverá a vir atrás de mim. Ele é esperto, mas jamais me superará. Seja como for, sinto-me inclinado a me envolver mais diretamente, depois que os Pazzi nos decepcionaram em Florença. Espero sinceramente que os Barbarigo não façam o mesmo... — Ele fitou-os.

Silvio falou, abafando o riso:

— Os Pazzi eram um bando de amadores...

— Os Pazzi — interrompeu Rodrigo — eram uma família poderosa e venerável, e foram derrotados por um jovem Assassino. Não subestime esse importuno rival, senão ele derrotará os Barbarigo também. — Fez uma pausa para que absorvessem aquilo. — Agora vão e executem o plano. Não podemos nos dar ao luxo de falhar novamente!

— Quais são os seus próprios planos, Mestre?

— Voltarei a Roma. O tempo urge!

Rodrigo se levantou abruptamente e deixou a sala. Daquele ponto privilegiado, escondido na sacada, Ezio o assistiu sair sozinho e atravessar a praça, dispersando um aglomerado de pombos quando passou rapidamente em direção ao Molo. Os outros homens logo fizeram o mesmo — separaram-se e seguiram cada qual seu próprio caminho a partir da praça. Quando tudo estava

em silêncio, Ezio pulou para a calçada abaixo e seguiu apressado em direção à sede de operações de Antonio.

Ao chegar lá, Rosa veio a seu encontro e o saudou com um longo beijo.

— Ponha sua adaga de volta na bainha — sorriu ela enquanto seus corpos se pressionavam um contra o outro.

— Foi você que me fez sacá-la. E você é a única — completou ele com duplo sentido — que possui a bainha.

Ela pegou a mão dele.

— Então venha.

— Não, Rosa, *mi dispiace veramente*, mas não posso.

— Então já está cansado de mim!

— Você sabe que não! Mas tenho de encontrar Antonio. É urgente.

Rosa o olhou e viu a expressão intensa em seu rosto, em seus frios olhos azuis cinzentos.

— Tudo bem. Desta vez eu o perdoo. Ele está no escritório. Acho que sente falta da maquete do Palazzo Seta, agora que tem o original! Venha!

— Ezio! — exclamou Antonio assim que o viu. — Não gosto desse olhar. Está tudo bem?

— Gostaria que estivesse. Acabo de descobrir que Carlo Grimaldi e os dois primos Barbarigo, Silvio e Marco, se aliaram a... a um homem que conheço muito bem, a quem as pessoas chamam de o Espanhol. Eles planejam matar o doge Mocenigo e substituí-lo por alguém do grupo deles.

— Que notícia terrível. Com um deles como doge, terão toda a frota e o império comercial veneziano nas mãos. — Fez uma pausa. — E chamam a *mim* de criminoso!

— Então... você me ajudará a detê-los?

Antonio estendeu a mão:

— Tem minha palavra, irmãozinho. E o apoio de todos os meus homens.

— E mulheres — disse Rosa.

Ezio sorriu.

— *Grazie, amici.*

Antonio pareceu pensativo:

— Mas Ezio, precisaremos de um plano. O Palazzo Ducale é tão fortemente

protegido que faz o Palazzo Seta parecer um campo aberto. E não temos tempo de providenciar uma maquete em escala para planejarmos um...

Ezio ergueu uma das mãos e disse com firmeza:

— Nada é impenetrável.

Os dois o olharam. Então Antonio riu e Rosa sorriu com travessura:

— Nada é impenetrável! Não é à toa que gostamos de você, Ezio!

Mais tarde naquele mesmo dia, quando havia menos pessoas nas ruas, Antonio e Ezio foram até o palácio do doge.

— Traições como essa não me surpreendem mais — disse Antonio enquanto caminhavam. — O doge Mocenigo é um bom homem e é uma surpresa ter durado tanto. Quanto a mim, quando era criança, ensinaram-me que os nobres eram justos e gentis. Eu acreditei nisso também. Apesar de meu pai ter sido sapateiro e minha mãe copeira, eu aspirava a ser muito mais. Estudei muito, me esforcei, mas nunca consegui ser membro da classe governante. Quando não se nasce dentro dela, a aceitação é impossível. Então, eu lhe pergunto, Ezio: quem são os verdadeiros nobres de Veneza? Homens como Grimaldi ou Marco e Silvio Barbarigo? Não! Somos nós! Os ladrões, os mercenários e as putas. Nós mantemos esse lugar de pé e cada um de nós tem mais honra no dedo mindinho do que todo esse bando de assim chamados governantes! Amamos Veneza. Os outros apenas a veem como um meio para enriquecer.

Ezio continuou calado, pois jamais poderia imaginar Antonio, bom como ele era, usando o *corno ducale*. Depois de algum tempo, chegaram à Piazza de San Marco e contornaram-na até chegar ao palácio rosa. O lugar estava obviamente muito bem protegido e, embora tenham conseguido subir sem serem detectados no andaime que havia sido erguido na lateral do muro da catedral anexa ao palácio, quando observavam daquele ângulo privilegiado viram que, por mais que fosse possível saltar — e eles saltaram — até o telhado do palácio, mesmo de lá o acesso ao pátio estava barrado por uma grade alta cujo topo cheio de pontas era curvado para fora e para baixo. Abaixo deles, no pátio, viram o doge, Giovanni Mocenigo, um homem velho e digno que, no entanto, parecia uma casca enrugada habitando os belos trajes e o *corno* do líder da cidade e do Estado, conversando com seu assassino eleito, Carlo Grimaldi.

Ezio ouviu com atenção.

— Não compreende o que estou lhe oferecendo, *Altezza*? — disse Carlo. — Ouça-me, por favor. Está é sua última chance!

— Como se atreve a falar comigo desta forma? Como se atreve a me ameaçar? — retorquiu o doge.

Carlo se desculpou imediatamente:

— Perdoe-me, senhor. Essa não foi minha intenção. Mas, por favor, acredite que sua segurança é minha maior preocupação...

Com isso, os dois entraram no prédio e saíram de vista.

— Temos pouco tempo — disse Antonio, lendo os pensamentos de Ezio. — Mas não há como passar por essa grade. Mesmo que houvesse, olhe a quantidade de guardas. *Diavolo!* — Ele golpeou o ar com frustração, fazendo um bando de pombos voar. — Olhe para eles! Os pássaros! Como seria fácil para nós se pudéssemos simplesmente voar!

De repente, Ezio sorriu para si mesmo. Já fazia tempo demais que não visitava o amigo Leonardo da Vinci.

17

— Ezio! Há quanto tempo! — saudou Leonardo, como se ele fosse um irmão perdido há muito.

Seu ateliê em Veneza se parecia muito com o de Florença, mas ali se destacava uma versão em tamanho original de uma máquina parecida com um morcego, cuja finalidade agora Ezio sabia que precisava levar a sério. Porém, para Leonardo, primeiro deveriam vir as coisas mais importantes.

— Ouça, Ezio, você me enviou outra página do códex por um homem muito gentil chamado Ugo, mas não veio mais ver o andamento das coisas. Estava ocupado?

— Estou ocupadíssimo — respondeu Ezio, lembrando-se da página que havia pegado entre as posses de Emilio Barbarigo.

— Bem, aqui está. — Leonardo procurou no aparente caos de sua sala, mas logo encontrou a página do códex cuidadosamente enrolada com o selo restaurado. — Não há nenhum projeto de arma novo nesta aqui, mas pela aparência dos símbolos e da caligrafia manuscrita, que eu acredito ser aramaico ou até mesmo babilônio, ela será uma página significativa nesse quebra-cabeça que você está montando. Acho que reconheço traços de um mapa. — Ele levantou uma das mãos. — Mas não me diga nada! Estou interessado apenas nas *invenções* que essas páginas que você me traz revelam. Mais do que isso, não me interessa saber. Um homem como eu só está imune ao perigo por causa de sua utilidade; mas se descobrirem que ele sabe demais... — Leonardo passou o dedo pela garganta expressivamente. — Bem, é isso — continuou. — Eu conheço você, Ezio. Suas visitas nunca são apenas sociais. Tome um copo deste Veneto

horroroso — dê-me um Chianti qualquer dia —, e há bolinho de peixe em algum lugar por aqui, se estiver com fome.

— Já terminou sua encomenda?

— O *Conte* é um homem paciente. *Salute!* — Leonardo levantou o copo.

— Leo, essa sua máquina *funciona* mesmo? — perguntou Ezio.

— Quer dizer, se ela voa?

— Sim.

Leonardo coçou o queixo.

— Bem, ainda está nos primeiros estágios. Quero dizer, ainda não está nem perto de ficar pronta, mas acredito, com toda a modéstia, que sim! É claro que funcionará. Só Deus sabe o tempo que passei trabalhando nela! É uma ideia que simplesmente não sai da minha cabeça!

— Leo... posso experimentá-la?

Leonardo ficou chocado:

— É claro que não! Está louco? É muito perigoso. Para começo de conversa, teríamos que levá-la ao alto de uma torre para lançar você...

No dia seguinte, antes do amanhecer, mas ao surgirem os primeiros raios de rosa-acinzentado no horizonte ao leste, Leonardo e seus assistentes, após desmontarem a máquina voadora para transportá-la, reconstruíram-na no telhado alto e plano do Ca' Pexaro, a mansão da família do patrão de Leonardo, que de nada desconfiava. Ezio estava junto. Abaixo deles, a cidade dormia. Não havia guardas nos telhados do Palazzo Ducale porque era a Hora do Lobo, a hora em que os vampiros e os espectros ficavam mais fortes. Ninguém além de lunáticos e cientistas se aventuraria a sair naquele momento.

— Tudo pronto — disse Leonardo. — E graças a Deus não há ninguém por perto. Se vissem essa coisa, jamais acreditariam, e se soubessem que é minha invenção eu estaria acabado nesta cidade.

— Serei rápido — disse Ezio.

— Tente não quebrá-la — falou Leonardo.

— É um voo de teste — disse Ezio. — Irei com calma. Apenas me diga novamente como esta *bambina* funciona.

— Já observou um pássaro voando? — perguntou Leonardo. — A questão

não é ser mais leve que o ar, a questão envolve graça e equilíbrio! Você deve simplesmente usar o peso do corpo para controlar a elevação e a direção, e as asas o levarão. — O rosto de Leonardo estava bastante sério. Ele apertou o braço de Ezio. — *Buona fortuna*, meu amigo. Você está, acredito eu, prestes a entrar para a história.

Os assistentes de Leonardo amarraram Ezio cuidadosamente embaixo da máquina. As asas de morcego se esticaram sobre ele, que estava preso com o rosto para a frente em um suporte apertado de couro, mas os braços e as pernas estavam livres. Diante dele, havia uma barra horizontal de madeira presa à armação principal que segurava as asas.

— Lembre-se do que eu lhe disse! De um lado para o outro controla a direção. Para a frente e para trás controla o ângulo das asas — explicou Leonardo seriamente.

— Obrigado — disse Ezio, respirando com dificuldade. Ele sabia que, se aquilo não funcionasse, dali a um instante estaria dando o último salto de sua vida.

— Vá com Deus — disse Leonardo.

— Até mais tarde — falou Ezio com uma confiança que ele não sentia de verdade. Ajustou o aparelho acima de si, equilibrou-o e correu para fora do telhado.

Seu estômago saiu de seu corpo primeiro e, então, veio um sentimento maravilhoso de euforia. Veneza girava lá embaixo enquanto ele cambaleava e rolava, mas então a máquina começou a tremer e cair. Somente quando manteve a cabeça no lugar e se lembrou das instruções de Leonardo sobre o uso do manche é que Ezio foi capaz de endireitar o aparato e guiá-lo — bem a tempo — até o telhado do palácio Pexaro. Ele pousou a estranha nave correndo e usou toda a sua força e agilidade para estabilizá-la.

— Deus Todo-Poderoso, *funcionou*! — gritou Leonardo, por um momento não dando a mínima para a segurança, tirando Ezio da máquina e abraçando-o freneticamente. — Homem maravilhoso! Você *voou*!

— Sim, por Deus, eu voei — disse Ezio, sem ar. — Mas não tão longe quanto eu precisava. — Seus olhos buscaram o palácio do doge e o pátio que era seu alvo. Ele também pensou no pouco tempo que tinha, se quisesse evitar o

assassinato de Mocenigo.

Mais tarde, de volta ao ateliê de Leonardo, Ezio e o artista-inventor deram à máquina uma revisão cuidadosa. Leonardo colocou os desenhos e projetos em uma grande mesa sobre cavaletes.

— Deixe-me dar uma olhada em meu projeto aqui. Talvez encontre algo, alguma forma de estender a duração do voo.

Eles foram interrompidos pela chegada abrupta de Antonio.

— Ezio! Lamento perturbá-lo, mas é importante! Meus espiões me contaram que Silvio conseguiu o veneno de que precisam e que já o entregou a Grimaldi.

Bem nesse momento Leonardo gritou com desesperança:

— Não adianta! Já examinei isso várias vezes e simplesmente não funciona! Não sei como estender o voo. Ah, que inferno! — Ele atirou os papéis para fora da mesa com raiva. Alguns deles voaram para dentro da grande lareira que ficava por perto e, ao queimarem, ergueram-se. Leonardo observou, sua expressão se iluminou e, por fim, um sorriso limpou a raiva de seu rosto.

— Meu Deus! — gritou ele. — *Eureca!* É claro! Genial!

Tirou do fogo os papéis que não haviam queimado e apagou as chamas.

— Nunca se entregue ao nervosismo — aconselhou ele. — Pode ser terrivelmente contraproducente.

— Então o que o acalmou? — perguntou Antonio.

— Veja! — disse Leonardo. — Você não viu as cinzas voarem? O calor levanta as coisas! Quantas vezes não vi águias bem alto no céu, sem bater as asas, e ainda assim pairando no ar? O princípio é simples! Tudo o que temos que fazer é aplicá-lo!

Ele apanhou um mapa de Veneza e o abriu na mesa. Inclinando-se sobre ele com um lápis, marcou a distância entre o Palazzo Pexaro e o Palazzo Ducale, colocando cruzes nos pontos-chave entre os dois edifícios.

— Antonio! — exclamou ele. — Consegue fazer com que o seu pessoal construa fogueiras nos lugares que marquei e acendam-nas em sequência?

Antonio estudou o mapa.

— Acho que sim, mas por quê?

— Você não vê? Esse é o caminho do voo de Ezio! As chamas carregarão minha máquina voadora e ele até o alvo! O calor suspende as coisas!

— E os guardas? — disse Ezio.

Antonio olhou para ele.

— Você estará pilotando essa coisa. Ao menos uma vez, deixe os guardas conosco. Em todo caso — completou —, pelo menos alguns deles estarão ocupados em outro lugar. Meus espiões me disseram que há uma carga curiosa de um pó colorido em pequenos tubos que acabou de chegar de um país oriental distante chamado China. Só Deus sabe o que é isso, mas deve ser valioso, pois estão cuidando muito bem dessa carga.

— Fogos de artifício — disse Leonardo para si mesmo.

— O quê?

— Nada!

Os homens de Antonio construíram as fogueiras que Leonardo pediu e deixaram-nas prontas ao anoitecer. Também retiraram das redondezas qualquer observador ou espectador ocioso que pudesse alertar as autoridades sobre o que se passava. Enquanto isso, os assistentes de Leonardo transportaram a máquina-voadora até o telhado do palácio de Pexaro mais uma vez, onde Ezio, armado com a faca retrátil e o braçal, já havia tomado sua posição. Antonio estava por perto.

— Antes você do que eu — disse ele.

— É a única maneira de entrar no palácio. Você mesmo disse.

— Mas nunca imaginei que pudesse acontecer. Ainda acho quase impossível de acreditar. Se Deus quisesse que os homens voassem...

— Está pronto para dar o sinal a sua gente, Antonio? — perguntou Leonardo.

— Certamente.

— Então o faça agora e lançaremos Ezio.

Antonio caminhou até a borda do telhado e olhou para baixo. Então, pegou um grande lenço vermelho e o sacudiu. Lá embaixo eles viram uma, depois duas, três, quatro e cinco enormes fogueiras se acenderem.

— Excelente, Antonio. Meus parabéns. — Então Leonardo virou-se para Ezio. — Agora, lembre-se do que eu lhe disse: você deve voar de fogueira em fogueira. O calor de cada uma delas o manterá no ar durante todo o caminho até o Palazzo Ducale.

— E tenha cuidado — disse Antonio. — Há arqueiros nos telhados e com certeza atirarão assim que o virem. Pensarão que você é algum demônio do inferno.

— Queria que houvesse uma maneira de usar minha espada enquanto piloto essa coisa.

— Seus pés estão livres — disse Leonardo, pensativo. — Se conseguir se aproximar o suficiente dos arqueiros e evitar as flechas, pode ser que consiga chutá-los para fora do telhado.

— Não vou me esquecer disso.

— Agora você tem que ir. Boa sorte!

Ezio saltou do telhado e mergulhou no céu noturno rumo à primeira fogueira. Ele começou a perder altitude ao se aproximar, mas então, ao alcançá-la, sentiu a máquina se erguer novamente. A teoria de Leonardo funcionou! Ele continuou voando e viu os ladrões que cuidavam das fogueiras olharem para cima e soltarem vivas. Mas não eram os únicos a observá-lo. Ezio avistou os arqueiros de Barbarigo posicionados no telhado da catedral e nos outros edifícios próximos ao palácio do doge. Conseguiu manobrar a máquina-voadora e se esquivar da maioria das flechas, mas uma ou duas fincaram-se na armação de madeira. Também conseguiu descer o suficiente para derrubar vários arqueiros de seus postos. Porém, ao se aproximar do palácio, os guardas do próprio doge abriram fogo — e usavam flechas de fogo. Uma acertou a asa de estibordo da máquina, que pegou fogo imediatamente. Tudo o que Ezio podia fazer era continuar no caminho, mas começou a perder altitude rapidamente. Viu uma bela mulher da nobreza olhar para cima e gritar algo sobre o diabo ter vindo pegá-la, mas passou direto. Largou os controles e tateou as fivelas de segurança que o seguravam. No último momento se soltou, balançou-se para frente e para trás e aterrissou perfeitamente agachado no telhado de um pátio interno, além da grade que protegia o interior do palácio contra tudo, fora os pássaros. Olhando para cima, viu a máquina voadora cair no campanário da igreja de São Marcos e os destroços despencarem na praça lá embaixo, causando pânico e pandemônio entre as pessoas que ali estavam. Até mesmo a atenção dos arqueiros ducais foi desviada, e Ezio se aproveitou para descer sorrateiramente e sair de vista. Ao fazer isso, viu o doge Mocenigo aparecer em uma janela do segundo andar.

— *Ma che cazzo?* — disse o doge. — O que foi aquilo?

Carlo Grimaldi apareceu ao lado dele.

— Provavelmente alguns jovens com traques. Venha, termine seu vinho.

Ouvindo aquilo, Ezio continuou o caminho por telhados e muros e, cuidando para manter-se fora da vista dos arqueiros, foi até um ponto bem ao lado da janela aberta. Olhando para dentro, viu o doge virar o cálice. Atirou-se sobre o peitoril e para dentro da sala, exclamando:

— Pare, *Altezza*! Não beba...!

O doge olhou para ele espantado e Ezio percebeu que havia chegado tarde demais. Grimaldi deu um sorriso cansado.

— Não conseguiu executar seu maldito plano desta vez, ao contrário do que acontece normalmente, jovem Assassino! *Messere* Mocenigo nos deixará em breve. Ele bebeu veneno o suficiente para derrubar um touro.

Mocenigo o cercou.

— O quê? O que você fez?

Grimaldi fez um gesto de arrependimento.

— Você deveria ter me escutado.

O doge cambaleou e teria caído se Ezio não corresse para apoiá-lo e levá-lo até a cadeira, onde ele se sentou pesadamente.

— Sinto-me cansado... — disse o doge. — Tudo está escurecendo...

— Sinto muito, *Altezza* — disse Ezio, impotente.

— Até que enfim você experimentou o fracasso — resmungou Grimaldi para Ezio antes de escancarar a porta da sala e berrar:

— Guardas! Guardas! O doge foi envenenado! O assassino está aqui!

Ezio correu pela sala e agarrou Grimaldi pelo colarinho, arrastando-o de volta para o cômodo, depois bateu a porta e trancou-a. Segundos depois ouviu os guardas subirem correndo e baterem na porta. Ele virou-se para Grimaldi:

— Fracasso, é? Então é melhor eu fazer algo para compensar. — Ele liberou a lâmina retrátil.

Grimaldi sorriu.

— Pode me matar — disse ele —, mas nunca derrotará os Templários.

Ezio fincou a adaga no coração de Grimaldi.

— Que a paz esteja contigo — falou ele com frieza.

— Bom — disse uma voz fraca atrás dele. Olhado ao redor, Ezio viu que o doge, apesar de pálido como um defunto, ainda estava vivo.

— Vou buscar ajuda... um médico — disse ele.

— Não... é tarde demais para isso. Mas morrerei mais feliz por ter visto meu assassino ir para as trevas antes de mim. Obrigado — Mocenigo lutava para respirar. — Há muito eu suspeitava que ele fosse um Templário, mas fui muito fraco, muito confiante... Olhe a bolsa dele. Pegue os documentos. Não duvido que encontre algo que o ajude em sua causa e a vingar minha morte.

Mocenigo sorria enquanto falava. Ezio observou enquanto o sorriso se congelava nos lábios do doge, os olhos se reviravam e a cabeça pendia para o lado. Ezio colocou a mão na lateral do pescoço do doge para certificar-se de que estava morto, de que não havia pulso. Depois passou os dedos pelo rosto do morto para fechar seus olhos, murmurou algumas palavras de bênção, pegou e abriu apressadamente a bolsa de Grimaldi. Havia, entre um pequeno feixe de documentos, uma página do códex.

Os guardas continuaram a bater na porta, que agora começava a ceder. Ezio correu para a janela e olhou para baixo. O pátio estava cheio de guardas. Teria de se arriscar no telhado. Subindo pela janela, começou a escalar a parede acima dele enquanto flechas passavam assobiando ao redor de sua cabeça, batendo ruidosamente nas pedras em ambos os lados. Quando alcançou o telhado, precisou lutar com mais arqueiros, mas haviam sido pegos desprevenidos e Ezio conseguiu usar o elemento surpresa para despachá-los. Porém, foi confrontado por outra dificuldade. A grade que antes o havia mantido do lado de fora agora o prendia no lado de dentro! Ele examinou-a e percebeu que era projetada apenas para manter as pessoas do lado de fora — o topo cheio de pontas se curvava *para fora* e para baixo. Se conseguisse escalar até lá em cima, poderia saltar e sair. Já podia ouvir os passos de muitos guardas trovejando pelos degraus até o telhado. Reunindo todas as forças que o desespero podia lhe dar, saltou correndo e escalou até o topo da grade. Logo em seguida estava a salvo no outro lado, enquanto os guardas ficaram presos no lado de dentro. Estavam com armaduras muito pesadas para conseguirem subir e Ezio sabia que, em todo caso, não eram ágeis como ele. Correndo até a borda do telhado, olhou para baixo, saltou até o andaime erguido ao longo do muro da catedral e desceu por ele. Então, apressou-

se até a Piazza de San Marco e desapareceu na multidão.

18

A morte do doge na mesma noite do aparecimento do pássaro-demônio bizarro no céu causou uma grande agitação em Veneza, que durou várias semanas. A máquina voadora de Leonardo caiu na Piazza de San Marco, que já era tumultuada, e queimou até virar cinzas, pois ninguém se atreveu a se aproximar do estranho aparato. Enquanto isso, o novo doge, Marco Barbarigo, foi eleito como planejado e assumiu o posto. Fez um juramento solene em público, prometendo encontrar o jovem assassino que escapou por um triz e matou o nobre servidor do Estado, Carlo Grimaldi, e provavelmente o antigo doge também. Era possível encontrar guardas ducais e de Barbarigo em cada esquina, e eles também patrulhavam os canais noite e dia.

Ezio, seguindo o conselho de Antonio, ficou quieto na sede dos ladrões, mas por dentro fervia de frustração, o que só piorava pelo fato de que Leonardo deixara a cidade temporariamente na comitiva de seu patrono, o Conde de Pexaro. Nem mesmo Rosa conseguia distraí-lo.

Mas logo, no começo do ano, Antonio o chamou em seu gabinete, saudando-o com um grande sorriso.

— Ezio! Tenho duas boas notícias para você. Primeiro, seu amigo Leonardo voltou. Segundo, é *Carnevale*! Quase todo mundo está usando máscaras, então você... — Mas Ezio já estava saindo da sala. — Ei! Aonde vai?

— Falar com Leonardo!

— Bem, volte logo; há alguém que eu quero que conheça.

— Quem?

— Ela se chama irmã Teodora.

— Uma freira?

— Você verá!

Ezio saiu pelas ruas com o capuz sobre a cabeça, caminhando discretamente entre os grupos de homens e mulheres com roupas e máscaras extravagantes que se amontoavam nas ruas e canais. Ele também estava ciente e atento à quantidade de guardas ao redor. Marco Barbarigo estava tão pouco preocupado com a morte de Grimaldi quanto com a de seu predecessor, a qual ele ajudara a planejar; e agora que fizera o devotado juramento em público de caçar o culpado, podia deixar o assunto esfriar na consciência do povo e reduzir aquela operação custosa. Mas Ezio sabia que, se o doge conseguisse pegá-lo secretamente em uma emboscada e matá-lo, ele o faria. Enquanto Ezio estivesse vivo e fosse um espinho para os Templários, eles o considerariam um de seus piores inimigos. Ele teria de permanecer em vigília constante.

Mas conseguiu chegar à oficina de Leonardo em segurança e entrou sem ser visto.

— Que bom ver você de novo! — saudou Leonardo. — Tinha certeza de que estaria morto a esta altura. Não ouvi mais notícias suas e depois aconteceu tudo aquilo com Grimaldi e Mocenigo. Então meu patrono decidiu viajar e insistiu em me levar junto; para Milão, a propósito. Ainda não tive tempo de reconstruir minha máquina-voadora, porque a Marinha de Veneza finalmente quer que eu comece a projetar coisas para eles; isso tudo é um tormento! — Então ele sorriu. — Mas o importante é que você está vivo e bem!

— E sou o homem mais procurado de Veneza!

— Sim. Um duplo assassinato e de dois dos cidadãos mais proeminentes do Estado.

— Você sabe muito bem o que aconteceu de verdade para acreditar nisso.

— Você não estaria aqui se eu acreditasse. Sabe que pode confiar em mim, Ezio, assim como em todos aqui. Afinal, somos aqueles que o lançaram no voo até o Palazzo Ducale. — Leonardo bateu palmas e um assistente apareceu com vinho. — Luca, pode arranjar uma máscara de carnaval para o nosso amigo aqui? Algo me diz que isso viria em boa hora.

— *Grazie*, *amico mio*. E eu tenho algo para você. — Ezio entregou a nova página do códex.

— Excelente — disse Leonardo, reconhecendo-a imediatamente. Abriu espaço na mesa ao seu lado, desenrolou o pergaminho e começou a examiná-la. — Hummm — murmurou, franzindo o cenho, concentrado. — Esta aqui tem o desenho de uma nova arma, que é bastante complexa. Parece que também se prende ao pulso, mas não é uma adaga. — Analisou o manuscrito mais um pouco. — Já sei o que é! É uma arma de fogo, mas em miniatura. Do tamanho de um colibri, na verdade.

— Isso não me parece possível — disse Ezio.

— Só há uma maneira de descobrir: fabricando-a — retrucou Leonardo. — Por sorte esses meus assistentes venezianos são engenheiros experientes. Vamos começar agora mesmo.

— E quanto ao seu outro trabalho?

— Ah, isso pode esperar — disse Leonardo, aéreo. — Todos pensam que eu sou um gênio e não faz mal nenhum que pensem isso; na verdade, assim tendem a me deixar em paz!

Em alguns dias a arma estava pronta e à espera de que Ezio a testasse. O alcance e o poder da arma eram extraordinários para seu tamanho. Assim como as adagas, ela tinha sido projetada para ser presa ao mecanismo retrátil que se prendia ao braço de Ezio, e poderia ser empurrada para trás para ser escondida e disparada instantaneamente quando necessário.

— Como eu nunca pensei em algo assim antes? — perguntou Leonardo.

— A pergunta maior — respondeu Ezio, pensativo — é como essa ideia pode ter vindo de um homem que viveu há milhares de anos.

— Bem, seja lá como a ideia tenha surgido, é um dispositivo magnífico e espero que lhe seja útil.

— Acho que esse novo brinquedo chegou no melhor momento — disse Ezio, sério.

— Entendo — concordou Leonardo. — Bom, quanto menos eu souber, melhor, mas posso arriscar o palpite de que tem algo a ver com o novo doge. Não entendo muito de política, mas às vezes até mesmo eu posso sentir o cheiro de trapaça.

Ezio concordou de forma significativa.

— Bem, esse é um assunto para você conversar com Antonio. E é melhor

usar a máscara; por ser *Carnevale*, você ficará seguro nas ruas, mas lembre-se: nada de armas lá fora! Mantenha-a escondida dentro da manga — continuou Leonardo.

— Vou falar com Antonio agora — disse Ezio. — Ele quer que eu conheça uma pessoa, uma freira chamada irmã Teodora, em Dorsoduro.

— Ah! A irmã Teodora! — sorriu Leonardo.

— Você a conhece?

— Ela é uma amiga que eu e Antonio temos em comum. Vai gostar dela.

— Quem é ela exatamente?

— Você descobrirá — respondeu Leonardo com um risinho.

Ezio se dirigiu até o endereço que Antonio lhe dera. O prédio não se parecia em nada com um convento. Quando ele bateu na porta e permitiram sua entrada, ficou convencido de que estava no lugar errado, pois a sala em que entrou o fazia lembrar o salão de Paola em Florença. E a jovem elegante que passou por ele certamente não era uma freira. Ele estava prestes a colocar a máscara de volta e ir embora quando ouviu a voz de Antonio e, alguns instantes depois, o homem apareceu trazendo uma mulher elegante e bonita com lábios carnudos e olhos ardentes e que estava, de fato, vestida como freira.

— Ezio! Aí está você — disse Antonio, ligeiramente bêbado. — Permita-me apresentá-lo à... irmã Teodora. Teodora, este é... como devo dizer... o homem mais talentoso de toda Veneza!

— Irmã — cumprimentou Ezio com uma reverência. Depois, ele se voltou para Antonio. — Estou entendendo mal as coisas? Nunca pensei que você fosse do tipo religioso.

Antonio riu, mas a irmã Teodora, ao falar, estava surpreendentemente séria.

— Depende de como você vê a religião, Ezio. Não é apenas a alma dos homens que precisa de consolo.

— Beba alguma coisa, Ezio! — exclamou Antonio. — Temos que conversar, mas antes, relaxe! Você está completamente seguro aqui. Já conheceu as garotas? Alguma lhe chamou a atenção? Não se preocupe, não vou contar a Rosa. E você precisa me dizer...

Antonio foi interrompido por um grito vindo de um dos cômodos que cercavam o salão. A porta se abriu de repente e revelou um homem com olhar

feroz portando uma faca. Atrás dele, na cama ensopada de sangue, uma garota se contorcia de dor.

— Peguem esse homem! — gritou ela. — Ele me esfaqueou e roubou meu dinheiro!

Com um rugido furioso, o maníaco agarrou outra garota antes que ela pudesse reagir e a segurou, com a faca em sua garganta.

— Me deixem sair daqui, senão eu entalho essa aqui também — vociferou ele, pressionando a ponta da faca até que uma gota de sangue aparecesse no pescoço da moça. — Estou falando sério!

Antonio, instantaneamente sóbrio, olhou para Teodora e Ezio. Teodora também estava olhando para Ezio.

— Bem, Ezio — disse ela com uma calma que o surpreendeu —, agora é a sua chance de me impressionar.

O maluco se dirigia em direção à porta, onde havia um pequeno grupo de garotas. Ao chegar lá, ele urrou para elas:

— Abram a porta! — Mas elas pareciam ter criado raízes de tanto medo. — Abram a maldita porta, senão ela já era! — Ele afundou a faca um pouco mais na garganta da moça. O sangue começou a escorrer pelo pescoço.

— Solte a garota! — ordenou Ezio.

O homem se virou para olhar para ele com uma expressão feia no rosto.

— E quem é você? Algum *benefattore del cazzo*? Não me faça acabar com ela!

O olhar de Ezio foi do homem para a porta. A garota havia desmaiado e pesava nos braços do bandido. Ezio viu que ele hesitava, mas a qualquer momento teria de soltá-la. Preparou-se. Seria difícil, a moça estava muito perto. Teria de escolher o momento exato e agir rápido, e sabia que tinha pouquíssima experiência com a nova arma.

— Abra a porta — ordenou Ezio com firmeza para uma das prostitutas apavoradas do grupo.

Assim que ela se virou para obedecer, o maluco deixou a garota sangrando cair ao chão. Ao se preparar para correr para as ruas, ele tirou os olhos de Ezio por um segundo, e Ezio aproveitou esse segundo para liberar a pequena pistola e atirar.

Houve um estalo e uma explosão de chamas seguida por um sopro de fumaça que parecia ter saído de dentro dos dedos da mão direita de Ezio. O maníaco, com uma expressão de surpresa no rosto, caiu de joelhos com um pequeno buraco no meio da testa. Parte de seu cérebro havia se espalhado no batente da porta atrás dele. As garotas gritaram e se afastaram violentamente do homem, enquanto ele tombava para a frente. Teodora gritou dando ordens, e os atendentes correram para socorrer as duas garotas feridas, mas era tarde demais para a que estava no quarto; ela havia sangrado até a morte.

— Tem nossa gratidão, Ezio — agradeceu Teodora depois que a ordem havia sido restabelecida.

— Não consegui salvar a garota.

— Salvou as outras. Ele poderia ter matado mais gente se você não estivesse aqui para detê-lo.

— Que feitiçaria você usou para matá-lo? — perguntou Antonio, impressionado.

— Não usei feitiçaria. Apenas um segredo. Uma prima crescida da lâmina retrátil.

— Bem, acho que vai ser muito útil. Nosso novo doge está morrendo de medo. Ele se cerca de guardas e nunca sai do *palazzo*. — Antonio fez uma pausa. — Imagino que Marco Barbarigo seja o próximo de sua lista, não?

— Ele é tão meu inimigo quanto Emilio foi.

— Ajudaremos você — disse Teodora, unindo-se a eles. — E nossa chance se apresentará em breve. O doge vai dar uma imensa festa de *Carnevale* e terá de sair do *palazzo* para tal. Não fizeram economia, pois ele deseja comprar a confiança do povo mesmo sem merecê-la. De acordo com meus espiões, ele até já encomendou fogos de artifício da China!

— É por isso que pedi que você viesse até aqui hoje — explicou Antonio para Ezio. — A irmã Teodora é uma de nós e ela sabe tudo o que se passa em Veneza.

— Como eu consigo um convite para essa festa? — perguntou Ezio a ela.

— Não é fácil — respondeu Teodora. — Você precisará de uma máscara de ouro para entrar.

— Bem, não pode ser assim tão difícil arranjar uma.

— Calma, as máscaras *são* os convites: cada uma tem um número. — Mas então Teodora sorriu. — Não se preocupe, eu tenho uma ideia. Acho que podemos fazer você *ganhar* uma máscara. Venha, ande comigo.

Ela o levou para longe dos outros até um pequeno pátio nos fundos do prédio, onde havia uma fonte em um espelho d'água.

— Amanhã começarão alguns jogos especiais de carnaval. Haverá quatro deles; o ganhador será premiado com uma máscara de ouro e será um convidado honorário da festa. Você terá que ganhar, pois o acesso à festa lhe dará acesso a Marco Barbarigo. — Ela o olhou. — Quando estiver lá, aconselho que leve sua arma, pois não conseguirá chegar perto o suficiente para esfaqueá-lo.

— Posso fazer uma pergunta?

— Pode. Mas não garanto que responderei.

— Estou curioso. Você usa o hábito de freira, mas obviamente não é uma.

— Como sabe? Garanto-lhe, meu filho, que me casei com Deus.

— Mas eu não compreendo. Você também é uma cortesã. Na verdade, você administra um bordel.

Teodora sorriu.

— Não vejo nenhuma contradição. A forma como decido praticar minha fé, o que decido fazer com o corpo, são minhas escolhas e sou livre para fazê-las. — Ela parou para pensar um minuto. — Veja — continuou ela —, assim como muitas outras jovens, eu fui atraída para a Igreja, mas aos poucos me desiludi com os assim chamados crentes desta cidade. Os homens encaram Deus apenas como uma ideia mental, não o têm nas profundezas do coração e do corpo. Entende aonde quero chegar, Ezio? Os homens devem saber amar para alcançar a salvação. Minhas meninas e eu fornecemos esse conhecimento à nossa congregação. É claro que nenhuma facção imaginável da Igreja concordaria comigo, então fui obrigada a criar a minha. Pode não parecer tradicional, mas funciona e os corações dos homens ficam mais firmes sob meus cuidados.

— Os corações e outras coisas mais, imagino.

— Você é cínico, Ezio. — Ela lhe estendeu a mão. — Volte amanhã e vamos cuidar desses jogos. Enquanto isso, cuide-se e não esqueça a máscara. Sei que pode tomar conta de si, mas seus inimigos ainda querem pegá-lo.

Ezio ainda queria fazer alguns pequenos ajustes na nova arma, então retornou ao ateliê de Leonardo no caminho de volta para a sede da Guilda dos Ladrões.

— Fico feliz em ver você de novo, Ezio.

— Você estava certo sobre a irmã Teodora, Leonardo. Ela é mesmo uma livre-pensadora.

— Ela teria problemas com a Igreja se não estivesse tão bem protegida, mas possui alguns admiradores poderosos.

— Posso imaginar. — Ezio percebeu que Leonardo estava ligeiramente distraído e o olhava de forma estranha. — O que foi, Leo?

— Talvez fosse melhor não lhe contar, mas, se você descobrisse por acaso, seria pior. Veja, Ezio, Cristina Calfucci está em Veneza com o marido para o *Carnevale*. É claro, agora ela é Cristina D'Arzenta.

— Onde ela está hospedada?

— Ela e Manfredo são convidados de meu patrono. Por isso fiquei sabendo.

— Tenho que vê-la!

— Ezio, tem certeza de que é uma boa ideia?

— Pegarei a arma amanhã de manhã. Receio que precisarei dela; tenho compromissos urgentes.

— Ezio, eu não iria desarmado.

— Ainda tenho as adagas do códex.

Com o coração acelerado, Ezio foi até o Palazzo Pexaro. No caminho, passou pelo escritório de um escriba público, a quem pagou para escrever um pequeno bilhete que dizia:

> *Cristina, minha querida*
> *Preciso encontrá-la sozinha e longe de nossos anfitriões esta noite às dezenove horas. Esperarei por você no relógio de sol no Rio Terra degli Ognisanti...*

...e assinou "Manfredo". Então, deixou-o no *palazzo* do *Conte* e esperou.

Foi uma tentativa arriscada, mas funcionou. Logo ela surgiu com apenas uma serviçal como acompanhante e correu em direção ao Dorsoduro. Ele a seguiu. Quando Cristina chegou ao local marcado e a acompanhante se retirou a uma distância discreta, ele deu um passo à frente. Ambos usavam máscaras de carnaval, mas ele percebeu que ela continuava bonita como sempre e não

conseguiu se conter. Tomou-a nos braços e lhe deu um beijo longo e carinhoso.

Ela finalmente se soltou e, tirando a máscara, olhou para ele sem compreender. Então, antes que ele pudesse detê-la, alcançou a máscara de Ezio e retirou-a.

— Ezio!

— Perdoe-me, Cristina, eu... — Ele reparou que ela não usava mais o pingente. É claro que não.

— O que diabos está fazendo aqui? Como se atreve a me beijar desse jeito?

— Cristina, fique calma...

— *Calma?* Eu não recebo notícias suas há oito *anos*!

— Só tive medo de que você não viesse, caso eu não usasse um pequeno subterfúgio.

— Você está certo, é claro que eu não teria vindo! Lembro-me da última vez que nos encontramos. Você me beijou na rua e, então, friamente, salvou a vida de meu noivo e me deixou casar com ele.

— Era a coisa certa a fazer. Ele a amava e eu...

— Quem se importa com o que ele queria? Eu amava *você*!

Ezio não sabia o que dizer. Sentia como se o mundo tivesse desaparecido.

— Não me procure novamente, Ezio — continuou Cristina, com lágrimas nos olhos. — Não posso suportar isso, e você claramente tem outra vida agora.

— Cristina...

— Houve um tempo em que era só você estalar os dedos que eu... — Ela interrompeu a si mesma. — Adeus, Ezio.

Sem poder fazer nada, ele a observou ir embora, encontrar de novo a acompanhante e desaparecer ao dobrar uma esquina. Ela não olhou para trás.

Amaldiçoando a si mesmo e seu destino, Ezio voltou para a sede dos Ladrões.

No dia seguinte, estava com um ânimo de severa determinação. Pegou a arma no ateliê de Leonardo, agradeceu-o e recuperou a página do códex. Esperava que logo pudesse levar essa e a outra, a que havia pegado de Emilio, de volta para seu tio Mario. Depois, voltou à casa de Teodora. Ela o conduziu ao Campo di San Polo, onde os jogos aconteceriam. No meio da praça, um palco havia sido

montado e nele dois ou três oficiais estavam sentados a uma mesa, registrando os nomes dos competidores. Entre as pessoas ao redor, Ezio viu o doentio e esquelético Silvio Barbarigo e, ao lado deste, ficou surpreso ao ver o enorme segurança, Dante.

— Ele será um obstáculo — disse Teodora. — Acha que pode competir contra ele?

— Se for necessário.

Por fim, quando os nomes de todos os competidores foram registrados — Ezio deu um nome falso —, um homem alto com uma capa vermelha brilhosa ocupou seu lugar no palanque. Ele era o mestre de cerimônias.

Seriam quatro jogos no total. Os participantes competiriam entre si em cada um deles e, no final, um corpo de jurados decidiria o vencedor geral. Para a sorte de Ezio, muitos dos rivais, no espírito de carnaval, preferiram ficar com as máscaras.

O primeiro jogo era uma corrida, que Ezio venceu com facilidade, para grande decepção de Silvio e Dante. O segundo, mais complicado, envolvia uma batalha tática de vontades na qual os competidores deveriam se enfrentar tentando capturar uns dos outros as bandeiras emblemáticas que lhes haviam sido fornecidas.

Neste jogo Ezio também foi anunciado o vencedor, mas ele se sentiu incomodado ao ver a expressão nos rostos de Dante e Silvio.

— A terceira competição — anunciou o mestre de cerimônias — combina elementos das duas primeiras, mas alguns outros também. Desta vez, vocês terão que usar velocidade e habilidade, mas também carisma e charme! — Ele estendeu os braços para mostrar várias mulheres com roupas da moda espalhadas pela praça, que deram belos risinhos. — Várias moças da cidade se voluntariaram para nos ajudar neste jogo — continuou o mestre de cerimônias. — Algumas estão aqui nesta praça, outras andando pelas ruas das redondezas. Podem ser encontradas até mesmo em gôndolas. Vocês reconhecerão as moças pelos laços que estão usando no cabelo. Seu trabalho, honrados competidores, é recolher a maior quantidade de laços no tempo marcado pela minha ampulheta. Bateremos o sino da igreja quando o tempo acabar, mas acho que posso garantir que, seja qual for a sorte de vocês, esse será o evento mais divertido do dia! O

homem que voltar com o maior número de laços será o vencedor e estará um passo mais perto de ganhar a Máscara de Ouro. Mas lembrem-se, se não houver um vencedor absoluto nos jogos, os juízes decidirão quem será o felizardo que vai comparecer na festa do doge! Agora... valendo!

O tempo passou rápido e de forma divertida, como prometera o mestre de cerimônias. O sino de San Polo bateu anunciando que o último grão de areia havia caído do compartimento superior para o inferior da ampulheta. Os competidores tomaram suas posições novamente na praça e entregaram os laços aos jurados, alguns sorrindo e outros constrangidos. Apenas Dante manteve a expressão de pedra, mas seu rosto ficou vermelho de raiva quando a contagem terminou e — mais uma vez — foi o braço de Ezio que o mestre de cerimônias levantou.

— Bom, meu jovem misterioso, você está com sorte hoje — disse o mestre de cerimônias. — Vamos torcer para que sua sorte não o abandone na última prova. — Ele se virou para falar com a multidão, enquanto o palanque era limpado e cercado de cordas, a fim de virar um ringue de boxe. — O último confronto, senhoras e senhores, é muito diferente dos outros. O que está em jogo é a força bruta. Os competidores lutarão uns contra os outros até que todos menos um sejam eliminados. Os dois últimos lutarão até que um seja derrubado. E aí vem o momento que todos esperavam: o momento em que o vencedor *geral* da Máscara de Ouro será anunciado! Mas muito cuidado com as apostas; pois ainda pode haver viradas e surpresas!

Foi no último jogo que Dante se destacou, mas Ezio, usando habilidades diferentes e leveza nos pés, conseguiu participar da última dupla, confrontando o segurança gigante. O homem sacudiu Ezio com os punhos, virando-o de cabeça para baixo e jogando-o ao chão, mas Ezio foi ágil o bastante para garantir que nenhum soco muito forte o derrubasse e conseguiu acertar bons golpes de esquerda e ganchos de direita.

Não havia intervalos entre os *rounds* na última luta e, após um tempo, Ezio percebeu que Dante estava ficando cansado. Porém, com o canto dos olhos, também viu que Silvio Barbarigo falava insistentemente com o mestre de cerimônias e o corpo de jurados que se reunira ao redor de uma mesa sob um toldo, próxima ao ringue. Ele pensou ter visto uma bolsa gorda de couro trocar

de mãos, a qual o mestre de cerimônias colocou no bolso rapidamente. No entanto, não tinha certeza, pois voltara a atenção para o oponente, que, com raiva, vinha em sua direção dando golpes descontrolados. Ezio se abaixou e acertou dois socos rápidos no queixo e no corpo de Dante e, finalmente, o gigante foi derrotado. Ezio estava sobre ele e Dante olhou para cima furiosamente.

— Ainda não acabou — rosnou ele, mas estava achando difícil encontrar forças para se levantar.

Ezio olhou para o mestre de cerimônias e levantou o braço em apelo, mas o rosto do homem era inabalável.

— Tem certeza que todos os competidores foram eliminados? — gritou o mestre de cerimônias. — *Todos* eles? Não podemos anunciar um vencedor até termos *certeza*!

Houve um murmúrio na multidão quando dois homens com ar furioso saíram da plateia e subiram ao ringue. Ezio olhou para os juízes, mas eles desviaram o olhar. Os homens o estavam cercando e ele viu naquele momento que cada um tinha uma faca curta e grossa, quase invisível, escondida nas mãos.

— Então é assim que vai ser, não é? — disse Ezio a eles. — Valendo tudo?

Ele se esquivou quando o derrotado Dante tentou desequilibrá-lo agarrando seus tornozelos e então deu um salto no ar para chutar o rosto de um dos novos oponentes, que cuspiu alguns dentes e saiu cambaleando. Ezio pousou no chão e pisou com força no pé esquerdo do segundo rival, esmagando-lhe o peito do pé. Então, socou-o violentamente no estômago e, quando ele se curvou, fez com que o joelho e o queixo do inimigo batessem forte um contra o outro. Urrando de dor, o homem se rendeu. Ele mordeu a língua e o sangue jorrou de sua boca.

Sem olhar para trás, Ezio pulou para fora do ringue e confrontou o mestre de cerimônias e os juízes constrangidos. A multidão atrás dele vibrou.

— Acho que temos um vencedor — disse Ezio ao mestre de cerimônias, que trocou olhares com os juízes e com Silvio Barbarigo, que estava por perto. O mestre de cerimônias subiu ao ringue, desviando-se do sangue como podia, e dirigiu-se à plateia:

— Senhoras e senhores! — anunciou após limpar a garganta um pouco nervoso. — Acho que todos concordam que assistimos a uma batalha vencida

com dificuldade e justiça hoje.

A plateia aplaudiu.

— E nessa ocasião é difícil escolher o verdadeiro vencedor...

A multidão pareceu confusa. Ezio trocou olhares com Teodora, que estava na frente de todos.

— Foi uma tarefa difícil para mim e para os juízes — continuou o mestre, suando levemente e esfregando a testa —, mas deve haver um vencedor e juntos fizemos nossa escolha. — Ele fez uma pausa e levantou Dante com dificuldade, colocando-o sentado. — Senhoras e senhores, apresento-lhes o vencedor da Máscara de Ouro, *Signore* Dante Moro!

A plateia assobiou e vaiou, gritando em desaprovação. O mestre de cerimônias, junto com os juízes, teve de fugir depressa quando os espectadores começaram a atirar neles qualquer lixo que encontrassem. Ezio correu até Teodora e os dois assistiram quando Silvio, com um sorriso contorcido no rosto pálido, ajudou Dante a sair do palanque e o conduziu com dificuldade por uma ruela lateral.

19

De volta ao “convento” de Teodora, Ezio lutava para se conter enquanto Teodora e Antonio o observavam preocupados.

— Vi Silvio subornar o mestre de cerimônias — declarou Teodora. — E não há dúvidas de que ele encheu os bolsos dos juízes também. Não pude fazer nada.

Antonio riu com ar de zombaria e Ezio lançou-lhe um olhar irritado.

— É fácil perceber por que Silvio estava tão determinado a fazer com que seu empregado ganhasse a Máscara de Ouro — continuou Teodora. — Eles ainda estão em alerta e não querem arriscar o doge Marco. — Ela olhou para Ezio. — Não vão descansar enquanto você não estiver morto.

— Então eles passarão muitas noites em claro.

— Temos de pensar. A festa é amanhã.

— Encontrarei uma forma de seguir Dante até a festa — decidiu Ezio. — Darei um jeito de roubar a máscara dele e...

— Como? — Antonio quis saber. — Matando o pobre *stronzo*?

Ezio virou-se para ele com raiva:

— Você tem uma ideia melhor? Sabe o que está em jogo!

Antonio levantou as mãos com desprezo.

— Veja, Ezio... Se você matá-lo, a festa será cancelada e Marco se refugiará no *palazzo*. Teremos desperdiçado nosso tempo, mais uma vez! Não; o certo a fazer é roubar a máscara discretamente.

— As minhas meninas podem ajudar — disse Teodora. — Muitas delas vão à festa como... animadoras! Podem distrair Dante enquanto você pega a máscara. E, quando você estiver lá, não tema. Estarei lá também.

Ezio fez que sim, relutante. Não gostava de receber ordens, mas naquele caso sabia que Antonio e Teodora estavam certos.

— *Va bene* — disse ele.

No dia seguinte, ao pôr do sol, Ezio certificou-se de que estava próximo ao local por onde Dante passaria a caminho da festa. Várias das garotas de Teodora vagueavam pelo lugar. Enfim, o grandalhão apareceu. Havia se esforçado para ficar elegante e usava roupas caras, mas extravagantes. A Máscara de Ouro estava pendurada no cinto. Assim que o viram, as garotas o chamaram e acenaram, dirigindo-se para seu lado. Duas lhe deram os braços, certificando-se que a máscara balançasse por trás dele, e o acompanharam até a grande área cercada por cordas próxima ao Molo onde a festa aconteceria e que na verdade, já havia começado. Agindo com precisão, Ezio escolheu o último minuto para cortar a máscara do cinto de Dante. Arrancou-a e passou a frente do homem, aparecendo com ela perante os guardas que controlavam a entrada à festa. Vendo o objeto, permitiram a entrada de Ezio. Instantes depois, quando Dante apareceu e tateou atrás de si procurando a máscara para colocá-la, descobriu que não estava mais lá. As garotas que o acompanharam haviam sumido na multidão e colocado suas máscaras para que ele não as reconhecesse.

Dante ainda estava discutindo com os guardas no portão, que tinham ordens claras, quando Ezio passou por entre os convidados para encontrar Teodora. Ela o cumprimentou calorosamente.

— Você conseguiu! Parabéns! Agora, ouça: Marco continua tomando muito cuidado. Ele vai ficar no barco, o Bucintoro ducal, no canal logo ao lado do Molo. Você não vai conseguir chegar muito perto dele, mas deverá encontrar o ponto mais privilegiado para o ataque. — Ela se virou para chamar três ou quatro de suas cortesãs. — Essas garotas vão ajudar a disfarçar seus movimentos pela festa.

Ezio se foi, mas enquanto as garotas, radiantes em sedas e cetins prateados e vermelhos, atravessavam o mar de convidados, sua atenção foi atraída por um homem alto, sério, com pouco mais de sessenta anos, olhos claros e inteligentes e uma barba branca pontuda. Ele conversava com um nobre veneziano de idade semelhante. Ambos usavam pequenas máscaras que cobriam apenas parte do rosto. Ezio reconheceu o primeiro deles como Agostino Barbarigo, o irmão mais

novo de Marco. Agostino poderia influir bastante no destino de Veneza caso algo desagradável acontecesse com seu irmão, e Ezio pensou que seria conveniente ir até uma posição de onde pudesse ouvir escondido a conversa dos dois.

Quando Ezio chegou, Agostino estava rindo baixinho.

— Honestamente, meu irmão só faz se envergonhar com esse evento.

— Você não tem direito de falar assim dele — replicou o nobre. — Ele é o doge!

— Sim, sim. Ele é o doge — respondeu Agostino, acariciando a barba.

— Esta é a festa dele. O *Carnevale* dele, e o doge pode gastar seu dinheiro da maneira como achar melhor.

— Ele é doge apenas no nome — declarou Agostino com mais rispidez. — E é o dinheiro de Veneza que ele está gastando, não seu próprio. — Ele abaixou a voz. — Há coisas maiores em jogo, e você sabe disso.

— Marco foi escolhido líder. É verdade que seu pai pensou que ele nunca conseguiria ir muito longe e por isso transferiu as ambições políticas para você, mas isso pouco importa agora, na atual situação, não é?

— Eu nunca *quis* ser doge...

— Então eu lhe parabenizo pelo sucesso — disse o nobre friamente.

— Veja — disse Agostino mantendo o controle. — O poder significa mais que a riqueza. Será que meu irmão realmente acredita que foi escolhido por algum outro motivo além de ter dinheiro?

— Ele foi escolhido pela sabedoria e pela capacidade de liderança que tem!

Os dois foram interrompidos pelo início do show pirotécnico. Agostino assistiu por um momento e depois disse:

— E é isso que ele faz com tanta sabedoria? Oferece um espetáculo de luzes? Enquanto a cidade está se desmantelando, ele se esconde no Palazzo Ducale e pensa que algumas explosões caras farão as pessoas esquecerem todos os problemas.

O nobre fez um gesto indiferente.

— O povo ama espetáculos. É da natureza humana. Você verá...

Mas naquele momento Ezio avistou a silhueta robusta de Dante em companhia de um grupo de guardas, abrindo caminho na festa e sem dúvida procurando por ele. Ezio continuou seu caminho até um local escondido de onde

pudesse ter acesso ao doge, caso ele saísse do Bucintoro atracado a alguns metros do cais.

Trombetas soaram e o show pirotécnico cessou por algum tempo. O povo ficou em silêncio e então se pôs a aplaudir quando Marco foi até a porta do barco estatal para falar ao público. Um pajem o apresentou:

— *Signore e signori!* Eu vos apresento o amado doge de *Venezia*!

Marco começou seu discurso:

— *Benvenutti!* Bem-vindos, meus amigos, ao maior evento social da estação! Na paz ou na guerra, em tempos de prosperidade ou de pobreza, *Venezia* sempre terá seu *Carnevale*!...

Enquanto o doge continuava a falar, Teodora foi ao encontro de Ezio.

— Ele está muito longe — explicou ele. — E não vai sair do barco. Portanto, terei de nadar até lá. *Merda!*

— Eu não faria isso — retrucou Teodora em um tom abafado. — Você seria visto imediatamente.

— Então terei de lutar para chegar até...

— Espere!

O doge continuava:

— Esta noite, celebramos o que nos faz grandes. Como nossas luzes resplandecem sobre o mundo! — Ele abriu os braços e mais fogos de artifício estouraram. A multidão aplaudiu e vibrou em aprovação.

— É isso! — disse Teodora. — Use a *pistola*! Aquela que você usou para deter o assassino em meu bordel. Quando os fogos recomeçarem, aproveite o barulho para encobrir o ruído da arma. Se fizer na hora certa, sairá daqui sem ser notado.

Ezio olhou para ela.

— Gosto da maneira como pensa, irmã.

— Só precisará ter muito cuidado com a mira, pois terá apenas uma chance. — Ela apertou o braço dele. — *Buona fortuna,* meu filho. Esperarei por você no *bordello*.

Ela desapareceu entre os convidados, dentre os quais Ezio viu Dante e os outros valentões ainda procurando por ele. Silencioso como um fantasma, saiu de um ponto no cais e chegou o mais perto que sua coragem permitiu de onde

Marco estava no barco. Felizmente, as roupas brilhantes do doge, banhadas pelas luzes da festa, faziam dele um excelente alvo.

O discurso continuou e Ezio usou-o para se preparar, ouvindo cuidadosamente, à espera do reinício dos fogos. Teria de calcular muito bem o tempo, se quisesse que o tiro passasse despercebido.

— Todos sabem que passamos por tempos tumultuados — declarou Marco —, mas nós os superamos juntos e, assim, *Venezia* se tornou uma cidade mais forte... As transições de poder são difíceis para todos, mas enfrentamos a mudança com graça e tranquilidade. Não é fácil perder um doge no auge da vida e é frustrante ver o assassino de nosso irmão Mocenigo ainda livre e impune. No entanto, devemos nos consolar com o pensamento de que muitos estavam ficando incomodados com a política de meu predecessor, sentindo-se inseguros e desconfiando do caminho para o qual nos conduzia. — Muitas vozes se destacaram na multidão concordando, e Marco, sorrindo, ergueu as mãos para pedir silêncio. — Bom, meus amigos, posso dizer que encontrei o caminho certo para nós outra vez! Consigo enxergá-lo e sei para onde estamos indo! Para um lugar maravilhoso... e vamos todos juntos! O futuro que vejo para *Venezia* é um futuro de força, um futuro de riqueza. Construiremos uma frota tão forte que nossos inimigos nos temerão como nunca! E expandirei nossas rotas de comércio além dos mares, trarei especiarias e tesouros inimagináveis desde o tempo de Marco Polo! — Os olhos de Marco cintilavam à medida que sua voz adquiria um tom ameaçador. — E digo para aqueles que estão contra nós: tenham cuidado com o lado que escolhem, porque ou vocês estão conosco ou do lado do mal. Não toleraremos nenhum inimigo aqui! Vamos caçá-los, vamos arrancá-los pela raiz, vamos destruí-los! — Ele ergueu as mãos novamente e declamou: — E *Venezia* sempre resistirá, a joia mais brilhante de toda a civilização!

Ao erguer os braços, triunfante, um imenso espetáculo de fogos de artifício começou: o *grand finale*, que transformou a noite em dia. O barulho das explosões foi ensurdecedor, e o som da pequena arma letal de Ezio se perdeu em meio ao ruído. Antes mesmo que o povo tivesse tempo para reagir à visão de Marco Barbarigo, um dos doges com o menor período de reinado da história de Veneza, cambaleando, apertando o coração e caindo morto no convés do barco

ducal, Ezio já estava longe.

— *Requiescat in pace* — murmurou ele para si mesmo enquanto caminhava.

Porém, assim que a notícia se confirmou, espalhou-se rapidamente e chegou ao bordel antes mesmo de Ezio. Ele foi saudado com gritos de admiração de Teodora e de suas cortesãs.

— Você deve estar exausto — comentou Teodora, pegando o braço de Ezio e levando-o para longe dos outros em direção a um cômodo interno. — Venha, relaxe!

Mas antes Antonio lhe deu os parabéns:

— O salvador de Veneza! — exclamou ele. — O que posso dizer? Talvez eu estivesse errado em duvidar tão precipitadamente. Pelo menos agora temos a chance de ver onde as peças se encaixam...

— Agora chega — disse Teodora. — Venha, Ezio. Você trabalhou muito, meu filho. Sinto que seu corpo cansado precisa de conforto e socorro.

Ezio rapidamente entendeu o que ela queria dizer e entrou no jogo.

— É verdade, irmã. Estou com tantas dores que acho que precisarei de muito conforto e socorro. Espero que possa me ajudar.

— Oh — sorriu Teodora —, não pretendo aliviar sua dor sozinha. Meninas!

Um grupo de cortesãs passou sorrindo por Ezio e entrou quarto adentro, no centro do qual ele viu uma cama enorme, ao lado da qual havia um móvel peculiar parecido com um sofá, mas com roldanas, correias e correntes. Aquilo o fez lembrar de um objeto no ateliê de Leonardo, mas não conseguiu imaginar para que serviria.

Ele trocou um longo olhar com Teodora e seguiu-a para dentro do quarto, fechando a porta firmemente atrás dele.

Alguns dias depois, Ezio estava na Ponte Rialto, relaxado e renovado, assistindo às pessoas passarem. Pensou em beber alguns copos de Veneto antes da *ora di pranzo* quando reconheceu um homem correndo em sua direção: um dos mensageiros de Antonio.

— Ezio, Ezio — disse o homem ao se aproximar —, *Ser* Antonio quer falar com você. É um assunto importante.

— Então vamos agora mesmo — respondeu Ezio, saindo da ponte e indo

atrás do mensageiro.

Encontraram Antonio em seu gabinete na companhia de — para surpresa de Ézio — Agostino Barbarigo. Antonio fez as apresentações.

— É uma honra conhecê-lo, senhor. Sinto muito pela morte de seu irmão.

Agostino fez um gesto indiferente.

— Agradeço sua solidariedade, mas para ser sincero meu irmão era um tolo e estava completamente sob o controle da facção de Bórgia em Roma, algo que eu não gostaria que acontecesse em Veneza. Por sorte, alguém que zela pelo bem-estar do povo preveniu esse perigo e o assassinou. De uma forma curiosa e original... Haverá investigações, é claro, mas pessoalmente não sei aonde elas vão chegar...

— *Messere* Agostino logo será eleito doge — disse Antonio. — Essa é uma boa notícia para Veneza.

— O Conselho dos Quarenta e Um trabalhou rápido desta vez — disse Ezio secamente.

— Acho que aprenderam com os erros anteriores — respondeu Agostino com um sorriso amargo. — Mas não desejo ser doge apenas no nome, como fez meu irmão. E é isso o que nos traz aqui. Nosso terrível primo Silvio acaba de ocupar o Arsenal, o quartel militar da cidade, e o guarneceu com duzentos mercenários!

— Mas quando o senhor for doge, não poderá ordenar sua suspensão? — perguntou Ezio.

— Seria bom acreditar nisso — disse Agostino —, mas as extravagâncias de meu irmão esgotaram os recursos da cidade e seria difícil para nós nos opormos a uma força que tem o controle do Arsenal. E, sem o Arsenal, não tenho controle sobre Veneza, sendo doge ou não!

— Então — disse Ezio —, devemos organizar um exército próprio.

— Muito bem dito! — exclamou Antonio, radiante. — E acho que temos o homem perfeito para esse trabalho. Já ouviu falar de Bartolomeo d'Alviano?

— É claro. O *condottiero* que servia aos Estados Papais! Ele se voltou contra eles, fiquei sabendo.

— E agora estabeleceu sua base aqui. Não gosta muito de Silvio, que, como se sabe, é outro que o cardeal Bórgia tem no bolso — exclamou Agostino. — A

base de Bartolomeo fica em San Pietro, a leste do Arsenal.

— Vou até lá visitá-lo.

— Antes disso, Ezio — disse Antonio —, *Messere* Agostino tem algo para você.

Agostino tirou de dentro dos trajes um rolo de velino antigo, com um selo preto pesado e partido pendurado em uma fita vermelha esfarrapada.

— Meu irmão guardava isso entre seus documentos. Antonio pensou que pudesse lhe interessar. Considere como um pagamento pelos... serviços prestados.

Ezio pegou-o e soube imediatamente do que se tratava.

— Obrigado, *Signore*. Não tenho dúvidas de que isto será muito útil na batalha que certamente virá.

Parando apenas para se armar, Ezio não perdeu tempo no caminho até o ateliê de Leonardo, onde se surpreendeu ao encontrar o amigo fazendo as malas.

— Aonde vai agora? — perguntou Ezio.

— Voltar para Milão. Eu ia lhe enviar uma mensagem antes de sair, é claro, e um pacote de balas para a sua pequena arma.

— Bem, fico feliz de tê-lo encontrado a tempo. Veja, trouxe outra página do códex!

— Excelente. Estou muito interessado nela. Entre. Meu serviçal Luca e os outros podem continuar fazendo isto aqui. Eles já estão bem treinados. É uma pena que não posso levar todos comigo.

— O que vai fazer em Milão?

— Lodovico Sforza me fez uma oferta que não pude recusar.

— Mas e quanto aos outros projetos aqui?

— A Marinha precisou cancelá-los. Não tem dinheiro para novos projetos. Aparentemente o último doge acabou com a maior parte dos fundos. Eu poderia ter feito fogos de artifício para eles, não era necessário gastar tanto trazendo-os da China. Enfim, não importa, Veneza continua em paz com os turcos e já me disseram que serei bem-vindo de volta. Na verdade, acho até que gostariam que eu voltasse. Enquanto isso, deixo Luca aqui, encarregado de alguns projetos básicos para começar — ele ficaria como um peixe fora d’água se saísse de

Veneza. Quanto ao conde, ele está satisfeito com os retratos da família, apesar de eu pessoalmente achar que ficariam melhores com um pouco mais de trabalho. — Leonardo começou a desenrolar a folha de velino. — Agora vamos olhar isso aqui.

— Prometa que me avisará quando voltar.

— Prometo, meu amigo. E você mantenha-me informado sobre seus movimentos, se puder.

— Pode deixar.

— Agora... — Leonardo abriu a página do códex e a examinou. — Há algo aqui que se assemelha ao modelo da adaga de dois gumes que vai junto com o braçal de metal, mas está incompleto e pode ser apenas um esboço antigo desse mesmo projeto. O resto só pode ser significativo se estiver relacionado a outras páginas. Veja, há mais marcações parecidas com mapas e um tipo de figura que me faz lembrar daqueles modelos de nós que eu desenhava quando tinha tempo de pensar nos meus próprios assuntos! — Leonardo enrolou a página novamente e olhou para Ezio. — Eu guardaria isto em um lugar seguro com as outras duas páginas que me mostrou aqui em Veneza. Elas são sem dúvida de grande importância.

— Na verdade, Leo, já que está indo para Milão, gostaria de lhe pedir um favor.

— Diga.

— Quando chegar a Pádua, você poderia encontrar um mensageiro confiável para levar as três páginas ao meu tio Mario em Monteriggioni? Ele é... um colecionador... e sei que as acharia interessantes. Mas preciso de alguém em quem possa confiar para fazer isso.

Leonardo esboçou um sorriso: se Ezio não estivesse tão preocupado, poderia até ter pensado que o sorriso significava que Leonardo *sabia* de algo.

— Estou mandando minhas coisas direto para Milão, mas passarei voando por Florença primeiro, com o perdão da metáfora, para ver como estão Agniolo e Innocento. Portanto, serei seu mensageiro até aí e depois mandarei Agniolo a Monteriggioni com as páginas, fique tranquilo.

— Isso é melhor do que eu esperava. — Ezio segurou a mão de Leonardo. — Você é um amigo maravilhoso, Leo.

— Espero que sim, Ezio. Às vezes penso que você deveria encontrar alguém que realmente cuidasse de você. — Fez uma pausa. — E desejo-lhe sorte na sua missão. Espero que um dia você possa concluí-la e descansar.

Um olhar distante atravessou os olhos cinzentos de aço de Ezio, mas ele apenas respondeu:

— Você acaba de me lembrar que eu... tenho outro dever a cumprir. Mandarei um dos homens de meu anfitrião trazer as outras duas páginas do códex. Agora, por enquanto, *addio*!

20

O caminho mais rápido do ateliê de Leonardo para San Pietro era ou por balsa ou alugando um barco de Fondamenta Nuova e navegando da costa leste para o norte da cidade. Para sua surpresa, Ezio teve dificuldade em encontrar alguém que o levasse até lá. As balsas comuns haviam sido suspensas e foi apenas desembolsando uma bela quantia de dinheiro que conseguiu persuadir dois jovens gondoleiros a levá-lo.

— Qual é o problema? — perguntou ele.

— Dizem que houve uma luta feia lá — respondeu o remador na popa do barco, lutando contra a água agitada. — Parece que já acabou, foi só um conflito local, mas as balsas ainda não estão se arriscando a voltar a funcionar. Vamos deixá-lo na costa norte. Tome cuidado.

Eles cumpriram com o prometido. Ezio logo se viu sozinho e arrastou-se da margem lamacenta para o muro de contenção de tijolos, de onde pôde ver o pináculo da igreja de San Pietro di Castello não muito longe dali. Também conseguiu ver várias nuvens de fumaça saindo de alguns prédios baixos a sudeste da igreja. Era o quartel de Bartolomeo. Com o coração acelerado, Ezio se apressou naquela direção.

A primeira coisa que o impressionou foi o silêncio. Então, ao chegar mais perto, viu corpos espalhados pelo chão. Alguns usavam o brasão de Silvio Barbarigo, outros, um instrumento que ele não conhecia. Finalmente, encontrou um sargento gravemente ferido, mas ainda vivo, que conseguiu se escorar em um muro baixo.

— Por favor... ajude-me — pediu o sargento quando Ezio se aproximou.

Ezio olhou rapidamente ao redor e localizou onde ficava o poço. Dele retirou água, rezando para que os atacantes não a tivessem envenenado, apesar de ela parecer bastante limpa e clara. Derramou um pouco em um vasilhame que encontrou e levou-o calmamente aos lábios do homem. Então umedeceu um pedaço de pano e limpou o sangue do rosto do sargento.

— Obrigado, amigo — disse ele.

Ezio percebeu que ele usava um distintivo desconhecido e imaginou que deveria ser o de Bartolomeo. Evidentemente as tropas de Bartolomeo haviam sido derrotadas pelas de Silvio.

— Foi um ataque surpresa — confirmou o sargento. — Alguma puta de Bartolomeo nos traiu.

— Para onde eles foram?

— Os homens do Inquisidor? Voltaram para o Arsenal. Montaram uma base lá pouco antes que o novo doge assumisse o comando. Silvio odeia o primo Agostino porque ele não faz parte do plano em que o Inquisidor está envolvido, seja ele qual for. — O homem tossiu sangue, mas se esforçou pra continuar. — Aprisionaram nosso capitão e o levaram com eles. É realmente engraçado, porque *nós* é que estávamos planejando atacá-*los*. Bartolomeo só estava esperando por um... mensageiro da cidade.

— Onde está o resto de seus homens?

O sargento tentou olhar ao redor.

— Os que não foram mortos ou aprisionados se dispersaram, tentaram se salvar. Devem estar escondidos em Veneza e nas ilhas da lagoa, mas precisam de alguém que os reúna. Esperarão por uma mensagem do capitão.

— E Silvio o aprisionou?

— Sim. Ele... — Porém, neste momento, o sargento infeliz começou a se esforçar para respirar. A luta terminou quando ele abriu a boca e uma enxurrada de sangue saiu, encharcando três metros da grama à frente. Quando o sangramento parou, seus olhos fitaram a lagoa sem vê-la.

Ezio fechou-os e cruzou seus braços sobre o peito.

— *Requiescat in pace* — disse, solenemente.

Então, ele apertou melhor o boldrié — também prendeu o braçal ao antebraço esquerdo, mas deixou de fora a adaga de dois gumes. Ao antebraço

direito, prendeu a lâmina com veneno que sempre fora tão útil em grandes adversidades. A pistola, a arma mais eficiente quando havia um único alvo certeiro, ele guardou no bolso da cinta com pólvora e chumbo, já que precisava recarregá-la a cada disparo. Guardou também a lâmina retrátil por precaução. Ele puxou o capuz por sobre a cabeça e seguiu em direção à ponte de madeira que ligava San Pietro a Castello. De lá foi discreta mas rapidamente até a rua principal que levava ao Arsenal. Percebeu que as pessoas ao redor estavam desanimadas, mas continuavam trabalhando como sempre. Seria necessário mais que uma guerra local para fazer parar completamente o comércio de Veneza, embora poucos cidadãos de Castello soubessem o quanto o resultado do conflito era importante para a cidade.

Ezio não sabia até então que aquele seria um combate que se estenderia por muitos e muitos meses, e certamente iria até o ano seguinte. Pensou em Cristina, na mãe, Maria, e na irmã, Claudia. Sentiu-se como um sem-teto que estava envelhecendo. Mas havia o Credo a servir e apoiar, e isso era mais importante que tudo. Talvez ninguém jamais soubesse que o mundo tinha sido salvo do domínio dos Templários pela seleta Ordem dos Assassinos, que jurara lutar contra sua hegemonia maligna.

Evidentemente, a primeira tarefa de Ezio era localizar e, se possível, libertar Bartolomeo d'Alviano, mas seria difícil chegar ao Arsenal. Cercado por altos e fortes muros de tijolo e contendo um aglomerado de prédios e estaleiros, o Arsenal ficava no limite ocidental do centro da cidade e era muito bem protegido pelo exército particular de Silvio, que parecia ter mais do que apenas os duzentos mercenários de que Agostino Barbarigo havia falado. Ezio, ao passar pelo portão principal recém-construído pelo arquiteto Gamballo, rodeou o perímetro externo dos edifícios ao qual se tinha acesso por terra até chegar a uma porta pesada com uma portinhola embutida. Observando à distância, viu que aquela discreta entrada era usada pelos guardas do lado de fora ao trocarem de turno. Teve de esperar sem chamar atenção durante quatro horas, mas na troca de turno seguinte estava pronto. O calor era extremo naquele fim de tarde, o clima, úmido, e todos com exceção de Ezio estavam apáticos. Ele observou os aliviados soldados marcharem pelo portão, que tinha apenas um guarda, e então seguiu os mercenários que saíam do expediente e tomou a retaguarda, misturando-se da

melhor forma possível. Assim que o último soldado passou, ele cortou a garganta do guarda posicionado ao portão e entrou sorrateiramente antes que alguém percebesse o que estava acontecendo. Como havia acontecido há alguns anos em San Gimignano, o exército de Silvio não era suficiente para cobrir toda a área que guardava, apesar de aquele ser o principal ponto militar da cidade. Não era de se espantar que Agostino não pudesse exercer qualquer poder significativo sem que tivesse o comando do exército ali.

Depois de entrar foi relativamente fácil se mover nos espaços abertos entre os enormes edifícios — o *Cordelie*, o *Artiglierie*, as torres de produção de chumbo para mosquetes e, acima de tudo, os estaleiros. Caso se escondesse nas sombras da tarde e tivesse cuidado para não ser visto pelas patrulhas do vasto complexo, Ezio sabia que ficaria bem, mas naturalmente seria obrigado a manter uma vigilância constante.

Guiado finalmente pelos sons de felicidade e risos de zombaria, encontrou o caminho para a lateral de um dos principais diques secos, no qual havia uma enorme galé. Ao lado de uma das imensas muralhas do dique, uma jaula de ferro fora pendurada. Nela estava Bartolomeo, um homem forte e vigoroso de trinta e poucos anos e, portanto, quatro ou cinco anos mais velho que Ezio. Ao redor dele havia vários mercenários de Silvio. Ezio pensou que teriam muito mais serventia se estivessem vigiando a área e não zombando de um inimigo que já estava preso sem chance de escapar, mas pensou que Silvio Barbarigo, mesmo sendo o Grande Inquisidor que era, não tinha experiência nenhuma no comando de tropas.

Ezio não sabia há quanto tempo Bartolomeo estava acorrentado na jaula; sem dúvida, havia muitas horas. Mas sua raiva e energia não pareciam ter sido afetadas por aquele martírio, o que era impressionante, considerando o fato de que muito provavelmente não lhe haviam dado nada para comer e beber.

— *Luridi codardi*! Covardes imundos! — gritou ele aos torturadores. Um deles, como Ezio reparou, tinha embebido uma esponja em vinagre e a empurrava contra os lábios de Bartolomeo com a ponta de uma lança, na esperança de que ele pensasse que fosse água. Bartolomeo a cuspiu.

— Vou acabar com você! Todos de uma vez só! Com apenas um braço... não, com os *dois* braços amarrados nas costas! Vou comê-los *vivos*! — Ele riu. —

Vocês devem estar imaginando como isso pode ser possível, mas esperem só até eu sair daqui e, com alegria, farei uma demonstração! *Miserabili pezzi di merda*!

Os guardas do Inquisidor riram em escárnio e cutucaram Bartolomeo com varas, fazendo a jaula balançar. Ela não tinha um fundo firme e Bartolomeo teve de agarrar as barras abaixo de si com os pés para manter o equilíbrio.

— Vocês não têm respeito! Nem valor! Nem virtude! — Ele juntou bastante saliva na boca para cuspir neles. — E as pessoas ainda se perguntam por que a estrela de Veneza começou a se apagar. — Então sua voz adquiriu certo tom de súplica. — Terei misericórdia com quem tiver coragem de me libertar. Todos os outros morrerão! Pelas minhas mãos! Eu juro!

— Poupe sua saliva! — gritou um dos guardas. — Ninguém além de você vai morrer hoje, seu saco de merda.

Durante todo esse tempo, Ezio, escondido nas sombras de uma colunata de tijolo que beirava a bacia onde algumas das galés de guerra menores estavam atracadas, pensava em uma maneira de salvar o *condottiero*. Dez guardas estavam ao redor da jaula, todos de costas para ele, e não havia mais ninguém à vista. Além disso, não estavam em serviço, portanto, não usavam armadura. Ezio verificou a adaga com veneno. Despachar os guardas não seria difícil. Ele havia marcado o tempo de passagem das patrulhas em serviço, que apareciam a cada intervalo de tempo em que a sombra do dique aumentava mais ou menos 8 centímetros. Porém, havia também o problema de soltar Bartolomeo e de mantê-lo quieto durante essa manobra, que teria de ser bem rápida. Ele pensou bastante: sabia que não tinha muito tempo.

— Que tipo de homem vende sua honra e sua dignidade em troca de umas moedas de prata? — berrou Bartolomeo, mas sua garganta estava ficando seca, e ele, sem forças, apesar de sua vontade inabalável.

— E não é isso o que você faz, seu idiota? Não é um mercenário como nós?

— Nunca servi a um traidor covarde, como vocês! — Os olhos de Bartolomeo cintilaram. Os homens abaixo dele ficaram momentaneamente intimidados. — Vocês acham que não sei por que me acorrentaram? Acham que não sei quem é o mestre-fantoche do Silvio, o chefe de vocês? Fujo da doninha que o controla desde quando a maioria de vocês ainda eram filhotes mamando nas tetas de suas mães!

Ezio agora ouvia interessado. Um dos soldados pegou metade de um tijolo e atirou com raiva. Ele atingiu inofensivamente as barras da jaula.

— Tudo bem, seus malditos! — gritou Bartolomeo, rouco. — Podem continuar brincando comigo! Juro que quando estiver fora desta jaula minha missão vai ser arrancar a cabeça de cada um de vocês e enfiá-las nos seus traseiros de mulherzinha! E vou trocar as cabeças também, já que vocês, seus vira-latas, não sabem diferenciar suas cabeças dos traseiros mesmo!

Os homens abaixo dele agora estavam ficando muito bravos. Ficou claro que só não o esfaqueavam até a morte com as lanças ou atiravam-lhe flechas porque deviam ter recebido ordens contrárias, considerando que ele estava pendurado na jaula sem poder se defender. Mas àquela altura, Ezio já havia percebido que o cadeado que segurava a porta da jaula era relativamente pequeno. Os captores se apoiavam no fato de que ela ficava suspensa. Sem dúvida acreditavam que o sol forte do dia e o frio da noite, aliados à desidratação e à fome, matariam Bartolomeo, a menos que ele cedesse e aceitasse falar. Mas, pelo visto, era algo que ele jamais faria.

Ezio sabia que precisava agir rápido. Em breve passaria uma patrulha em serviço. Liberou o mecanismo da adaga com veneno, andou com a velocidade e a leveza de um lobo e percorreu a distância em segundos. Passou pelo grupo de guardas e cortou cinco deles antes que os outros percebessem o que estava acontecendo. Sacou a espada e matou violentamente o resto, cujos inúteis golpes foram refletidos pela proteção de metal em seu braço esquerdo, enquanto Bartolomeo assistia a tudo boquiaberto. Por fim, Ezio se virou e olhou para cima.

— Consegue pular daí? — perguntou ele.

— Se conseguir abrir, posso pular como uma maldita pulga.

Ezio agarrou a lança de um dos soldados mortos. A ponta era de ferro, não de aço, e era soldada, não forjada. Mas serviria. Equilibrando-a na mão esquerda, ele se preparou, agachado, e lançou-se no ar, segurando-se nas barras externas da jaula.

Bartolomeo olhou-o com os olhos esbugalhados.

— Como diabo você fez isso? — perguntou ele.

— Treinando — respondeu Ezio com um sorriso estreito. Ele pressionou a

ponta da lança contra o ferrolho do cadeado e torceu-a. A tranca resistiu no começo e, então, quebrou-se. Depois de abrir a porta, Ezio deixou-se cair ao chão e pousou com a graça de um gato.

— Agora pule — ordenou ele. — Seja rápido.

— Quem é você?

Nervoso, Bartolomeo se apoiou contra a porta e pulou. Aterrissou pesadamente e ficou sem ar, mas quando Ezio o ajudou a se levantar, afastou seu salvador com orgulho.

— Estou bem — bufou ele. — Só não estou acostumado a fazer essas malditas acrobacias circenses.

— Não quebrou nenhum osso, então?

— Vá se danar, seja lá você quem for — respondeu Bartolomeo, sorrindo. — Mas tem minha gratidão! — E, para a surpresa de Ezio, ele lhe deu um abraço apertado. — Afinal, quem é você, o maldito arcanjo Gabriel?

— Meu nome é Auditore, Ezio.

— Bartolomeo d'Alviani. Muito prazer.

— Não temos tempo para isso — disparou Ezio. — Como você bem sabe.

— Não tente me ensinar a fazer o meu trabalho, acrobata — disse Bartolomeo, ainda bastante amigável. — De qualquer forma, fico lhe devendo uma!

Mas já haviam perdido muito tempo. Alguém deve ter visto o que acontecia do alto das muralhas, pois os sinos de alarme começaram a soar e patrulhas saíram dos prédios próximos para cercá-los.

— Venham, seus filhos da mãe! — berrou Bartolomeo, desferindo socos que faziam os de Dante Moro parecerem golpes de almofadas. Foi a vez de Ezio olhar para Bartolomeo com admiração enquanto ele abria caminho entre os soldados que avançavam. Juntos, lutaram até chegar à portinhola, e conseguiram sair.

— Vamos sair daqui! — exclamou Ezio.

— Não deveríamos acabar com mais alguns deles?

— Talvez seja melhor evitar conflitos por enquanto.

— Está com medo?

— Estou sendo prático. Sei que está com o sangue fervendo, mas cada um de

nós teria de enfrentar mil deles.

Bartolomeo refletiu sobre aquilo.

— Tem razão. Além disso, sou um comandante. Deveria pensar como um e não deixar que um qualquer como você me diga o que devo fazer. — Então, abaixou a voz e falou com um tom preocupado. — Só espero que minha pequena Bianca esteja bem.

Ezio não tinha tempo para questionar nem pensar sobre o comentário de Bartolomeo. Eles precisavam sair dali e foi o que fizeram, correndo pela cidade de volta para a base de Bartolomeo em San Pietro. Mas antes Bartolomeo fez dois desvios importantes, um até Riva San Basio e outro até Corte Nuova, para alertar os representantes desses lugares de que estava livre e a salvo e para reunir as tropas dispersas, os soldados que não haviam sido aprisionados.

Em San Pietro ao anoitecer, descobriram que vários *condottieri* de Bartolomeo haviam sobrevivido ao ataque. Agora saíam dos esconderijos e caminhavam entre os corpos já tomados por moscas, buscando enterrá-los e recolocar as coisas em ordem. Os homens se exaltaram ao ver o capitão novamente, mas ele estava distraído, correndo de um lado para o outro no acampamento e gritando com pesar:

— Bianca! Bianca! Onde está você?

— Quem ele está procurando? — perguntou Ezio a um sargento de armas. — Ela deve ser muito importante para ele.

— É sim, *Signore* — respondeu o sargento com um meio sorriso. — E muito mais confiável do que a maioria das representantes de seu sexo.

Ezio correu para alcançar seu novo aliado.

— Está tudo bem?

— O que você acha? Olhe o estado deste lugar! E a pobre Bianca! Se aconteceu algo com ela...

Com os ombros, o grandalhão derrubou uma porta, que já estava quase solta, e entrou em uma câmara que antes do ataque parecia ter sido usada para guardar mapas. Os mapas valiosos haviam sido mutilados ou roubados, mas Bartolomeo vasculhou os destroços e gritou triunfante:

— Bianca! Oh, minha querida! Graças a Deus você está bem!

Tinha puxado uma enorme espada de dentro dos escombros e a sacudiu,

gritando:

— Ahá! Você sobreviveu! Nunca duvidei disso! Bianca! Quero lhe apresentar... Qual é o seu nome mesmo?

— Ezio Auditore.

Bartolomeo falou, pensativo:

— É claro. Sua reputação vai longe, Ezio.

— Fico feliz.

— O que o traz aqui?

— Tenho dois assuntos a acertar com Silvio Barbarigo. Acho que ele já abusou da hospitalidade de Veneza.

— Silvio! Aquele bosta! Alguém precisa enfiá-lo latrina abaixo!

— Acho que poderei fazer isso, se puder contar com sua ajuda.

— Depois daquele resgate? Devo-lhe minha vida, que dirá minha ajuda!

— Quantos homens você comanda?

— Quantos sobreviveram, sargento de armas?

O sargento com quem Ezio havia falado anteriormente correu até eles e os cumprimentou:

— Doze, *Capitano*, contando comigo, com o senhor e o cavalheiro aqui.

— Treze! — gritou Bartolomeo, balançando Bianca.

— Contra uns duzentos — disse Ezio. Ele se voltou para o sargento de armas. — E quantos homens foram aprisionados?

— A maioria — respondeu ele. — O ataque nos pegou de surpresa. Alguns fugiram, mas os soldados de Silvio levaram a maioria acorrentada.

— Veja, Ezio — disse Bartolomeo. — Vou supervisionar o restante de meus homens que estão em liberdade. Limparei este lugar, enterrarei os mortos e reunirei todos aqui. Acha que enquanto isso pode libertar aqueles que Silvio aprisionou? Já que você é bom nisso...

— *Intensi*.

— Volte aqui com eles assim que puder. Boa sorte!

Ezio, com as armas do códex a postos, seguiu a oeste em direção ao Arsenal, mas se perguntava se Silvio teria mantido todos os homens de Bartolomeo presos ali. Não viu nenhum deles quando foi resgatar o capitão. No Arsenal, ficou escondido nas sombras do cair da noite e tentou ouvir a conversa dos

guardas parados ao longo das muralhas do perímetro.

— Já viu alguma jaula maior que essas? — perguntou um deles.

— Não. E os infelizes estão espremidos nelas como sardinhas. Acho que o capitão Barto não teria *nos* tratado assim, se *ele* é que tivesse vencido — respondeu o companheiro.

— É claro que trataria. E guarde seus nobres pensamentos para você, se quiser continuar com a cabeça sobre os ombros. Acho que devíamos acabar com eles. Por que não afundamos as jaulas nas bacias e afogamos todos eles?

Ouvindo isso, Ezio ficou nervoso. Havia três enormes bacias retangulares dentro do Arsenal, cada uma projetada para conter trinta galés. Elas ficavam ao norte do complexo, cercadas por grossas muralhas de tijolo e cobertas por pesados tetos de madeira. Sem dúvida, as jaulas — versões maiores daquela em que Bartolomeo ficou preso — estavam suspensas por correntes sobre a água de uma ou mais *bacini.*

— Cento e cinquenta homens treinados? Seria um desperdício. Silvio pretende fazê-los aderir à nossa causa por dinheiro — disse o segundo soldado.

— Bom, eles são mercenários como nós. Então, por que não?

— Exato! Só precisam ser um pouco amaciados primeiro. Precisam ver quem é que manda.

— *Spero di sì.*

— Graças a Deus eles não sabem que o comandante deles escapou.

O primeiro guarda deu uma cusparada:

— Ele não vai durar muito.

Ezio os deixou e foi até a portinhola que havia descoberto antes. Não havia tempo para esperar a troca da guarda, mas calculou-o pela distância entre a lua e o horizonte e concluiu que tinha algumas horas. Acionou a adaga retrátil — sua primeira arma do códex e sua favorita — e cortou a garganta do guarda velho e gordo que Silvio julgara adequado para servir naquele local sozinho, empurrando-o antes que o sangue do homem atingisse suas roupas. Rapidamente limpou a lâmina na grama, trocou-a pela adaga com veneno e fez o sinal da cruz sobre o corpo.

O complexo dentro das muralhas do Arsenal parecia diferente sob a luz da lua falciforme e de algumas estrelas, mas Ezio sabia onde ficavam as bacias e

seguiu em direção à primeira, margeando as muralhas e mantendo-se sempre atento aos soldados de Silvio. Ele espiou a penumbra das águas através dos arcos abertos, mas não viu nada além de galés balançando calmamente sob a meia-luz das estrelas. A segunda não foi diferente, mas, ao se aproximar da terceira, ouviu algumas vozes.

— Não é tarde demais para vocês se converterem à nossa causa. Apenas digam que sim e serão poupados — gritou um dos sargentos do Inquisidor em tom de zombaria.

Ezio, pressionando-se contra o muro, viu alguns guardas com as armas no chão, garrafas nas mãos e olhando para a escuridão do teto, de onde pendiam três enormes jaulas. Percebeu que um mecanismo invisível estava abaixando lentamente as jaulas em direção à água abaixo. Não havia nenhuma galé naquela bacia; apenas uma água negra e oleosa, de onde brotava algo invisível, mas assustador.

Entre os guardas do Inquisidor, havia um homem que não estava bebendo e que parecia em alerta constante, um homem enorme e horripilante. Ezio logo reconheceu Dante Moro! Então, com a morte de seu mestre Marco, o grandalhão havia transferido sua lealdade ao primo, Silvio, o Inquisidor, que já havia confessado antes sua admiração pelo segurança.

Ezio caminhou cuidadosamente pelas muralhas até chegar a uma grande caixa contendo um sistema aberto de engrenagens, polias e cordas que bem poderia ter sido projetado por Leonardo. Aquele era o mecanismo, controlado por um relógio de água, que abaixava as jaulas. Ezio sacou sua adaga comum da bainha do lado direito do cinto e a enfiou entre duas das engrenagens. O mecanismo parou bem a tempo: as imensas jaulas já estavam a poucos centímetros da água. Mas os guardas instantaneamente perceberam que a descida das jaulas havia cessado e alguns deles foram correndo até o dispositivo que a controlava. Ezio liberou a adaga com veneno e cortou-os quando o atacaram. Dois caíram do deque e gritaram brevemente antes de afundar na água negra e oleosa. Enquanto isso, Ezio correu em direção aos outros ao redor da bacia. Todos fugiram amedrontados, com exceção de Dante, que ficou onde estava e assomou sobre Ezio como uma torre.

— Agora você virou o cachorrinho de Silvio, não é? — disse Ezio.

— Melhor ser um cachorrinho vivo que um leão morto — respondeu Dante, se aproximando para atirar Ezio na água.

— Saia do meu caminho! — exclamou Ezio, se esquivando do golpe. — Meu problema não é com você!

— Ah, cale essa boca — disse Dante, agarrando Ezio pelo colarinho e batendo-o contra o muro da bacia. — Também não tenho nenhum problema sério com você. — Ele viu que Ezio estava atordoado. — Fique aí. Vou avisar meu mestre, mas voltarei para lhe dar de comida aos peixes, se me causar mais problemas!

E saiu. Ezio balançou a cabeça para clareá-la e levantou-se meio zonzo. Os homens nas jaulas gritaram e ele viu que um dos guardas de Silvio havia voltado se arrastando e estava prestes a retirar a adaga enfiada no mecanismo que abaixava a jaula. Ele agradeceu a Deus por não ter esquecido os velhos truques de atirar facas que aprendera em Monteriggioni: retirou uma faca do cinto e arremessou-a com uma precisão mortal. O guarda cambaleou grunhindo, tentando desesperadamente soltar a lâmina enterrada entre seus olhos.

Ezio apanhou um arpão de uma estante no muro atrás dele e, inclinando-se perigosamente sobre a água, puxou em sua direção a jaula mais próxima com habilidade. A porta estava fechada apenas por um pequeno ferrolho que ele puxou, soltando os homens presos ali dentro, que cambalearam sobre o cais. Com a ajuda deles, Ezio conseguiu puxar as outras jaulas e soltar os prisioneiros.

Apesar de exaustos por aquele martírio, eles o saudaram.

— Vamos! — gritou Ezio. — Tenho que levá-los de volta para o capitão!

Depois de derrotarem os guardas das bacias, voltaram a San Pietro, onde Bartolomeo e seus homens faziam uma reunião emocionada. Na ausência de Ezio, todos os mercenários que escaparam do ataque inicial de Silvio haviam retornado e o acampamento estava *in perfetto ordine* novamente.

— *Salute*, Ezio! — disse Bartolomeo. — Seja bem-vindo de volta! Bom trabalho, por Deus! Sabia que podia contar com você! — Segurou as mãos de Ezio entre as dele. — Você é mesmo o mais poderoso dos aliados. Alguém poderia até pensar que... — Mas ele se interrompeu e mudou de ideia. — Graças a você, meu exército recuperou a glória de antes. Agora nosso amigo Silvio verá como foi grave o erro que cometeu!

— Então, o que devemos fazer? Atacar diretamente o Arsenal?

— Não. Seríamos massacrados nos portões se atacássemos de frente. Acho que deveríamos infiltrar meus homens no bairro e fazer com que causem problemas por ali, para deixar a maior parte dos soldados de Silvio ocupada.

— Então, se o Arsenal estiver quase vazio...

— Você poderá tomá-lo com uma equipe selecionada.

— Vamos torcer para que ele morda a isca.

— Ele é um Inquisidor. Sabe como intimidar quem já está sob seu domínio, mas não é um soldado. O infeliz não tem capacidade nem para jogar xadrez decentemente!

Levou alguns dias para distribuir os *condottieri* de Bartolomeo nos bairros perto de Castello e do Arsenal. Quando tudo estava pronto, Bartolomeo e Ezio reuniram um pequeno grupo seleto de mercenários a fim de que ficassem escondidos para o ataque ao bastião de Silvio. Ezio escolheu pessoalmente os homens, com base na agilidade e habilidade com as armas.

Planejaram o assalto ao Arsenal com cuidado. Na noite da sexta-feira seguinte, tudo estava pronto. Um mercenário foi enviado ao topo da torre de San Martino e, quando a lua alcançou o ponto mais alto no céu, ele acendeu um enorme fogo de artifício projetado e fornecido pelo ateliê de Leonardo. Aquele era o sinal para o ataque. Com roupas de couro escuro, os *condottieri* da força-tarefa escalaram os muros do Arsenal nos quatro lados. Ao fim da escalada, andaram como fantasmas pela fortaleza e rapidamente renderam a guarda mínima que havia ali dentro. Não demorou para Ezio e Bartolomeo confrontarem os adversários mais perigosos: Silvio e Dante.

Dante, usando soqueiras de ferro, balançava um mangual imenso para proteger seu mestre. Era difícil para Ezio e Bartolomeo se aproximarem enquanto seus homens lutavam com os inimigos.

— Um belo exemplar da espécie, não é? — gralhou Silvio, a salvo nas ameias. — Você devia se sentir honrado em morrer pelas mãos dele!

— Vá para o inferno, seu merda! — gritou Bartolomeo em resposta. Ele conseguiu danificar o mangual com seu bastão de ferro e Dante, sem a arma nas mãos, recuou. — Vamos, Ezio! Precisamos pegar aquele *grassone bastardo*! — exclamou Bartolomeo.

Dante virou-se depois de pegar o que queria, um bastão de ferro afiado com pontas retorcidas, e enfrentou-os novamente. Investiu contra Bartolomeo e uma das pontas abriu um rasgo no ombro dele.

— Vou lhe dar o troco por isso, seu maldito saco de merda! — bradou Bartolomeo.

Enquanto isso, Ezio carregou a pistola e atirou em Silvio, mas errou. O tiro ricocheteou nos tijolos do muro e se transformou em uma chuva de faíscas e estilhaços.

— Acha que não sei por que está aqui, Auditore? — bramiu Silvio, apesar de estar claramente assustado com o tiro. — Chegou tarde demais! Não há nada que você possa fazer para nos impedir!

Ezio recarregou a arma e atirou de novo. Mas estava bravo e confuso com as palavras de Silvio, e mais uma vez o tiro errou o alvo.

— Ah! — disparou Silvio enquanto Dante e Bartolomeo lutavam. — Você finge não saber! Mas, depois que Dante acabar com você e seu amigo fortão, isso pouco importará. Você vai ter o mesmo destino do paspalho do seu pai! Sabe qual é o meu maior arrependimento? Não ter sido o carrasco que enforcou Giovanni. Como eu teria adorado puxar aquela alavanca e assistir ao infeliz do seu pai se contorcer, ofegar e balançar! E então é claro que sobraria tempo suficiente para cuidar do beberrão do seu tio, o *ciccione* Mario, e de sua mãe, Maria, que ainda dá para o gasto apesar das tetas caídas. E daquele moranguinho gostoso da sua irmã, Claudia. Há quanto tempo eu não como ninguém com menos de 25 anos! Pensando bem, deixaria essas duas últimas para a viagem — a coisa pode ficar bem solitária em alto-mar!

Pela névoa de fúria, Ezio se concentrou nas informações que os lábios sujos do Inquisidor expeliam loucamente junto com os insultos.

Naquele momento, os guardas de Silvio, em vantagem numérica, começaram a se organizar contra os soldados de Bartolomeo. Dante investiu mais um golpe contra Bartolomeo, atingindo-o nas costelas com a soqueira e fazendo-o vacilar. Ezio disparou uma terceira vez contra Silvio e desta vez o tiro atravessou as roupas do Inquisidor, passando rente ao pescoço. Ele cambaleou e Ezio viu uma linha fina de sangue escorrer, mas o homem não caiu. Silvio gritou um comando para Dante, que recuou, correu para se juntar ao mestre nas ameias e, com ele,

desapareceu do outro lado. Ezio sabia que além da muralha havia uma escada que levava ao cais e, gritando para que Bartolomeo o seguisse, correu para fora do campo de batalha a fim de interceptar os inimigos.

Ele os viu subir em um grande barco, mas notou a raiva e o desespero em seus rostos. Seguindo o olhar dos dois, viu uma enorme galé desaparecer pela lagoa em direção ao sul.

— Fomos traídos! — Ezio ouviu Silvio dizer a Dante. — O navio partiu sem nós! Malditos sejam! Tudo o que fiz foi ser fiel e é assim... *assim*... que eles me retribuem!

— Vamos usar este barco para alcançá-los — disse Dante.

— É tarde demais para isso e nunca chegaremos à ilha com um barco deste tamanho, mas ao menos podemos usá-lo para fugir desta catástrofe!

— Então vamos soltá-lo, *Altezza*.

— Vamos.

Dante se virou para a tripulação aterrorizada:

— Desamarrem! Icem as velas! Ânimo!

Naquele momento Ezio saiu das sombras, atravessou o cais e entrou no barco. Os marinheiros assustados se dispersaram, mergulhando na lagoa escura.

— Saia de perto de mim, assassino! — guinchou Silvio.

— Esse foi seu último insulto — disse Ezio, esfaqueando-o nos intestinos e fazendo devagar um corte de alto a baixo com as lâminas da adaga de dois gumes ao longo da barriga do Inquisidor. — E, pelo que disse sobre minha mãe e minha irmã, eu arrancaria suas bolas com isto aqui, se valesse a pena.

Dante ficou paralisado. Ezio fitou-o. O grandalhão parecia cansado.

— Acabou — disse Ezio. — Você se aliou à pessoa errada.

— Talvez sim — disse Dante —, mas vou matar você de qualquer forma, seu assassino imundo. Você já me cansou.

Ezio sacou a pistola e atirou. A bala atingiu Dante em cheio no rosto e ele caiu.

Ezio se ajoelhou perto de Silvio para lhe dar absolvição. Ele era sempre íntegro, lembrando-se de que deveria matar apenas se não houvesse alternativa e que o morto, que em breve não teria mais nenhum direito, deveria ao menos receber a extrema-unção.

— Aonde estava indo, Silvio? O que era aquela galé? Pensei que você quisesse ser doge.

Silvio deu um sorriso exausto.

— Era apenas uma distração... Íamos velejar...

— Para onde?

— Tarde demais. — Silvio sorriu, e morreu.

Ezio virou-se para Dante e apoiou sua cabeça enorme de leão na dobra do braço.

— Eles estão indo para Chipre, Auditore — informou Dante com voz rouca. — Talvez no fim eu possa redimir minha alma contando-lhe a verdade. Eles querem... Eles querem... — Mas, engasgando com o próprio sangue, o gigante morreu.

Ezio vasculhou as bolsas dos dois, mas não encontrou nada além de uma carta da esposa de Dante. Constrangido, leu:

> Amore *mio,*
> *Fico imaginando se chegará o dia em que essas palavras farão sentido novamente para você. Sinto muito pelo que fiz — por permitir que Marco me tirasse de você, por me divorciar de você e me casar com ele. Mas, agora que ele morreu, talvez ainda possa encontrar uma maneira de nos unirmos de novo. No entanto, pergunto-me se você ainda se lembra de mim. Ou as feridas que sofreu na batalha foram graves demais? Será que minhas palavras mexem, se não com sua memória, com seu coração? Talvez, porém, não importe o que elas dizem, porque sei que você está em algum lugar em meu coração. Encontrarei uma forma, meu amor. De lembrar você. De ter você de volta...*
>
> *Para sempre sua,*
> *Gloria*

Não havia endereço. Ezio dobrou a carta com cuidado e colocou-a na bolsa. Perguntaria a Teodora se ela conhecia essa história estranha e se poderia devolver a carta à remetente, com a notícia da morte do verdadeiro marido daquela criatura infiel.

Ele olhou para os corpos e fez o sinal da cruz sobre eles.

— *Requiescant in pace* — disse, tristemente.

Ezio ainda estava em pé de frente para os mortos quando Bartolomeo chegou, ofegante.

— Vejo que não precisou da minha ajuda, como sempre — disse ele.

— Já tomou de volta o Arsenal?

— Acha que eu estaria aqui caso contrário?

— Parabéns*!*

— *Evviva!*

Mas Ezio fitou o mar.

— Recuperamos Veneza, meu amigo — disse ele. — E Agostino pode governar sem temer mais os Templários. Mas acho que não terei muito descanso. Está vendo aquela galé no horizonte?

— Sim.

— Dante me disse no leito de morte que ela está indo para Chipre.

— Para quê?

— Isso, *amico*, é o que eu preciso descobrir.

21

Ezio nem podia acreditar que era o Dia de São João do ano de Nosso Senhor de 1487. Seu vigésimo oitavo aniversário. Estava sozinho na Ponte dei Pugni, inclinado sobre a balaustrada e olhando tristemente as águas do canal abaixo. Enquanto observava, um rato passou nadando, empurrando em direção a um buraco no muro negro às margens do canal uma carga de folhas de repolho roubadas da barca de um quitandeiro ali perto.

— Aí está você, Ezio! — disse uma voz animada, e ele pôde sentir o cheiro almiscarado de Rosa antes mesmo de se virar para cumprimentá-la. — Quanto tempo! Vou começar a achar que você está me evitando!

— Andei... ocupado.

— Claro que andou. O que Veneza faria sem você?

Ezio sacudiu a cabeça tristemente enquanto Rosa se inclinava na balaustrada ao lado dele, à vontade.

— Por que tão sério, *bello*? — perguntou ela.

Ezio olhou-a impassível e deu de ombros.

— Feliz aniversário para mim.

— É seu aniversário? Sério? Uau! *Rallegramenti!* Isso é maravilhoso!

— Eu não diria tanto — suspirou Ezio. — Faz mais de dez anos desde que vi meu pai e meus irmãos morrerem. Passei dez anos caçando os responsáveis, os homens da lista do meu pai e os que foram acrescentados a ela depois de sua morte. E sei que estou perto do fim agora... mas não estou mais perto de entender *para que*, na verdade, isso tudo serviu.

— Ezio, você dedicou a vida a uma boa causa. Ela o fez solitário, isolado,

mas de certa maneira foi sua vocação. E embora o instrumento que você usou para levar a causa adiante tenha sido a morte, você jamais foi injusto. Veneza é um lugar muito melhor agora do que jamais foi, graças a você. Então se anime. Seja como for, pois é seu aniversário, aqui está um presente. Em boa hora, como costuma acontecer!

Ela sacou um diário de bordo com aparência de oficial.

— Obrigado, Rosa. Não é bem o que eu havia imaginado que você me daria de aniversário. O que é?

— Só uma coisa que por acaso eu... peguei. É o livro com os manifestos de carga de navegação do Arsenal. A data em que sua galé negra partiu para Chipre no fim do ano passado está aí...

— Sério? — Ezio estendeu a mão para pegar o livro, mas Rosa provocativamente o afastou dele. — Me dê, Rosa. Isso não é uma brincadeira.

— Tudo tem seu preço... — sussurrou ela.

— Se você diz.

Ele a abraçou por um longo tempo. Ela se aninhou em seu peito e ele rapidamente lhe tomou o livro.

— Ei! Não é justo! — riu ela. — Enfim, só para lhe poupar o suspense, a volta daquela sua galé a Veneza está prevista para... amanhã!

— O que, eu me pergunto, eles poderiam trazer a bordo?

— Por que não estou surpresa de que alguém que não está a um milhão de quilômetros daqui irá descobrir?

Ezio sorriu.

— Vamos comemorar primeiro!

Mas naquele momento alguém familiar apareceu.

— Leonardo! — exclamou Ezio, muito surpreso. — Achei que você estivesse em Milão!

— Acabo de voltar — respondeu Leonardo. — Me disseram onde eu poderia encontrar você. Olá, Rosa. Desculpe, Ezio, mas precisamos conversar.

— Agora? Neste instante?

— Desculpe.

Rosa riu:

— Vão, garotos, divirtam-se, eu ficarei bem!

Leonardo conduziu um relutante Ezio para longe.

— É melhor isso ser importante — murmurou Ezio.

— Ah, é sim, é sim — disse Leonardo, tentando pôr panos quentes. Conduziu Ezio ao longo de diversas ruelas estreitas até chegarem ao seu ateliê. Leonardo se apressou a trazer vinho quente e bolinhos dormidos, além de uma pilha de documentos, que atirou em uma grande mesa sobre cavaletes no meio do estúdio.

— Mandei entregarem suas páginas do códex a Monteriggioni como prometi, mas antes não resisti a analisá-las um pouco mais e copiei minhas descobertas. Não sei por que nunca fiz a conexão antes, mas quando as reuni percebi que as marcas, símbolos e alfabetos antigos podem ser decodificados. E pelo jeito encontramos ouro, pois todas essas páginas são contíguas! — Ele se interrompeu. — Este vinho está quente demais! Saiba você que me acostumei com o San Colombano; esse Veneto é como mijo de mosquito em comparação.

— Continue — pediu Ezio, pacientemente.

— Escute só isso. — Leonardo pegou os óculos e os colocou sobre o nariz. Folheou os papéis e leu: — "O Profeta... surgirá... quando o Segundo Pedaço for levado à Cidade Flutuante..."

Ezio inspirou fundo ao ouvir estas palavras.

— Profeta? — repetiu. — "Apenas o Profeta poderá abri-lo..." "Dois Pedaços do Éden..."

— Ezio? — Leonardo o olhou interrogativamente, retirando os óculos. — O que foi? Isso o faz lembrar alguma coisa?

Ezio olhou para ele. Parecia estar chegando a algum tipo de decisão.

— Nós nos conhecemos há muito tempo, Leonardo. Se não puder confiar em você, então não há ninguém que... Escute! Meu tio Mario falou disso há muito tempo. Ele já decifrou outras páginas deste códex, assim como meu pai, Giovanni. Existe uma profecia escondida nele, uma profecia a respeito de uma câmara antiga e secreta, que guarda algo... algo muito poderoso!

— Mesmo? Isso é impressionante! — Mas então Leonardo pensou em outra coisa. — Olhe, Ezio, se descobrimos tudo isso a partir do códex, quanto Barbarigo e os outros contra os quais você tem investido não devem saber? Talvez também saibam da existência dessa câmara que você mencionou. E, se

souberem, isso não é bom.

— Espere! — disse Ezio, com o cérebro a mil. — E se for por isso que eles mandaram a galé até Chipre? Para *descobrir* este “Pedaço de Éden”! E *trazê-lo de volta a Veneza!*

— “Quando o Segundo Pedaço for levado à Cidade Flutuante”... É claro!

— Agora estou me lembrando! “O Profeta surgirá...” “Apenas o Profeta pode abrir a Câmara!” Meu Deus, Leo, quando meu tio me falou do códex eu era jovem demais, precipitado demais para imaginar que aquilo era mais do que as fantasias de um velho. Mas agora vejo claramente! O assassinato de Giovanni Mocenigo, a morte de meus parentes, o atentado à vida do duque Lorenzo e a morte horrível do irmão dele... tudo isso foi parte do plano *dele*: encontrar a Câmara. Dele, o primeiro nome da minha *lista!* Aquele a quem ainda tenho de riscar: *O Espanhol!*

Leonardo respirou fundo. Sabia de quem Ezio estava falando.

— Rodrigo Bórgia — disse num sussurro.

— Ele mesmo! — Ezio fez uma pausa. — A galé de Chipre chega amanhã. Planejo estar lá para recebê-la.

Leonardo o abraçou.

— Boa sorte, meu querido amigo — disse ele.

No amanhecer do dia seguinte Ezio estava de pé nas sombras da colunata perto do cais, equipado com as armas do códex e com uma bandoleira com facas de atirar. Observava atentamente enquanto um grupo de homens, vestidos em uniformes simples para evitar atrair atenção indesejada, mas exibindo discretamente o brasão do cardeal Rodrigo Bórgia, descarregavam um caixote simples e pequeno de uma galé negra que chegara recentemente de Chipre. Manuseavam o caixote com luvas de pele de cordeiro, e um deles, vigiado por uma escolta, apoiou-o no ombro e se preparou para afastar-se. Então Ezio percebeu que diversos outros guardas estavam carregando caixotes semelhantes nos ombros, cinco ao todo. Será que cada um dos caixotes continha algum artefato precioso, o segundo pedaço, ou seriam todos armadilhas... menos um? Os guardas se pareciam, pelo menos da distância a que Ezio seria obrigado a segui-los.

Justamente quando Ezio se preparava para ir atrás deles, notou outro homem observando o que estava acontecendo de um ponto privilegiado semelhante ao seu. Reprimiu o espanto ao reconhecer que aquele homem era seu tio, Mario Auditore; mas não havia tempo para saudá-lo ou conferir se era mesmo ele, pois o homem de Bórgia que levava o caixote já havia se afastado com sua escolta. Ezio os perseguiu a uma distância segura. Entretanto, uma pergunta o incomodava: será que aquele outro homem era realmente seu tio? Se sim, como ele tinha chegado a Veneza, e por que naquele exato momento?

Porém, precisou afastar aqueles pensamentos enquanto seguia os guardas de Bórgia, concentrando-se em não perder de vista aquele que carregava o caixote original (se é que era o que continha seja lá o que fosse um dos tais “Pedaços do Éden”).

Os guardas chegaram a uma praça de onde saíam cinco ruas. Cada guarda que levava um caixote, com sua escolta, ali escolheu uma direção diferente. Ezio pulou para a lateral de um prédio ali perto para poder acompanhar dos telhados o percurso de cada guarda. Observando atentamente, viu um deles deixar sua escolta, entrar no pátio de um edifício robusto de tijolos, colocar o caixote no chão e abri-lo. Logo veio se juntar a ele um sargento de Bórgia. Ezio movimentou-se nos telhados para ouvir a conversa entre os dois.

— O Mestre aguarda — disse o sargento. — Reembale isso com cuidado. Agora!

Ezio observou enquanto o guarda transferia o caixote a uma caixa de teca que um servo lhe trouxera do edifício. Pensou rápido. O Mestre! Pela sua experiência, quando os servos dos Templários mencionavam aquele título só podia ser em referência a um homem: Rodrigo Bórgia. Estavam obviamente reembalando o artefato verdadeiro numa tentativa de duplicar a segurança. Mas agora Ezio sabia exatamente qual dos guardas vigiar.

Deslizou para o nível do solo novamente e encurralou o guarda que levava a caixa de teca. O sargento havia saído para se juntar à escolta dos guardas do cardeal e agora esperava em frente ao pátio. Ezio teve tempo de cortar a garganta do guarda, tirar o corpo de vista e vestir seu uniforme, sua capa e seu capacete.

Estava prestes a pôr a caixa nos ombros quando a tentação de dar uma olhada rápida dentro dela o dominou, e ele abriu a tampa. Mas naquele momento o

sargento reapareceu no portão do pátio:

— Rápido!

— Sim, senhor! — respondeu Ezio.

— Merda, ânimo, pelo amor de Deus! Isso é provavelmente a coisa mais importante que você jamais vai fazer na vida. Está me entendendo?

— Sim, senhor.

Ezio assumiu seu lugar no centro de sua escolta e a unidade partiu.

Atravessaram a cidade na direção norte, a partir do Molo, até o Campo dei Santi Giovanni e Paolo, onde a enorme e recente estátua equestre feita por *Messere* Verrocchio do *condottiero* Colleone dominava a praça. Seguindo a Fondamenta dei Mendicanti novamente para o norte, chegaram finalmente a uma casa simples sobre um barranco que ficava em frente ao canal. O sargento bateu na porta com o punho da espada e ela imediatamente se abriu. O grupo de guardas apressou Ezio a entrar primeiro e depois o seguiu. A porta se fechou atrás deles, com ferrolhos pesados.

Estavam diante de uma arcada enfeitada de hera na qual estava sentado um homem de nariz adunco, entre os cinquenta e sessenta anos, trajando vestes de veludo púrpura empoeirado. Os homens se cumprimentaram. Ezio fez o mesmo, tentando não encarar os olhos gélidos cor de cobalto que ele conhecia tão bem. O Espanhol!

Rodrigo Bórgia falou com o sargento:

— Ela está mesmo aqui? Vocês não foram seguidos?

— Não, *Altezza.* Tudo se passou perfeitamente...

— Prossiga!

O sargento limpou a garganta.

— Seguimos suas ordens exatamente como especificado. A missão a Chipre foi mais difícil do que havíamos imaginado. Houve... complicações no início. Certos partidários da Causa... tiveram de ser abandonados em favor do nosso sucesso. Mas retornamos com o artefato. E o transportamos para o senhor com todo o cuidado, como *Su Altezza* instruiu. E, segundo nosso acordo, *Altezza*, agora aguardamos para ser generosamente recompensados.

Ezio sabia que não poderia deixar a caixa de teca e seu conteúdo cair nas mãos do cardeal. Naquele momento, quando o assunto desagradável mas

necessário do pagamento pelos serviços prestados veio à tona, e o fornecedor como sempre teve de persuadir o cliente a pagar o devido pelos serviços especiais realizados, Ezio agarrou a oportunidade. Como tantos ricos, o cardeal podia ser um sovina na hora de pagar. Ezio liberou a lâmina com veneno presa a seu antebraço direito e a adaga de dois gumes presa ao esquerdo e atacou o sargento, dando um único golpe no pescoço exposto do homem, o bastante para injetar o veneno mortal em sua corrente sanguínea. Rapidamente se virou para os cinco guardas da escolta, empunhando a adaga em uma das mãos e a lâmina com veneno sob o pulso direito e girando como um dervixe, usando movimentos rápidos e precisos para desferir golpes certeiros e letais. Momentos depois, todos os guardas jaziam mortos a seus pés.

Rodrigo Bórgia olhou para ele e soltou um pesado suspiro.

— Ezio Auditore. Ora, ora. Já faz algum tempo. — O cardeal parecia completamente imperturbado.

— *Cardinale*. — Ezio fez uma reverência irônica.

— Passe isso para mim — disse Rodrigo, indicando a caixa.

— Primeiro me conte onde ele está.

— Onde está quem?

— Seu Profeta! — Ezio olhou em torno. — Pelo visto ninguém apareceu por aqui. — Fez uma pausa e, mais seriamente, prosseguiu: — Quantas pessoas morreram por isso? Pelo que está nessa caixa? Mas, apesar de tudo, não há *ninguém* aqui!

Rodrigo soltou uma série de risadas, um som parecido com o de ossos chacoalhando.

— Você diz que não é um Crente — disse ele. — Entretanto, cá está você. Não está vendo o Profeta? Ele já está presente! *Eu sou o Profeta!*

Os olhos cinzentos de Ezio se arregalaram. O homem estava possuído! Mas que loucura estranha seria aquela, que parecia transcender tanto o curso racional quanto o natural da vida? Infelizmente, a reflexão de Ezio fez com que ele baixasse a guarda por algum tempo. O Espanhol sacou das suas vestes uma *schiavona*, uma espada leve mas de aparência letal, com pomo de cabeça de gato, e pulou da arcada, mirando a espada fina no pescoço de Ezio.

— Me dê a Maçã — vociferou ele.

— É isso o que tem na caixa? Uma maçã? Deve ser bastante especial — retrucou Ezio, enquanto na sua cabeça ecoava a voz do tio: *um pedaço do Éden.* — Venha buscar!

Rodrigo atacou Ezio com a espada, cortando sua túnica e arrancando sangue na primeira investida.

— Está sozinho, Ezio? Onde estão seus amigos Assassinos agora?

— Não preciso da ajuda deles para acabar com você!

Ezio usou as adagas para cortar e esfaquear, e o braçal do braço esquerdo para aparar os golpes de Rodrigo. Não conseguiu atingi-lo com a lâmina venenosa, mas a adaga de dois gumes perfurou a veste de veludo do cardeal e ele a viu manchar-se com o sangue do homem.

— Seu cretino! — gritou Rodrigo, com dor. — Estou vendo que vou precisar de ajuda para acabar com você! Guardas! Guardas!

De repente, uma dúzia de guardas portando o brasão dos Bórgia na túnica entraram no pátio onde Ezio e o cardeal se confrontavam. Ezio sabia que havia pouco veneno precioso no punho da adaga da mão direita. Pulou para trás, para melhor se defender dos reforços de Rodrigo, e então naquele momento um dos guardas abaixou-se para pegar a caixa de teca e entregá-la a seu Mestre.

— Obrigado, *uomo coraggioso!*

Enquanto isso, Ezio estava em séria desvantagem, mas lutava com uma frieza estratégica nascida do desejo absoluto de reaver a caixa e seu conteúdo. Golpeando com as lâminas do códex, estendeu o braço até a bandoleira com facas de atirar e arremessou com precisão mortal, derrubando primeiro o *uomo coraggioso* e depois, com uma segunda faca, a caixa das mãos retorcidas de Rodrigo.

O Espanhol estava se abaixando para pegá-la novamente e bater em retirada quando — *zum*! — outra faca de atirar sibilou pelos ares e bateu contra uma coluna de pedra a centímetros de seu rosto. Aquela faca, porém, não havia sido atirada por Ezio.

Ezio se virou e viu um homem familiar, jovial e barbudo atrás de si. Mais velho, talvez, e mais grisalho e gordo, porém não menos hábil.

— Tio Mario! — exclamou. — Sabia que o tinha visto antes!

— Não posso deixar você ficar com toda a diversão só para si — disse

Mario. — E não se preocupe, *nipote,* você não está sozinho!

Mas um guarda de Bórgia já vinha para cima de Ezio com a alabarda erguida. No instante em que poderia dar o golpe trucidante que teria enviado Ezio à noite sem fim, um tiro de besta surgiu como se por golpe de mágica e a flecha enterrou na testa do homem. Ele deixou pender a alabarda e caiu para a frente, com um olhar de descrença gravado no rosto. Ezio se virou mais uma vez e viu: *La Volpe!*

— O que está fazendo aqui, Raposa?

— Ouvimos falar que você poderia precisar de retaguarda — respondeu Raposa, recarregando rapidamente a besta enquanto mais guardas começavam a surgir do prédio. Mais reforços, nas figuras de Antonio e Bartolomeo, surgiram no lado de Ezio.

— Não deixem Bórgia escapar com essa caixa! — berrou Antonio.

Bartolomeo usava sua espada montante, Bianca, como uma gadanha, abrindo uma faixa através das fileiras de guardas enquanto eles tentavam dominá-lo apenas pela vantagem numérica. Mas, aos poucos, a maré da batalha virou a favor dos Assassinos e de seus aliados.

— Agora eles estão dominados, *nipote!* — gritou Mario. — Olhe só para o Espanhol!

Ezio se virou e viu Rodrigo seguindo em direção a uma porta nos fundos da arcada. Apressou-se para impedi-lo, mas o cardeal, de espada em punho, já o aguardava.

— Esta é uma batalha perdida para você, meu rapaz — vociferou. — Você não pode impedir o que está escrito! Vai morrer pela minha mão, tal como seu pai e seus irmãos, pois a morte é o destino que aguarda todos os que tentam desafiar os Templários.

Faltava, contudo, convicção na voz de Rodrigo e, olhando em torno, Ezio viu que o último dos guardas havia tombado. Bloqueou a fuga de Rodrigo na frente da porta, erguendo sua própria espada, e se preparou para atacar, dizendo:

— Isso é por meu pai!

Mas o cardeal se desviou do golpe e desequilibrou Ezio, e ao mesmo tempo deixou cair a preciosa caixa enquanto escapava pela porta para salvar a própria pele.

— Não se engane! — anunciou ele com ódio ao sair. — Eu sobrevivo para lutar novamente! E então vou garantir que sua morte seja tão dolorosa quanto lenta.

E se foi.

Ezio, ofegante, tentava recuperar o fôlego e lutava para se levantar quando a mão de uma mulher se estendeu para ajudá-lo. Ao olhar para cima, viu a dona da mão... Paola!

— Ele foi embora — disse ela, sorrindo. — Mas não importa. Temos aquilo que viemos buscar.

— Não! Não ouviu o que ele disse? Preciso ir atrás dele e acabar com isso!

— Acalme-se — disse outra mulher, recém-chegada. Era Teodora. Olhando ao redor para as pessoas ali reunidas, Ezio viu todos os seus aliados: Mario, Raposa, Antonio, Bartolomeo, Paola e Teodora. E ainda havia mais alguém: um jovem de pele clara e cabelos escuros, com um rosto pensativo e bem-humorado.

— O que vocês todos estão fazendo aqui? — perguntou Ezio, sentindo a tensão entre eles.

— Talvez o mesmo que você, Ezio — respondeu o jovem estranho. — Esperando pelo Profeta.

Ezio estava confuso e irritado.

— Não! Eu vim para matar o Espanhol! Não me importo com seu Profeta, se é que ele existe. Com certeza aqui ele não está.

— Não? — O jovem fez uma pausa, olhando diretamente para Ezio. — *Você* está.

— O quê?

— A chegada de um profeta foi prevista. E você esteve entre nós por tanto tempo sem que desconfiássemos da verdade! Todo o tempo, era você Aquele que buscávamos.

— Não entendo. Quem é você, afinal?

O jovem esboçou uma reverência.

— Meu nome é Nicolau di Bernardo Maquiavel. Sou membro da Ordem dos Assassinos, treinado ao modo antigo para preservar o futuro da humanidade. Tal como você, tal como todos os homens e mulheres aqui presentes.

Ezio, estupefato, olhava de um rosto para o outro.

— É verdade, tio Mario? — disse ele por fim.

— Sim, meu rapaz — respondeu Mario, dando um passo à frente. — Todos nós o orientamos durante anos, ensinando-lhe todas as habilidades de que você precisaria para se juntar às nossas fileiras.

A cabeça de Ezio estava cheia de perguntas. Não sabia por onde começar.

— Preciso lhe pedir notícias de minha família — disse ele a Mario. — Minha mãe, minha irmã...

Mario sorriu.

— Você está certo em pedir isso. Elas estão seguras e bem. Não estão mais no convento, mas sim em minha casa em Monteriggioni. Maria sempre será afetada pela tristeza de sua perda, mas tem muito com o que se consolar agora que se dedica ao trabalho de caridade com a abadessa. Quanto a Claudia, a abadia percebeu muito antes dela mesma que a vida de freira não era ideal para uma mulher de seu temperamento e que havia outras maneiras em que ela poderia servir a Nosso Senhor. Ela foi liberada de seus votos, casou-se com meu capitão sênior e logo, Ezio, lhe dará um sobrinho ou sobrinha.

— Excelentes notícias, tio. Nunca gostei muito da ideia de Claudia passando a vida em um convento. Mas tenho muito mais perguntas a lhe fazer.

— Em breve haverá tempo para isso — interrompeu Maquiavel.

— Ainda há muito a ser feito antes de podermos ver aqueles a quem amamos e celebrar — declarou Mario. — E talvez jamais possamos fazer isso. Obrigamos Rodrigo a abandonar sua caixa, mas ele não vai descansar até tê-la de volta. Precisamos guardá-la com nossas próprias vidas.

Ezio olhou ao redor do círculo dos Assassinos e notou pela primeira vez que cada um deles tinha uma marca ao redor da base do dedo esquerdo. Porém estava óbvio que no momento não havia tempo para mais perguntas. Mario disse a seus colegas:

— Acho que é hora...

Gravemente eles concordaram. Antonio sacou um mapa e o desdobrou, mostrando a Ezio um ponto ali marcado.

— Encontre-nos aqui ao pôr do sol — declarou ele em tom solene e autoritário.

— Venham — disse Mario aos outros.

Maquiavel se encarregou da caixa e de seu conteúdo precioso e misterioso, e os Assassinos saíram silenciosamente, deixando Ezio sozinho.

* * *

Veneza estava estranhamente vazia naquela noite, e a grande praça em frente à basílica, silenciosa e deserta, a não ser pelos pombos, seus habitantes permanentes. O campanário se erguia a uma altura vertiginosa acima da cabeça de Ezio quando ele começou a escalá-lo, mas mesmo assim ele não hesitou. A reunião à qual fora convocado certamente traria as respostas a algumas de suas perguntas, e, embora soubesse no fundo do coração que acharia algumas dessas respostas assustadoras, sabia também que não lhes podia virar as costas.

Ao se aproximar do topo ouviu sussurros. Finalmente alcançou a obra de pedra talhada no cume extremo da torre e se pendurou no vão do campanário. Um círculo havia sido aberto e os sete Assassinos, todos usando capuzes, estavam espalhados ao redor dele. Um fogo ardia em um pequeno braseiro no meio.

Paola o tomou pela mão e o levou até o centro, enquanto Mario começava a murmurar um encantamento:

— *Laa shay'a waqi'un moutlaq bale koulon moumkine*... Estas são as palavras pronunciadas por nossos ancestrais, que repousam no coração de nosso Credo...

Maquiavel deu um passo à frente e olhou firme para Ezio:

— Onde outros homens cegamente seguem a verdade, lembre-se...

E Ezio continuou o resto da frase como se a vida inteira soubesse:

— ...nada é verdade.

— Onde outros homens são limitados pela moralidade ou pela lei — prosseguiu Maquiavel —, lembre-se...

— ...tudo é permitido.

Maquiavel disse:

— Trabalhamos na escuridão, para servir à luz. Somos Assassinos.

Então os demais se juntaram, entoando em uníssono:

— Nada é verdade, tudo é permitido. Nada é verdade, tudo é permitido. Nada

é verdade, tudo é permitido...

Depois que terminaram, Mario tomou a mão esquerda de Ezio.

— Chegou a hora — disse-lhe. — Nesta época de modernidade, não somos tão literais quanto nossos ancestrais. Não exigimos o sacrifício de um dedo. Mas o selo com que nos marcamos é permanente. — Segurou a respiração. — Está preparado para se juntar a nós?

Ezio, como se num sonho, mas de algum modo sabendo o que fazer e o que estava por vir, estendeu a mão sem hesitar.

— Estou — respondeu.

Antonio se aproximou com o braseiro e dele retirou um ferro de marcar vermelho incandescente que terminava em dois semicírculos, os quais podiam ser unidos usando-se uma alavanca no cabo. Então apanhou a mão de Ezio e isolou o dedo correto.

— Isso só dói por algum tempo, irmão — disse. — Como tantas outras coisas.

Pressionou o ferro sobre o dedo e, unindo os dois semicírculos de metal incandescente ao redor da sua base, marcou-o. Aquilo cozinhou a carne, soltando um cheiro de queimado, mas Ezio não recuou. Antonio rapidamente retirou o ferro e o colocou de forma segura a um canto. Então os Assassinos retiraram os capuzes e se juntaram ao redor dele. Tio Mario deu-lhe um tapinha orgulhoso nas costas. Teodora sacou uma pequena ampola de vidro contendo um líquido ralo e claro que ela delicadamente esfregou no anel para sempre queimado ao redor do dedo de Ezio.

— Isso vai aliviar a dor — disse ela. — Estamos orgulhosos de você.

Então Maquiavel ficou na frente dele e lhe acenou significativamente com a cabeça.

— *Benvenuto*, Ezio. Você agora é um de nós. Só falta concluir a sua cerimônia de iniciação e então... então, meu amigo, temos trabalho sério pela frente!

Dito aquilo, olhou por sobre a beirada do campanário. Lá embaixo, diversos fardos de feno haviam sido empilhados a pouca distância em vários pontos ao redor — alimento para cavalo destinado ao Palazzo Ducale. Parecia impossível a Ezio que, daquela altura, alguém conseguisse dirigir sua queda com precisão o

bastante para aterrissar em um daqueles alvos minúsculos, mas foi justamente o que Maquiavel fez, deixando a capa esvoaçar ao vento ao saltar. Seus companheiros o seguiram, e Ezio assistiu com um misto de horror e admiração enquanto cada um fazia uma aterrissagem perfeita e depois se reuniam, olhando-o com o que ele esperava ser uma expressão de encorajamento.

Mesmo acostumado a pular sobre telhados, nunca havia se jogado de uma altura daquelas. Os fardos de feno pareciam do tamanho de fatias de polenta, mas ele sabia que não havia outro jeito de tornar a voltar ao chão que não este; e que, quanto mais hesitasse, mais difícil seria. Inspirou fundo uma ou duas vezes e depois se lançou para a frente e para baixo dentro da noite, com os braços erguidos em um salto de anjo perfeito.

A queda pareceu levar horas enquanto o vento assoviava em seus ouvidos, agitando e sacudindo suas roupas e seu cabelo. Então os fardos de feno vieram a seu encontro. No último momento, ele fechou os olhos...

...e caiu direto sobre o feno! Todo o fôlego fugiu-lhe do corpo, mas enquanto se levantava trêmulo descobriu que não havia quebrado nenhum osso e que estava, na verdade, exultante.

Mario foi até ele, com Teodora a seu lado.

— Acho que ele vai dar conta do recado, e você? — perguntou Mario a Teodora.

No meio daquela noite Mario, Maquiavel e Ezio se sentaram ao redor da grande mesa sobre cavaletes no ateliê de Leonardo. O artefato peculiar a que Rodrigo Bórgia havia dado tanto valor repousava à frente deles, e todos o olhavam com curiosidade e espanto.

— É fascinante — comentou Leonardo. — Absolutamente fascinante.

— O que foi, Leonardo? — perguntou Ezio. — O que isso faz?

Leonardo respondeu:

— Bem, até agora, estou desconcertado. Ele contém segredos sombrios, e seu projeto é diferente de qualquer coisa que já vi no mundo antes, eu diria... Com certeza nunca vi nenhum projeto tão sofisticado... E, da mesma forma que eu não conseguiria explicar por que a Terra gira em torno do Sol, não conseguiria *explicá-lo* a vocês.

— Certamente você quis dizer "o Sol gira em torno da Terra", não? — disse Mario, lançando um olhar esquisito a Leonardo. Mas Leonardo continuou examinando a máquina, girando-a cuidadosamente entre as mãos, e ao fazê-lo ela começou a brilhar em resposta, com uma luz fantasmagórica, interior, própria.

— É feito de materiais que não deveriam, pela lógica, existir — prosseguiu Leonardo, intrigado. — E contudo é claramente um aparato bastante antigo.

— Há referências a ele nas páginas do códex que temos — interrompeu Mario. — Eu o reconheço pela descrição que há nelas. O códex o chama de "Pedaço do Éden".

— E Rodrigo o chamou de "a Maçã" — acrescentou Ezio.

Leonardo olhou-o duramente.

— Como a Maçã da Árvore da Sabedoria? A maçã que Eva deu a Adão?

Todos se viraram para olhar o objeto mais uma vez, que havia começado a brilhar com mais força e com efeito hipnótico. Ezio sentiu cada vez mais vontade, por motivos que não conseguia imaginar, de estender a mão e tocá-lo. Não sentia calor nenhum vindo dele, mas contudo junto com o fascínio veio uma sensação de perigo inerente, como se tocá-lo pudesse fazer com que raios o atingissem. Não percebia mais a presença dos outros; parecia que o mundo ao seu redor tinha se tornado escuro e frio, e nada mais existia fora ele e aquela... coisa.

Observou sua mão se mover para a frente, como se não fizesse mais parte de seu corpo, como se não tivesse controle sobre ela, e por fim ela pousou firmemente sobre o lado macio do artefato.

A primeira reação que teve foi de choque. A Maçã parecia metálica, mas ao toque era quente e macia, como a pele de uma mulher, como se estivesse *viva!* Mas não houve tempo para refletir a respeito, pois sua mão logo foi repelida, e no instante seguinte o brilho interior do aparato, que estivera aumentando cada vez mais, de repente explodiu em um caleidoscópio cegante de luz e cor. Dentro daquele caos rodopiante Ezio distinguiu formas. Por um momento, desviou os olhos do objeto para olhar seus companheiros. Mario e Maquiavel haviam se virado de costas, com os olhos fechados com força e as mãos cobrindo a cabeça de medo ou dor. Leonardo estava transfigurado, os olhos arregalados,

boquiaberto de espanto. Ezio tornou a olhar o objeto e viu as formas começarem a se aglutinar. Um grande jardim apareceu, cheio de criaturas monstruosas; havia uma cidade escura incendiando-se, enormes nuvens com forma de cogumelos e maiores que catedrais e palácios; um exército em marcha, mas um exército diferente de qualquer um que Ezio já tinha visto ou mesmo imaginado que pudesse existir; pessoas famintas em uniformes listrados sendo levadas para dentro de edifícios de tijolos por homens com chicotes e cachorros; chaminés altas soltando fumaça; estrelas e planetas em espirais; homens de armadura estranha girando na escuridão do espaço — e ali também estavam outro Ezio, outro Leonardo, outro Mario e outro Maquiavel, e cada vez mais cópias deles, os bobos do próprio tempo, girando incontrolavelmente e sem parar pelos ares, brinquedos de um vento poderoso que agora de fato parecia rugir ao redor da sala onde eles estavam.

— Faça isso parar! — berrou alguém.

Ezio rangeu os dentes, e, sem saber direito por quê, segurou o pulso direito com a mão esquerda e se forçou novamente a tocar aquela coisa.

Na mesma hora, aquilo parou. A sala reassumiu suas características e proporções normais. Os homens se entreolharam. Nenhum fio de cabelo estava fora do lugar. Os óculos de Leonardo continuavam sobre seu nariz. A Maçã repousava inerte sobre a mesa, um pequeno objeto simples que pouca gente teria olhado duas vezes.

Leonardo foi o primeiro a falar.

— Isso *jamais* deverá cair em mãos erradas — disse ele. — Enlouqueceria as mentes mais fracas...

— Concordo — disse Maquiavel. — Eu mal pude suportar, mal pude acreditar em seu poder. — Com cuidado, depois de calçar luvas, ele apanhou a Maçã e a reembalou em sua caixa, fechando bem a tampa.

— Vocês acham que o Espanhol sabe o que essa coisa faz? Acham que ele consegue controlá-la?

— Ele *jamais* deverá pôr as mãos nela — respondeu Maquiavel com determinação. Estendeu a caixa a Ezio. — Você precisa cuidar disso e protegê-la com todas as habilidades que lhe ensinamos.

Ezio pegou a caixa cautelosamente e assentiu.

— Leve-a para Forlì — disse Mario. — A cidadela de lá é murada, protegida por canhões, e está nas mãos de uma de nossas maiores aliadas.

— E quem seria ela? — perguntou Ezio.

— Ela se chama Caterina Sforza.

Ezio sorriu.

— Agora me lembro... Uma velha conhecida, que ficarei feliz de rever.

— Então faça os preparativos para partir.

— Eu o acompanharei — acrescentou Maquiavel.

— Ficarei grato por isso — sorriu Ezio, e se virou para Leonardo. — E você, *amico mio*?

— Eu? Quando terminar meu trabalho aqui, voltarei a Milão. O duque de lá é bom para mim.

— Você precisa ir a Monteriggioni também, quando estiver perto de Florença e tiver tempo — disse Mario.

Ezio olhou para o melhor amigo:

— Até logo, Leonardo. Espero que nossos caminhos voltem a se cruzar um dia.

— Tenho certeza de que irão — respondeu Leonardo. — E, se precisar de mim, Agniolo, em Florença, sempre saberá onde me encontrar.

Ezio o abraçou.

— Adeus.

— Um presente de despedida — disse Leonardo, entregando-lhe um saco. — Balas e pólvora para sua pequena pistola e uma bela ampola de veneno para aquela sua adaga tão útil. Espero que não precise, mas é importante para mim saber que você está o mais protegido possível.

Ezio o olhou emocionado.

— Obrigado... obrigado por tudo, meu mais antigo amigo.

22

Depois de uma longa jornada sem imprevistos de galé, Ezio e Maquiavel chegaram de Veneza a Ravenna, onde foram recebidos pela própria Caterina e alguns membros de seu séquito.

— Mandaram uma mensagem dizendo que vocês estavam a caminho, por isso pensei em vir acompanhá-los pessoalmente até Forlì — disse ela. — Vocês foram sábios, acredito, de viajar em uma das galés do doge Agostino, pois as estradas muitas vezes não são seguras e temos problemas com bandoleiros. Não que eles fossem dar muito trabalho a *você*, eu acho — acrescentou ela, lançando um olhar apreciativo a Ezio.

— Estou honrado por haver se lembrado de mim, *Signora*.

— Bem, faz muito tempo, mas você certamente causou boa impressão. — Ela se virou para Maquiavel. — É bom vê-lo de novo também, Nicolau.

— Vocês se conhecem? — perguntou Ezio.

— Nicolau me aconselhou em... certas questões de Estado. — Ela mudou de assunto. — Mas ouvi falar que você se tornou um Assassino completamente maduro. Parabéns.

Eles chegaram à carruagem de Caterina, mas ela avisou aos servos que preferia ir a cavalo, já que o dia estava lindo e a distância não era grande. Os cavalos foram selados e, depois de montarem, Caterina convidou Ezio a cavalgar a seu lado.

— Você vai amar Forlì. E estará a salvo lá. Nossos canhões protegem a cidade há mais de um século e a cidadela é impenetrável.

— Desculpe, *Signora*, mas há uma coisa que me intriga...

— Por favor, conte o que é.

— Nunca ouvi falar de uma mulher governando uma cidade-Estado. Estou impressionado.

Caterina sorriu:

— Bem, ela estava nas mãos de meu marido antes, claro. Lembra-se dele? Um pouco? Girolamo. — Ela fez uma pausa. — Bem, ele morreu...

— Lamento muito.

— Não lamente — respondeu ela simplesmente. — Eu mandei assassiná-lo.

Ezio tentou esconder seu espanto.

— A questão era a seguinte — interrompeu Maquiavel. — Descobrimos que Girolamo Riario estava trabalhando para os Templários. Estava prestes a terminar um mapa mostrando a localização das páginas remanescentes do códex que ainda não foram encontradas...

— Eu nunca gostei mesmo daquele maldito filho da puta — disse Caterina, sem expressão. — Era um pai relapso, tedioso na cama, de modo geral, um chato. — Ela fez uma pausa, refletindo. — Saiba você que tive dois outros maridos desde então; bastante superestimados, se quer saber.

Foram interrompidos pela visão de um cavalo só que galopava em sua direção. Caterina despachou um de seus batedores atrás dele, enquanto o resto do grupo seguia caminho até Forlì. A essa altura os servos dos Sforza haviam desembainhado as espadas. Logo encontraram uma carroça virada, com as rodas ainda girando, rodeada de cadáveres.

Caterina franziu a testa e atiçou o cavalo a seguir em frente, sendo seguida de perto por Ezio e Maquiavel.

Pouco à frente na estrada, encontraram um grupo de camponeses locais, alguns feridos, que se dirigiram até eles.

— O que está havendo? — interpelou Caterina a uma mulher na frente do grupo.

— *Altezza* — respondeu a mulher, com lágrimas rolando pelo rosto. — Eles chegaram quase na mesma hora em que a senhora partiu. Estão se preparando para sitiar a cidade!

— Eles quem?

— Os irmãos Orsi, *Madonna*!

— *Sangue di Giuda!*

— Quem são os Orsi? — indagou Ezio.

— Os mesmos bastardos que contratei para matar Girolamo — vociferou Caterina.

— Os Orsi trabalham para qualquer um que pague bem — observou Maquiavel. — Não são muito inteligentes, mas infelizmente têm a reputação de fazer bem seu serviço. — Ele fez uma pausa, imerso em pensamentos. — O Espanhol deve estar por trás disso.

— Mas como ele poderia saber para onde estamos levando a Maçã?

— Não estão atrás da Maçã, Ezio; estão atrás do Mapa de Riario, que continua em Forlì. Rodrigo precisa saber onde estão escondidas as outras páginas do códex, e não podemos deixar que ele ponha as mãos no Mapa!

— Que importa o Mapa! — gritou Caterina. — Meus filhos estão na cidade. Ah, *porco demonio!*

Esporearam os cavalos a galope até conseguirem avistar a cidade. Fumaça se erguia de dentro das muralhas, mas viram que os portões estavam fechados. Havia homens ao longo das ameias exteriores, sob o brasão do urso com arbusto da família Orsi. Porém, dentro da cidade, a cidadela sobre o monte ainda exibia a bandeira dos Sforza ao vento.

— Parece que dominaram pelo menos parte de Forlì, mas não a cidadela — disse Maquiavel.

— Desgraçados traidores! — vociferou Caterina.

— Existe algum jeito de eu entrar na cidade sem que me vejam? — perguntou Ezio, juntando as armas do códex e atando-as prontamente, enquanto mantinha a pistola e a lâmina retrátil dentro do alforje.

— Há uma possibilidade, caro — disse Caterina. — Mas vai ser difícil. Existe um velho túnel que passa sob a muralha oeste a partir do canal.

— Então vou tentar — respondeu Ezio. — Preparem-se. Se eu conseguir abrir os portões da cidade por dentro, estejam prontos para cavalgar como loucos. Se conseguirmos chegar à cidadela e o povo de lá enxergar seu brasão e deixar que entrem, então estaremos seguros o bastante para planejar a próxima etapa.

— Que será enforcar esses cretinos e assisti-los balançarem ao vento! —

rosnou Caterina. — Mas vá, Ezio, e boa sorte! Vou pensar em algo para distrair a atenção das tropas dos Orsi.

Ezio desmontou e correu ao redor das muralhas a oeste, mantendo o corpo abaixado e se abrigando atrás de elevações e arbustos. Enquanto isso, Caterina ficou de pé em seus estribos e provocou o inimigo no interior dos muros da cidade:

— Ei, vocês! Estou falando com *vocês*, seus *cachorros* sem tutano. Ocuparam a *minha* cidade? *Meu* lar? E acham mesmo que não vou fazer nada a respeito? Ah, eu vou aí em cima arrancar fora seus *coglioni*... se é que vocês têm algum!

Então, grupos de soldados apareceram nas ameias e olharam para Caterina, meio divertidos e meio intimidados, enquanto ela prosseguia:

— Que tipo de homens são vocês, que cumprem as ordens de seus patrões em troca de um punhado de moedas? Eu me pergunto se vocês vão achar que valeu a pena depois que eu subir aí, cortar fora suas cabeças, mijar nos seus pescoços e enfiar seus rostos na minha *figa*! Vou enfiar suas bolas num garfo e assá-las no fogo da minha cozinha! Que tal *isso*, hein?

Àquela altura já não havia nenhum homem vigiando as ameias do lado oeste. Ezio encontrou o canal livre, nadou por ele e localizou a entrada do túnel, coberta por vegetação. Saiu da água e entrou nas profundezas negras do túnel.

Seu interior era bem conservado e seco, e tudo o que precisou fazer foi seguir em frente até ver a luz do outro lado. Aproximou-se com cautela, e então ouviu de novo a voz de Caterina. O túnel terminava em um pequeno lance de escadas de pedra que levava a uma sala nos fundos do térreo de uma das torres do lado oeste de Forlì. Estava deserta, Caterina havia reunido uma multidão e tanto. Por uma janela ele viu a maioria dos homens dos Orsi de costas, assistindo e às vezes até aplaudindo o espetáculo de Caterina.

— ...se eu fosse homem, arrancava fora esses risinhos da cara de vocês! Mas não pensem que não vou me esforçar ao máximo mesmo assim. Não se enganem pelo fato de eu ter tetas... — Ela teve uma ideia. — Aposto que gostariam de vê-las, não é? Aposto que gostariam de tocá-las, lambê-las, apertá-las! Bom, por que não vêm até aqui e tentam? Vou chutar suas bolas com tanta força que elas vão voar pelas suas narinas! *Luridi branco di cani bastardi!* É melhor fazerem as

malas e irem para casa enquanto ainda podem, se não quiserem ser empalados e espalhados ao longo das muralhas da minha cidadela! Ah! Mas quem sabe eu esteja errada? Quem sabe vocês até não *gostariam* de ter um pau comprido de madeira enfiado no rabo? Vocês me enojam; fico até pensando se valem o meu esforço. Nunca vi um bando de merdas tão vulgar. *Che vista penosa!* Acho que isso não faria muita diferença para vocês como *homens* nem se eu os castrasse.

Àquela altura Ezio já estava na rua. Viu o portão mais próximo de onde Caterina e Maquiavel estavam. Em cima de sua arcada havia um arqueiro, perto da alavanca pesada que operava o portão. Movendo-se tão silenciosa e rapidamente quanto podia, subiu até o topo da arcada e deu uma única facada no pescoço do soldado, matando-o instantaneamente. Então apoiou todo o peso do corpo sobre a alavanca e os portões abaixo se abriram com um gemido gigantesco.

Maquiavel estivera observando atentamente todo o tempo e assim que viu os portões se abrirem, inclinou-se e falou algo baixinho para Caterina, que imediatamente esporeou seu cavalo para a frente em um galope frenético, sendo seguida de perto por ele e pelo resto do séquito. Assim que viram o que estava acontecendo, as tropas dos Orsi nas ameias soltaram um grito de raiva e começaram a descer para interceptá-los, mas a facção dos Sforza foi mais rápida. Ezio agarrou o arco e as flechas do guarda morto e os usou para derrubar três dos homens dos Orsi antes de escalar rapidamente um muro ali perto e começar a correr por sobre os telhados da cidade, mantendo o ritmo de Caterina e seu grupo enquanto cavalgavam pelas ruelas estreitas em direção à cidadela.

Quanto mais adentravam a cidade, maior era a confusão que reinava. Estava óbvio que a batalha pelo controle de Forlì estava longe de ter acabado, pois bandos de soldados sob o brasão das serpentes azuis e das águias negras dos Sforza lutavam contra os mercenários dos Orsi, enquanto os cidadãos comuns se apressavam para se abrigar nas suas casas ou simplesmente corriam de um lado para o outro em confusão. As bancas do mercado estavam reviradas, galinhas corriam cacarejando por toda parte, uma criancinha sentada na lama berrava pela mãe, que correu para apanhá-la, e por todo lado a batalha trovejava. Ezio, pulando de teto em teto, assistia parte de toda a situação daquele ponto de vista vantajoso e usou as flechas com precisão mortal para proteger Caterina e

Maquiavel sempre que os guardas dos Orsi se aproximavam demais deles.

Finalmente, chegaram a uma *piazza* ampla em frente à cidadela. Estava deserta, e as ruas que corriam a partir dela pareciam vazias. Ezio desceu e se juntou à sua gente. Não havia ninguém nas ameias da cidadela, e seu portão maciço estava firmemente fechado. O lugar parecia tão impenetrável quanto Caterina dissera ser.

Ela olhou para cima e gritou:

— Abram, seus malditos idiotas! Sou eu! *La Duchessa!* Ponham esses traseiros para funcionar!

Agora alguns de seus homens na cidadela apareceram lá no alto, entre eles um capitão que disse:

— *Subito, Altezza!*

E emitiu ordens a três homens que desapareceram imediatamente para abrir o portão. Porém, naquele instante, uivando por sangue, dúzias de tropas dos Orsi surgiram na praça vindas das ruas ao redor e bloquearam qualquer ponto de fuga, encurralando o grupo de Caterina entre eles e a implacável muralha da cidadela.

— Maldita emboscada! — berrou Maquiavel, enquanto Ezio reunia seu punhado de homens e mantinha-se entre Caterina e seus inimigos.

— *Aprite la porta! Aprite!* — gritou Caterina. E por fim os portões poderosos se abriram. Os guardas dos Sforza saíram correndo para ajudá-los e, combatendo os Orsi em um combate brutal corpo a corpo, conseguiram voltar pelos portões, que se fecharam rapidamente atrás deles. Ezio e Maquiavel (que havia desmontado rapidamente) se inclinaram contra a muralha, lado a lado e ofegantes. Mal podiam acreditar que tinham conseguido. Caterina também desmontou, mas não descansou nem por um instante: atravessou correndo o pátio interno e foi até uma porta na qual dois menininhos e uma ama segurando um bebê aguardavam com medo.

As crianças correram até ela, que as abraçou e chamou pelo nome:

— Cesare, Giovanni, *no preoccuparvi*. — Acariciou a cabeça do bebê e arrulhou: — *Salute*, Galeazzo. — Então olhou ao redor e para a ama.

— Nezetta! Onde estão Bianca e Ottaviano?

— Perdão, minha senhora. Estavam brincando lá fora quando o ataque começou e não pudemos mais encontrá-los.

Caterina, parecendo amedrontada, estava prestes a responder quando de repente as tropas dos Orsi em frente à cidadela soltaram um enorme urro. O capitão dos Sforza veio apressado até Ezio e Maquiavel.

— Estão trazendo reforços das montanhas — informou ele. — Não sei por quanto tempo conseguiremos resistir. — Virou-se para um tenente. — Às ameias! Para os canhões!

O tenente saiu correndo para organizar as equipes de canhoneiros, que estavam se apressando até suas posições quando uma chuva de flechas disparadas por arqueiros dos Orsi começou a descer no pátio interno e nas ameias acima. Caterina abrigou seus filhos em segurança e gritou ao mesmo tempo para Ezio:

— Cuide dos canhões! São nossa única esperança! Não deixe aqueles malditos invadirem a cidadela!

— Venha! — gritou Maquiavel. Ezio o seguiu até onde os canhões estavam organizados.

Diversos canhoneiros estavam mortos, bem como o capitão e o tenente. Outros estavam feridos. Os sobreviventes lutavam para angular os canhões pesados e atingir os homens dos Orsi na praça abaixo. Uma quantidade gigantesca de reforços havia chegado, e Ezio viu que estavam empurrando equipamentos de cerco e catapultas pelas ruas. Enquanto isso, diretamente abaixo, um contingente de tropas trazia um aríete. Se ele e Maquiavel não pensassem rápido, não haveria chance de salvar a cidadela, mas para suportar aquele novo ataque seria obrigado a disparar os canhões em alvos dentro das muralhas da própria Forlì e, assim, arriscar ferir alguns dos cidadãos inocentes. Deixando Maquiavel organizar os canhoneiros, correu até o pátio e foi atrás de Caterina.

— Eles estão atacando a cidade. Para contê-los, preciso disparar os canhões em alvos dentro de seus muros.

Ela o olhou com calma de aço.

— Então faça o que precisa ser feito.

Ezio olhou para cima, para as ameias onde Maquiavel estava aguardando o sinal. Ergueu o braço e o abaixou com decisão.

Os canhões rugiram e, enquanto isso, Ezio voou até as ameias onde eles

estavam localizados. Instruiu os canhoneiros a atirarem à vontade e observou primeiro um, depois outro equipamento de cerco ser reduzido a pedacinhos, assim como as catapultas. Havia pouco espaço de manobra para as tropas invasoras nas ruelas estreitas e, depois que os canhões haviam espalhado destruição, os arqueiros e besteiros dos Sforza começaram a atingir os invasores sobreviventes dentro dos muros da cidade. Finalmente, os últimos remanescentes dos Orsi foram expulsos de Forlì, e os soldados dos Sforza que haviam conseguido resistir fora da cidadela conseguiram segurar as muralhas externas. Porém, a vitória tivera um preço. Diversas casas eram agora ruínas ardentes e, para salvar a cidade, os canhoneiros de Caterina não puderam evitar matar alguns de seus próprios concidadãos. E havia outra coisa a se levar em consideração, como Maquiavel não demorou a observar: eles haviam expulsado o inimigo da cidade, mas este não erguera o sítio. Forlì continuava sitiada por batalhões dos Orsi, com seu abastecimento de comida e água cortado; e os dois filhos mais velhos de Caterina continuavam lá fora em algum lugar, desprotegidos.

Pouco tempo depois, Caterina, Maquiavel e Ezio estavam de pé nas ameias das muralhas exteriores observando os acampamentos dos invasores ao redor. Atrás deles, os cidadãos de Forlì faziam o melhor que podiam para devolver a ordem à cidade, mas a comida e a água não durariam para sempre, e todos sabiam disso. Caterina estava descontrolada, preocupada até a morte com seus filhos desaparecidos — Bianca, a mais velha, de 9 anos, e Ottaviano, um ano mais novo.

Ainda tinham de encontrar os próprios irmãos Orsi, mas naquele mesmo dia um arauto apareceu no meio do exército inimigo e soou um clarim. As tropas se dividiram como o mar para permitir a passagem de dois homens vestidos com longas cotas de malha cavalgando corcéis castanhos, acompanhados de pajens com o brasão do urso com arbusto. Pararam os cavalos fora do alcance das flechas.

Um dos cavaleiros se ergueu nos estribos e bradou:

— Caterina! Caterina Sforza! Achamos que você continua engaiolada em sua querida cidadezinha, Caterina, então responda!

Caterina se inclinou sobre as ameias, com uma expressão selvagem.

— O que vocês querem?

O homem deu um sorriso largo.

— Ah, nada. Só estava me perguntando se você não havia notado o desaparecimento de nenhum... filho!

Ezio foi para o lado de Caterina. O homem que falava o olhou, surpreso.

— Ora, ora — disse ele. — Ezio Auditore, se não me engano. Que prazer conhecê-lo. Ouvi falar muito de você.

— E vocês, presumo, devem ser os *fratelli* Orsi — retrucou Ezio.

O homem que ainda não havia falado ergueu uma das mãos.

— Os próprios. Lodovico...

— ...e Checco — completou o outro. — A seu dispor! — Ele deu uma risada seca.

— *Basta!* — gritou Caterina. — Já chega disso! *Onde* estão os meus filhos? *Solte-os*!

Lodovico fez uma reverência irônica na sela.

— *Ma certo, Signora.* Com toda alegria nós os devolveremos... em troca de algo seu. Algo que pertencia a seu finado e lamentado marido. Algo em que ele estava trabalhando em prol de uns... amigos nossos. — Sua voz subitamente se endureceu. — Um certo Mapa!

— E uma certa Maçã, também — acrescentou Checco. — Ah, sim, sabemos tudo a esse respeito. Acha que somos idiotas? Acha que nosso empregador não tem espiões?

— Sim — resumiu Lodovico. — Levaremos a Maçã também. Senão vamos cortar a garganta de seus pequeninos de orelha a orelha e fazê-los se juntarem a seu papaizinho.

Caterina apenas escutava. Agora seu estado de espírito se tornara de uma calma glacial. Quando chegou a sua vez de falar, ela gritou:

— *Bastardi!* Acham que podem me intimidar com ameaças vulgares? Seus trastes! Não vou lhes dar *nada*! Querem meus filhos? Podem ficar com eles! Tenho meios de fazer mais! — Então ela ergueu as saias para lhes mostrar sua vagina.

— Não estou interessado em seu histrionismo, Caterina — disse Checco, virando o cavalo. — E também não estou interessado em ficar olhando a sua

figa. Você vai acabar mudando de ideia, mas só vamos lhe dar uma hora. Seus pirralhos ficarão a salvo até lá naquela sua vilinha de miseráveis aqui perto. E não se esqueça: nós *vamos* matá-los e depois *vamos* voltar, esmagaremos sua cidade e levaremos o que queremos à força. Então aproveite a nossa generosidade e todos nós poderemos nos poupar de muitos incômodos.

Então os irmãos se foram. Caterina desabou contra o muro áspero da ameia, respirando pesadamente pela boca, em choque com o que acabara de dizer e fazer.

Ezio foi até ela.

— Você não vai sacrificar seus filhos, Caterina. Nenhuma causa vale isso.

— Nem salvar o mundo? — Ela o olhou com os olhos azul-claros sob a cabeleira ruiva e os lábios entreabertos.

— Não podemos nos tornar pessoas como eles — disse Ezio simplesmente. — Existem algumas concessões que não podem ser feitas.

— Ah, Ezio! Era isso que eu esperava que você dissesse! — Ela atirou os braços ao redor do pescoço dele. — Claro que não podemos sacrificá-los, meu querido! — Ela recuou. — Mas não posso pedir que você se arrisque para trazê-los de volta para mim.

— Pode apostar que vou — disse Ezio, e virou-se para Maquiavel: — Não vou demorar, espero. Mas, não importa o que aconteça comigo, sei que você irá proteger a Maçã com sua própria vida. E Caterina...

— Sim?

— Sabe onde Girolamo escondeu o Mapa?

— Vou encontrá-lo.

— Faça isso, e proteja-o.

— Mas o que você vai fazer a respeito dos Orsi? — indagou Maquiavel.

— Eles já foram acrescentados à minha lista — respondeu Ezio. — Pertencem à companhia dos homens que mataram meus parentes e destruíram minha família. Mas agora vejo que existe uma causa maior a servir do que a simples vingança.

Os dois homens se cumprimentaram com um aperto de mãos, os olhos fixos uns nos outros.

— *Buona fortuna, amico mio* — disse Maquiavel com firmeza.

— *Buona fortuna anche.*

* * *

Não foi difícil encontrar a vila cuja identidade Checco tão displicentemente entregara, apesar de sua descrição dela como um lugar de miseráveis não ter sido nada gentil. Era pequena e pobre, como a maioria das vilas de servos da Romagna, e mostrava sinais de haver sido recentemente inundada por uma enchente do rio ali perto, mas no geral era limpa e organizada, com casas rudemente caiadas de tetos de palha novos. Embora a estrada inundada que dividia a dúzia de casas ainda estivesse pantanosa por causa da enchente, tudo sugeria ordem, até mesmo satisfação, e dedicação, senão mesmo felicidade. A única coisa que distinguia Santa Salvaza de uma vila em tempos de paz era que ela estava pontilhada pelos homens armados dos Orsi. Não surpreende, pensou Ezio, que Checco tenha achado que poderia mencionar onde estava guardando Bianca e Ottaviano. A próxima pergunta era: onde exatamente na vila poderiam estar os filhos de Caterina?

Ezio, que dessa vez se armara com a adaga de dois gumes no antebraço esquerdo além do braçal de metal, e com a pistola no direito, bem como uma leve espada de cavaleiro pendurada no cinto, estava vestido de modo simples, com um manto de lã de camponês que ia até os joelhos. Puxou o capuz para cima para evitar ser reconhecido e, depois de desmontar a certa distância da vila, mantendo o olho atento em busca de batedores dos Orsi, pendurou no ombro um fardo de gravetos que pegara emprestado em um banheiro externo. Inclinado sob ele, entrou em Santa Salvaza.

Os moradores da vila tentavam prosseguir com suas vidas como de costume, apesar da presença militar que se impunha sobre eles. Obviamente ninguém estava muito apaixonado pelos mercenários dos Orsi, e Ezio, que passara despercebido para estes mas que fora reconhecido como um estranho pelos habitantes locais, conseguiu obter seu apoio na missão. Foi até uma casa no fim da vila, maior do que as outras e ligeiramente afastada. Era ali, dissera-lhe uma velha senhora carregando água do rio, que uma das crianças estava presa. Ezio ficou grato pelo fato de os soldados dos Orsi estarem pouco espalhados. A

maioria da força estava muito ocupada no cerco a Forlì.

Mas sabia que tinha pouquíssimo tempo para salvar as crianças.

A porta e as janelas da casa estavam muito bem fechadas, mas enquanto rodeava pelos fundos, onde duas alas da construção formavam um pátio, ouviu uma voz jovem e firme dando um sermão severo. Subiu até o teto e olhou para o pátio lá embaixo, onde Bianca Sforza, uma miniatura da mãe, repreendia dois grosseiros guardas dos Orsi.

— Tudo o que puderam arranjar para me guardar foram vocês dois, esses espécimes com cara de coitados? — dizia ela com ar soberano, esticada ao máximo e mostrando tão pouco medo quanto sua mãe teria demonstrado. — *Stolti!* Não vai ser o bastante! Minha mamãe é feroz e jamais vai deixar vocês me machucarem. Nós, mulheres da família Sforza, não somos umas violetas murchas, sabem! Podemos ser bonitas aos olhos, mas os olhos enganam, como meu pai bem descobriu! — Ganhou fôlego, e os guardas se entreolharam, perplexos. — Espero que não imaginem que tenho medo de vocês, porque se imaginarem então estarão muito errados. E se tocarem em um fio de cabelo do meu irmãozinho, minha mamãe vai caçar os dois e comê-los vivos! *Capito?*

— Cale essa boca, sua bestinha — grunhiu o mais velho dos guardas. — A menos que queira ganhar um tapão na orelha.

— Não ouse falar comigo assim! De todo modo, isso é absurdo. Vocês nunca vão se safar dessa, e eu estarei em casa segura daqui a uma hora. Na verdade, estou ficando entediada. Estou surpresa por vocês não terem nada melhor para fazer, enquanto espero que vocês morram!

— Certo, já chega — disse o guarda mais velho, estendendo o braço para agarrá-la. Mas naquele instante Ezio disparou sua *pistola* do teto, atingindo o soldado bem no meio do peito. O homem foi atirado para trás, com uma mancha carmesim em sua túnica antes mesmo de atingir o chão. Ezio pensou por um momento que a mistura de pólvora de Leonardo devia estar melhorando. Na confusão que se seguiu à morte súbita do guarda, Ezio pulou do teto, aterrissando com a graça e a força de uma pantera, e com as lâminas duplas rapidamente encurralou o guarda mais jovem, que, atrapalhado, sacou uma adaga com aparência ameaçadora. Ezio golpeou com precisão o antebraço do homem, rasgando seus tendões como se fossem fitas. A adaga do guarda caiu no

chão, de ponta na lama, e antes mesmo que ele pudesse se defender, Ezio já enfiara a lâmina de dois gumes embaixo de sua mandíbula, perfurando o tecido macio da boca e da língua até a cavidade do crânio. Calmamente recolheu as lâminas e deixou o cadáver despencar no chão.

— Só são esses dois? — perguntou à inalterada Bianca enquanto se recuperava com rapidez.

— Sim! E obrigada, seja lá você quem for. Minha mãe vai recompensá-lo generosamente. Mas eles estão com meu irmão Ottaviano também...

— Sabe onde ele está? — interrompeu Ezio, recarregando a pistola rapidamente.

— Está preso na torre do vigia, perto da ponte arruinada. Precisamos correr!

— Mostre onde é e fique perto de mim!

Ele a seguiu para fora da casa e ao longo da estrada até chegarem à torre. Chegaram bem a tempo, pois lá estava o próprio Lodovico em pessoa, arrastando um Ottaviano choramingão pela nuca. Ezio viu que o menininho estava mancando: devia ter torcido o tornozelo.

— Você! — gritou Lodovico ao ver Ezio. — É melhor me entregar a garota e voltar para sua amante: avise que vamos acabar com os dois se ela não nos der o que queremos!

— Quero minha mamãe! — berrava Ottaviano. — Me solte, seu... seu... seu bandido!

— Cale a boca, *marmocchio!* — vociferou Lodovico para a criança. — Ezio! Vá pegar a Maçã e o Mapa, senão o garoto vai sofrer.

— Preciso fazer xixi! — uivou Ottaviano.

— Ah, pelo amor de Deus, *chiudi il becco*!

— Solte-o — ordenou com firmeza Ezio.

— Quero ver você me obrigar! Você jamais vai se aproximar o bastante, seu idiota! Assim que fizer um movimento sequer, corto a garganta dele em um piscar de olhos!

Lodovico havia arrastado o menininho para sua frente com as duas mãos, mas agora precisou liberar uma delas para sacar a espada. Neste momento Ottaviano tentou se libertar, mas Lodovico o agarrou firmemente pelo pulso. Entretanto, Ottaviano já não estava mais entre Lodovico e Ezio. Vendo a

oportunidade, Ezio sacou a pistola e disparou.

A expressão de Lodovico se transformou, de raiva em descrença. A bala o atingira no pescoço, cortando a jugular. Com os olhos arregalados, soltou Ottaviano e caiu de joelhos, agarrando a garganta enquanto o sangue fluía entre seus dedos. O garoto correu para abraçar a irmã.

— Ottaviano! *Stai bene!* — disse ela, abraçando-o com força.

Ezio foi para a frente para ficar perto de Lodovico, mas não se aproximou demais. O homem ainda não havia tombado e continuava empunhando a espada. O sangue descia até seu gibão, um filete logo se transformou numa torrente.

— Não sei que instrumento do Diabo lhe deu condições de levar a melhor sobre mim, Ezio — ofegou ele. — Mas lamento dizer que você vai perder este jogo, não importa o que faça. Nós, Orsi, não somos os idiotas que você parece achar que somos. Se tem algum idiota aqui é você... você e Caterina!

— Você é que é o idiota — retrucou Ezio com a voz gélida de desprezo —, por morrer por uma bolsa cheia de prata. Realmente acha que valeu a pena?

Lodovico fez uma careta.

— Mais do que você pensa, amigo. Você foi enganado. Não importa o que faça agora, o Mestre irá ganhar seu prêmio! — Seu rosto se contorceu de agonia pela dor do ferimento. A mancha de sangue havia aumentado. — É melhor acabar comigo, Ezio, se você tem alguma misericórdia.

— Então morra com seu orgulho, Orsi. Ele não significa nada.

Ezio deu um passo à frente e abriu ainda mais a ferida no pescoço de Lodovico. Um instante depois, ele estava morto. Ezio foi até ele e fechou seus olhos.

— *Requiescat in pace* — disse.

Mas não havia tempo a perder. Ele voltou para as crianças, que estiveram assistindo de olhos arregalados.

— Consegue andar? — perguntou ele a Ottaviano.

— Vou tentar, mas dói muito.

Ezio se ajoelhou para olhar. O tornozelo não estava torcido, e sim contundido. Ergueu Ottaviano nos ombros.

— Coragem, pequeno *Duce* — disse. — Vamos levar vocês dois para casa em segurança.

— Posso fazer xixi antes? Estou precisando muito.

— Vá rápido.

Ezio sabia que não seria fácil voltar com as crianças pela vila. Era impossível escondê-las, pois estavam ricamente vestidas, e de todo modo àquela altura a fuga de Bianca com certeza já teria sido descoberta. Trocou a pistola no pulso pela lâmina com veneno, guardando o mecanismo do pulso dentro do alforje. Tomou a mão de Bianca na sua esquerda e foi em direção à floresta que circundava o lado oeste da vila. Subiu em um pequeno monte e dali conseguiu dar uma olhada em Santa Salvaza: viu as tropas dos Orsi correndo em direção à torre de vigia, mas ninguém parecia ter se posicionado na floresta. Grato pela folga, e depois do que pareceu uma eternidade, ele chegou com as crianças no local onde amarrara seu cavalo, colocou-as no lombo do animal e montou atrás delas.

Então cavalgou rápido na direção norte, de volta a Forlì. A cidade parecia silenciosa, silenciosa demais. E onde estavam as forças dos Orsi? Será que haviam erguido o cerco? Não parecia possível. Esporeou o cavalo.

— Pegue a ponte sul, *Messere* — disse Bianca na frente, segurando o pomo da rédea. — É o caminho mais direto até nossa casa a partir daqui.

Ottaviano se aconchegou contra Ezio.

Ao se aproximarem dos muros da cidade, Ezio viu os portões do lado sul abertos. Deles saía uma pequena tropa de guardas dos Sforza escoltando Caterina e, atrás dela, Maquiavel. Ezio viu na mesma hora que seu companheiro Assassino havia sido ferido. Incitou sua montaria a seguir e, quando chegou até eles, rapidamente desmontou e passou as crianças para os braços ansiosos de Caterina.

— O que, em nome da Virgem Abençoada, está acontecendo? — perguntou ele, olhando de Caterina para Maquiavel e vice-versa. — O que vocês estão fazendo aqui fora?

— Ah, Ezio — respondeu Caterina. — Sinto tanto, sinto tanto!

— O *que* aconteceu?

— Isso tudo era uma armadilha. Para baixar nossas defesas! — disse Caterina, desesperada. — Levar as crianças foi só uma distração!

Ezio se virou para encarar Maquiavel.

— Mas a cidade está a salvo? — perguntou.

Maquiavel suspirou:

— Sim, a cidade está a salvo. Os Orsi já não têm mais interesse nela.

— O que quer dizer?

— Depois que os expulsamos, relaxamos, apenas momentaneamente, para nos reagrupar e cuidar dos feridos. Então Checco contra-atacou. Devem ter planejado tudo! Ele invadiu a cidade. Lutei contra ele corpo a corpo e com destreza, mas os soldados dele me atacaram por trás e me dominaram. Ezio, agora preciso que você seja forte: Checco levou a Maçã!

Ezio ficou atônito por um longo momento. Depois disse, vagarosamente:

— O quê? Não... não pode ser. — Olhou em volta, como um louco. — Para onde ele foi?

— Assim que conseguiu o que queria, bateu em retirada com seus homens e o exército se separou. Não vimos qual dos grupos levava a Maçã e, seja como for, estávamos por demais exaustos da batalha para poder persegui-los devidamente. Mas Checco em pessoa liderou um grupo até as montanhas a oeste...

— Então está tudo perdido? — gritou Ezio, pensando que Lodovico tinha razão: ele havia subestimado os Orsi.

— Ainda temos o Mapa, graças a Deus — disse Caterina. — Checco não ousou passar muito tempo procurando por ele.

— Mas e se, agora que tem a Maçã, ele *não precisar* mais do Mapa?

— Os Templários não podem triunfar — declarou Maquiavel com raiva. — Não podem! Precisamos partir!

Mas Ezio viu que o amigo estava fraco devido aos ferimentos.

— Não. Você fica aqui. Caterina! Cuide dele. Preciso partir agora mesmo! Talvez ainda haja tempo.

23

Ezio levou um longo tempo para chegar aos Apeninos, cavalgando o dia todo e descansando o mínimo que podia ao mudar a mão que cavalgava, mas ao chegar descobriu que a busca por Checco Orsi demoraria ainda mais. Porém, também sabia que, se Checco tivesse voltado à sede de sua família em Nubilaria, conseguiria encontrá-lo no meio da estrada que ia de lá, na direção sul, até a rota serpenteante e longa que levava a Roma. Não havia como saber se Checco tinha ido diretamente até a Santa Sé, mas Ezio achou que, com uma carga tão preciosa quanto a Maçã, seu adversário primeiro buscaria segurança onde era conhecido e de lá mandaria mensageiros para descobrir se o Espanhol havia voltado ao Vaticano, antes de se encontrar com ele lá.

Portanto, decidiu pegar a estrada para Nubilaria e, depois de entrar em segredo na cidade, se pôs a pesquisar sobre o paradeiro de Checco. No entanto, os espiões do próprio Checco estavam em toda parte, e não demorou para Ezio descobrir que seu inimigo sabia de sua chegada, e que planejava partir com a Maçã em uma caravana de duas carruagens, para escapar e frustrar seus planos.

Na manhã em que Checco planejava partir, Ezio estava a postos, observando atentamente os portões ao sul de Nubilaria. Não demorou para que as duas carruagens que ele estivera esperando os atravessassem sacolejando. Ezio montou no cavalo para persegui-las, mas no último instante uma carruagem mais leve, conduzida por pajens dos Orsi, saiu rapidamente de uma rua lateral e propositalmente bloqueou a passagem de Ezio, fazendo seu cavalo empinar e atirando o cavaleiro ao chão. Sem tempo a perder, Ezio, que tinha sido obrigado a abandonar seu corcel, saltou para a carruagem dos Orsi, derrubando o condutor

com um único golpe. Chicoteou os cavalos e continuou a perseguição.

Logo avistou os veículos de seu adversário, mas eles também o viram e aumentaram a velocidade. Enquanto desciam pela estrada montanhosa e traiçoeira a toda, a carruagem de escolta de Checco, repleta de soldados que estavam preparando-se para atirar em Ezio com suas bestas, fez uma curva rápido demais. Os cavalos se soltaram dos tirantes e correram contornando a curva à frente, mas a carruagem, sem seu leme e com os cabos soltos, seguiu direto por sobre a beira da estrada, caindo dezenas de metros no vale abaixo. Sem fôlego, Ezio agradeceu pela bondade do destino. Incitou os cavalos, embora estivesse preocupado em sobrecarregá-los demais e fazer com que seus corações explodissem, mas logo percebeu que eles estavam carregando menos peso do que os animais da carruagem de Checco, e aos poucos Ezio cobriu a distância que o separava de sua presa.

Quando Ezio emparelhou, o cocheiro dos Orsi tentou atingi-lo com o chicote, mas Ezio pegou-o de suas mãos e puxou, soltando-o. Então, quando chegou o momento certo, Ezio soltou as próprias rédeas e saltou de sua carruagem para o teto da de Checco. Em pânico, os cavalos da carruagem de Ezio, aliviados tanto do peso quanto do controle de um condutor, dispararam a galope pela estrada à frente e sumiram de vista.

— Saia daqui, demônio! — berrou o cocheiro de Orsi, alarmado. — O que em nome de Deus você acha que está fazendo? Está maluco? — Mas, sem seu chicote, ele estava tendo mais dificuldade de controlar os cavalos. Não tinha espaço para lutar.

De dentro da carruagem, o próprio Checco gritou:

— Não seja idiota, Ezio! Você nunca vai se safar dessa! — Inclinou metade do corpo para fora da janela e tentou atingir Ezio com sua espada, enquanto o cocheiro buscava freneticamente controlar os cavalos. — Saia da minha carruagem, *agora*!

O condutor tentou virar a carruagem de propósito, para atirar Ezio para fora, mas o jovem se agarrou com firmeza. A carruagem se inclinou perigosamente e, por fim, quando passaram por uma marmoreira abandonada, perdeu o controle por completo: tombou de lado e atirou o condutor com força sobre uma pilha variada de placas de mármore, que haviam sido cortadas e depois deixadas de

lado por serem falhas. Os tirantes dos cavalos saíram e os animais começaram a bater os cascos no chão, em um frenesi aterrorizado. Ezio saltou, aterrissou agachado e sacou a espada, pronto para atacar Checco, que, ofegante mas sem ferimentos, esforçava-se para sair, com uma expressão de fúria.

— Dê-me a Maçã, Checco. Acabou.

— Imbecil! Só vai *acabar* depois que você *morrer*!

Checco balançou a espada na direção do oponente e na mesma hora os dois começaram a lutar, perigosamente perto da beira da estrada.

— Dê-me a Maçã, Checco, e deixarei você partir. Você não faz ideia do poder que está transportando!

— Você jamais vai pôr as mãos nela. Mas, quando meu Mestre a tiver, será dono de um poder jamais sonhado, e Lodovico e eu estaremos lá para desfrutar de nossa parte desse poderio!

— Lodovico está morto! E você realmente acha que seu Mestre vai deixá-lo viver, depois que você não for mais útil para ele? Você já sabe demais!

— Você matou meu irmão? Então *isso* é para você, por sua honra! — Checco investiu correndo para Ezio.

Enfrentaram-se em uma luta acirrada, fazendo as lâminas faiscarem. Checco tentou mais uma vez golpear Ezio, que se defendeu com a braçadeira de metal. O fato de que seu golpe certeiro não tinha surtido efeito fez Checco momentaneamente baixar a guarda, mas logo se recompôs e golpeou o braço direito de Ezio, abrindo um corte profundo no bíceps e fazendo com que seu oponente soltasse a espada.

Checco soltou um grito rouco de triunfo. Ergueu a ponta da espada sobre a garganta de Ezio.

— Não implore por misericórdia — avisou —, pois não terei nenhuma.

Então ele levou o braço para trás para desferir o golpe mortal. Nesse instante, Ezio liberou o mecanismo da adaga de dois gumes em seu antebraço esquerdo e, girando rápido como um raio, enfiou-a no peito de Checco.

O homem ficou parado por um longo momento, em choque, olhando para o sangue que pingava na estrada pálida. Deixou cair a espada e caiu junto a Ezio, agarrando-se a ele em busca de apoio. Seus rostos estavam próximos. Checco sorriu.

— Então você conseguiu seu prêmio de novo — sussurrou, enquanto sua força vital era bombeada rapidamente para fora do peito.

— Valeu a pena? — perguntou Ezio. — Tanta carnificina!

O homem soltou o que pareceu uma risada, ou pode ter sido uma tosse, enquanto mais sangue enchia sua boca.

— Olhe, Ezio, você sabe como será difícil manter consigo por muito tempo algo de tanto valor. — Lutou para respirar. — Estou morrendo hoje, mas amanhã quem vai morrer é *você*. — E, enquanto qualquer sentimento desaparecia de seu rosto e seus olhos se reviravam para cima, seu corpo tombou no chão aos pés de Ezio.

— Isso é o que nós veremos, meu amigo — disse-lhe Ezio. — Descanse em paz.

Sentiu-se grogue. O sangue jorrava da ferida em seu braço, mas ele se obrigou a andar até a carruagem e acalmou os cavalos, libertando-os dos tirantes. Então deu uma busca no interior do veículo e logo localizou a caixa de teca. Abriu-a rapidamente para ter certeza de que o conteúdo estava a salvo, tornou a fechá-la e enfiou-a firmemente sob o braço bom. Olhou ao redor da marmoreira, onde o condutor jazia inerte. Não era necessário conferir se o homem estava morto, pois os ângulos impossíveis do corpo lhe disseram tudo.

Os cavalos não haviam se afastado e Ezio foi até eles, perguntando-se se teria forças para montar um deles e assim conseguir ajuda para pelo menos percorrer parte do caminho até Forlì. Esperava encontrar tudo como estava quando partiu, pois sua perseguição a Checco tinha levado mais tempo do que esperara. Mas nunca imaginara que seu trabalho seria fácil, e a Maçã agora tinha voltado para o controle dos Assassinos. O tempo que gastara não tinha sido em vão.

Olhou de novo para os cavalos, decidindo que o animal que ia à frente da carruagem seria a melhor escolha dentre os quatro. Pôs a mão em sua crina para montar, pois o cavalo não estava equipado com arreios de montaria, mas ao fazê-lo cambaleou.

Havia perdido mais sangue do que pensara. Antes de qualquer outra coisa, teria de fechar a ferida de algum jeito. Guiou o cavalo até uma árvore e cortou uma tira da camisa de Checco para usar como bandagem. Então arrastou o corpo dele para longe de vista. Se alguém passasse por ali sem prestar bastante

atenção, pensaria que Ezio e o cocheiro haviam sido vítimas de um trágico acidente de estrada. Estava ficando tarde, porém, e haveria poucos viajantes àquela hora.

O esforço, entretanto, drenou suas últimas forças. “Até mesmo eu preciso descansar”, pensou ele, e era um doce pensamento. Sentou-se à sombra de uma árvore e ouviu o som do cavalo pastando suavemente. Colocou a caixa de teca no chão ao seu lado e deu uma última olhada cautelosa ao redor, pois era o último lugar onde deveria ficar por muito tempo; suas pálpebras pesaram e ele não percebeu um observador silencioso escondido perto de uma árvore num monte acima da estrada às suas costas.

Quando Ezio acordou, a escuridão já havia caído, mas havia luar o bastante para que visse uma figura se movendo silenciosamente por perto.

O bíceps do braço direito de Ezio doía estupidamente, e, quando ele tentou se erguer com o braço bom, o esquerdo, descobriu que não podia. Alguém havia pegado uma placa de mármore da marmoreira e a usado para prender o braço. Ele lutou para se soltar, usando as pernas para tentar se levantar, mas não conseguiu. Olhou para o lugar onde deixara a caixa contendo a Maçã.

Tinha desaparecido.

A figura, que estava vestida com a *cappa* negra e o hábito branco dos monges dominicanos, notou que ele tinha acordado e se virou para ele, ajustando a placa de mármore para que ela o prendesse melhor. Ezio notou que o monge não tinha um dedo de uma das mãos.

— Espere! — disse ele. — Quem é você? O que está fazendo?

O monge não respondeu. Ezio viu a caixa quando ele se abaixou para pegá-la novamente.

— Não toque nisso! Não importa o que faça, não...

Mas o monge abriu a caixa, e uma luz tão clara quanto o sol brilhou em seu interior.

Ezio achou ter ouvido o monge soltar um suspiro de satisfação antes de desmaiar novamente.

Quando voltou a acordar, era manhã. Os cavalos haviam sumido, mas com a luz

do sol ele sentiu que parte de suas forças havia retornado. Olhou para a placa de mármore. Era pesada, mas se mexeu ligeiramente quando moveu o braço sob ela. Olhou ao redor. Ao alcance de sua mão direita havia um galho robusto que devia ter caído da árvore em algum momento do passado, mas que continuava verde o bastante para permanecer rígido. Rangendo os dentes, ele o apanhou e o usou para movimentar a placa. Seu braço direito doeu como o inferno e começou a sangrar de novo quando ele apoiou uma das pontas do galho embaixo da placa para levantá-la. Uma frase quase esquecida da época da escola lhe veio à mente: "Deem-me um ponto de apoio e eu levantarei o mundo..." Empurrou com força. A placa começou a se mexer, mas então ele perdeu as forças e ela tornou a cair. Ele se deitou, descansou e tornou a tentar.

Na terceira tentativa, gritando de dor por dentro e pensando que os músculos de seu braço ferido se romperiam e rasgariam a pele, empurrou de novo, como se sua vida dependesse daquilo, e por fim a placa rolou para o chão.

Ele se sentou alegremente. O braço esquerdo estava dolorido, mas nenhum osso havia se quebrado.

Por que o monge não o matara em seu sono era algo que o faria pensar. Talvez assassinato não fizesse parte do plano de um Homem de Deus. Mas uma coisa era certa: o dominicano e a Maçã tinham sumido.

Esforçando-se para se levantar, foi até um regato próximo e bebeu sedento suas águas. Depois limpou a ferida e recolocou a bandagem. Então partiu para o leste, por sobre as montanhas, em direção a Forlì.

Finalmente, após muitos dias de viagem, viu as torres da cidade à distância. Mas estava cansado, esgotado de sua tarefa perseverante, de sua derrota, de sua solidão. Na viagem de volta tivera muito tempo para pensar em Cristina e no que poderia ter acontecido, se ele não tivesse aquela cruz para carregar. Mas, uma vez que ele a tinha, não podia mudar sua vida; nem, percebeu, teria feito tal coisa.

Alcançou a extremidade da ponte perto do portão ao sul e estava perto o bastante para ver pessoas sobre as ameias quando a exaustão por fim o dominou e ele desmaiou.

Quando acordou, estava em uma cama coberto de lençóis de linho imaculados, em uma sacada ensolarada ensombreada por vinhas. Uma mão fria

acariciou sua testa e pressionou uma caneca de água contra seus lábios.

— Ezio! Graças a Deus que você acordou. Está tudo bem? O que aconteceu com você?

As perguntas fluíam da boca de Caterina com sua impetuosidade natural.

— Eu... eu não sei... — respondeu ele.

— Eles o viram das ameias. Vim pessoalmente. Você esteve viajando por não sei quanto tempo e está com uma ferida horrorosa.

Ezio lutou contra a memória ainda obscurecida.

— Estou me lembrando de algo... Recuperei a Maçã de Checco... Mas logo outro homem apareceu: ele a levou embora!

— Quem?

— Usava um capuz preto, como um monge, e acho que... não tinha um dos dedos! — Ezio se esforçou para se sentar. — Há quanto tempo estou aqui deitado? Preciso ir, imediatamente!

Tentou se levantar, mas era como se seu corpo fosse de chumbo, e ao se mover uma tontura terrível o dominou e ele foi obrigado a se deitar de novo.

— Uau! O que esse monge fez comigo?

Caterina se inclinou sobre ele.

— Você ainda não pode ir a lugar nenhum, Ezio. Até mesmo você precisa se recuperar se quiser lutar todas as batalhas que estão adiante; e vejo uma longa e árdua jornada à sua frente. Mas anime-se! Nicolau voltou a Florença e vai cuidar das coisas por lá. E seus outros companheiros Assassinos estão vigilantes. Portanto, fique um pouco... — Ela beijou-lhe a testa, depois, de início hesitante, seus lábios. — E, se houver alguma coisa que eu possa fazer para... acelerar sua recuperação, basta dizer. — Sua mão começou bem suavemente a vagar por sob os lençóis até descobrir seu objetivo. — Uau — sorriu ela. — Acho que já estou conseguindo... um pouco.

— Você é uma mulher e tanto, Caterina Sforza.

Ela riu:

— *Tesoro*, se um dia eu escrevesse a história de minha vida, chocaria o mundo.

* * *

Ezio era forte e, aos 30 anos de idade, ainda um homem jovem, em seu auge. Além disso, havia passado por um dos treinamentos mais rígidos já conhecidos, por isso não foi surpresa que estivesse recuperado antes do que a maioria das pessoas estaria. Porém, seu braço direito fora gravemente enfraquecido pelo golpe de Checco: sabia que precisaria se esforçar muito para recuperar completamente a força necessária para voltar a empreender sua missão. Obrigou-se a ser paciente, e, sob a orientação severa mas compreensiva de Caterina, passou aquele tempo forçado em Forlì em contemplação silenciosa, quando podia ser visto com frequência sentado sob as vinhas entretido em um dos livros de Poliziano ou, o que era mais comum, fazendo algum tipo de exercício físico vigoroso.

Então veio a manhã em que Caterina, ao chegar ao seu quarto, encontrou-o vestido para viajar, com um pajem ajudando-o a calçar as botas de montaria. Ela se sentou na cama ao lado dele.

— Então chegou a hora? — perguntou ela.

— Sim. Não posso mais adiar.

Ela pareceu triste e saiu do quarto, voltando pouco depois com um pergaminho.

— Bem, essa hora tinha de chegar, um dia — disse ela —, e Deus sabe que sua missão é mais importante do que o nosso desfrute, para o qual espero haver um momento em algum futuro próximo! — Ela lhe mostrou o pergaminho. — Aqui; trouxe um presente de despedida.

— O que é isso?

— Algo de que você vai precisar.

Ela o desenrolou e Ezio viu que era um mapa de toda a península, da Lombardia à Calábria, e por toda a parte, em estradas e cidades, havia cruzes marcadas com tinta vermelha.

Ezio a encarou.

— É o mapa de que falou Maquiavel. Do seu marido...

— Do meu finado marido, *mio caro.* Nicolau e eu fizemos duas descobertas importantes enquanto você estava viajando. A primeira foi que nós escolhemos bem o momento da... remoção do querido Girolamo, pois ele havia acabado de completar seu trabalho. A segunda foi que isto aqui é de um valor inestimável,

pois mesmo que os Templários tenham a Maçã, não conseguirão encontrar a Câmara sem o Mapa.

— Você sabe sobre a Câmara?

— Querido, às vezes você é um pouquinho ingênuo. É claro que sei. — Ela assumiu então um tom mais profissional. — Porém, para desarmar completamente nossos inimigos, você precisa recuperar a Maçã. Este mapa irá ajudá-lo a concluir sua grande missão.

Quando entregou-lhe o Mapa, suas mãos se tocaram e se entrecruzaram, ficando assim por algum tempo. Os olhares não se desgrudaram.

— Existe uma abadia na região dos alagadiços, perto daqui — informou por fim Caterina. — De dominicanos. Sua ordem usa capuzes negros. Eu começaria por ali. — Os olhos dela brilhavam, e ela afastou o olhar. — Agora, *vá*! Encontre aquele monge que nos causou problemas!

Ezio sorriu.

— Acho que vou sentir sua falta, Caterina.

Ela lhe deu um sorriso de volta, um pouco forçado demais. Pois, pela primeira vez na vida, estava achando difícil ser valente.

— Ah, eu sei que sim — afirmou ela.

24

O monge que recebeu Ezio na abadia era o estereótipo de um monge, gorducho e de bochechas avermelhadas, mas tinha cabelo vermelho vivo e olhos traquinas e espertos, e falava com um sotaque que Ezio reconheceu por tê-lo encontrado em alguns dos condottieri de Mario: o homem era da Irlanda.

— Que Deus o abençoe, irmão.

— *Grazie, Padre...*

— Sou o irmão O'Callahan...

— Será que o senhor poderia me ajudar?

— É para isso que estamos aqui, irmão. É claro, vivemos em tempos turbulentos. É difícil pensar direito sem ter algo no estômago.

— O senhor quer dizer algo no seu moedeiro.

— Está me interpretando errado. Não estou lhe pedindo nada. — O monge abriu as mãos. — Mas o Senhor ajuda os generosos.

Ezio sacudiu alguns florins da bolsa e os estendeu.

— Se não for o suficiente...

O monge pareceu pensativo.

— Ah, bem, a intenção está presente. Mas a verdade é que o Senhor ajuda os ligeiramente mais generosos.

Ezio continuou sacudindo mais moedas até que a expressão do irmão O'Callahan se iluminou.

— A ordem agradece o seu desprendimento, irmão. — Ele dobrou as mãos sobre a barriga. — O que busca?

— Um monge de capuz negro, que não tem um dos dez dedos das mãos.

— Humm. O irmão Guido só tem nove dedos nos pés. Tem certeza de que não era um dedo do pé?

— Bastante certeza.

— Há também o irmão Domenico, mas ele não tem o braço esquerdo inteiro.

— Não. Desculpe, mas tenho bastante certeza de que era somente um dedo.

— Humm. — O monge fez uma pausa, imerso em pensamentos. — Ah, espere um pouco! Eu me recordo de um monge de capuz negro com apenas nove dedos das mãos... Sim! É claro! Foi quando fizemos nosso último banquete de San Vicenzo, na abadia da Toscana.

Ezio sorriu.

— Sim, conheço o lugar. Vou tentar ali. *Grazie.*

— Vá em paz, irmão.

— Sempre vou.

Ezio atravessou as montanhas na direção oeste, rumo à Toscana, e embora a jornada tivesse sido longa e difícil, pois o outono se aproximava e os dias se tornavam menos gentis, sua maior apreensão foi quando se aproximou da abadia: fora lá que um dos envolvidos na trama para assassinar Lorenzo de Médici — o secretário de Jacopo de' Pazzi, Stefano de Bagnone — havia encontrado seu fim nas mãos de Ezio, tempos atrás.

Foi um azar que o abade que o recebeu ali tenha sido uma das testemunhas daquele crime.

— Com licença — começou Ezio. — Eu gostaria de saber se o senhor poderia...

Mas o abade, reconhecendo-o, recuou horrorizado, gritando:

— Que *todos* os arcanjos, Uriel, Rafael, Micael, Saraquel, Gabriel, Remiel e Raguel, possam, em *toda* a sua grandeza, nos proteger! — Voltou os olhos que fitavam o céu para Ezio. — Demônio amaldiçoado! *Vade retro!*

— Qual o problema? — perguntou Ezio, consternado.

— Qual o problema? Qual o *problema*? Foi você quem matou o irmão Stefano. Neste solo sagrado! — Um grupo nervoso de monges havia se reunido a uma distância segura, e o abade agora se virou para eles. — *Ele* voltou! O assassino de monges e padres *voltou*! — disse ele em uma voz trovejante, e

então fugiu, seguido pelo seu bando.

O homem estava claramente em um estado de enorme pânico. Ezio não teve escolha a não ser fazer a busca por si mesmo. A abadia não lhe era tão familiar quanto para o abade e seu grupo de monges. Por fim ele se cansou de percorrer corredores e estranhos claustros de pedra e saltou para os telhados, para obter uma visão melhor do local para onde os monges haviam ido. Mas isso só fez com que o pânico deles aumentasse ainda mais, e começaram a gritar:

— Ele chegou! Ele chegou! Belzebu chegou!

Então, ele desistiu e se ateve aos métodos mais convencionais de busca.

Finalmente ele os alcançou. Ofegando, o abade o rodeou e disse com voz rouca:

— Fora, demônio! Deixe-nos em paz! Não cometemos nenhum pecado tão grande quanto o seu!

— Não, espere, escute — ofegou Ezio, tão sem fôlego quanto o outro. — Só queria lhe fazer uma pergunta.

— Não invocamos nenhum demônio! Não buscamos ainda nenhuma viagem para o Além!

Ezio abaixou as palmas das mãos e disse:

— Por favor, *calma!* Não lhe desejo nenhum mal!

Mas o abade não estava escutando. Revirou os olhos:

— Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes? Ainda não estou preparado para me encontrar com vossos anjos!

E saiu correndo novamente.

Ezio foi obrigado a derrubá-lo depois de uma briga corpo a corpo. Os dois se levantaram e tiraram o pó da roupa no meio de um círculo de monges de olhos arregalados.

— Pare de fugir, por favor! — implorou Ezio.

O abade recuou:

— Não! Tenha misericórdia! Não quero morrer! — balbuciou.

Ezio, ciente de que aquilo parecia hipócrita, retrucou:

— Olhe, abade, só mato aqueles que matam os outros. E seu irmão Stefano era um assassino. Tentou matar o duque Lorenzo em 1478. — Ele fez uma pausa, ofegando. — Tenha certeza, *Messere Abate*, de que sei que o senhor não é

nenhum assassino.

O olhar do abade pareceu um pouco mais calmo, mas ainda desconfiado.

— O que quer então? — perguntou ele.

— Certo, agora me escute. Estou em busca de um monge que se veste como o senhor, um dominicano, e que não tem um dos dedos da mão.

O abade disse com cautela:

— Não tem um dos dedos, foi o que você disse? Como *Fra'* Savonarola?

Ezio não deixou escapar o nome:

— *Savonarola?* Quem é ele? O senhor o conhece?

— Conheci, *Messere.* Ele foi um de nós... por algum tempo.

— E depois?

O abade deu de ombros.

— Sugerimos que descansasse por um bom tempo num eremitério das montanhas. Ele não... se encaixava muito bem aqui.

— Parece-me, *Abate*, que o tempo dele de ermitão talvez tenha acabado. O senhor sabe para onde poderia ter ido?

— Oh, ai... — O abade tentava se recordar. — Se deixou o eremitério, pode ser que tenha voltado a Santa Maria del Carmine, em Florença. Foi lá que ele estudou. Talvez tenha voltado para lá.

Ezio deu um suspiro de alívio.

— Obrigado, abade. Vá com Deus.

Foi estranho para Ezio retornar à sua cidade natal depois de tanto tempo: havia tantas lembranças a enfrentar! Mas as circunstâncias ditaram que ele trabalhasse sozinho. Não poderia contatar nem mesmo os velhos amigos e aliados, para que o inimigo não ficasse em alerta.

Também estava claro que, mesmo que a cidade continuasse estável, a igreja, pelo menos a que ele buscava, estava em tumulto. Um monge saiu correndo dela com medo, e ele foi atrás do homem.

— Ei, pare, irmão. Está tudo bem!

O monge olhou-o com uma expressão alucinada.

— Afaste-se, meu amigo, se dá valor à sua vida!

— O que aconteceu aqui?

— Soldados de Roma tomaram nossa igreja! Espalharam meus irmãos, fazendo perguntas que não têm o menor sentido. Ficam exigindo que lhes deem *frutas*!

— Que tipo de fruta?

— Maçãs!

— Maçãs? *Diavolo!* Rodrigo chegou aqui antes de mim! — sibilou Ezio para si mesmo.

— Levaram arrastado um de meus irmãos carmelitas para trás da igreja! Tenho certeza de que irão matá-lo!

— Carmelitas? Vocês não são *dominicanos*?

Ezio deixou o homem e rodeou com cuidado os muros externos de Santa Maria. Moveu-se tão furtivamente quanto uma fuinha enfrentando uma cobra. Quando chegou aos muros do jardim da igreja, subiu ao telhado. O que viu abaixo de si deixou-o sem fôlego, por mais experiente que ele fosse. Vários guardas de Bórgia estavam dando uma surra daquelas em um monge alto, que parecia ter uns 35 anos de idade.

— Diga! — berrava o líder dos guardas. — Diga logo, senão vou feri-lo de tal modo que vai desejar nunca ter nascido! *Onde está a Maçã?*

— Por favor! Eu não sei! Não sei do que vocês estão falando!

O guarda se inclinou mais para perto.

— Confesse! Seu nome é Savonarola!

— Sim! Eu já lhe disse! Você me espancou para isso!

— Então conte logo e seu sofrimento irá acabar. *Onde diabos está a Maçã?* — O interrogador deu um chute cruel na virilha do monge, que uivou de dor. — Não que *isso* vá fazer muita diferença a um homem na sua posição *missionária* — zombou o guarda.

Ezio observou, profundamente preocupado. Se aquele monge era de fato Savonarola, os capangas de Bórgia poderiam matá-lo antes mesmo que conseguissem extrair a verdade dele.

— Por que fica mentindo para mim? — desdenhou o guarda. — Meu Mestre não vai ficar nada satisfeito em saber que fui obrigado a torturar você até a morte! Está querendo me causar *problemas*, é isso?

— Não tenho maçã nenhuma — soluçou o monge. — Sou só um simples

frade. *Por favor,* me soltem!

— Se quer que eu pare — berrou o guarda, chutando-o de novo no mesmo lugar —, então me conte a verdade, irmão Girolamo... *Savonarola*!

O monge mordeu o lábio, mas respondeu teimosamente:

— Já lhe disse tudo o que sei!

O guarda voltou a chutá-lo e ordenou que os comparsas o agarrassem pelos tornozelos e o arrastassem sem piedade pelo calçamento de pedra, fazendo sua cabeça bater dolorosamente no chão duro. O monge berrou e lutou em vão para se libertar.

— Já basta, seu *abominato*? — O líder dos guardas voltou a aproximar o rosto do dele. — Está assim tão preparado para encontrar seu Criador a ponto de preferir mentir sem parar só para vê-Lo?

— Sou um simples monge — chorou o carmelita, cujo hábito era perigosamente semelhante em corte e cor àquele dos dominicanos. — Não tenho nenhum tipo de *fruta*! Por favor...

O guarda o chutou. No mesmo lugar. De novo. O corpo do monge se retorceu em uma agonia que ultrapassava as lágrimas.

Ezio já vira o bastante. Desceu apressado, um espírito da vingança, esfaqueando, para variar, de pura raiva, tanto com a lâmina com veneno quanto com a adaga de dois gumes. Depois de um minuto de matança, os capangas de Bórgia, todos, estavam caídos no chão de pedra do pátio, mortos ou gemendo, com a mesma agonia que haviam provocado.

O monge, aos prantos, se agarrou aos joelhos de Ezio:

— *Grazie, grazie, salvatore.*

Ezio acariciou a cabeça dele.

— Calma, calma. Tudo vai ficar bem agora, irmão. — Mas olhou os dedos do monge.

Os dez estavam intactos.

— Você tem dez dedos — murmurou ele, estranhamente desapontado.

— Sim — chorou o monge. — Tenho dez dedos. E não tenho nenhuma maçã, a não ser as que chegam ao monastério toda quinta-feira do mercado! — Ele se levantou, sacudiu o pó das roupas, se reaprumou lentamente e praguejou. — Em nome de Deus! Será que o *mundo inteiro* deixou de fazer sentido?

— Quem é você? Por que eles o pegaram? — perguntou Ezio.

— Porque descobriram que, de fato, o meu sobrenome é Savonarola! Mas por que eu deveria entregar o meu primo para esses criminosos?

— Você sabe o que ele fez?

— Não sei de nada! Ele é monge, como eu. Escolheu a ordem dos dominicanos, mais rígida, é verdade, porém...

— Ele perdeu um dos dedos?

— Sim, mas como alguém poderia...? — Uma espécie de luz começou a nascer nos olhos do monge.

— Quem é Girolamo Savonarola? — insistiu Ezio.

— Meu primo, e um dedicado homem de Deus. E quem, posso saber, é você? Entenda, agradeço humildemente por ter me salvado, e lhe devo qualquer favor que queira pedir.

— Eu... não tenho nome — disse Ezio. — Mas me faça o favor de dizer o seu.

— *Fra'* Marcello Savonarola — respondeu obedientemente o monge.

Ezio absorveu aquilo e pensou rápido:

— Onde está seu primo Girolamo?

Fra' Marcello refletiu, lutando contra sua própria consciência.

— É verdade que meu primo... tem uma visão singular de como servir a Deus... está pregando uma doutrina própria... Você poderá encontrá-lo em Veneza.

— E o que ele faz por lá?

Marcello endireitou os ombros.

— Acho que enveredou pelo caminho errado. Prega fogo e enxofre. Afirma ver o futuro. — Marcello olhou para Ezio com olhos avermelhados, olhos cheios de agonia. — Se quer mesmo saber minha opinião, ele fala *loucuras*!

25

Ezio teve a sensação de haver passado tempo demais no que parecia ser uma busca infrutífera. Perseguir Savonarola era como perseguir um fogo-fátuo, ou uma quimera, ou o próprio rabo. Mas a busca precisava continuar, incansável, pois aquele homem de Deus, com seus nove dedos, tinha a Maçã — a chave para mais coisas do que ele imaginaria possível —, e era um perigoso fanático religioso, um canhão descontrolado potencialmente mais difícil de dominar do que o próprio mestre Rodrigo Bórgia.

Foi Teodora quem o recebeu nas docas de Veneza quando desembarcou da galé vinda de Ravenna.

A Veneza de 1492 continuava sob o governo relativamente honesto do doge Agostino Barbarigo. A cidade estava alvoroçada com a notícia de como um navegador genovês chamado Cristóvão Colombo, cujos loucos planos de navegar para o oeste pelo mar Oceano haviam sido desdenhados por Veneza, conseguira obter patrocínio da Espanha e estava prestes a partir. Será que a loucura não tinha sido de Veneza, por não patrocinar a expedição? Se Colombo tivesse êxito, poderia estabelecer uma passagem marítima segura até as Índias, superando a antiga rota terrestre agora bloqueada pelos turcos otomanos. Porém, a cabeça de Ezio estava cheia demais de outras questões para prestar atenção àqueles assuntos de política e comércio.

— Recebemos suas notícias — disse Teodora. — Mas você tem certeza?

— É a única pista que tenho, e me parece boa. Tenho certeza de que a Maçã voltou para cá e está nas mãos desse monge, Savonarola. Ouvi dizer que ele prega às massas sobre o inferno e o fogo que estão por vir.

— Ouvi falar desse homem.

— Sabe onde ele pode ser encontrado, Teodora?

— Não. Mas vi um pregador atrair multidões no bairro manufatureiro, pregando o tipo de besteira sobre fogo e enxofre de que você está falando. Talvez seja um discípulo do seu monge. Venha comigo. Você vai ser meu hóspede enquanto estiver por aqui, e depois que se instalar vamos direto até onde esse homem faz seus sermões.

Tanto Ezio quanto Teodora, e na verdade todas as pessoas inteligentes e racionais, sabiam por que aquele tipo de histeria de sangue e trovões começava a atrair as pessoas. O ano de 1500, que marcava a metade do milênio, estava chegando, e muitos acreditavam que aquele ano marcaria a Segunda Vinda: *“Quando o Filho do Homem vier em sua majestade, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. E todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda.”*

A descrição de são Mateus do Julgamento Final reverberava na imaginação de muitas pessoas.

— Este pregador e seu chefe realmente estão faturando com a *febbre di fine secolo* — comentou Teodora. — Pelo que sei, acreditam mesmo nisso.

— Acho que devem acreditar — concordou Ezio. — O perigo é que, com a Maçã em suas mãos, realmente podem provocar um desastre mundial que nada tem a ver com Deus e sim com o Diabo. — Fez uma pausa. — Mas, por enquanto, ainda não liberaram o poder que possuem, agradeço a Deus por isso, pois duvido que saberiam como controlá-lo. Ao menos por enquanto parecem satisfeitos em prenunciar o Apocalipse, e isso — riu ele com amargura — sempre foi uma coisa fácil de se vender.

— Mas a coisa fica pior — disse Teodora. — É quase de se acreditar que o Apocalipse realmente está próximo. Ouviu as más notícias?

— Não tive mais notícias desde que parti de Forlì.

— Lorenzo de Médici morreu em sua *villa* em Careggi.

Ezio ficou triste.

— Isso é, de fato, uma tragédia. Lorenzo era um amigo verdadeiro de minha

família e sem sua mão protetora temo que jamais recuperarei o Palazzo Auditore. Mas isso não é nada em comparação com o que a sua morte pode significar para a paz que ele mantinha entre as cidades-Estado, que foi sempre frágil, no melhor dos casos.

— Não é só — disse Teodora. — Se é possível, é uma notícia pior do que a da morte de Lorenzo. — Ela fez uma pausa. — Você precisa se preparar para ouvir, Ezio. O Espanhol, Rodrigo Bórgia, foi eleito papa. Ele governa o Vaticano e Roma como o Supremo Pontífice Alexandre VI!

— *O quê?* Mas com que artimanha do demônio...?

— O conclave de Roma acabou de terminar, neste mês. Os boatos são de que Rodrigo simplesmente comprou a maioria dos votos. Até mesmo Ascanio Sforza, que era o mais provável candidato contra ele, votou a seu favor! Pois foi comprado com mulas e mais mulas carregadas de prata, pelo que dizem.

— Como ele lucra sendo o papa? O que ele busca?

— Uma influência dessas já não é o suficiente? — perguntou Teodora, olhando para ele. — Agora estamos no poder de um lobo, Ezio. Talvez o mais perigoso de todos os que o mundo já viu.

— O que você diz é verdade, Teodora, mas o poder que ele busca é ainda maior do que aquele que o papado lhe dará. Se agora ele controla o Vaticano, está muito mais perto de ganhar acesso à Câmara; e continua atrás da Maçã, o "Pedaço do Éden" de que precisa para obter... o poder do próprio Deus!

— Rezemos para que você consiga trazê-la de volta às mãos dos Assassinos, pois Rodrigo como papa e mestre dos Templários já é perigoso o bastante. Quando ele tiver também a Maçã... — Ela se interrompeu. — Como você diz, será indestrutível.

— É estranho — comentou Ezio.

— O quê?

— Nosso amigo Savonarola não sabe, mas duas pessoas o perseguem.

Teodora levou Ezio até a grande praça no bairro manufatureiro de Veneza onde o pregador estava acostumado a fazer seus sermões e o deixou ali. Ezio, com o capuz escondendo-lhe o rosto, mas atento, se misturou à multidão que já se reunia. Não demorou para a praça estar lotada: as pessoas se amontoavam ao

redor de um pequeno palco de madeira, onde subiu um homem com ar ascético, frios olhos azuis, faces encovadas, cabelo grisalho e mãos encarquilhadas, vestido com uma túnica simples de lã cinzenta. Ele começou a falar, parando apenas quando os gritos enlouquecidos da multidão o obrigavam. Ezio viu com quanta habilidade um homem sozinho era capaz de conduzir centenas de pessoas a um estado de histeria cega.

— Reúnam-se, meus filhos, e ouçam meu grito! Pois o Fim dos Dias se aproxima. Estão prontos para o que há de vir? Estão prontos para enxergar a Luz com que meu irmão Savonarola nos abençoou? — Ele ergueu as mãos, e Ezio, que sabia exatamente de que luz o pregador estava falando, escutou sem se abalar. — Dias negros se avizinham — continuou o pregador. — Mas meu irmão me mostrou o caminho até a salvação, até a luz divina que nos aguarda. Porém, apenas se estivermos prontos, apenas se o abraçarmos. Deixem Savonarola ser seu guia, pois somente ele sabe o que está por vir. Não nos levará pelo caminho do Mal. — Então o pregador se inclinou com ardor no púlpito a sua frente. — Estão prontos para o acerto final, irmãos e irmãs? Quem irão seguir quando chegar a hora? — Houve nova pausa de efeito. — Existem muitos nas igrejas que pregam oferecer a salvação, os oficiais de justiça, os vendedores de indulgências, os escravos frívolos da superstição... Mas não, meus filhos! Eles estão todos a serviço do papa Bórgia, todos a serviço do “papa” Alexandre, o sexto e mais vendido de todos os que tiveram esse título!

A multidão explodiu em berros. Ezio estremeceu. Lembrou-se das profecias que aparentemente havia visto na Maçã no ateliê de Leonardo. Em algum ponto do futuro distante, havia uma época em que o inferno *realmente* tomaria conta da Terra — a menos que ele pudesse impedir.

— Nosso novo papa Alexandre não é um homem espiritualizado; não é um homem da alma. Homens como ele compram nossas preces e vendem as propriedades da Igreja para lucrar. Todos os padres de nossas igrejas são mercadores eclesiásticos! Apenas um homem dentre nós é um verdadeiro homem do espírito, apenas um homem dentre nós viu o futuro e falou com o Senhor: meu irmão, Savonarola! Ele é que deverá nos guiar!

Ezio se indagou: será que aquele monge maluco teria *aberto* a Maçã, como ele mesmo o fizera? Será que teve as mesmas visões? O que era mesmo que

Leonardo tinha dito sobre a Maçã... *não era segura para mentes mais fracas*?

— Savonarola irá nos guiar até a luz — concluiu o pregador. — Savonarola irá nos dizer o que está por vir! Savonarola irá nos levar até os portões do Paraíso! Não queremos que chegue o mundo novo que Savonarola testemunhou. O irmão Savonarola percorre o verdadeiro caminho até o senhor nosso Deus que estávamos buscando!

Ele ergueu novamente as mãos enquanto a multidão gritava e urrava.

Ezio sabia que a única maneira de encontrar o monge era por meio de seu acólito. Mas precisava encontrar uma maneira de chegar até ele sem levantar suspeitas da devotada multidão. Andou para a frente com cautela, assumindo o papel do homem obediente que busca a conversão para o bando do pregador.

Não foi fácil. Ele foi empurrado agressivamente pelas pessoas que viam que ele era um estranho, um recém-chegado, uma pessoa a ser olhada com reservas. Mas ele sorriu, fez reverências e até mesmo, como último recurso, atirou dinheiro no chão, dizendo: “Quero dar esmolas à causa de Savonarola e daqueles que o apoiam e acreditam nele”. E o dinheiro exerceu seu encanto de sempre. Na verdade, pensou Ezio, o dinheiro é o maior conversor de todos.

Por fim, o pregador, que havia observado o avanço de Ezio com um misto de divertimento e desdém, pediu que seus seguranças abrissem espaço e fez sinal para ele. Conduziu-o até um lugar silencioso, uma pracinha perto da praça principal, onde poderiam ter uma conversa a sós. Ezio ficou satisfeito de ver que o pregador obviamente achava que ele representaria uma adição importante e abastada a seu rebanho.

— Onde está Savonarola em pessoa? — perguntou ele.

— Está em toda parte, irmão — respondeu o pregador. — Ele é um com todos nós, e todos nós somos um só com ele.

— Escute aqui, amigo — disse Ezio, com urgência. — Estou atrás do homem, não do mito. Por favor, me diga onde ele está.

O pregador o olhou com desaprovação, e Ezio viu claramente a loucura nos olhos dele.

— Já lhe disse onde ele está. Olhe, Savonarola ama você do jeito que você é. Ele irá lhe mostrar a Luz. Irá lhe mostrar o *futuro*!

— Mas preciso conversar com ele pessoalmente. Preciso ver o grande líder!

Trago grandes riquezas para sua poderosa cruzada!

Diante disso, o pregador mostrou astúcia.

— Entendo — disse ele. — Seja paciente. A hora ainda não chegou. Mas você *irá* se juntar à nossa peregrinação, irmão.

E Ezio foi paciente. Foi paciente por um longo tempo. Então, um dia, foi convocado pelo pregador para encontrá-lo nas docas de Veneza ao anoitecer. Chegou cedo e aguardou impaciente e cheio de nervosismo, até que finalmente viu uma figura sombria se aproximar por entre as névoas da noite. Ezio cumprimentou o pregador:

— Não tinha certeza se o senhor viria.

O pregador pareceu satisfeito com aquilo.

— Você tem paixão pela busca da Verdade, irmão. E essa paixão passou no teste do tempo. Mas agora estamos prontos, e nosso grande líder assumiu o manto do comando para o qual nasceu. Venha!

Fez um gesto para que Ezio seguisse à frente dele e o conduziu até um cais onde aguardava uma grande galé. Perto dela esperava um grupo de fiéis. O pregador se dirigiu a eles:

— Meus filhos! Finalmente chegou a hora de partirmos. Nosso irmão e líder espiritual Girolamo Savonarola aguarda por nós na cidade que enfim tomou para si!

— Sim, é verdade! O desgraçado filho da puta dominou minha cidade e meu lar; levou-os à beira da insanidade!

O grupo e Ezio se viraram para olhar quem havia falado, um jovem de cabelos compridos, com lábios cheios e rosto fraco, agora contorcido de raiva, vestido numa capa negra.

— Acabo de fugir de lá — continuou ele. — Fui destronado de meu ducado por aquele cretino do rei Carlos da França, cuja interferência fez com que eu fosse substituído por esse Cão de Deus, Savonarola!

O humor do grupo ficou raivoso e com certeza teriam atirado o jovem na lagoa se o pregador não os houvesse impedido.

— Deixem o homem falar o que pensa — ordenou o pregador. Virando-se para o estranho, perguntou: — Por que usa o nome de Savonarola em vão,

irmão?

— Por quê? *Por quê?* Pelo que ele fez em Florença! Ele domina a cidade! Ou a Signoria está por trás dele ou impotente diante dele. Ele chicoteia a multidão, e até mesmo gente que deveria ser mais esclarecida, como *maestro* Botticelli, o segue como escravo. Queimam livros, obras de arte, qualquer coisa que aquele maluco considere imoral!

— Savonarola está em Florença agora? — perguntou Ezio atentamente. — Tem certeza?

— Quem *dera* fosse mentira! Quem *dera* ele estivesse na Lua ou na boca do inferno! Mal consegui escapar com vida!

— E quem exatamente é você, irmão? — perguntou o pregador, agora declaradamente impaciente.

O jovem se recompôs.

— Sou Piero de Médici. Filho de Lorenzo, *Il Magnifico*, e governante por direito de Florença!

Ezio agarrou-lhe a mão.

— Meus cumprimentos, Piero. Seu pai foi meu leal amigo.

Piero olhou para ele.

— Obrigado, seja lá você quem for. Quanto a meu pai, teve sorte de morrer antes de toda essa loucura irromper como uma onda gigante na nossa cidade. — Ele se virou imprudentemente para o grupo: — Não apoiem aquele monge desgraçado! Ele é um louco perigoso com um ego do tamanho do Duomo! Deveria ser morto como um cão enlouquecido!

Agora, em uníssono, o grupo rosnou em fúria puritana. O pregador se virou para Piero e berrou:

— Herege! Semeador de pensamentos malignos! — E, para a multidão, gritou: — É *ele* o homem que deve ser *morto*! Que deve ser *silenciado*! Que deve ser *queimado*!

Tanto Piero quanto Ezio, ao lado dele, haviam sacado as espadas àquela altura e enfrentavam a multidão ameaçadora.

— Quem é você? — perguntou Piero.

— Auditore, Ezio — respondeu o outro.

— Ah! *Sono grato del tuo aiuto.* Meu pai sempre falava de você. — Os olhos

dele analisaram os adversários. — Será que vamos escapar dessa?

— Espero que sim. Mas você não teve exatamente tato.

— Como eu iria saber?

— Acabou de destruir todo o meu esforço e preparação, mas não importa. Cuide da sua espada!

A luta foi difícil, mas breve. Os dois homens deixaram que o povo os fizesse recuar até um armazém abandonado e foi ali que atacaram. Por sorte, embora enraivecido, o grupo de peregrinos estava longe de ter lutadores experientes, e depois que o mais corajoso dentre eles recuou com cortes profundos feitos pelas espadas de Ezio e Piero, o resto desistiu e fugiu. Apenas o pregador, furioso e cinzento, permaneceu.

— Impostor! — disse ele a Ezio. — Você deverá ficar congelado para sempre no gelo do Quarto Anel do Nono Círculo. E sou eu quem irá mandá-lo para lá.

De sua túnica ele extraiu uma adaga afiada e correu para Ezio segurando-a acima da cabeça, pronto para atacar. Ezio recuou, quase caiu e ficou à mercê do pregador, mas Piero esfaqueou as pernas do homem e Ezio, depois de recuperar o equilíbrio, liberou sua adaga de dois gumes e enfiou as duas pontas afiadas no seu abdômen. Todo o corpo do pregador tremeu com o impacto; ele ofegou e caiu, retorcendo-se de dor e agarrando o chão, até por fim ficar imóvel.

— Espero que isso compense o contratempo que lhe causei — disse Piero com um sorriso triste. — Vamos! Vamos até o palácio do doge dizer a Agostino que mande um vigia para garantir que esse bando de lunáticos se separou e que todos voltaram para seus canis.

— *Grazie* — retrucou Ezio. — Mas preciso seguir outro caminho. Vou para Florença.

Piero o olhou, incrédulo.

— O quê? Para a própria boca do inferno?

— Tenho meus motivos para ir atrás de Savonarola. E talvez não seja tarde demais para também desfazer o estrago que ele causou à nossa cidade natal.

— Então eu lhe desejo boa sorte — disse Piero. — Seja lá qual for seu objetivo.

26

Fra' Girolamo Savonarola assumiu o governo efetivo de Florença em 1494, aos 42 anos de idade. Era um homem atormentado, um gênio desviado e o pior tipo de crente fanático, mas o mais amedrontador a seu respeito era que as pessoas não apenas permitiam que ele as liderasse mas também que as estimulasse a cometer os atos mais ridículos e destrutivos de insanidade. Tudo baseado no terror do fogo do inferno e em uma doutrina que pregava que todos os prazeres, todos os bens terrenos e todas as obras do homem eram desprezíveis, e que apenas pela abnegação completa uma pessoa poderia encontrar a verdadeira luz da fé.

Não é de se surpreender, pensava Ezio refletindo sobre essas coisas enquanto cavalgava em direção à sua cidade natal, que Leonardo se refugiasse em Milão: à parte qualquer outra coisa, do ponto de vista do amigo, Ezio havia descoberto que a homossexualidade, à qual antes as pessoas fechavam os olhos ou que era punível apenas com uma pequena multa, voltara novamente a ser uma ofensa capital em Florença. Não surpreendia também que a grande escola materialista e humanista de pensadores e poetas que antes se reunia ao redor do espírito estimulador e iluminado de Lorenzo houvesse se desmembrado e procurasse solo mais fértil do que o deserto intelectual em que Florença rapidamente vinha se transformando.

Ao se aproximar da cidade, Ezio percebeu grandes grupos de monges com hábitos negros e pessoas comuns com roupas sóbrias indo na mesma direção. Todos tinham aparência solene, mas virtuosa, e andavam com a cabeça baixa.

— Para onde vocês estão indo? — perguntou a um dos passantes.

— Para Florença. Para sentar aos pés do grande líder — disse um mercador com rosto pálido, antes de seguir caminho.

A estrada era larga, e, ao chegar ainda mais perto da cidade, Ezio viu outra concentração de gente que obviamente estava partindo de lá. Também andavam de cabeça baixa, com expressão séria e deprimida. Ao passarem por ele, Ezio ouviu trechos de conversa e percebeu que aquelas pessoas saíam em exílio voluntário. Empurravam carroças com pilhas altas ou carregavam sacos ou fardos com seus bens. Eram refugiados, banidos de seu lar ou pelo edito do monge ou por sua livre escolha, uma vez que não conseguiam mais suportar viver sob aquele governo.

— Se Piero tivesse apenas um décimo do talento do pai, teríamos um lugar para chamar de lar... — dizia um.

— Nunca deveríamos ter deixado aquele maluco se abrigar em nossa cidade — murmurava outro. — Olhe toda a desgraça que ele criou...

— O que eu não entendo é por que tanta gente se dispõe a aceitar essa opressão — comentou uma mulher.

— Bom, qualquer coisa é melhor do que Florença agora — respondeu outra. — Só fomos expulsos depois que nos recusamos a entregar tudo o que possuímos à sua preciosa Igreja de San Marco!

— Deve ser feitiçaria, é a única explicação em que consigo pensar. Até mesmo o *maestro* Botticelli está sob o encanto de Savonarola... Saibam vocês que ele está ficando velho, deve estar bem perto dos 50; talvez esteja se garantindo para entrar no céu.

— Queimar livros, prisões, todos esses malditos sermões! E pensar no que Florença era apenas há dois anos... um farol contra a ignorância! Agora cá estamos nós de novo, atolados de volta à Idade Média.

Então uma mulher disse algo que fez Ezio ficar ainda mais atento:

— Às vezes desejo que o Assassino volte a Florença, pois quem sabe aí a gente pudesse se livrar dessa tirania.

— Só em seus sonhos! — retrucou seu amigo. — O Assassino é um mito! Um bicho-papão que os pais usam para assustar as crianças.

— Você está errado: meu pai o viu em San Gimignano — suspirou a primeira mulher. — Mas foi mesmo *há anos*.

— Certo, certo... *se lo tu dici.*

Ezio cavalgou por eles, com o coração pesado. Mas seu ânimo se alegrou quando viu uma silhueta familiar vindo pela estrada para encontrá-lo.

— *Salute*, Ezio — cumprimentou Maquiavel, cujo rosto sério e corado estava mais velho agora, mas mais interessante graças às marcas dos anos.

— *Salute*, Nicolau.

— Você escolheu um ótimo momento para voltar ao lar.

— Você me conhece. Onde há doença, gosto de tentar curá-la.

— Sua ajuda com certeza será muito útil agora — suspirou Maquiavel. — Não há dúvida de que Savonarola não teria chegado onde chegou sem o uso daquele artefato poderoso, a Maçã. — Ele ergueu uma das mãos. — Sei tudo o que aconteceu desde que nos vimos pela última vez. Caterina mandou um mensageiro de Forlì dois anos atrás, e mais recentemente um deles chegou com uma carta de Piero, de Veneza.

— Vim atrás da Maçã. Ela já está há tempo demais longe de nossas mãos.

— Suponho que, de certa maneira, tenhamos de ser gratos ao horripilante Girolamo — disse Maquiavel. — Pelo menos ele a manteve longe das mãos do novo papa.

— Ele tentou alguma coisa?

— Continua tentando. Existe um boato de que Alexandre está planejando excomungar nosso querido dominicano. Não que isso vá mudar muita coisa por aqui.

— Devemos tentar recuperar a Maçã sem demora — disse Ezio.

— A Maçã? Claro. Embora isso vá ser mais complicado do que você pensa.

— Ah! E quando não é? — Ezio olhou para o amigo. — Por que não me conta o que houve por aqui?

— Venha, vamos voltar para a cidade. Vou lhe contar tudo que sei. Há pouco o que relatar. Resumindo, o rei Carlos VIII, da França, finalmente conseguiu dominar Florença. Piero fugiu. Carlos, mais faminto por terras do que nunca (por que diabos o chamam de “o Afável” é algo que ultrapassa meu entendimento), marchou até Nápoles, e Savonarola, o patinho feio, subitamente viu sua chance e pegou carona no vácuo. Ele é como qualquer ditador de qualquer lugar, minúsculo ou grandioso: não tem humor nenhum, é completamente convencido

e tem uma ideia inabalável de sua própria importância. O tipo mais eficiente e terrível de príncipe que se poderia desejar. — Fez uma pausa. — Um dia escreverei um livro sobre isso.

— E a Maçã foi o meio que usou para conquistar esse fim?

Maquiavel abriu as mãos.

— Apenas parcialmente. Boa parte se deve, odeio dizer, ao carisma dele. Não foi só a cidade em si que ele enfeitiçou, mas também seus líderes, homens cheios de influência e poder. Claro que alguns da Signoria se opuseram a ele de início, mas agora... — Maquiavel parecia preocupado. — Agora realmente estão no bolso dele. O homem que todos antes vilipendiavam de repente se tornou aquele a quem adoram. Quem não concordasse com ele era obrigado a ir embora. Isso continua acontecendo, como você bem viu hoje. E agora o conselho florentino oprime os cidadãos e garante que a vontade desse monge maluco seja feita.

— Mas e as pessoas comuns e decentes? Elas realmente agem como se não tivessem influência nenhuma na questão?

Maquiavel sorriu tristemente.

— Você sabe a resposta tão bem quanto eu, Ezio. Raro é o homem disposto a se opor ao *status quo*. Então, cabe a nós ajudar que se livrem desse infortúnio.

Àquela altura os dois Assassinos haviam chegado aos portões da cidade. Os guardas armados, como toda polícia, serviam ao interesse do Estado sem se importar com a moralidade deste: analisaram os papéis dos dois e fizeram um sinal para que entrassem. Mas antes Ezio notara outro bando deles ocupados, empilhando os cadáveres de guardas com o brasão de Bórgia. Apontou isso para Nicolau.

— Ah, sim — disse Maquiavel. — Como eu disse, o amigo Rodrigo (nunca vou me acostumar a chamar esse canalha de Alexandre) continua tentando. Manda soldados para Florença e Florença os despacha de volta, geralmente em pedaços.

— Então ele sabe que a Maçã está aqui?

— Claro que sabe! E devo confessar, é uma complicação infeliz.

— E onde está Savonarola?

— No Convento di San Marco, de onde ele administra a cidade. Quase nunca

sai de lá. Graças a Deus Fra' Angelico não viveu para ver o dia em que o irmão Girolamo se mudou para lá!

Eles desmontaram, colocaram os cavalos em um estábulo, e Maquiavel arrumou uma hospedagem para Ezio. A antiga casa de prazeres de Paola estava fechada, junto com todas as outras do ramo, conforme explicou Maquiavel. Sexo e jogatina, dança e esplendor estavam no topo da lista de proibições de Savonarola. A matança por puritanismo e a opressão, por outro lado, eram permitidas.

Depois de Ezio se instalar, Maquiavel foi com ele até o grande complexo religioso de San Marco. Os olhos de Ezio examinaram os edifícios.

— Um ataque direto a Savonarola seria perigoso — decidiu. — Especialmente quando ele tem a Maçã em sua posse.

— Verdade — concordou Maquiavel. — Mas que outra opção existe?

— Fora os líderes da cidade, que sem dúvida têm interesses especiais dissimulados, você tem certeza de que as pessoas continuam tendo ideias próprias?

— Um otimista se sentiria inclinado a apostar nisso — disse Maquiavel.

— O que quero dizer é: elas seguem o monge não por escolha, mas por medo e pela força?

— Ninguém fora um dominicano ou um político negaria isso.

— Então proponho usarmos isso a nosso favor. Se conseguirmos silenciar seus tenentes e espalhar o descontentamento, distrairemos Savonarola e teremos uma chance de atacar.

Maquiavel sorriu.

— Bem pensado. Devia haver um adjetivo para descrever pessoas como você. Vou falar com *La Volpe* e Paola: sim, eles continuam aqui, embora tenham sido obrigados a se esconder. Podem nos ajudar a organizar um levante enquanto você liberta os bairros.

— Então está acertado. — Porém, Ezio sentia-se incomodado, e Maquiavel percebeu. Ele o levou até o claustro silencioso de uma igrejinha ali perto e sentou-se com ele. — O que foi, meu amigo? — perguntou.

— Duas coisas, mas são pessoais.

— Diga.

— O antigo *palazzo* de minha família... o que foi feito dele? Mal ouso ir olhar.

Uma sombra atravessou o rosto de Maquiavel.

— Meu caro Ezio, seja forte. Seu *palazzo* está de pé, mas a capacidade de Lorenzo para protegê-lo só durou enquanto duraram o poder e a vida dele. Piero tentou seguir o exemplo do pai, mas depois que foi chutado pelos franceses, o Palazzo Auditore foi confiscado para uso como um alojamento para os mercenários suíços de Carlos. Depois que estes rumaram para o sul, os homens de Savonarola depenaram tudo o que havia ali e fecharam o palácio. Tenha coragem. Um dia você irá restaurá-lo.

— E Annetta?

— Fugiu, graças a Deus, e foi se juntar à sua mãe em Monteriggioni.

— Isso, pelo menos, já é alguma coisa.

Depois de um silêncio, Maquiavel perguntou:

— Qual é a segunda coisa?

Ezio sussurrou:

— Cristina...

— Você me pede para lhe contar coisas difíceis, *amico mio*. — Maquiavel franziu a testa. — Mas você precisa saber da verdade. — Ele fez uma pausa. — Meu amigo, ela morreu. Manfredo não quis ir embora, como fizeram muitos dos seus amigos depois das duas pragas seguidas, a dos franceses e a de Savonarola. Estava convencido de que Piero organizaria uma contraofensiva e tomaria a cidade de volta. Mas então ocorreu uma noite horrível, logo depois que o monge assumiu o poder, quando todos aqueles que voluntariamente não quiseram dispor de seus pertences às fogueiras das vaidades organizadas pelo monge para queimar e destruir todas as coisas luxuosas e terrenas tiveram suas casas saqueadas e queimadas.

Ezio ouviu, forçando-se a ficar calmo, embora seu coração estivesse prestes a explodir.

— Os fanáticos de Savonarola — prosseguiu Maquiavel — abriram caminho até o Palazzo d’Arzenta. Manfredo tentou se defender, mas havia muitos contra ele e seus homens... E Cristina não quis abandoná-lo. — Maquiavel fez uma longa pausa, lutando contra suas próprias lágrimas. — Em seu frenesi, aqueles

maníacos religiosos a mataram também.

Ezio olhou para a parede caiada na frente dele. Cada pequeno detalhe, cada rachadura, até mesmo as formigas andando por ela ficaram fora de foco.

27

Como é tão vã toda nossa esperança,
como uma falácia nossos planos em desnudo,
como no mundo reina a ignorância
nos mostra a Morte, mestra de tudo.
Para uns o dia passa em canto, torneio e dança,
uns dedicam talento às artes e estudo,
uns desdenham o mundo e suas coisas em andança,
outros transformam o sentimento em algo mudo.
Pensamentos e desejos vãos de diversa sorte
pela sabedoria que a Natureza afigura
predominam no mundo errante:
toda coisa é fugaz e pouco dura,
tanto a fortuna quanto o mal constante.
Uma só coisa permanece sempre mensura: a morte.

Ezio deixou o livro de sonetos de Lorenzo cair de sua mão. A morte de Cristina só fez aumentar sua determinação de extirpar o que a provocara. Sua cidade havia sofrido por tempo o bastante sob o governo de Savonarola; uma quantidade grande demais de seus concidadãos, de todos os estilos de vida, havia sucumbido a seu feitiço, e aqueles que discordavam dele ou eram discriminados e forçados a se esconder ou obrigados a se exilar. Era hora de agir.

— Muitas pessoas que poderiam nos ajudar partiram para o exílio — explicou-lhe Maquiavel. — E nem os principais inimigos de Savonarola fora da cidade-Estado, ou seja, o duque de Milão e nosso velho amigo Rodrigo, o papa Alexandre VI, conseguiram expulsá-lo.

— E essas fogueiras?

— São a coisa mais insana de todas. Savonarola e seus comparsas mais chegados organizam grupos de seguidores para irem de porta em porta exigindo a entrega de quaisquer objetos que considerem moralmente questionáveis, até mesmo cosméticos e espelhos, que dirá quadros e livros considerados imorais, todo tipo de jogos, inclusive o xadrez, pelo amor de Deus, instrumentos musicais... Todo tipo de coisa. Se o monge e seus seguidores acharem que esses objetos distraem da religião, são levados até a Piazza della Signoria e queimados em grandes fogueiras. — Maquiavel balançou a cabeça. — Florença perdeu muito de seu valor e de sua beleza graças a isso.

— Mas com certeza a cidade deve estar ficando cansada desse comportamento, não?

Maquiavel sorriu.

— Isso é verdade, e esse sentimento é nosso melhor aliado. Acho que Savonarola realmente acredita que o Dia do Julgamento está próximo. O problema é que esse dia não dá mostras de chegar, e mesmo aqueles que começaram acreditando fervorosamente nele estão começando a ter sua fé abalada. Infelizmente há muitas pessoas influentes e poderosas aqui que ainda o apoiam sem questionar. Se elas pudessem ser eliminadas...

Então começou para Ezio um período frenético de caçar e eliminar vários desses apoiadores, que de fato eram gente de todo tipo — havia um artista famoso, um velho soldado, um mercador, diversos padres, um médico, um fazendeiro e um ou dois aristocratas, todos fanaticamente crentes nas ideias incutidas pelo monge. Alguns, antes de morrer, viram a tolice que vinham professando; outros continuaram sustentando uma convicção inabalável. Ezio, ao empreender aquela tarefa desagradável, viu-se ele mesmo na maioria das vezes ameaçado pela morte. Porém, logo começaram os boatos pela cidade, espalhados de madrugada, murmúrios em tavernas ilícitas e becos escuros. *O Assassino voltou. O Assassino veio salvar Florença...*

Ver a cidade de seu nascimento, de sua família, de sua herança ser tão vitimada pelo ódio e pela insanidade do fervor religioso entristecia Ezio profundamente. Foi com coração endurecido que trilhou o caminho da morte —

um vento gelado a limpar *Firenze*, diminuída por aqueles que a haviam arrancado de sua glória. Como sempre, matou com compaixão, sabendo que não havia outra maneira possível para aqueles que haviam caído tão longe de Deus. Naqueles tempos de escuridão, nunca se desviou nem uma vez sequer de seu dever para com o Credo dos Assassinos.

Aos poucos o humor geral da cidade estremeceu, e Savonarola assistiu seu apoio diminuir à medida que Maquiavel, *La Volpe* e Paola trabalhavam junto com Ezio para organizar um levante, um levante guiado por um processo lento mas poderoso de esclarecimento das pessoas.

O último dos *alvos* de Ezio foi um padre iludido, que quando Ezio localizou estava pregando a uma multidão na frente da igreja do Santo Spirito.

— Povo de Florença! Venham! Aproximem-se. Ouçam bem o que eu digo! O fim está próximo! Agora é a hora de se arrepender! De implorar o perdão de Deus. Escutem, se não conseguem ver por si mesmos o que está acontecendo. Os *sinais* estão por toda parte à nossa volta: desassossego! Fome! Corrupção! Estes são os arautos da *escuridão*! Precisamos ficar firmes em nossa devoção para que isso não consuma a *todos nós*! — Ele os olhou com olhos ardentes. — Vejo que duvidam, que acham que sou louco. Ahhh... mas os romanos não disseram o mesmo de Jesus? Saibam que eu também certa vez compartilhei de sua incerteza, de seu medo. Mas isso foi antes de Savonarola vir até mim. Ele me mostrou a *verdade*! Por fim meus olhos se *abriram*. E então estou aqui na frente de vocês hoje, na esperança de que eu também consiga abrir seus olhos! — O pregador fez uma pausa para recuperar o fôlego. — Entendam que estamos diante de um precipício. De um lado, o brilhante e glorioso *Reino de Deus*. Do outro, um poço sem fundo de *desespero!* Vocês já estão se balançando perigosamente na beirada dele. Homens como os Médici e as outras famílias que um dia vocês chamaram de mestres buscavam apenas os bens e o lucro terrestre. Abandonaram suas crenças em favor dos prazeres materiais, e teriam visto vocês fazerem o mesmo. — Fez nova pausa, dessa vez de efeito, e prosseguiu: — Nosso sábio profeta certa vez disse: “A única coisa boa que devemos a Platão e Aristóteles é eles terem fornecido tantos argumentos que podemos usar contra os hereges. Contudo, eles e outros filósofos hoje estão no inferno.” Se vocês dão valor a suas almas imortais, virem as costas a esse curso ímpio e abracem os

ensinamentos de nosso profeta, Savonarola. Então irão santificar seus corpos e seus espíritos, irão descobrir a glória de Deus! Irão, finalmente, se tornar o que nosso Criador desejava: servos leais e obedientes!

Mas a multidão, que já diminuía, estava perdendo o interesse, e agora as últimas pessoas restantes começavam a ir embora também. Ezio deu um passo à frente e se dirigiu ao pregador iludido.

— É sua opinião — disse. — Acredito que sim.

O pregador riu.

— Nem todos precisam de persuasão ou coerção para se convencerem. Eu já acreditava antes. Tudo o que eu disse é verdade!

— Nada é verdade — retrucou Ezio. — E o que faço agora não é nada fácil. — Ele liberou a lâmina do pulso e esfaqueou o pregador. — *Requiescat in pace* — disse. Virando-se para longe do cadáver, puxou o capuz mais para baixo na cabeça.

Foi uma longa e difícil estrada, mas perto do fim o próprio Savonarola se tornou involuntariamente um aliado dos Assassinos, porque o poder financeiro de Florença minguou: o monge detestava tanto o comércio quanto o lucro, duas coisas que faziam a grandeza da cidade. E o Dia do Julgamento ainda não tinha chegado. Um franciscano liberal desafiou o monge a uma prova de fogo. O monge se recusou a aceitar, e sua autoridade sofreu outro golpe. No início de maio de 1497, diversos jovens da cidade fizeram uma marcha de protesto, e o protesto logo se transformou em tumulto. Depois disso, as tavernas começaram a reabrir as portas, as pessoas voltaram a cantar, dançar, jogar e se deitar com prostitutas — a se divertir, na verdade. E os negócios e os bancos também voltaram a abrir as portas, devagar no início, à medida que exilados voltavam aos bairros da cidade agora libertos do regime do monge. Não ocorreu da noite para o dia, mas finalmente, quase um ano depois do tumulto, pois o homem se aferrou com teimosia ao poder, o momento da queda de Savonarola parecia iminente.

— Você se saiu bem, Ezio — disse-lhe Paola, enquanto esperavam por *La Volpe* e Maquiavel ante os portões do complexo de San Marco junto com uma multidão ansiosa e incontrolável reunida dos bairros libertos.

— Obrigado. Mas e agora, o que vai acontecer?

— Observe — disse Maquiavel.

Com um estrondo, a porta se abriu acima de suas cabeças e uma figura franzina vestida de negro apareceu em uma sacada. O monge olhou com raiva para o populacho reunido.

— Silêncio! Ordeno silêncio!

Impressionada, a multidão se aquietou.

— Por que estão aqui? — exigiu saber Savonarola. — Por que vêm me perturbar? Vocês deveriam estar limpando a casa!

Mas a multidão urrou em desaprovação.

— Limpar o quê? — berrou um homem. — Você já levou tudo embora!

— Eu já me segurei demais! — gritou Savonarola de volta. — Mas agora vocês farão como eu mandar! Irão *obedecer*!

E do hábito ele sacou a Maçã e a ergueu bem alto. Ezio viu que a mão que a segurava era a que faltava um dos dedos. Na mesma hora a Maçã começou a brilhar, e a multidão recuou, espantada. Mas Maquiavel, mantendo a calma, endireitou o corpo e atirou uma faca, que perfurou o antebraço do monge. Com um grito de dor e ódio, Savonarola soltou a Maçã, que caiu da sacada para a turba abaixo.

— *Nãããããão!* — gritou ele. Mas de repente pareceu diminuído, e seu comportamento, ao mesmo tempo constrangedor e patético. Foi o bastante para a multidão, que se refez e investiu contra os portões de San Marco.

— Rápido, Ezio! — disse *La Volpe*. — Encontre a Maçã. Não pode ter caído longe.

Ezio a viu, rolando despercebida entre os pés do povo. Ele mergulhou entre eles e acabou levando muitas pancadas, mas por fim conseguiu alcançá-la. Rapidamente ele a transferiu para a segurança da bolsa em seu cinto. Os portões de San Marco estavam abertos agora — provavelmente alguns dos irmãos lá dentro achavam que a melhor parte da coragem era a discrição e desejavam salvar sua igreja e o monastério, bem como a própria pele, rendendo-se ao inevitável. Além disso, não havia poucos entre eles que já estavam cansados do tedioso despotismo do monge. A multidão invadiu os portões e ressurgiu, minutos depois, carregando Savonarola nos ombros, que chutava e berrava.

— Levem-no ao Palazzo della Signoria — ordenou Maquiavel. — Que ele seja julgado ali!

— Idiotas! Blasfemos! — gritou Savonarola. — Deus é testemunha desse sacrilégio! Como ousam tratar seu profeta assim! — Em parte o que ele dizia se perdia em meio aos gritos enfurecidos da multidão, mas, apesar de estar tão lívido quanto amedrontado, continuou, pois sabia — não que pensasse mesmo nestes termos — que aquela era sua última aposta. — Hereges! Todos vocês vão queimar no inferno por isso! *Estão me ouvindo? Queimar!*

Ezio e seus companheiros Assassinos seguiram a multidão que levava o monge ainda gritando sua mistura de apelos e ameaças:

— A espada de Deus irá cair sobre a Terra rápida e subitamente. Soltem-me, pois apenas eu posso salvar vocês de Sua ira! Meus filhos, libertem-me antes que seja tarde demais! Só existe uma única salvação verdadeira, e vocês abrem mão do caminho até ela em nome do mero ganho material! Se não se dobrarem novamente diante de mim, toda Florença conhecerá a ira do Senhor, e esta cidade cairá como Sodoma e Gomorra, pois Ele saberá da profundidade de sua traição. *Aiutami, Dio!* Fui dominado por dez mil Judas!

Ezio estava perto o bastante para ouvir um dos cidadãos que carregavam o monge dizer:

— Ah, chega de suas mentiras. Você só está falando de desgraças e ódio para nós desde que apareceu por aqui!

— Deus pode até estar em sua cabeça, monge — disse outro —, mas está longe do seu coração.

Agora aproximavam-se da Piazza della Signoria, e outros na multidão se juntaram aos gritos triunfantes.

— Já sofremos demais! Queremos ser livres de novo!

— Em breve a luz da vida irá retornar para nossa cidade!

— Precisamos punir o traidor! *Ele* é que é o verdadeiro herege! Ele distorceu a Palavra de Deus para servir a seu próprio interesse! — berrou uma mulher.

— O jugo da tirania religiosa finalmente se quebrou — exclamou outro. — Savonarola enfim vai ser punido!

— A verdade nos iluminou e o medo se foi! — berrou um terceiro. — Suas palavras não têm mais influência por aqui, monge!

— Você clamou ser o profeta de Deus, mas suas palavras eram sombrias e cruéis. Você nos chamou de marionetes do demônio, mas acho que o verdadeiro marionete talvez fosse *você*!

Ezio e seus amigos não precisaram mais interceder: o mecanismo que haviam colocado em movimento faria o resto do trabalho. Os líderes da cidade, tão ansiosos em salvar a própria pele quanto em agarrar o poder para si, saíram da Signoria para mostrar seu apoio. Um palco foi montado e sobre ele uma enorme pilha de lenha se ergueu ao redor de três estacas, enquanto Savonarola e seus dois mais ardentes tenentes eram arrastados para dentro da Signoria para um julgamento breve e bárbaro. Como não havia demonstrado misericórdia, nenhuma lhe seria dada. Logo os três reapareceram algemados, foram conduzidos até as estacas e amarrados a elas.

— Ah, Senhor meu Deus, tende piedade de mim — Savonarola implorou. — Libertai-me do abraço do mal! Rodeado como estou pelo pecado, grito a vós por salvação!

— *Você* queria *me* queimar! — zombou um homem. — Agora o quadro se inverteu!

Os carrascos puseram tochas na lenha ao redor das estacas. Ezio assistiu, pensando nos seus parentes que haviam encontrado o fim, tantos anos atrás, naquele mesmo lugar.

— *Infelix ego* — rezou Savonarola, com a voz alta repleta de dor, quando o fogo começou a queimar. — *Omnium auxilio destitutus*... Quebrei as leis do Céu e da Terra. Para que lado posso me voltar? A quem posso acorrer? Quem terá piedade de mim? Não ouso olhar para o Paraíso pois pequei gravemente contra ele. Não posso encontrar refúgio na Terra, pois também fui um escândalo para ela...

Ezio se aproximou o máximo que pôde. “Apesar do mal que ele me causou, nenhum homem, nem mesmo este, merece morrer em tamanho sofrimento”, pensou. Extraiu sua pistola carregada do alforje e a prendeu ao mecanismo do braço direito. Naquele instante, Savonarola percebeu sua presença e o encarou, meio com medo e meio com esperança.

— É você — disse ele, erguendo a voz por sobre o rugido do fogo, mas os dois estavam quase se comunicando mentalmente. — Sabia que este dia iria

chegar. Irmão, por favor, me mostre a piedade que não mostrei a você. Eu o deixei à mercê dos lobos e dos cães.

Ezio ergueu um dos braços.

— Adeus, *padre* — falou, e disparou. No pandemônio do incêndio, seu gesto e o barulho da arma passaram despercebidos. A cabeça de Savonarola afundou-se em seu peito. — Vá em paz, e que você possa ser julgado pelo seu Deus — disse Ezio silenciosamente. — *Requiescat in pace.* — Ele olhou para os dois monges tenentes, Domenico e Silvestro, mas já estavam mortos, e seus intestinos estourados foram cuspidos para o fogo. O cheiro de carne queimada era pungente nas narinas de todos, e a multidão começou a se acalmar. Não demorou para que em breve houvesse pouquíssimo ruído além do crepitar das chamas terminando seu trabalho.

Ezio se afastou das piras. De pé a curta distância estavam Maquiavel, Paola e *La Volpe*, que o assistiam. Maquiavel encontrou seu olhar e fez um pequeno gesto de encorajamento. Ezio sabia o que precisava fazer. Subiu no palco na extremidade oposta às fogueiras, e todos os olhos se voltaram para ele.

— Cidadãos de Florença! — disse em voz de clarim. — Vinte e dois anos atrás, estive onde agora estou e observei a morte daqueles que amo, traídos por aqueles que considerava amigos. A vingança nublou minha mente e teria me consumido, se não fosse pela sabedoria de alguns estranhos que me ensinaram a olhar além de meus instintos. Eles nunca pregaram respostas, mas me orientaram a aprender por mim mesmo. — Ezio viu que a seus companheiros Assassinos agora se juntara seu tio Mario, que sorriu e ergueu uma das mãos em cumprimento. — Meus amigos — continuou —, não precisamos de ninguém para nos dizer o que fazer. Nem Savonarola, nem os Pazzi, nem mesmo os Médici. Somos livres para seguir nosso próprio caminho. — Fez uma pausa. — Existem aqueles que irão arrancar essa liberdade de nós, e muitos de vocês, muitos de nós, infelizmente, a entregarão de bom grado. Mas temos em nosso coração o poder da *escolha*, de escolher o que consideramos ser a *verdade*, e é o exercício desse poder que nos torna humanos. Não há livro ou professor capaz de nos dar as respostas, de nos mostrar o caminho. Então, escolham o *seu próprio*! Não sigam a mim, nem a ninguém!

Com um sorriso íntimo, ele notou como alguns dos membros da Signoria o

olhavam incomodados. Talvez a humanidade jamais mudasse, mas não fazia mal dar um empurrão. Ele pulou para fora do palco, puxou o capuz por sobre a cabeça, saiu da praça em direção à rua que corria ao longo da muralha norte da Signoria, que memoravelmente percorrera duas vezes antes, e sumiu de vista.

E foi ali então que começou para Ezio a última, longa e difícil missão de sua vida, antes do confronto final que sabia ser inevitável. Com Maquiavel ao seu lado, organizou os companheiros da Ordem dos Assassinos de Florença e Veneza numa peregrinação por toda a península da Itália, de alto a baixo, armados com cópias do mapa de Girolamo, a fim de cuidadosamente recolher as páginas restantes que faltavam do Grande Códex. Vasculharam as províncias de Piemonte, Trento, Ligúria, Úmbria, Vêneto, Friuli, Lombardia; Emília-Romana, Marche, Toscana, Lácio, Abruzzo; Molise, Apúlia, Campânia, Basilicata e a perigosa Calábria. Demoraram-se por demais talvez em Capri, e cruzaram o mar Tirreno até a terra dos sequestradores, a Sardenha, e a perigosa Sicília, dominada por gangues. Visitaram reis, cortejaram duques e combateram os Templários que encontraram na mesma missão, mas no fim triunfaram.

Reuniram-se em Monteriggioni. A missão havia levado cinco longos anos, e Alexandre VI, Rodrigo Bórgia, já velho mas ainda forte, continuava papa em Roma. O poder dos Templários, embora diminuído, ainda constituía uma grave ameaça.

Restava muito por fazer.

28

Certa manhã, no início de agosto de 1503, Ezio, então um homem de 44 anos, de têmporas manchadas de grisalho mas barba ainda castanha, foi convocado pelo tio para se juntar a ele e aos outros da Companhia dos Assassinos reunidos em seu gabinete no castelo de Monteriggioni. Junto a Paola, Maquiavel e *La Volpe* estavam Teodora, Antonio e Bartolomeo.

— Chegou a hora, Ezio — disse Mario solenemente. — Agora detemos a Maçã e todas as páginas restantes do códex. Vamos terminar o que você e meu irmão, seu pai, começaram há tanto tempo... Talvez consigamos finalmente entender a profecia escondida dentro do códex e enfim quebrar o inexorável poder dos Templários para sempre.

— Então, tio, precisamos começar localizando a Câmara. As páginas do códex que o senhor reuniu deverão nos levar até ela.

Mario acionou a abertura secreta da estante para revelar a parede onde o códex, agora em sua totalidade, estava pendurado. Perto dele, em um pedestal, estava a Maçã.

— É assim que as páginas se relacionam umas com as outras — disse Mario enquanto todos analisavam o projeto complexo. — Parece mostrar um mapa do mundo, mas de um mundo maior do que o que conhecemos, com continentes desconhecidos no oeste e no sul. Mas estou convencido de que eles de fato existem.

— Existem outros elementos — disse Maquiavel. — Aqui, à esquerda, é possível ver um esboço do que só pode ser um báculo episcopal, talvez até mesmo um artefato papal. À direita há claramente uma representação da Maçã.

No meio das páginas agora podemos ver uma dúzia de pontos marcados em um padrão cujo significado é ainda misterioso.

Enquanto ele falava, a Maçã começou a brilhar sozinha e por fim a piscar de modo ofuscante, iluminando as páginas do códex e parecendo abraçá-las. Então ela voltou a seu estado neutro.

— Por que ela fez isso, e por que neste exato momento? — perguntou Ezio, desejando que Leonardo estivesse ali para explicar aquilo, ou pelo menos deduzir. Tentava se lembrar do que o amigo dissera sobre as propriedades singulares daquela máquina curiosa, embora não soubesse o que ela era: parecia ser tanto algo vivo quanto um mecanismo. Mas a intuição lhe disse para confiar na Maçã.

— Mais um mistério para decifrar — disse *La Volpe*.

— Como esse mapa pode ser possível? — perguntou Paola. — Continentes desconhecidos...!

— Talvez sejam continentes esperando ser redescobertos — sugeriu Ezio, mas seu tom era de espanto.

— Como pode ser? — indagou Teodora.

— Talvez a Câmara detenha a resposta — respondeu Maquiavel.

— Podemos ver onde ela está localizada agora? — quis saber o sempre pragmático Antonio.

— Vejamos... — disse Ezio, examinando o códex. — Se traçarmos linhas embaixo destes pontos... — Foi o que ele fez. — Eles convergem, vejam! Em um único local. — Ele recuou. — Não! Não pode ser! A Câmara! Parece que a Câmara está em Roma! — Ele olhou ao redor do grupo, que leu seu pensamento seguinte.

— Isso explica por que Rodrigo estava tão ansioso para se tornar papa — disse Mario. — Há onze anos ele governa a Santa Sé, mas, embora obviamente saiba que a Câmara está lá, ainda não tem os meios para desvendar o mais profundo segredo do Vaticano.

— Claro! — exclamou Maquiavel. — De certa maneira temos de admirá-lo. Ele não só conseguiu localizar a Câmara como também, tornando-se papa, tem controle sobre a cruz papal!

— Cruz? — perguntou Teodora.

— O códex sempre menciona dois “Pedaços do Éden”: ou seja, duas *chaves*, isso não pode significar outra coisa — disse Mario. — Uma delas é a Maçã. — Ele voltou os olhos para o objeto.

— E a outra é a cruz papal! — gritou Ezio, compreendendo tudo. — *A cruz papal é o segundo “Pedaço do Éden”!*

— Exatamente — disse Maquiavel.

— Meu Deus, você tem razão! — exclamou tio Mario, mas de repente seu tom ficou grave. — Durante anos, durante décadas, buscamos essas respostas.

— E agora nós as temos — acrescentou Paola.

— Só que o Espanhol também as tem — interveio Antonio. — Não sabemos se existem outras cópias do códex. Não sabemos se, ainda que a coleção de Rodrigo seja incompleta, ele conseguiu informações suficientes para... — Ele se interrompeu. — Caso isso seja verdade, se ele encontrar o caminho até a Câmara... — Abaixou a voz. — Seu conteúdo fará a Maçã parecer uma coisa insignificante.

— Duas chaves — lembrou-os Mario. — A Câmara precisa de duas chaves para ser aberta.

— Mas não podemos assumir nenhum risco — disse Ezio com urgência. — Preciso cavalgar até Roma agora mesmo e encontrar a Câmara! — Ninguém discordou. Ezio olhou o rosto de cada um. — E quanto a vocês?

Bartolomeo, que até então permanecera em silêncio, agora falou, com menos naturalidade do que o normal:

— Farei o que sei fazer melhor: provocar alguma confusão na Cidade Eterna, algum alvoroço, algo que cause distração e vocês consigam passar despercebidos.

— Todos nós vamos ajudar a tornar o caminho o mais livre possível para você, meu amigo — acrescentou Maquiavel.

— Simplesmente me avise quando você estiver pronto, *nipote*, e todos estaremos atrás de você para apoiá-lo — disse Mario. — *Tutti per uno e uno per tutti!*

— *Grazie, amici* — agradeceu Ezio. — Sei que estarão lá quando eu precisar. Mas deixem-me carregar o fardo dessa última missão: um peixe solitário é capaz de deslizar por uma rede que apanha um cardume, e os

Templários estarão de sobreaviso.

Fizeram rapidamente seus preparativos e em meados do mês, Ezio, com a preciosa Maçã sob sua custódia, chegou de barco no cais do Tibre perto do Castel Sant'Angelo, em Roma. Havia tomado todas as precauções, mas por alguma artimanha do diabo ou pela astúcia dos espiões onipresentes de Rodrigo, sua chegada não passou despercebida, e ele foi desafiado por um esquadrão de guardas de Bórgia nos portões do cais. Teria de lutar para entrar no Passetto di Borgo, a passagem elevada de quase um quilômetro de comprimento que ligava o Castel ao Vaticano. Sabendo que o tempo estava contra eles, agora que Rodrigo sabia de sua chegada, Ezio decidiu que um ataque rápido e preciso era sua única opção. Correu como um lince até a cobertura de uma carroça guiada por bois que estava transportando barris das docas e, pulando no barril mais alto, saltou dele para uma armação pendurada. Os guardas assistiram boquiabertos o Assassino se lançar da armação com a capa da cobertura esvoaçando atrás de si. De adaga em punho, matou o sargento de Bórgia que estava a cavalo e tomou-lhe a montaria. Toda a manobra havia se desenrolado em menos tempo do que os outros guardas tinham levado para sacar as espadas. Ezio, sem olhar para trás, cavalgou para o Passetto muito mais rápido do que os guardas possivelmente poderiam acompanhar.

Ao chegar a seu destino, Ezio descobriu que o portão pelo qual deveria entrar era baixo e estreito demais para um homem a cavalo, então desmontou e continuou o caminho a pé, matando os dois homens que o guardavam com um único movimento preciso de suas lâminas. Apesar da idade, Ezio havia intensificado seu treinamento e agora estava no auge de seus poderes: era o pináculo de sua Ordem, o Assassino supremo.

Do outro lado do portão, ele se viu em um pátio estreito, e, logo em seguida, outro portão. Parecia não estar guardado, mas quando se aproximou da alavanca a seu lado, que supôs que o abriria, ouviu um grito das ameias acima: *“Parem o invasor!”* Olhando para trás, viu o portão por onde havia entrado se fechar com um estrondo. Ele estava preso naquele espaço apertado!

Ezio atirou-se sobre a alavanca que controlava o segundo portão, enquanto os arqueiros espalhados acima dele se preparavam para atirar, e conseguiu passar

por ele como um raio no justo momento em que as flechas atingiram o chão atrás de si.

Agora estava dentro do Vaticano. Movendo-se como um gato por aqueles corredores labirínticos e escondendo-se nas sombras à menor pista da passagem dos guardas agora alertas, pois não podia se dar ao luxo de algum confronto que denunciasse onde ele estava, viu-se finalmente na vasta caverna da Capela Sistina.

A obra-prima de Baccio Pontelli, construída para o antigo inimigo dos Assassinos, o papa Sisto IV, e concluída vinte anos antes, erguia-se acima dele. A grande quantidade de velas acesas àquela hora apenas conseguia diminuir um pouco a escuridão. Ezio distinguiu pinturas murais de Ghirlandaio, Botticelli, Perugino e Rosselli, mas o grande arco do teto ainda precisava ser decorado.

Entrou por uma janela de vitrais que estava sendo consertada e se equilibrou em um vão interno que dava para o amplo saguão. Abaixo dele, Alexandre VI, vestido com toda a pompa de dourado, conduzia a missa, lendo o Evangelho de São João:

— *In principio erat Verbum, et Verbum erat apude Deum, et Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deum. Omnia per ipsum fact sunt, et sine ipso factum est nihil quid factum est...* Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreendem. Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio para testemunho, para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele. Não era ele a luz, mas para que testificasse da luz. Aquela que era a luz verdadeira, que ilumina a cada homem que vem ao mundo. Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome; que nasceram não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade...

Ezio assistiu até que a missa terminasse e a congregação começasse a sair, deixando o papa sozinho com seus cardeais e padres assistentes. Será que o Espanhol sabia que Ezio estava ali? Será que planejava algum tipo de confronto?

Ezio não sabia, mas podia perceber que ali estava uma oportunidade de ouro de livrar o mundo de seu Templário mais ameaçador. Reunindo coragem, atirou-se para a frente e para baixo e fez uma aterrissagem perfeita agachado perto do papa. Então se levantou imediatamente, antes que o homem ou seus assistentes tivessem tempo de reagir ou gritar por ajuda, e enfiou sua lâmina retrátil com força no corpo inchado de Alexandre. O papa caiu sem som no chão aos pés de Ezio e ali ficou imóvel.

Ezio foi até ele, ofegando.

— Achei... achei que eu estava acima disso. Achei que eu poderia superar a vingança, mas não posso. Sou apenas um homem. Esperei tempo demais, perdi demais... e você é um cancro no mundo que deve ser extirpado para o bem de todos... *Requiescati in pace, sfortunato.*

Virou-se para sair, mas então algo estranho aconteceu. A mão do Espanhol apertou a cruz papal que estivera segurando. Imediatamente ela começou a emitir uma luz branca, e ao fazê-lo toda a grande caverna da capela pareceu girar sem parar. E os frios olhos cor de cobalto do Espanhol se abriram.

— Ainda não estou pronto para descansar em paz, seu desgraçado patético — resmungou o Espanhol.

Houve um grande brilho e os padres assistentes e cardeais, além dos membros da congregação que continuavam dentro da capela, caíram no chão, gritando de dor, enquanto estranhos raios tênues de luz translúcida, parecidos com fumaça pela forma como se enovelavam, emergiram de seus corpos e se dirigiram até a cruz papal cintilante que o papa, agora de pé, segurava com mãos de aço.

Ezio correu até ele, mas o Espanhol gritou:

— Não se atreva, Assassino!

Ele ergueu a cruz papal para Ezio. Ela crepitou de uma forma estranha, como um raio, e Ezio foi arremessado pela capela sobre os corpos dos padres e das pessoas que gemiam e se retorciam. Rodrigo Bórgia bateu a cruz rapidamente no chão perto do altar, e mais energia semelhante a fumaça fluiu até ela — e até ele — vinda dos corpos infelizes.

Ezio se recompôs e confrontou novamente seu aqui-inimigo.

— Você é um demônio! — gritou Rodrigo. — Como é que você pode

resistir? — Então abaixou os olhos e viu que a bolsa na lateral do cinto de Ezio, que ainda continha a Maçã, brilhava com força. — Ah! — disse Rodrigo, os olhos cintilantes como brasas. — Você está com a Maçã! Que conveniente! Dê-me *agora*!

— *Vai a farti fottere!*

Rodrigo gargalhou.

— Que vulgaridade! Mas sempre o lutador! Assim como seu pai. Bem, alegre-se, meu filho, pois *em breve* você irá revê-lo!

Ele agitou a cruz de novo e o báculo episcopal bateu na cicatriz nas costas da mão de Ezio, que sentiu um choque percorrer seu corpo e cambaleou para trás, mas não caiu.

— Você vai *me entregar* a Maçã! — vociferou Rodrigo, aproximando-se.

Ezio pensou rápido. Sabia do que a Maçã era capaz e precisava correr o risco agora, ou morrer tentando.

— Como quiser — respondeu. Retirou a Maçã da bolsa e ergueu-a. Ela brilhou com tanta força que toda a capela pareceu por um instante iluminada pela luz do sol, e, quando a escuridão da luz de velas voltou, Rodrigo viu oito Ezios espalhados diante dele.

Mas não se abalou.

— Ah, ela consegue produzir cópias suas! — disse. — Que impressionante. Difícil dizer qual é o verdadeiro você e quais são quimeras, mas isso seria difícil mesmo na melhor das hipóteses, e se você acha que um truque de feitiçaria barato desses vai salvar sua vida, está muito enganado!

Rodrigo se lançou sobre os clones e, sempre que atingia um deles, este virava fumaça. Os fantasmagóricos Ezios pavoneavam e simulavam ataques, mas não eram capazes de causar nenhum mal ao Espanhol, a não ser distraí-lo. Somente o verdadeiro Ezio podia dar golpes, mas eram insignificantes graças ao poder da cruz papal, que o impedia de se aproximar o bastante do desprezível papa. Porém, Ezio rapidamente percebeu que a luta estava minando as forças de Rodrigo. Quando os sete fantasmas sumiram, o repulsivo pontífice já estava cansado e sem fôlego. A loucura consome uma quantidade de energia do corpo que poucas outras coisas conseguem, e Rodrigo afinal de contas era um velho de 72 anos de idade, e sifilítico. Ezio guardou a Maçã na bolsa mais uma vez.

Ofegante depois da luta com os espectros, o papa caiu de joelhos. Ezio, quase igualmente sem fôlego porque seus clones necessariamente haviam utilizado sua energia para se divertir, foi até ele. Olhando para cima, Rodrigo agarrou a cruz papal.

— Isso você não vai arrancar de mim — disse ele.

— Acabou, Rodrigo. Solte a cruz papal e lhe darei uma morte rápida e misericordiosa.

— Que generoso — zombou Rodrigo. — Eu me pergunto se você desistiria de um jeito tão indiferente se o jogo estivesse invertido.

Reunindo suas forças, o papa ergueu-se abruptamente e ao mesmo tempo bateu com a cruz papal no chão. Na penumbra além deles, os padres e as pessoas tornaram a gemer e mais energia saiu chicoteando deles na direção de Ezio, atingindo-o como uma marreta e fazendo-o voar longe,

— Que tal isso para começar? — disse o papa com um sorriso maldoso. Andou até onde Ezio caíra. Ezio começou a retirar a Maçã mais uma vez, mas era tarde, pois Rodrigo esmagou-lhe a mão com a bota e a Maçã rolou para longe. Bórgia se abaixou para pegá-la.

— Até que enfim! — disse ele, sorrindo. — Agora... lidarei com você!

Ele ergueu a Maçã, que brilhava de modo destrutivo. Ezio parecia congelado, preso, pois não conseguia se mover. O papa se inclinou sobre ele furioso, mas então sua expressão se acalmou ao ver o adversário completamente sob seu poder. De sua túnica retirou uma espada curta e, olhando para seu inimigo prostrado, ele o esfaqueou deliberadamente na lateral do corpo com um olhar de pena mesclado com desdém.

No entanto, a dor da ferida pareceu enfraquecer o poder da Maçã. Ezio estava deitado de bruços, mas assistiu através de uma névoa de dor quando Rodrigo, crendo-se seguro, virou-se e olhou o afresco *A tentação de Cristo*, de Botticelli. De pé perto da pintura, ergueu a cruz papal: dela emergiu energia cósmica que envolveu o afresco, e parte deste se abriu para revelar uma porta secreta, pela qual Rodrigo passou depois de lançar um último olhar triunfante para seu inimigo caído. Ezio observou impotente a porta se fechar atrás do papa e só teve tempo de se concentrar na localização da porta antes de desmaiar.

Voltou a si, não sabia quanto tempo depois, mas as velas estavam quase apagando e os padres e as pessoas haviam sumido. Descobriu que, embora estivesse deitado em uma poça de seu próprio sangue, o ferimento causado por Rodrigo não atingira nenhum órgão fatal. Levantou-se trêmulo, inclinou-se contra a parede para se apoiar e respirou profunda e regularmente até sua mente clarear. Conseguiu estancar o sangue do ferimento com tiras de tecido rasgadas de sua própria camisa. Preparou as armas do códex — a adaga de dois gumes no antebraço esquerdo e a faca com veneno no direito — e se aproximou do afresco de Botticelli.

Lembrou-se de que a porta estava escondida na figura de uma mulher com um fardo de lenha para sacrifício, localizada à sua direita. Ao se aproximar, examinou a pintura minuciosamente até perceber um contorno quase invisível. Então olhou com cuidado para os detalhes do afresco tanto à direita quanto à esquerda da mulher. Perto dos pés dela havia uma criança com a mão direita levantada, e, na ponta dos seus dedos, Ezio encontrou o botão que acionava a porta. Esta se abriu e ele entrou, e não ficou surpreso quando se fechou imediatamente após ele passar. Fosse como fosse, ele não pensava em recuar agora.

Viu-se dentro do que parecia o corredor de uma catacumba mas, ao avançar cautelosamente, as paredes ásperas e o chão sujo deram lugar a pedra bem polida e chão de mármore que não fariam feio em um palácio. As paredes brilhavam com uma luz fraca e sobrenatural.

Sentia-se fraco pelo ferimento, mas se obrigou a seguir adiante, fascinado e com mais espanto que medo, embora continuasse alerta, pois sabia que Bórgia passara por ali.

Por fim o corredor se abriu em uma grande sala. As paredes eram lisas como vidro e cintilavam a mesma iridescência azul que vira antes, com a diferença de que agora era mais intensa. No centro da sala havia um pedestal e sobre ele repousavam, em suportes claramente feitos para elas, a Maçã e a cruz papal.

A parede dos fundos da sala estava pontuada com centenas de buracos espaçados a intervalos regulares, e diante dela estava o Espanhol, que empurrava e cutucava a parede desesperadamente, sem perceber a chegada de Ezio.

— Abra, diabos, *abra*! — gritava ele, cheio de frustração e ira.

Ezio foi para a frente.

— Acabou, Rodrigo — disse ele. — Desista. Não faz mais sentido.

Rodrigo girou para encará-lo.

— Chega de truques — disse Ezio, liberando as adagas e lançando-as ao chão. — Chega de artefatos antigos. Chega de armas. Agora... vejamos do que você é feito, *vecchio.*

Um sorriso lentamente preencheu o rosto debochado e acabado de Rodrigo.

— Certo... se é assim que você quer.

Ele tirou a pesada túnica externa e ficou apenas com a túnica de baixo e uma calça. Seu corpo era gordo, mas compacto e poderoso, e sobre ele pequenos raios de luz corriam — obtidos do poder da cruz papal. Deu um passo à frente e desferiu o primeiro golpe — um soco poderoso na mandíbula de Ezio que o fez cambalear.

— Por que seu pai não podia simplesmente deixar tudo em paz? — perguntou Rodrigo tristemente enquanto erguia a bota para chutar Ezio com força na barriga. — Não; ele tinha de continuar indo atrás... e você é igualzinho a ele. Todos vocês, Assassinos, são como mosquitos que devem ser esmagados. Que bom seria se aquele idiota do Alberti tivesse conseguido enforcar você com os seus parentes, 27 anos atrás.

— O mal reside não conosco, mas com *vocês*, os Templários — retrucou Ezio, cuspindo um dente. — Vocês achavam que podiam brincar à vontade e fazer o que quisessem com as pessoas, o povo comum e decente.

— Mas, meu caro companheiro — disse Rodrigo, dando um soco poderoso sob as costelas de Ezio —, é para isso mesmo que servem. São lixo para ser governado e usado. Sempre foram e sempre serão.

— Afaste-se — ofegou Ezio. — Esta luta é imaterial. Uma luta mais importante nos aguarda. Mas primeiro me diga: o que você quer com a Câmara que se encontra atrás dessa parede? Já não tem todo o poder de que possivelmente poderia precisar?

Rodrigo pareceu surpreso.

— Você não sabe o que está ali dentro? A grande e poderosa Ordem dos Assassinos não descobriu isso?

O tom apático fez Ezio interromper o que dizia.

— Do que você está falando?

Os olhos de Rodrigo cintilavam.

— É Deus! É *Deus* que mora dentro da Câmara!

Ezio ficou espantado demais para responder imediatamente. Sabia que estava lidando com um maluco perigoso.

— Ouça, você realmente espera que eu acredite que *Deus* mora embaixo do Vaticano?

— Bem, não é um lugar um pouco mais lógico do que um reino em cima de uma nuvem? Rodeado de anjos e querubins cantantes? Tudo isso pode ser uma imagem adorável, mas a *verdade* é muito mais interessante.

— E o que Deus está fazendo aqui embaixo?

— Aguardando para ser libertado.

Ezio soltou um suspiro profundo.

— Digamos que eu acredite em você. O que acha que Ele faria se você conseguisse abrir essa porta?

Rodrigo sorriu:

— Não me importa. Não estou atrás da aprovação Dele; só de Seu poder!

— E você acha que Ele vai entregá-lo?

— Seja lá o que for que esteja atrás dessa porta, não terá como resistir ao poder combinado da Maçã e da cruz papal. — Rodrigo fez uma pausa. — Elas foram feitas para deuses caídos, não importa a que religião eles pertençam.

— Mas o Senhor nosso Deus supostamente é onisciente e onipotente. Você realmente acredita que duas relíquias antigas possam Lhe causar algum dano?

Rodrigo deu um sorriso superior.

— Você não sabe de nada, garoto. A imagem que você tem do Criador vem de um livro velho, um livro, saiba você, escrito por *homens*.

— Mas você é o papa! Como pode desmerecer o texto mais importante do cristianismo?

Rodrigo riu:

— Você é realmente assim tão ingênuo? Só me tornei papa porque essa posição me daria *acesso*. Me daria *poder*! Acha que eu acredito em uma única maldita palavra desse livro ridículo? São só mentiras e superstições. Exatamente como qualquer outro tratado religioso que já foi escrito desde que as pessoas

aprenderam a colocar tinta sobre o papel!

— Algumas pessoas matariam você por dizer isso.

— Talvez. Mas esse pensamento não perturba meu sono. — Fez uma pausa. — Ezio, nós, Templários, *entendemos* a humanidade, e é por isso que temos tanto desprezo por ela!

Ezio ficou sem fala, mas continuou a ouvir os devaneios do papa.

— Quando eu terminar meu trabalho aqui — prosseguiu Rodrigo —, acho que minha primeira providência vai ser desmantelar a Igreja, para que os homens e as mulheres finalmente sejam obrigados a assumir a responsabilidade pelos seus atos, e então sejam adequadamente *julgados!* — Seu rosto tornou-se beatífico. — O novo mundo dos Templários será uma beleza, governado pela Razão e pela Ordem...

— Como você pode falar em razão e ordem — interrompeu Ezio —, quando sua vida inteira foi governada pela violência e imoralidade?

— Ah, sei que sou um ser imperfeito, Ezio — sorriu o papa com afetação. — E não finjo ser diferente. Porém, veja, não existe nenhum *prêmio* concedido à moralidade. É preciso pegar o que se pode e segurar firme, usando qualquer meio necessário. Afinal — ele abriu as mãos espalmadas — só se vive uma vez!

— Se todos vivessem pelo seu código — disse Ezio, consternado —, o mundo inteiro seria consumido pela loucura.

— Exatamente! Como se já não o fosse! — Rodrigo sacudiu um dedo para Ezio. — Você dormiu nas suas aulas de história? Há apenas umas poucas centenas de anos, nossos ancestrais moravam no meio da podridão e do lodo, consumidos pela ignorância e pelo fervor religioso, pulando ante sombras, com medo de tudo.

— Mas desde então mudamos e nos tornamos mais sábios e fortes.

Rodrigo tornou a rir.

— Que sonho mais agradável esse seu! Mas olhe ao seu redor. Você mesmo viveu a realidade. O derramamento de sangue. A violência. O abismo entre os ricos e os pobres, que só faz aumentar. — Fixou os olhos nos de Ezio. — *Nunca* haverá igualdade. Já me conformei com isso. Você deveria se conformar também.

— Nunca! Os Assassinos sempre irão lutar pela melhoria da humanidade.

Em última instância, isso pode ser inatingível, um sonho, um paraíso na Terra, mas a cada dia que essa luta continua, nos movemos um pouco mais para longe do pântano.

Rodrigo suspirou:

— *Sancta simplicitas!* Perdoe-me se me cansei de esperar que a humanidade acorde. Estou velho, já vi muita coisa e agora tenho poucos anos de vida. — Um pensamento lhe ocorreu e ele riu maldosamente. — Mas quem sabe? Talvez a Câmara mude isso, não?

Porém, subitamente a Maçã começou a brilhar, cada vez mais forte, até sua luz encher a sala, cegando-os. O papa caiu de joelhos. Protegendo os olhos, Ezio viu que a imagem do mapa do códex estava sendo projetada na parede pontuada de buracos. Deu um passo à frente e agarrou a cruz papal.

— *Não!* — berrou Rodrigo, suas mãos semelhantes a garras agarrando o ar futilmente. — Você não pode! *Não pode!* É *meu* destino! *Meu! Eu* sou o Profeta!

Em um momento aterrorizante de clara verdade, Ezio percebeu que seus companheiros Assassinos, tempos atrás, em Veneza, haviam visto o que ele mesmo rejeitara. O profeta de fato estava ali, naquela sala, e prestes a cumprir o *seu* destino. Olhou para Rodrigo, quase com pena.

— Você jamais foi o profeta — disse-lhe. — Sua pobre alma iludida!

O papa recuou e caiu no chão, velho, gordo e patético. Então falou com resignação:

— O preço do fracasso é a morte. Dê-me pelo menos essa dignidade.

Ezio o olhou e balançou a cabeça.

— Não, velho tolo. Matar você não vai trazer meu pai de volta. Nem Federico. Nem Petruccio. Nem nenhum dos outros que morreram ou por se oporem a você ou a seu serviço impotente. Quanto a mim, chega de mortes. — Ele olhou nos olhos do papa, que agora pareciam leitosos, amedrontados e anciãos; não mais os olhos penetrantes e cintilantes de seu adversário. — Nada é verdade — disse Ezio. — Tudo é permitido. É hora de você encontrar sua própria paz.

Deu as costas a Rodrigo e ergueu a cruz papal para a parede, pressionando a ponta do artefato numa sequência de buracos conforme o mapa projetado indicava.

E, ao fazer isso, o desenho de uma enorme porta surgiu.

Quando Ezio tocou o último buraco, a porta se abriu.

Ela revelou um corredor amplo com paredes de vidro, onde havia esculturas antigas de pedra, mármore e bronze embutidas, e diversas câmaras repletas de sarcófagos, cada qual marcado com letras rúnicas, que Ezio se viu capaz de ler — eram os nomes dos deuses antigos de Roma, mas todos estavam firmemente fechados.

Ao passar pelo corredor, Ezio se surpreendeu com a estranheza da arquitetura e da decoração, que pareciam uma mistura estranha do antiquíssimo, do estilo de seu próprio tempo e de formas que ele não reconhecia, mas que sua intuição sugeria pertencerem talvez a um futuro distante. Ao longo das paredes havia relevos esculpidos de acontecimentos antigos que pareciam não apenas mostrar a evolução do Homem, mas da Força que a guiou.

Diversas formas retratadas pareceram humanas para Ezio, embora com formas e roupas que ele não conseguia reconhecer. Ele viu ainda outras formas e não sabia se tinham sido esculpidas, pintadas ou se faziam parte do éter que ele agora atravessava: uma floresta caindo no mar, macacos, maçãs, báculos episcopais, homens e mulheres, uma mortalha, uma espada, pirâmides e o colosso, zigurates e forças destruidoras, navios que navegavam embaixo da água, telas brilhantes esquisitas que pareciam transmitir todo o pensamento, toda a comunicação...

Ezio também reconheceu não apenas a Maçã e a cruz papal, mas também uma grande espada e o santo sudário, todos carregados por figuras de formato humano, mas de certa forma não humanas. Discerniu uma representação das primeiras civilizações.

E por fim, nas profundezas da Câmara, encontrou um enorme sarcófago de granito. Quando Ezio se aproximou, ele começou a brilhar com uma luz receptiva. Tocou sua tampa gigantesca e ela se ergueu com um silvo audível, embora leve como pena, como se estivesse grudada a seus dedos, depois deslizou para trás. Do túmulo de pedra uma maravilhosa luz amarela brilhou — cálida e protetora como o sol. Ezio protegeu os olhos com uma das mãos.

Então, do sarcófago, ergueu-se uma figura cujas feições Ezio não conseguiu distinguir, embora soubesse que estava olhando uma mulher. Ela olhou para Ezio

com olhos mutantes e ferozes, e dela emergiu também uma voz — uma voz que de início parecia o gorjeio dos pássaros e que por fim se transformou em sua própria língua.

Ezio percebeu que ela usava um capacete e trazia no ombro uma coruja. Abaixou a cabeça.

— Saudações, profeta — disse a deusa. — Tenho esperado por você há dez milhões de estações.

Ezio não se atreveu a olhá-la.

— Que bom que você veio — continuou a Visão. — E trouxe a Maçã. Deixe-me vê-la.

Humildemente Ezio a entregou.

— Ah. — A mão dela acariciou o ar sobre a Maçã, mas não a tocou. O objeto cintilava e pulsava. Os olhos da deusa atravessaram Ezio. — Precisamos conversar. — Ela inclinou a cabeça, como se estivesse refletindo sobre alguma coisa, e Ezio achou ter visto um traço de sorriso no seu rosto iridescente.

— Quem é você? — ousou perguntar.

Ela suspirou.

— Ah... tenho muitos nomes... Quando morri, era Minerva. Antes disso, Merva e Mera... e muito antes ainda no tempo... Olhe! — Ela apontou para a fila de sarcófagos pela qual Ezio havia passado. Agora, ao apontá-los um a um, eles brilharam com o cintilar fraco do luar. — E minha família... Juno, que antes era chamada de Uni... Júpiter, que antes era chamado de Tínia...

Ezio estava transfigurado:

— Vocês são os deuses antigos...

Ele ouviu um som como o de vidro se quebrando à distância ou como o som que faria uma estrela caindo: era a risada dela.

— Não, não deuses. Simplesmente viemos... antes. Mesmo na época em que caminhamos pelo mundo, sua gente lutava para entender nossa existência. Éramos mais... avançados no tempo... A mente de vocês ainda não estava preparada para nós... — Ela fez uma pausa. — Talvez *ainda* não esteja... Talvez jamais venha a estar. Porém, isso não importa. — A voz dela se endureceu infimamente. — Mas, embora vocês talvez não nos compreendam, precisam compreender nosso aviso...

A voz dela se perdeu no silêncio. Naquele silêncio, Ezio disse:

— Nada do que você está dizendo faz sentido para mim.

— Meu filho, essas palavras não são para você... São para... — Ela olhou para a escuridão além da Câmara, uma escuridão que não era limitada por paredes ou pelo tempo em si.

— O que é? — perguntou Ezio, humilde e amedrontado. — Do que está falando? Não há mais ninguém aqui!

Minerva fez uma reverência para ele, perto dele, e ele sentiu o calor de uma mãe abraçar toda a sua exaustão, toda a sua dor.

— Não desejo falar com você, mas *por meio* de você. Você é o profeta. — Ela ergueu os braços acima da cabeça e o teto da Câmara tornou-se o firmamento. O rosto cintilante e insubstancial assumiu uma expressão de infinita tristeza. — Você cumpriu seu papel... Você O fundamenta... Mas por favor agora fique em silêncio... para que possamos nos comunicar. — Ela pareceu triste. — Escute!

Ezio era capaz de ver todo o céu e as estrelas, e ouvir sua música. Conseguia ver a Terra girando, como se ele a estivesse olhando do espaço. Conseguia enxergar os continentes e neles até mesmo uma cidade ou outra.

— Quando ainda éramos carne, e nosso lar continuava inteiro, sua gente nos traiu. A nós, que fizemos vocês. A nós, que lhes demos a vida! — Ela fez uma pausa e, se uma deusa é capaz de derramar lágrimas, ela as derramou. Surgiu uma visão de guerra, e homens selvagens lutavam com armas feitas à mão contra seus antigos mestres. — Éramos fortes, mas vocês eram muitos. E os dois lados ansiavam por guerra.

Uma nova imagem da Terra apareceu agora, perto, mas ainda como se vista do espaço. Então ela recuou, tornando-se menor, e Ezio viu que ela era apenas um dentre diversos planetas no centro de cujas órbitas ficava uma grande estrela — o Sol.

— Tão ocupados estávamos com nossas preocupações terrenas que não notamos nos céus. E, quando o fizemos...

Enquanto Minerva falava, Ezio viu o Sol chamejar em uma vasta coroa, derramando luz insuportável, luz que lambia a Terra.

— Nós lhes demos o Éden. Mas havíamos criado entre nós a guerra e a

morte e transformamos o Éden em inferno. A coisa deveria ter terminado ali e naquele momento, porém, fizemos vocês à nossa imagem. Nós os fizemos *para sobreviver!*

Ezio observou um braço coberto de cinzas emergir dos escombros da devastação total que parecia ter sido infligida à Terra pelo Sol. Grandes visões de uma planície varrida pelo vento passaram pelo céu, que era o teto da Câmara. Por ele marchavam pessoas — quebradas, efêmeras, mas corajosas.

— E nós reconstruímos tudo — prosseguiu Minerva. — Foram precisos força, sacrifício e compaixão, mas reconstruímos! E enquanto a Terra lentamente se recuperava, enquanto a vida retornava ao mundo, enquanto os brotos verdes surgiam do solo generoso mais uma vez... Nós nos empenhamos para que tal tragédia jamais voltasse a se repetir.

Ezio tornou a olhar o céu. Um horizonte. Nele, templos e formas, entalhes na pedra semelhantes a escritos, bibliotecas cheias de pergaminhos, navios, cidades, música e dança — formas dos tempos antigos e das civilizações antigas que ele não conhecia, mas que reconheceu como sendo obras de seres humanos como ele...

— Agora, porém, estamos morrendo — disse Minerva. — E o Tempo vai agir contra nós... A verdade será transformada em mito e lenda. O que construímos será mal-interpretado. Mas, Ezio, deixe minhas palavras preservarem a mensagem e registrarem nossa perda.

Uma imagem se ergueu do edifício da Câmara e de outros como ele.

Ezio observou, como se estivesse num sonho.

— Mas deixe também que minhas palavras tragam esperança. Você precisa encontrar os outros templos. Templos como este. Construídos por aqueles que sabiam como virar as costas para a guerra. Eles fizeram tudo para nos proteger, para nos salvar do Fogo. Se puder encontrá-los, se sua obra puder ser salva, então talvez o mesmo possa acontecer com este mundo.

Agora Ezio voltou a ver a Terra. O teto da Câmara mostrou uma cidade como a vasta San Gimignano, uma cidade do futuro, uma cidade de torres destruídas juntas que formava um crepúsculo das ruas abaixo, uma cidade numa ilha distante. E então tudo se aglutinou mais uma vez em uma visão do Sol.

— Mas você precisa agir rápido — declarou Minerva. — Pois o tempo é

cada vez mais curto. Cuidado com a Cruz Templária, pois há muitos que irão se interpor no seu caminho.

Ezio olhou para cima. Podia ver o sol queimando raivosamente, como se esperasse. E então pareceu explodir, embora no meio da explosão ele achou poder ver a cruz templária.

A visão diante dele começou a desvanecer. Minerva e Ezio foram deixados sozinhos, e a voz da deusa pareceu então desaparecer em um túnel de comprimento infinito.

— Está feito... Meu povo precisa agora deixar este mundo... Todos nós... Mas a Mensagem foi entregue... Depende de vocês agora. Não podemos fazer mais nada.

E então veio a escuridão e o silêncio, e a Câmara mais uma vez tornou-se uma sala subterrânea que não continha absolutamente nada.

Ezio voltou a entrar na antecâmara e viu Rodrigo deitado em um banco. Um filete de bile verde escorria do canto de sua boca.

— Estou morrendo — declarou Rodrigo. — Tomei o veneno que guardei para o momento de minha derrota, pois não existe mais mundo onde eu possa viver agora. Mas me diga, me diga antes que eu deixe este lugar de ira e lágrimas para sempre, me diga, na Câmara: o que você viu? Quem você encontrou?

Ezio olhou para ele.

— Nada. Ninguém — respondeu.

Ele andou até o lado de fora, passando pela Capela Sistina, e saiu à luz do sol para encontrar amigos, que lá o aguardavam.

Havia um novo mundo a ser feito.

Lista de personagens

Giovanni Auditore: pai
Maria Auditore: mãe
Ezio Auditore: segundo filho de Giovanni
Federico Auditore: filho mais velho de Giovanni
Petruccio Auditore: filho mais novo de Giovanni
Claudia Auditore: filha de Giovanni
Mario Auditore: irmão de Giovanni
Annetta: governanta da família Auditore
Paola: irmã de Annetta
Orazio: servo de Mario Auditore
Duccio Dovizi: antigo namorado de Claudia
Giulio: secretário de Giovanni Auditore
Dottore Ceresa: médico da família
Gambalto: sargento em comando dos guardas de Mario Auditore

Cristina Calfucci: namorada do jovem Ezio
Antonio Calfucci: pai de Cristina
Manfredo d'Arzenta: filho de uma família abastada, que mais tarde se casou com Cristina
Gianetta: amiga de Cristina
Sandeo: funcionário do pai de Cristina
Jacopo de' Pazzi: membro da família Pazzi, banqueiros florentinos do século XV
Francesco de' Pazzi: sobrinho de Jacopo
Vieri de' Pazzi: filho de Francesco
Stefano da Bagnone: padre, secretário de Jacopo
Padre Giocondo: padre em San Gimignano
Terzago, Tebaldo, capitão Roberto, Zohane e Bernardo: soldados e guardas a serviço da família Pazzi

Galeazzo Maria Sforza (Galeazzo): duque de Milão, 1444-1476

Caterina Sforza: filha de Galeazzo, 1463-1509
Girolamo Riario, duque de Forlì: marido de Caterina, 1443-1488
Bianca Riario: filha de Caterina, 1478-1522
Ottaviano Riario: filho de Caterina, 1479-1523
Cesare Riario: filho de Caterina, 1480-1540
Giovanni Riario: filho de Caterina, 1484-1496
Galeazzo Riario: filho de Caterina, 1485-1557
Nezetta: ama de leite do bebê de Caterina
Lodovico Sforza: duque de Milão, irmão de Galeazzo, 1452-1508
Ascanio Sforza: cardeal, irmão de Galeazzo e Lodovico, 1455-1505

Lorenzo de Médici, "Lorenzo, o Magnífico": governante italiano, 1449-1492
Clarice Orsini: esposa de Lorenzo de Médici, 1453-1487
Lucrécia de Médici: filha de Lorenzo de Médici, 1470-1553
Piero de Médici: filho de Lorenzo de Médici, 1471-1503
Maddalena de Médici: filha de Lorenzo de Médici, 1473-1528
Giuliano de Médici: irmão de Lorenzo, 1453-1478
Fioretta Gorini: amante de Giuliano de Médici
Boécio: servo de Lorenzo de Médici
Giovanni Lampugnani: conspirador no assassinato de Galeazzo, m. 1476
Carlo Visconti: conspirador no assassinato de Galeazzo, m. 1477
Gerolamo Olgiati: conspirador no assassinato de Galeazzo, 1453-1477
Bernardo Baroncelli: conspirador no assassinato de Giuliano de Médici
Uberto Alberti: Gonfaloneiro de Florença (chefe oficial do Conselho de Magistrados)
Rodrigo Bórgia: espanhol, cardeal, mais tarde papa Alexandre VI, 1451-1503
Antonio Maffei: padre, conspirador no assassinato de Giuliano de Médici
Raffaele Riario: simpatizante dos Pazzi, sobrinho do papa, 1451-1521
Francesco Salviati Riario, arcebispo de Pisa: envolvido na conspiração dos Pazzi
Lodovico e Checco Orsi: os irmãos Orsi, mercenários
Nicolau di Bernardo Maquiavel: filósofo e escritor, 1469-1527
Leonardo da Vinci: artista, cientista, escultor etc., 1452-1519
Agniolo e Innocento: assistentes de Leonardo da Vinci
Girolamo Savonarola: padre dominicano e líder político, 1452-1498
Marsilio Ficino: filósofo, 1433-1499
Giovanni Pico della Mirandola: filósofo, 1463-1494
Poliziano (Angelo Ambrogini): acadêmico e poeta, tutor dos filhos dos Médici, 1454-1494
Botticelli (Alessandro di Moriano Filipepi): artista, 1445-1510
Jacopo Saltarelli: modelo de artista, n. 1459
Fra Domenico da Pescia e *Fra* Silvestro: monges, ajudantes de Savonarola
Irmão Girolamo: monge da abadia de Monteciano, primo de Savonarola

Giovanni Mocenigo: doge de Veneza, 1409-1485
Carlo Grimaldi: membro do séquito de Mocenigo
Conde de Pexaro: patrono de Leonardo em Veneza
Nero: assistente oficial do Conte de Pexaro
Emilio Barbarigo: mercador veneziano, aliado de Rodrigo Bórgia
Silvio Barbarigo ("Il Rosso"): inquisidor do Estado, primo de Emilio Barbarigo
Marco Barbarigo: primo de Silvio e Emilio
Agostino Barbarigo: irmão mais novo de Marco
Dante Moro: guarda-costas de Marco
Carlo Grimaldi: no séquito do doge
Bartolomeo d'Alviano: mercenário

Gilberto, Raposa, *La Volpe*: membro dos Assassinos
Corradin: assistente de Raposa
Antonio de Magianis: chefe da guilda de ladrões de Veneza
Ugo: membro da guilda de ladrões
Rosa: membro da guilda de ladrões
Paganino: membro da guilda de ladrões
Michiel: membro da guilda de ladrões
Bianca: membro da guilda de ladrões
Irmã Teodora: dona de bordel

Glossário de termos em italiano e em latim

abominato: sujo/desgraçado
accademic: acadêmico
addio: adeus
ahimè: ai! Ai de mim!
aiutami, Dio!: ajuda-me, Deus
aiuto!: socorro!
al ladro!: pare, ladrão!
Altezza: alteza
amici intimi: amigos íntimos
amico mio: meu amigo
amministratore: administrador, gerente
amore mio: meu amor
anche: também
anch'io: eu também, idem
aprite la porta!: abra o portão!
Arcivescovo: arcebispo
aristocrazia: aristocracia

bambina: querida
bastardo, bastardi: bastardo, bastardos
bello: bonitão, belo
ben fatto: bem-feito
benvenutti: bem-vindos
birbante!: canalha, patife
biscotti: biscoitos
bistecca: bisteca

bordello: bordel
buona fortuna: boa sorte
buona sera: boa-noite
buon giorno: bom-dia
buon viaggio: boa viagem

caffè: café
cane rognoso!: cão sarnento!
capitano: capitão
capito?: entendeu?
cappa: capa, manto
carcassa: carcaça
Carnevale: Carnaval
carissima: queridíssima
casa, dolce casa: lar, doce lar
castello: castelo
cazzo!: idiota/merda
che vista penosa!: que visão dolorosa!
chiudi il becco: cale o bico, cale a boca
ciao: tchau, olá
ciccione: gorducho
cimice: percevejo
codardo: covarde
coglioni: colhões
commandante: comandante, capitão
Commendatore: comendador
compagno: compadre
condottieri: soldados contratados, mercenários
coniglio!: covarde
corno ducale: chapéu tradicional usado pelos doges de Veneza
così: assim
creapa, traditore!: morra, traidor!
crepi il lupo: que o lobo morra

diavolo: diabo
distinti saluti: meus cumprimentos (em uma carta)
dottore: doutor
ducati: ducados
duce: líder
duchessa: duquesa

Duomo: domo (referência à catedral em Florença)

evviva!: viva!

fidanzato: noivo
figa: vagina (vulgar)
finanziatore: financista, banqueiro
fiorini: florins
Fra': frei, irmão
fratelli: irmãos
fratellino: irmãozinho
funzionario da accoglienza: funcionário que dá as boas-vindas

hospitarius: mestre hóspede de um monastério

Il Magnifico: o Magnífico
Il Spagnolo: o Espanhol
in bocca al lupo!: boa sorte!
infelix ego, omnium auxilio destitutus: pobre de mim, privado de todo conforto
in perfetto ordine: em perfeita ordem
inquisitore: inquisidor
intensi: com certeza, entendido

"Libertà! Libertà! Popolo e libertà!": "Liberdade! Liberdade! Povo e liberdade!"
luridi branco di cani bastardi!: bando de filhos da puta
luridi codardi: covardes sujos
lurido porco: porco sujo

ma certo!: mas claro
ma che?: mas o que é isso?
ma che cazzo?: mas que merda é essa?
madre: mãe
maledetto: maldito
marmocchio: pestinha
Messere: senhor
mia colomba: minha pomba
mi dispiace veramente: sinto muitíssimo
miserabili pezzi di merda: pedaço miserável de merda
molto onorato: muito honrado

nipote: sobrinho
no preoccuparvi: não se preocupe
novizia: noviça

ora di pranzo: hora do almoço
oste: dono de taberna, de hospedaria

palazzo: palácio
passeggiata: passeio noturno
perdonami, Messere: perdão, senhor
piccina: pequena
piccola: pequena
porco demonio!: cria do diabo!
principessa: princesa
promesso: promessa
puttana: puta

rallegramenti!: parabéns!
requiescat in pace: descanse em paz
ribollita: sopa toscana

salute!: saúde!
sancta simplicitas!: santa simplicidade
sangue di Giuda!: sangue de Judas!
scusi: com licença
se lo tu dici: se você diz
Ser: senhor
sfortunato: azarado
signore: senhor
Signoria: autoridade administrativa
signorina: senhorita
soldo: centavo
sono grato del tuo aiuto: agradeço pela sua ajuda
sorellina: irmãzinha
spero di sì: espero que sim
stai bene: tudo bem
stolti!: tolos!
stronzo: canalha, patife etc.
Su Altezza: sua alteza
subito: rápido, repentinamente

tagliagole: bandido, assassino (geralmente de estrada)
terra ferma: terra seca
tesoro: tesouro, amado
ti arresto!: esteja preso!
traditore: traidor
tutti per uno e uno per tutti!: um por todos e todos por um!

ubriacone: bêbado
uomo coraggioso: homem corajoso

va bene: está bem
vecchio: velho

Agradecimentos

Yves Guillemot
Serge Hascoet
Alexis Nolent
Richard Dansky
Olivier Henriot
Sébastien Puel
Patrice Desilets
Corey May
Jade Raymond
Cecile Russeil
Joshua Meyer
Marc Muraccini
Departamento Jurídico da Ubisoft
Chris Marcus
Darren Bowen
Amy Jenkins
Caroline Lamache